

# OS OLHOS que me veem

Biografia de Dauro Peixoto Aragão

Maria Cecília Gama



EDITORA  
**FOA**

# OS OLHOS QUE ME VEEM

Maria Cecilia Gama

2025

EDITORA  
FOA

The logo for Editora FOA features a stylized graphic element below the text, consisting of three curved, overlapping shapes that resemble a wave or a series of arches.

# FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

## Presidente

Eduardo Guimarães Prado

## Diretor Administrativo Financeiro

Iram Natividade Pinto

## Diretor de Relações Institucionais

Júlio César Soares Aragão

## Superintendente Executiva

Josiane da Silva Sampaio

## EDITORA FOA

### Editor-chefe

Laert dos Santos Andrade

### Diagramação

Ubiracy Junior

editora.unifoa.edu.br

# CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA - UniFOA

## Reitora / Procuradora Educativa Institucional

Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

## Pró-reitor Acadêmico

Bruno Chaboli Gambarato

## Pró-reitora de Extensão

Ana Carolina Callegario Pereira

## Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Ana Carolina Dornelas Rodrigues

## Pró-reitor de Educação a Distância e Tecnologias de Ensino

Rafael Teixeira dos Santos

## Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Washington de Macedo Lemos

## FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária

Alice Tação Wagner - CRB 7/RJ 4316

G185o Gama, Maria Cecília Fontainha de Almeida  
Os olhos que me veem: biografia de Dauro Peixoto Aragão.  
[E-book] / Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama.  
Volta Redonda: FOA, 2025. 512 p. il.

ISBN: 978-85-5964-188-2

1. Dauro Peixoto Aragão - biografia. 2. Biografia. I. Fundação Oswaldo Aranha. II  
Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título

CDD 920.71

## **Apresentação**

Cada pessoa é um olhar lançado ao mundo e um objeto visível aos olhos do mundo.

Cada corpo dispõe de um jeito de olhar que lhe é próprio e essa particularidade condiciona também sua visibilidade como corpo diferente dos outros.

O jeito de olhar que caracteriza cada pessoa e o modo como, em cada um, o olhar é único é o que nos dá a certeza de que somos uno dentro de um todo que é o ser humano.

Tudo que o olhar vê é simbólico. Quando temos o olhar de conhecer fazemos desse presente de Deus nosso livro de memórias.

É sobre essa memória do olhar que este livro trata: lembranças do olhar com o qual vimos e fomos vistos pelo nosso personagem principal: Dauro Peixoto Aragão e os olhos que o viram ao longo de sua existência.

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

Este livro é dedicado ao seu inspirador

Dauro Peixoto Aragão e a todos que fizeram possível  
essa homenagem.

Agradecimentos:

À família Aragão

Aos filhos do coração

Aos amigos do Dauro

À FOA e ao UniFOA

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
APRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM .....	19
PREFÁCIO.....	22
DEPOIMENTOS .....	34
Família Aragão.....	35
Sobre a Família.....	36
Filhos do Coração.....	296
Sobre os Filhos do Coração.....	297
Quissamã e Barra do Furado.....	319
Sobre Quissamã.....	320
Os Amigos .....	333
Sobre os amigos.....	334
HOMENAGENS PÓSTUMAS.....	458
Culto ecumênico em homenagem póstuma a Dauro Peixoto Aragão.....	460
Rotary Club de Volta Redonda - Leste .....	482
Avenida Dauro Peixoto Aragão.....	484
Concerto da Orquestra Sinfônica de Barra Mansa .....	485
Inauguração da Creche Dauro Aragão .....	499
EPÍLOGO.....	508

# INTRODUÇÃO

## Depoimento Maria Cecilia Fontainha de Almeida Gama

A amizade de meu pai, Savio Gama, com o Dauro, teve início nos idos de 1948, ano do meu nascimento, quando papai e o pai do Dauro, Dr. Dario, que eram amigos, estreitaram esses laços, incluindo as suas famílias. Papai batizou o Dario e Dauro sempre esteve presente em todas as etapas da minha vida.

Quando da segunda prefeitura do papai frente à Volta Redonda na década de 1967, morávamos na fazenda da família Cravo, no bairro Voldac. Lá, aquela casa avareandada, abrigava ótimos encontros dos amigos e sempre que Dauro lá estava era uma festa! Seu sorriso largo, sua gargalhada contagiante e sua inteligência aguda fazia aqueles momentos inesquecíveis! É a lembrança mais forte que tenho daquela época. Papai avisava que teria visita naquela tarde ou noite e eu sempre perguntava: tio Dauro vai vir? E ele sabia que eu ficaria à espreita das conversas para estar perto daquela figura tão querida.

Os anos se passaram, Dauro sempre presente, até que em 1985 perdi meu pai e Dauro, seu grande amigo. Ele estava viajando e com muito pesar não pode comparecer à cerimônia do enterro. Escreveu à minha mãe e a mim um bilhete sentido que transcrevo mais adiante.

Com a morte do meu pai, minha amizade com o Dauro se estreitou. Ele e o Alan Cruz eram meus dois pontos de apoio naquele momento difícil que passamos sem o papai. Ia sempre ao Alan para apoio espiritual, principalmente para minha mãe. Incansável, Alan nos fornecia todo o carinho e apoio possíveis, em forma de lindas orações. Quanto ao Dauro, eu levava qualquer dúvida, problema, necessidade de apoio e carinho para aquela sala dele no cartório da Cincinato Braga. Lá conheci pessoas adoráveis que hoje fazem parte da minha vida, como a Andreia Alcantara, colega no Escritório da Cidadania da FOA, onde trabalhamos juntas e a futura ex esposa do Dauro, na época, Terezinha Aragão, uma pessoa muito querida.

Aquela sala era mágica! Dauro com seu cigarro fino aos lábios, naquela época ele ainda fumava, era uma visão de conforto do tipo: cheguei em casa. O modo como me recebia, sempre carinhoso, sorridente, e disposto a me ajudar, me fazia sair dali mais leve e com muita fé no ser humano. Aliás não fosse ele não teria retornado à FOA, em 1999, sob seu comando. Antes tinha passado pela FOA pelas mãos do Dr. Olézio Galotti, e devido a um problema de saúde me ausentei por um período. Esse retorno foi um ponto divisor de minha vida. Serei eternamente grata ao acolhimento que ele me deu e posteriormente à minha filha Carol. Hoje meu neto Yuri, faz parte dos discentes da Nutrição do UniFOA o que me enche de orgulho. Meu pai e Dauro estão em festa por conta disso, tenho certeza.

Ao completar dois anos de sua partida, levei ao atual presidente Dr. Eduardo Guimarães Prado a ideia de escrever um livro de depoimentos sobre a vida do Dauro, para que, assim como o livro que escrevi sobre meu pai “Savio Gama – fotos que contam sua história”, a história do Dauro não ficasse esquecida e servisse de exemplo de vida para gerações futuras. O projeto foi logo aceito pelo Dr. Eduardo e cá estamos nos finalmentes desse livro, que conta momentos de uma vida tão plena como a do Dauro e que me dá uma alegria e um prazer enormes em fazer parte dessa homenagem.

Em cada depoimento, fotos, lembranças que chegaram a mim para que o livro fosse feito, um momento especial da vida do Dauro era lembrado, contado e com saudade. As pessoas amavam aquele homem de sorriso largo e gargalhada contagiante, bravo e ao mesmo tempo doce, amigo dos amigos, um ser humano como poucos com o qual tive a honra e o privilégio de conviver desde a minha infância até a sua partida.

Que seu caminho aí agora seja de paz e luz querido e amado amigo Dauro Araújo. Valeu!!!



Dauro Aragão e Maria Cecília Gama - Sala do Conselho Curador da FOA.  
Ao fundo, retrato do Dr Oswaldo Aranha - 2012



No lançamento da primeira edição do livro "Savio Gama fotos que contam sua história" - Dauro e Maria Cecília. Livraria Veredas - Volta Redonda - 2004



40 anos da FOA - Fundação Oswaldo Aranha  
Maria Cecilia recebe a homenagem a Savio Gama no discurso do  
então presidente da FOA Dauro Aragão outubro 2007



Maria Cecilia Gama e Dauro Aragão



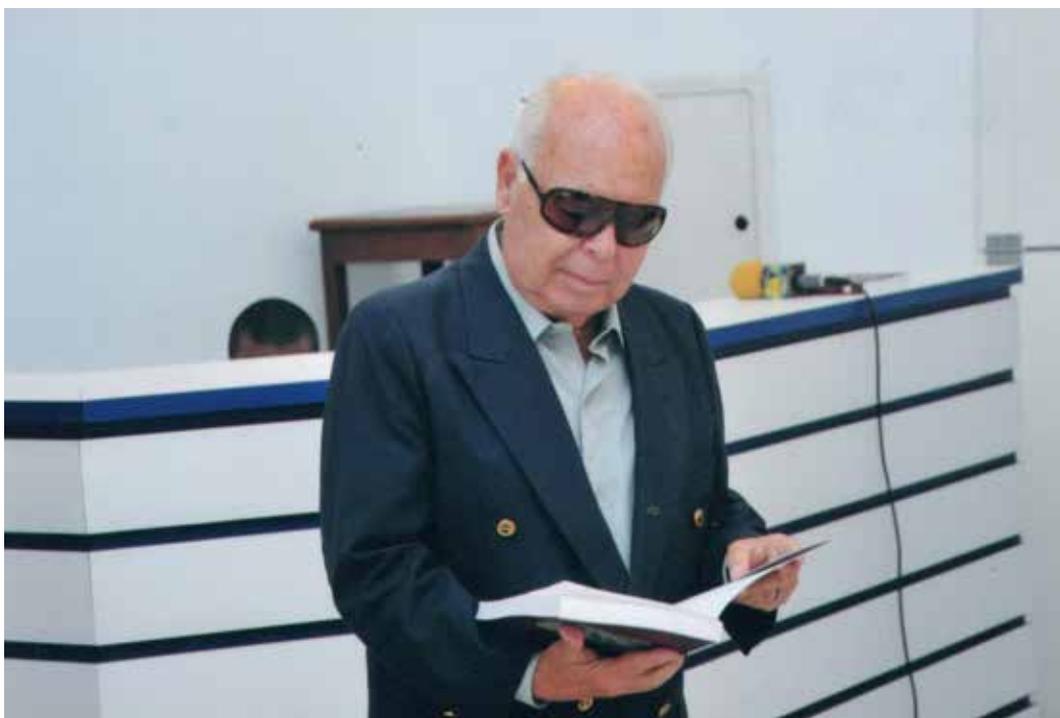
No lançamento do livro “Savio Gama fotos que contam sua história” ocorrido em 24 de março de 2012 na FOA, Dauro assina o livro de ouro sob às vistas de Maria Amélia Chagas Silva



Dauro com Maria Cecilia e seu filho Savio Henrique



Dauro discursa no lançamento do livro de Savio Gama



Dauro lê a dedicatória a ele feita pela autora Maria Cecília



Maria Cecilia recebe de Dauro flores e a placa comemorativa do lançamento do livro de Savio Gama



Nos risos a cumplicidade que sempre existiu entre eles

No bilhete de Natal, em 1993, Dauro reafirma os laços eternos de amizade entre ele e Maria Cecília e filhos, como prolongamento daquela amizade compartilhada com o amigo Savio Gama.

Sauda a querida amiga Maria Cecília e filhos,  
Dauro Aragão e Família  
Cumprimentam e desejam um  
Feliz Natal e um Próspero Ano Novo.  
PS - Lembrei lembrar que tudo do livro  
que recebi, foi hábito do meu pai e  
de seu pai. Vocês significam o pro-

longamento da amizade que tive  
pelo inquebrantável Savio, de modo  
que, se há algum mérito em mi-  
nhas atitudes, a eles devo um abra-  
ço. Tudo do meu livro no Natal  
e que em 94 tenham muito  
alegria.  
O amigo de sempre,  
12  
93.

Para a querida amiga Maria Cecília e filhos, o Dauro e família cumprimentam e desejam um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo.

PS. Convém lembrar que tudo de bom que recebi foi havido do meu pai e de seu pai. Vocês significam o prolongamento da amizade que tive pelo inesquecível Savio, de modo que, se há algum mérito em minhas atitudes, a eles devemos agradecer.

Tudo de bom procê no Natal e que em 94 tenhamos muitas alegrias, do amigo de sempre, Dauro.

12/93



Savio Gama e Dauro Aragão amigos para sempre!



Na festa dos participantes da FOA - Fundação Oswaldo Aranha em festa comemorativa de final de ano no Ricardo Bufê de Volta Redonda Dauro Aragão entre Flávia Werneck de Freitas e Maria Cecília Gama com Regina Célia Werneck de Freitas e Ilda Cecília Moreira da Silva Dezembro de 2017

# APRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM

## Apresentado por Dário Aragão Neto

A presente obra, de autoria da escritora e amiga Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama, com o título significativo de “Os olhos que me veem”, se constitui em um mosaico de diferentes narrativas e diferentes visões sobre a trajetória de vida de um mesmo personagem, incrível e singular: DAURO PEIXOTO ARAGÃO. Durante sua missão neste mundo, deixou gravado e marcado em nossas memórias momentos inesquecíveis, além de um legado de sabedoria e humor personalíssimos.

São essas memórias ora aqui registradas, que tem a missão maior de reviver e compartilhar um pouco mais de Dauro Aragão com todos nós, cultuando o seu estado de espírito alegre e extrovertido (quase sempre...), para além da eternidade.

Confesso, que há ainda em mim saudade suficiente para me emocionar com suas risadas e gargalhadas, que ainda reverberam nos meus ouvidos. Mas a missão maior em preservar e reverenciar a sua memória, prevalecerá sempre.

DAURO PEIXOTO ARAGÃO nasceu no dia 24 de agosto de 1931, em Barra Mansa e faleceu em 07 de fevereiro de 2021, em Volta Redonda, cidade que literalmente ajudou a construir desde a sua fundação, e que, rapidamente, viria a se tornar o município protagonista da região Sul Fluminense.

Foi o primeiro filho de Stella e Dário Aragão. Dauro tinha uma irmã, Nadya, também detentora de uma personalidade forte e marcante e admirada por todos, tal qual o irmão.

Ativo e, para muitos, muito à frente do seu tempo, Dauro Aragão, após a prematura morte do pai em 1952, foi obrigado a abandonar seus estudos de graduação em Medicina, para poder ajudar a sustentar a família, exercendo o tabelionato em Volta Redonda, ofício que se dedicou por mais de 50 anos, sem prejuízo de outras atividades políticas e empresariais. No começo passou dificuldades, mas aos poucos foi crescendo profissionalmente, assim como o município de Volta Redonda.

Na vida pública, sempre foi considerado polêmico e altamente combativo. Era um articulador político ativo, envolvido com a cidade, atuando muito mais nos bastidores, sem nenhuma obsessão por cargos eletivos.

Pai amoroso, amigo e companheiro, educou os filhos sob a égide da ética e da fraternidade e procurava sempre ser o “amigo para toda hora”, em especial nos momentos mais difíceis.

Foi exemplo, entre os amigos, de lealdade e confiança, qualidades que considerava inalienáveis para a formação do caráter de um cidadão de bem.

Foi um homem intenso, viveu dessa forma cada minuto de sua vida e era apaixonado e admirador da natureza, em especial do pôr do sol, do mar e das areias da praia.

Tinha ojeriza à desigualdade social e à injustiça, sob todos os aspectos. Também não via graça na ostentação e vivia o seu dia a dia de forma simples e tranquila. Adorava pão com ovo e mesmo no final da sua vida, não dispensava um sanduíche de mortadela.

Viveu seus amores, todos eles à sua forma e intensidade.

Tinha no pai, Dario Aragão, orgulho pelo exemplo de honestidade e caráter e por ele sempre expressou intenso amor, carinho e admiração.

Torcedor do Fluminense, mas seguramente fanático pelo Americano Futebol Clube (de Campos dos Goytacazes), Dauro era considerado muito brincalhão pelos amigos, mas também por demais respeitado dada a sua sensibilidade, educação e retidão na vida profissional.

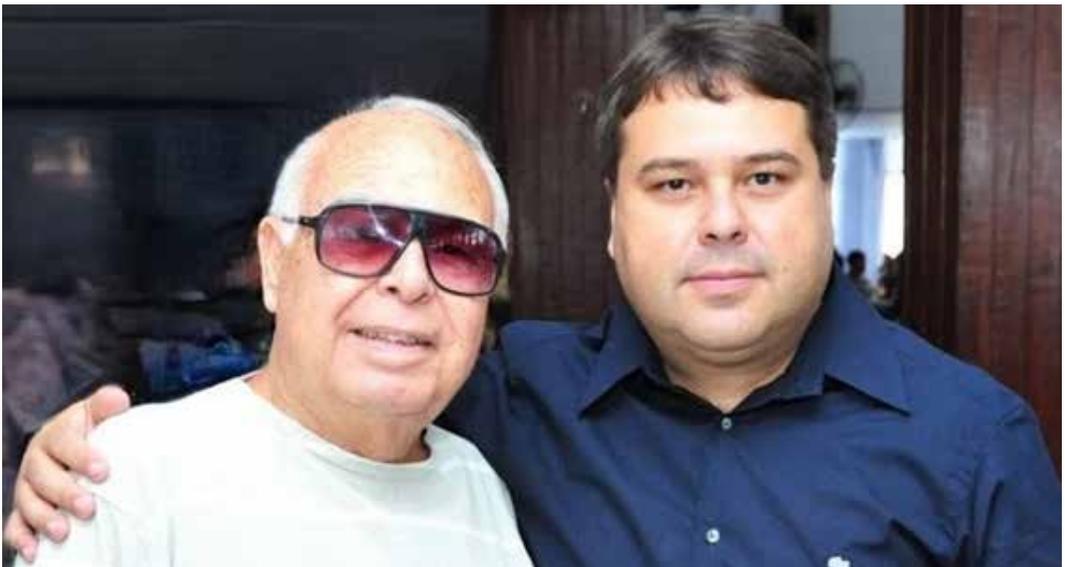
Após sua aposentadoria como Tabelião, em 1998 foi convidado a Presidir a Fundação Oswaldo Aranha o que o fez com louvor até o seu falecimento em 2021. Além de Instituidor, foi também um dos seus grandes transformadores, quando elevou a instituição de ensino a Centro Universitário de Volta Redonda, o UniFOA. Fez da Fundação Oswaldo Aranha uma instituição respeitada nos quatro cantos do Brasil.

Com seus jargões, frases de efeitos e humor refinado, o imprevisível e intuitivo Dauro nasceu com um brilho diferenciado e deixou um legado incontestável, que ergueu às custas de sua coragem e muito trabalho.

Aos leitores fica a mensagem que Dauro nunca sempre celebrava (com o humor de sempre): “O prazer é todo seu!”.

Com amor,

Dario Aragão Neto.



Dauro Aragão e seu filho Dario Aragão Neto

# PREFÁCIO

## Depoimento Elias T. Salume

A primeira passagem que eu tenho com o Dauro, ele sempre se lembrava. Foi quando eu era baleiro na porta do Cine Avenida e que ele varria a escada do cartório na Amaral Peixoto. Eu tinha oito anos de idade. Depois os anos se passaram, nós nos separamos.

Aos 16 anos eu fui trabalhar no banco Predial, aonde trabalhava a Terezinha e nós tivemos um relacionamento maior. Eu era contínuo do banco. Um dia fui entregar um prospecto do banco e ele viu que eu tinha um monte e ele me perguntou o que eu fazia com isso tudo. Respondi que entregava um por um. Ele disse, que nada! Joga tudo no rio Paraíba! E a partir daquela época ele depois montou um restaurante, o Berimbau, ao lado do banco, o qual eu passei a frequentar e ai nasceu a nossa amizade.

Nessa época tem uma parte que ele fugiu com a funcionária do banco, a Terezinha, a secretária mais bonita do banco, aquele olho azul, era irresistível e ele se apaixonou, largou a família e foi viver com ela.

Tivemos aquele relacionamento de banco e do Berimbau. A vida passou e eu montei a boate Para-choque, em 1972. Ele foi poucas vezes lá. Assim mesmo, escondido. E depois disso veio o Casarão. Ai ele passou a ser frequentador assíduo, meu avalista inclusive, de todas as compras que eu fazia, aluguel, e até a morte dele foi meu avalista.

Depois ele se separou da Terezinha e veio uma advogada e na Copa do Mundo ele conheceu a Sonia lá no Casarão. Ele me perguntou quem era aquela moça loura muito interessante. Eu disse: é a Sonia Marczuk. E ele questionou quem era ela, pois ele não conhecia a Sonia. Eu disse que ela era conhecida em Volta Redonda, que todo mundo a conhecia. Depois disso ele ficou com a Sonia. Viajamos, fomos para a Argentina. Ele com quinze dias de namoro deu um carro para ela. Com sete para oito meses de namoro deu um apartamento. E falou que estava apaixonado. E ficou com ela até a morte.

Ele sempre falou para mim: “viver é jeito, morrer é descuido”. Eu acho que ele descuidou com a saúde dele. Com a diabetes. E ele foi para a FOA. Fez uma revolução na FOA e transformou a FOA. Ai veio a briga dele com o Jairo. Existia os professores da FOA, tinha um cursinho lá e ele acabou com esse curso. Ai ele falou: o que que eu faço? Vou sair da FOA ou perco minha amizade com o Jairo? Eu disse que achava que ele tinha que ficar na FOA. O Jairo tem que reconhecer que você é o presidente, que é você quem manda. Ai ele tomou a decisão, acabou com o curso, ficou aquele amizade um pouco estremecida, e depois voltou ao normal. E hoje está ai a FOA o que ela representa e ficou esse exemplo. Hoje é a FOA.

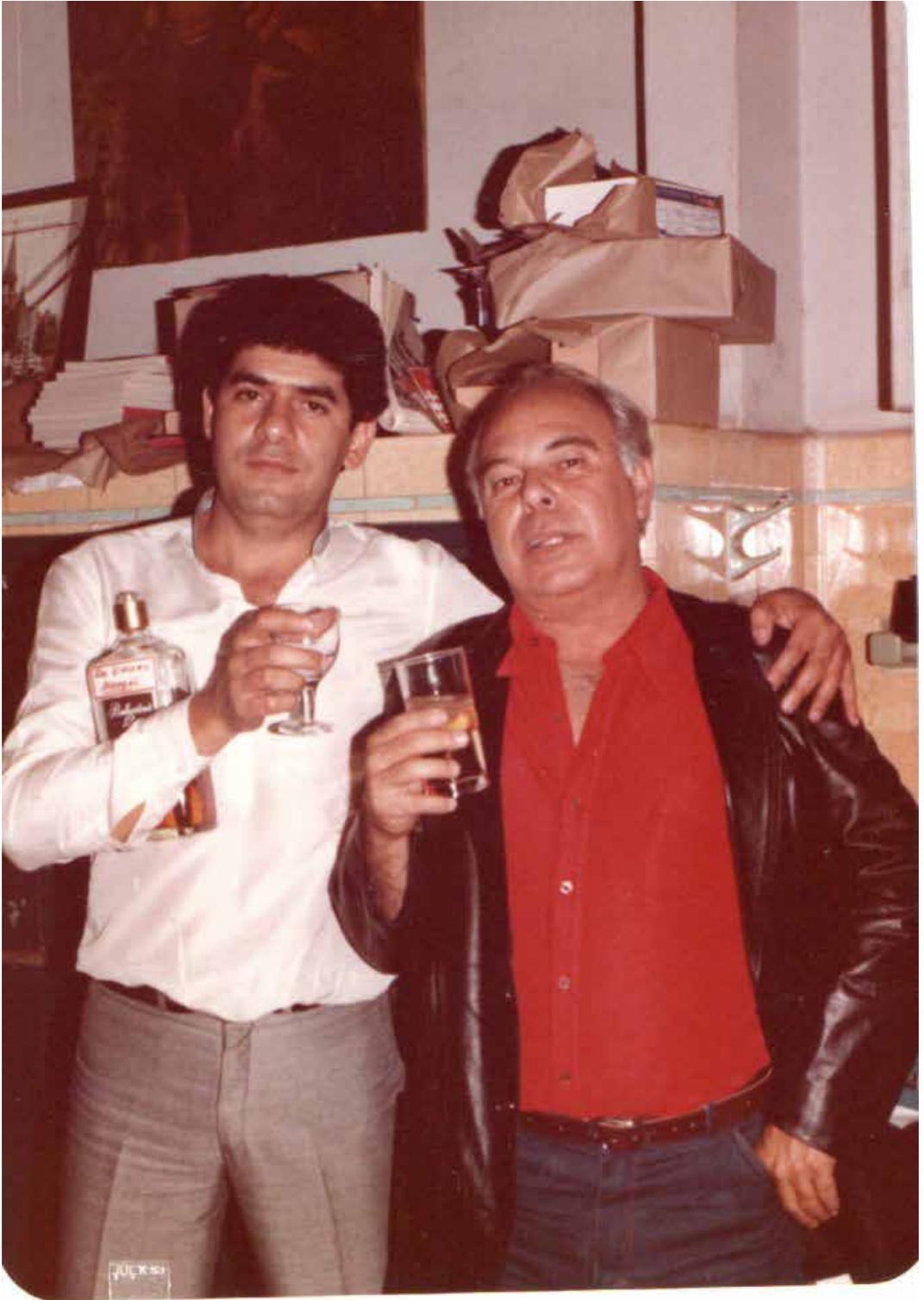
Ele sempre foi um pai para todo mundo. Ajudou ao Júlio Meyer. Pegou o Santinho, um amigo nosso do interior e revolucionou, transformou e eu dei para ele uma boate ao lado da antiga FERP/UGB. O Dauro era assim. Ele abraçava todo mundo.

Nós tínhamos uma confraria que era a confraria do Ralico, que almoçávamos todos os sábados. Ralico em árabe significa saúde. Era muito divertido. Nessa confraria frequentavam o Isnaldo, o Faride, o Eduardo gerente do banco, Nelinho. Ai surgiu a boate de Vassouras. O Nelinho, muito amigo meu de mais de 40 anos, ele é de Vassouras. Um dia eu fui passear em Vassouras e vi aquela casa. Nelinho me disse que a casa era do Dr. Gerson Tambasco, que não tinha pago ainda. Ai, eu, Nelinho e Dauro fizemos a sociedade, montamos a empresa Carvalheira Transportes e Turismo, e montamos a boate. Só que ela era tombada pelo Patrimônio Histórico e ainda é até hoje. A mulher do Patrimônio aborrecia muito a gente e foi aonde o Dauro saiu da sociedade. Ficamos só eu e Nelinho e depois eu vendi para o Nelinho.

Com essa aproximação do Dauro com o Savio, o Casarão passou a ser o ponto de encontro político. O Dauro era o conselheiro dos políticos, até o dia que ele falou que seria candidato a vereador e que eu falei para ele não entrar, ele insistiu, e o Santinho falou que ele estava eleito aqui. Elegeram em Santa Rita. O Dauro foi para lá, comprou um sítio e não ganhou a eleição. Ele mesmo falou: “eu nem para síndico eu sirvo. Até eleição de síndico eu já perdi e agora perdi para vereador”. E a proposta dele como vereador era muito boa. Ele não queria salário, que ia doar para o asilo dos velhinhos. Toda eleição ele era o conselheiro. As reuniões eram no Casarão. Wandyr de Carvalho e todos os prefeitos que se reuniam lá e o Dauro era o coordenador das reuniões. Até teve uma eleição que estavam brigando Denisar Arneiro com o Wandyr e um outro candidato, o Dauro sentou e disse: vocês estão brigando pelo mesmo voto. Cada um pega uma área e trabalha nisso ai. Foi quando o Denisar foi eleito.

O Dauro tinha aquele negócio que ele era do contra. Se você falasse que uma coisa era isso, ele dizia que era aquilo. Então, quando você queria alguma coisa do Dauro você tinha que ser do contra. Mas era muito humano e ajudava a todos.

Eu sou muito amigo de todos os filhos do Dauro. E a fase que mais me marcou foi essa da doença dele. Eu acho que ele descuidou da sua saúde.



Salume, Dauro e o bom whisky!



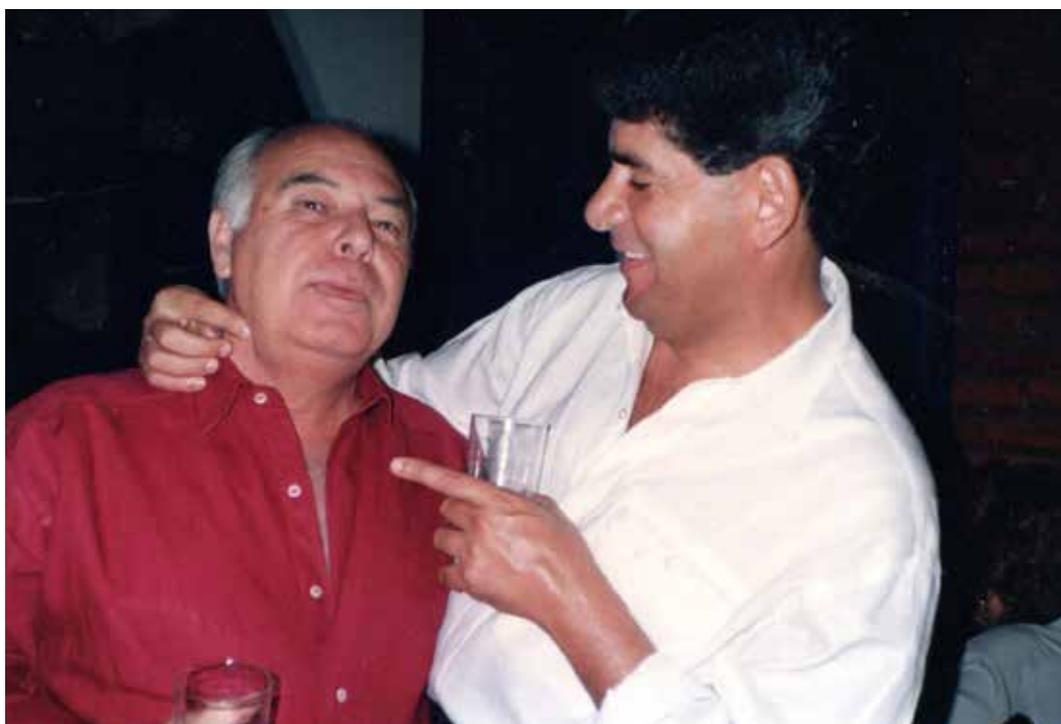
Salume e Dauro na escadaria da casa do Barão de Vassouras boate Porão II - Vassouras - 1986



Dauro na Folia de Reis no restaurante Casarão - Volta Redonda



No restaurante Casarão - Volta Redonda da esquerda para a direita Roberto Severo, Elias Salume, Dauro Araújo, Irisval Tomé e desembargador Felipe das Neves



Amigos para sempre!  
Dauro e Salume no restaurante Casarão



Dauro discursa ouvido pelo atual prefeito de Volta Redonda Francisco Neto e Dario Aragão Neto



Aniversário do Dauro com Salume plaquinha sugestiva: “Quanta honra que me já dão!”



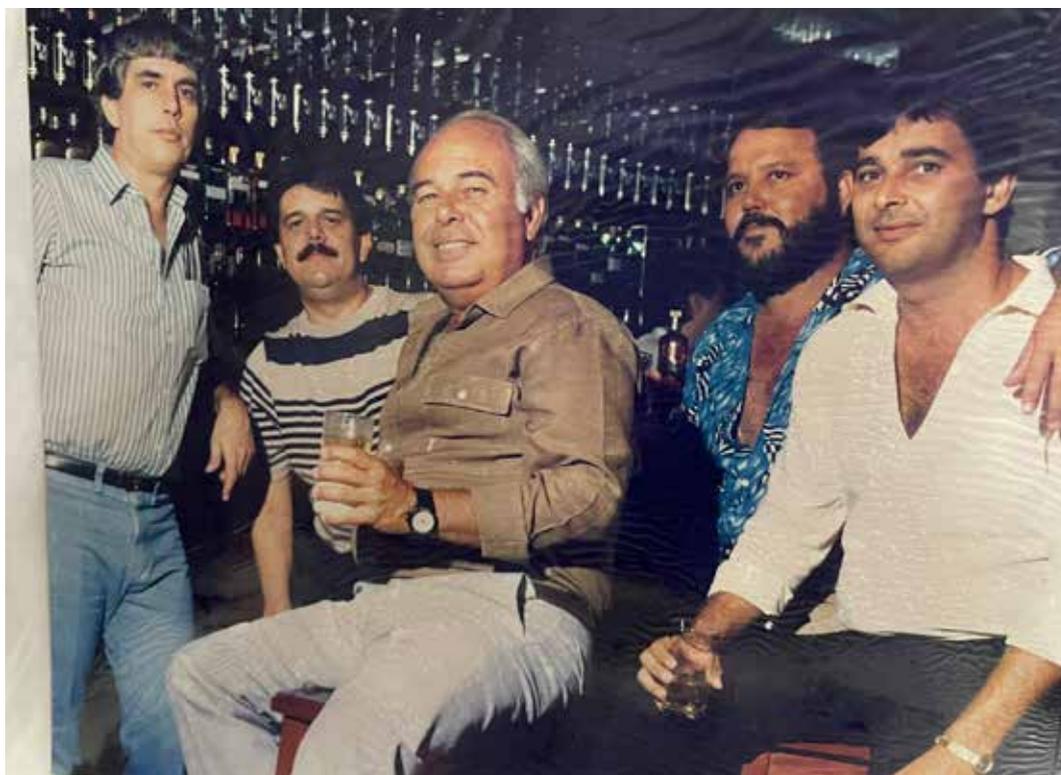
Outra plaquinha: “A cada dia que passa eu me admiro mais!”



Dauro, juiz Luiz Canabarro e Elias Salume



Coronel Gláucio Auvrey Nunes, Elias Salume e Dauro Aragão



Dauro, Santinho e outros amigos no restaurante Casarão



Jonas Carvalho, Dr. Roberto, Dr. Aluísio e Francisco Orich amigos do Dauro



Dauro com Alexandrina e Irisval Tomé



Dauro e Irisval Tomé



As noites do whisky! Júlio Meyer, Elias Salume e Dauro Aragão

# DEPOIMENTOS

---

## *Família Aragão*

---



Dauro e seus sete filhos Juliana, Dauro Júnior, Dauro, Maria Tereza, Dario, Andrea, Aline e Júlio César

## Sobre a Família

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

Família é tudo de bom, um presente divino que nos permite ter momentos de céu na Terra e valorizar as coisas boas da vida no ápice da mais singela simplicidade.

Algumas pessoas perderam o significado de família.

Família não é estar sempre junto.

É amar acima de tudo, dar apoio e dar choque de realidade também.

Família é saber que, por mais que todos tenham lhe abandonado, sua família vai estar lhe esperando de braços abertos!

Os valores que fortalecem uma família não estão numa casa bonita, em carros ou numa boa conta bancária. Estão no respeito, no carinho, na busca em aceitar e compreender o outro, e cada um permitir que Deus lhe ensine que o amor é o fundamento principal.



Dauro bebê - Barra Mansa, 2 de Dezembro de 1932

## Depoimento Romilda Collistet de Miranda

Conheci o Dauro na campanha eleitoral de Juscelino Kubitschek, pois éramos militantes, no ano de 1955. Dauro já havia atuado pela emancipação do município de Volta Redonda ao lado do amigo e emancipador Dr. Savio Cotta de Almeida Gama, primeiro prefeito de Volta Redonda.

Resolvemos nos casar muito jovens, eu com 19 anos e Dauro com 23. Em nosso casamento, tive como padrinho o Prefeito de Resende, Dr. Geraldo da Cunha Rodrigues e o padrinho de Dauro foi o Senador Dr. Paulo Fernandes, enviado por Juscelino Kubitschek para representá-lo.

Devido à mãe de Dauro, dona Estella Peixoto Aragão, ser fundadora do comitê feminino para a candidatura de Juscelino Kubitschek, em Barra Mansa, tornou-se muito íntima de dona Sarah Kubitschek. A família de Dauro sempre foi muito importante na política de Barra Mansa, pois seu tio-avô Izimbardo Rodrigues Peixoto foi prefeito de Barra Mansa e seu pai, Dr. Dario Aragão, secretário de segurança do estado do Rio de Janeiro no governo do comandante Ernâni do Amaral Peixoto.

Dauro era titular do cartório de registro civil em Volta Redonda, porém, resolveu tirar uma licença sem vencimentos para terminar seu curso de Medicina na Universidade Federal (UFF) em Niterói. Nessa ocasião já havíamos tido duas filhas, Andrea e Aline.

Fiquei em Barra Mansa, pois trabalhava como professora na prefeitura municipal de Barra Mansa e também como professora do estado no Colégio Estadual Barão de Aiuruoca. O meu trabalho ajudava bastante em nossa renda familiar.

Dauro não querendo ficar longe da família, sentimos a necessidade de residir todos em Niterói onde, como professora, trabalhei em São Gonçalo. Quando o Dr. Celso Peçanha tomou posse como governador do estado do Rio de Janeiro, seu grande amigo Dr. Savio de Almeida Gama conseguiu para Dauro a permuta de cartórios, sendo o Dauro nomeado tabelião do primeiro ofício de Volta Redonda. Neste mesmo mês, nasce o nosso terceiro filho, Dauro Peixoto Aragão Junior.

Como o cartório oferecia uma renda maior, Dauro conseguiu realizar seu grande sonho, comprou a casa onde nascera e que fora construída por seu pai, Dr. Dario Aragão, em Barra Mansa. Fomos muito felizes na casa da Avenida Francisco Vilela. Nossa casa virou grande reduto de reuniões políticas. Recebíamos o então comandante Ernâni do Amaral Peixoto, para receber seus correligionários. Dr. Savio de Almeida Gama fazia de nossa casa seus encontros políticos em Barra Mansa. Nessa casa nasceu nosso quarto filho, Dario Aragão Neto, e no mês de seu nascimento, por coincidência, foi inaugurada em Barra Mansa a avenida Dr. Dario Aragão, em homenagem realizada pelo prefeito de Barra Mansa, Dr. Marcello Drable.

Nesta mesma casa, houve uma grande festa pelo batismo de nosso filho Dario, sendo seus padrinhos de batismo os atenciosos amigos, Dr. Savio e Dona Cecília Gama, que o amaram incondicionalmente, sendo Dona Cecília uma madrinha muito carinhosa, a quem devo profunda gratidão. Diversos políticos de Barra Mansa e Volta Redonda participaram da celebração. Tivemos que nos mudar da casa da Francisco Vilela para a casa do bairro Santa Rosa, devido à construção de um grande edifício ao lado de nossa casa. Em nossa nova residência as reuniões políticas continuavam, inclusive recebemos o governador Leonel Brizola e sua comitiva em sua campanha eleitoral com diversos deputados do Rio de Janeiro. Porém, devido à insistência que Dauro fazia para eu renunciar a meu projeto de educação, gerava muito desentendimento. Enquanto como professora eu crescia, fui coordenadora pedagógica de Volta Redonda, diretora com Rayla Santos na Escola Estadual Brasília, implementei no município de Barra Mansa a metodologia rural de Arnaldo Niskier, secretário de educação do estado do Rio de Janeiro. Me formei em Pedagogia na faculdade de Barra Mansa, antiga UBM.

Devido a diversos desentendimentos, principalmente meu labor na área da educação, resolvemos nos separar. Ele seguiu seu destino e eu fiquei com meus quatro filhos. Posteriormente casei-me com o defensor público Dr. Luiz Carlos Correa de Miranda. Quando Dauro se aposentou do cartório, também quis dar sua colaboração para o ensino universitário de Volta Redonda, tornando-se presidente da Fundação Oswaldo Aranha. Por muitos anos dedicou seus serviços com muita eficiência para a Fundação Oswaldo Aranha (FOA), criando o Centro Universitário (UniFOA) e seu credenciamento com o MEC, fazendo grandes investimentos pela melhoria do ensino universitário da região sul fluminense.

Relato estes acontecimentos, tanto da minha vida profissional quanto a de Dauro, pois muitos anos mais tarde Dauro me confidenciou que sempre estive certa no meu projeto de educação dos menos favorecidos, e assim, contribuirmos para melhoria da educação em nossa região.

Sendo Dauro um excelente administrador, deixou como seu sucessor o competente Dr. Eduardo Guimarães Prado, que continua prestando grandes trabalhos para a FOA/UniFOA e fazendo grandes investimentos, como a mais recente aquisição do Hospital Hinja/ HFOA, para melhor eficiência do curso de Medicina, o qual é referência nacional. Muitas bênçãos de Deus para a FOA/UniFOA. Meu agradecimento à querida Maria Cecília Gama, pelo excelente trabalho na elaboração deste livro, considero-a símbolo de seu pai, Dr. Savio Gama, fundador da FOA.



1953 – Dauro calouro de Medicina em Niterói, Rio de Janeiro



Romilda levada ao altar pelo Dr. Geraldo da Cunha Rodrigues, 1955.



Os noivos Dauro e Romilda - 1955



O casal em lua de mel em Búzios -RJ - 1955



Dauro em Barra do Furado - 1956



Dauro em Barra do Furado - 1957



O casal Dauro e Romilda e amigos Carnaval de 1957 - Clube Municipal de Barra Mansa



Chico e Dauro em Barra do Furado - 1959



Chegada da família em Barra do Furado - 1967



Travessia do rio do Espinho em Barra do Furado - 1967



Férias no Uruguai – o casal com as filhas Andrea e Aline – 1968



Dauro e Sartori em visita ao Paraguai - 1970



Dauro e Dario na casa de Muriqui / Niterói



Dauro em São Lourenço - 1974



Dauro e Aline na casa da Francisco Vilella em Barra Mansa - 1975



A família em Santa Felicidade - Curitiba - Paraná - 1976



Romilda e Dauro chegam de férias da Argentina - 1980



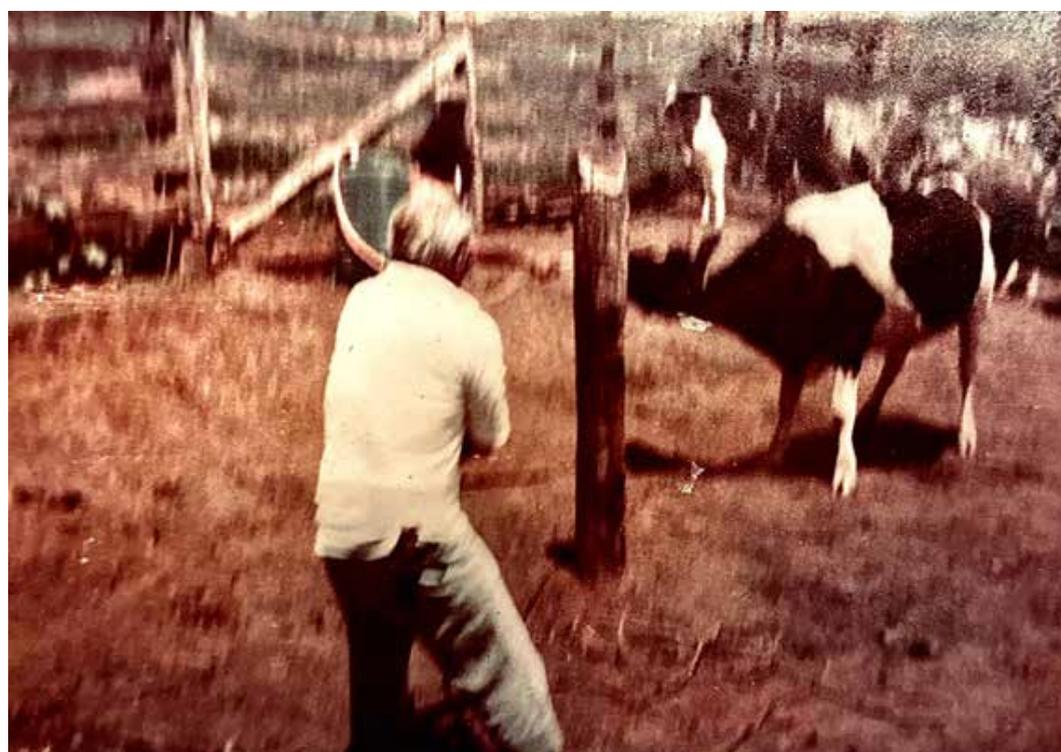
A casa onde Dauro nasceu na Francisco Vilella 292 – Barra Mansa – 1980



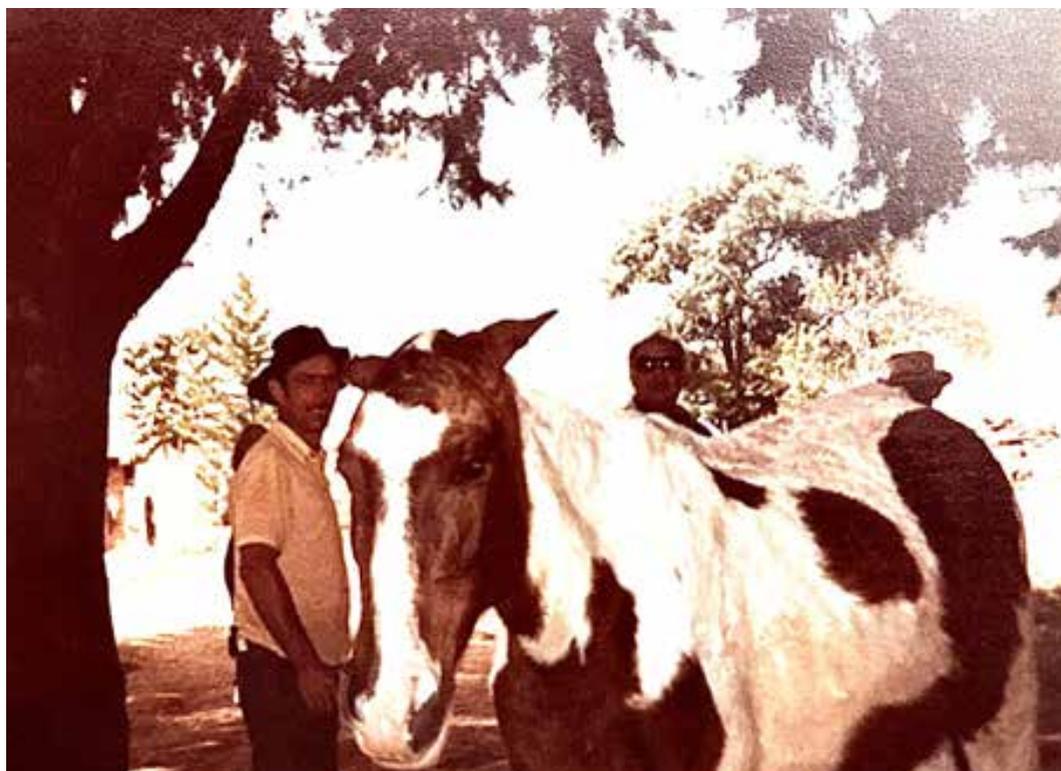
Romilda e Dauro na casa da Francisco Vilella 292 – Barra Mansa – 1980



Dauro e as crianças em passeio de barco em Itacuruçá – Mangaratiba – RJ - 1981



Dauro na fazenda Santa Vitória em Minas Gerais – 1981



Dauro e o cavalo Pampa na fazenda Santa Vitória - MG - 1981



Dauro diante da construção da sede da fazenda Santa Vitória - MG - 1982



Dauro recebe Leonel Brizola em sua residência do Santa Rosa – BM – 1982



Dauro, Andrea e a militância do PT em sua residência do Santa Rosa – BM – 1982



Dauro oferece churrasco aos amigos na fazenda Santa Vitória - MG -1983



Dauro descansa na rede de São Miguel no Furado - 1983



Dauro recebe amigos em São Miguel no Furado - 1983



Dauro de férias com amigos em São Miguel no Furado - 1983



Almoço em Niterói - RJ - 1984 - Dauro, Nilce, Romilda e crianças



Dauro no seu lugar favorito em São Miguel do Furado - 1985



Romilda, Dauro, Aline e Yuri - 1996



Dauro, Dauro Júnior e Romilda - 1996



Cremilda Cunha Barbosa Leite, Dauro e Romilda

## Depoimento Andrea Collistet Aragão

Eu nasci de uma família muito tradicional do interior do Estado do Rio, Barra Mansa, filha de Dauro Peixoto Aragão e Romilda Collistet Aragão, no ano de 1957. Meus pais se casaram no ano de 1955, e tínhamos residência em Barra Mansa na Avenida Francisco Vilella, na casa de meus bisavós, Joaquim Rodrigues Peixoto Júnior, que era maçom e trabalhava na procuradoria de Barra Mansa de antigamente, casado com Dona Dedé. Foram eles que são os responsáveis pela educação do meu pai, porque foi o primeiro neto, e meu avô faleceu com meu pai muito novo, e meu pai ficou órfão aos 20 anos, e uma dor muito grande. Meu bisavô substituiu, não conseguiu substituir totalmente, mas derma todo o amor e todo o suporte necessário para o meu pai. Tanto é que minha bisavó Dedé chamava meu pai de “o bem amado”, “o meu bem amado”, “aonde está o meu bem amado”. Quem era o “meu bem amado”? Era o Dauro. E depois, eu passei a ser “a bem amada”, porque é muito bonito e é muito gratificante eu poder falar que é o romance do Jorge Amado, “O bem amado”. E eu vi essa novela com meu pai! Li o livro e vi essas palavras com meu pai que a minha bisavó nos tratava: o bem amado e a bem amada.

Só tenho que agradecer ter nascido nessa família. Aprendido bastante, porque do ano de 1957, passamos pros 60, meu pai acadêmico de medicina, com grande sonho de ser médico. Vivia falando: “minha filha, serei doutor médico”! Essas palavras lindas, doutor médico. Eu muito pequenininha, morávamos em Niterói, na Rua Ari Parreiras, em Icaraí. Tinha minha irmã Aline muito pequenina, e meu irmão Dauro Júnior, recém-nascido, de colo ainda. Minha mãe lecionava em São Gonçalo e meu pai era acadêmico. E de repente, eu não sei, foi uma mágica, e nós mudamos para Volta Redonda. Ele falava, aqui se chama Volta Redonda velha, estava sendo construída a Vila de Santa Cecília, estava sendo preparado o desenvolvimento de Volta Redonda. Moramos na Rua Gustavo Lira com esquina da Rua São João, tivemos vizinhos maravilhosos, pois meu pai tinha muita facilidade de fazer amizades. Por ele ser muito ocupado, ele entregava a gente de corpo e alma para os vizinhos, para os amigos, daquela amizade, naquela união, naquela comunicação, quem eram os vizinhos: Waldir Teles – um grande professor; Wilson de Paula – um grande comerciante, que era gerente de banco, o pessoal da Casa Orion, o Sarkis, Alan Cruz do cartório, então são essas pessoas que fizeram parte de Volta Redonda antiga, que eu convivi, que meus pais conheceram se encontravam todos os dias. Morávamos no Edifício de um grande amigo dele, seu Ari Tomé, casado com dona Lecy, tinha uma filha chamada Júlia Rita, cujo casamento assistimos. Foi tudo maravilhoso.

Nessa mágica toda, nós de repente, também, mudamos para a casa de Barra Mansa, e ele dizia: esta é a nossa casa. Eu não entendia muito, mas achei tudo maravilhoso e encantador. Ele dizia: olha, foi aqui que eu nasci. Pai, você nasceu aqui nessa casa? Quem mora nessa casa? Essa casa era alugada, Dr Menezes morava aqui, e eu comprei a parte da minha irmã e da sua avó e agora nós vamos retornar à nossa origem. Eu nasci nessa casa,

nesse quarto que eu nasci. A cama que ele nasceu estava lá na casa da minha bisavó, que era vizinha e que hoje é a Igreja Maranata, tudo muito bonito, tudo muito gratificante. Ele reformou a casa toda. Tivemos vizinhos maravilhosos dos quais somos amigos até hoje! A família Vinciprova, Arbex, Chiese Coutinho, que são minhas irmãs, Rutinha, Cicero Cunha, Luiz Nazaré, que tenho hoje o Cicero Luiz Barbosa Leite, como grande amigo e que trabalha no UniFOA, pessoas que fizeram parte da minha origem barra-mansense, Volta Redonda e Niterói que eu trago lembranças. Da minha avó, da minha tia Nadya, que era uma estudante universitária na época, e só tenho boas lembranças. Assisti ao nascimento, dez anos depois, da chegada de um bebê, Dario. Recebi o Dario com muito ciúme mesmo porque era um bebê que estava invadindo o meu espaço. Quando eu vi aquela carinha falei: meu Deus, que coisa mais linda! e procurei ali ficar com Dario, ter Dr. Albino como médico, que era nosso médico e passou a ser o do Dario também, e foi muito emocionante tudo. Minha vida, nos anos 70, vendo meu pai na varanda da Rua Francisco Vilella. Ler O Pasquim. Ele lia O Pasquim todo domingo! Era fã de Leila Diniz, do Jaguar, de Ziraldo, grandes nomes. Meu pai participava ativamente dos jornais, dos meios de comunicação, do programa do Tio Bené da rádio, que ele me apresentou, eu era pequena ainda, e o Bené falou assim: filhas do Dauro, coitadas de vocês, vão ser perseguidas o resto da vida! Tio Bené grande comunicador, ia lá em casa, deu suporte também para o meu bisavô até o fim de seus dias, meu biso querido. Eu participei, eu lembro muito, eu era a mais velha. Essa facilidade do meu pai de se comunicar, veio do meu bisavô, porque ele tinha um rádio amador, e meu pai fez parte do PX Clube de Volta Redonda, eu me lembro das pessoas, aquelas antenas, dos tetos dos carros, das capotas de vinil dos opalas. Eu não entendia muito bem para que que era, mas eu achava lindo! Macanudo! Macanudo! Essa comunicação do meu pai foi passada para mim também. Eu morei em diversos lugares e aonde eu vou eu levo comigo a imagem do meu pai, fisicamente, querendo ou não, o sorriso, a vontade, a garra, e sempre ter um ideal. Apesar de ele falar: minha filha, ideal é marca de palmito! Mas, não. Ideal continua sendo o que move a gente, o sonho, a vontade de viver, alegria, a companhia de cada dia. Ele foi reconhecido cidadão Quissamanhense, na cidade em que eu vivo, Quissamã, que é difícilimo. Que é no interior norte do Estado do Rio de Janeiro, onde ele escolheu o paraíso dele de infância, origem do meu bisavô que era campista (Campos). Ele teve o título de cidadão Volta-redondense, pois nasceu em Barra Mansa. Tudo isso é muito gratificante para mim, eu só tenho que agradecer de ter tido opai, tenho uma mãe maravilhosa, que até hoje também recorro grandes momentos.

Depois da revolução de 64, dos anos de chumbo da ditadura, que foram marcantes na minha vida, um grande amigo de meu pai se tornou um grande político: José Maurício Linhares Barreto. Grande amigo do meu pai, do partido PDT, foi ministro de Minas e Energia, ex deputado federal do norte fluminense, ele está vivo e gostaria muito que ele pudesse dar o depoimento dele desses anos tão marcantes em nossas vidas, que foram os anos de 1965, até quando o Brizola voltou da anistia ampla geral e irrestrita. Eu me lembro que meu pai falou: podemos colocar esse plástico no carro. Tudo era muito proibido nessa

época, mas o meu pai fazia ser permitido. E nós permitíamos, e ouvíamos e escutávamos muito atentas, as músicas de Chico Buarque, de Edu Lobo filho de Fernando Lobo que foi um grande jornalista, e meu pai na época sentiu muito a morte de Vladimir Herzog, foram anos muito difíceis que nós passamos. Meu pai foi um revolucionário numa época, e eu não podia virar outra coisa não é Maria Cecília, a não ser essa pessoa que eu sou. Sempre estava perguntando por que que essas coisas acontecem, nós temos que concordar com tudo? Não, nós não temos! Afinal, meu pai me criou para ser livre, e dona do meu nariz, independente, somos todos irmãos, somos todos iguais. Foi o que eu aprendi. Por que não praticar. Não tem como você se calar diante de situações, você sempre tem que questionar, saber por que está acontecendo. Meu pai sempre dizia: Faz tudo e vai sempre sobrar para vocês. Esteja preparada. Mas, pai você acha que ... não direi que sim, nem que não... eram as palavras dele. E quando alguma coisa de ruim acontecia, ele falava: minha filha, aprenda uma coisa, não passe recibo de nada, e outra coisa que eu vou falar, faça do limão uma limonada. e continue seu caminho.

Uma coisa que me marcou muito foi quando eu perdi meu filho e ele falou uma frase para mim: eu avisava para você que chorar não adianta, nesse momento, chorar não adianta. E eu não chorei. Tivemos que tomar atitudes para eu conseguir prosseguir minha vida, consegui trabalhar, botei o foco no trabalho, e fui embora para Quissamã, estou lá ainda, e é muito gratificante, maravilhoso eu poder relatar tudo isso. Conhecer meus irmãos. O Júlio César eu conheci no Clube Náutico, no show do Lulu Santos que nós nos conhecemos, meu olhar com o Júlio César bateu, nos abraçamos e nunca mais nos separamos. Juliana e Maria Teresa vieram para dar alegria na nossa família. Teresinha, também uma pessoa que viveu com ele e viu a imagem de um homem que não se calou, de um homem que não permitiu que calassem ele. Ele foi lá para o norte do Estado, falar ele falou. Sabia que José Maurício Linhares Barreto, quando se elegeu deputado federal, fez o projeto, porque nós não tínhamos luz no norte do Estado, ele fez o projeto “Uma luz na escuridão” e fomos iluminados por esse projeto, que foi no governo Brizola. Meu pai ficou muito feliz de ver Quissamã, Campos dos Goytacazes, São Francisco de Itabapoana, aquela redondeza onde ele viveu, que não tinha luz. Ele tinha um frigorífico, e precisava de energia e foi através desse projeto que nós fomos beneficiados. E essa é uma história muito bonita, que quando eu fui para Quissamã, nos anos 90, 1995, eu fui morar em Quissamã, por meio de um grande projeto que meu pai criou. E esse projeto está em pé até hoje, graças a Deus, que é o Hotel que ele idealizou e o Posto de Gasolina está para ser atualizado para uma cooperativa, e é o que a gente sonha, porque o sonho da gente nunca acaba, e a gente se permite.

O Hotel ele idealizava que Barra do Furado teria turismo. E realmente, Barra do Furado hoje tem turismo. Quissamã, ama e respeita meu pai, eu sou uma pessoa sempre muito bem quista, e eu sou respeitada em Quissamã, graças ao meu pai, que me apresentou esse município, que era praticamente ilhado. Se chegava a Quissamã não pela estrada, mas através de um rio, chamado Furado, que era a casa que meu bisavô construiu e que está em pé até hoje; como a casa que meu pai nasceu na Avenida Francisco Vilella de Andrade

Neto, número 292, está lá para todos verem onde meu pai nasceu, em Barra Mansa. É um lugar onde eu fui criada junto com meus irmãos, maravilhoso.

Na emancipação de Volta Redonda, Savio Gama, seu pai Maria Cecília, entrou na vida do meu pai, Dauro Aragão. Era uma amizade antiga que Dr. Savio tinha com meu avô Dario Aragão e todas as minhas tias. Barra Mansa vivia um novo momento. A separação de Barra Mansa de Volta Redonda, gerou uma polêmica muito grande. E Dr. Savio Gama defendia a emancipação de Volta Redonda, para que Volta Redonda pudesse crescer, sair da política café com leite, e se tornar uma indústria que virou a indústria Usina Presidente Vargas. E era o sonho do meu pai, como barra-mansense, ver o lado de Volta Redonda, crescer, desenvolver, que todos tivessem mais condições, que a cidade desenvolvesse, e não tivesse fazendas, Fazenda Santa Cecília e a Fazenda do Retiro, que era a do seu pai. Meu pai se posicionou no projeto da emancipação de Volta Redonda e criar o município de Volta Redonda. Então é muito bonito e fico muito feliz e honrada por ter memória para lembrar de tudo isso, ainda muito pequena. Foram detalhes que foram passados para mim do meu pai, que eu assisti alguns, como a Fundação Beatriz Gama, quando meu pai me levou na inauguração da FBG, que era no bairro do Retiro. O bairro Retiro não tinha nada. Dr. Savio criou o bairro Retiro, colocou saneamento básico, escolas, enfim, para ser o que hoje é, uma cidade praticamente, o bairro Aterrado, o bairro Nossa Senhora das Graças, que eu tenho nítida lembrança da inauguração daquele bairro, das casas, não era nem arborizado. Eu falava, meu Deus vai ser um calor aqui! Aqui vai ter árvore, Andrea! Eu me lembro muito dessa parte de Volta Redonda sendo criada, faço parte do grupo Volta Redonda Antiga com muito orgulho, porque eu posso me expressar. O Aero Clube que foi criado pelo seu pai também, eram pessoas de mentes brilhantes: Dr Savio Gama. Dona Alzira Cravo, não posso deixar de citar porque papai nos levava à casa de Dona Alzira e de seu Roberto que eram pessoas maravilhosas que fizeram parte de nossas vidas. Seu Alan Cruz que era tabelião a quem ele recorria, conselheiro, um amigo, a Cacilda Cruz, Kátia. Alanzinho, nós só temos a agradecer de estarmos aqui presente, a Cacilda também, para poder contar um pouco dessa convivência, dessa vida, que estudamos no mesmo colégio. Nós ouvíamos falar que Maria Cecília Gama estava estudando na Suíça, se preparando para um dia ocupar a cadeira do pai dela, dentro da universidade da Fundação Oswaldo Aranha, a quem Jairo Jogaib, tio Jairo, nos chama para uma grande reflexão, que foi um companheiro do meu pai, de Niterói, um acadêmico, era um dentista, compartilhamos momentos maravilhosos: Fernando Elias, Jairinho, Maria Alice, Maria Marta. Nós passávamos as férias em Muriqui, na mesma casa. Cicero Luís, com tio Luís e tia Cremilda eram também turistas de Muriqui. Essa era a nossa vida. Seu Nilson Mota, muita gente de Volta Redonda. Meu pai fez muita amizade com prefeito de Mangaratiba, levou a gente para conhecer o Relevo, os pontos turísticos, os pontos de grande interesse, a Ilha Grande, chegou a comprar um mini iate, a passear pela Baía de Guanabara. Fizemos passeios lindos dentro de Coroa Grande, pudemos ver os tempos dos casinos, onde tinha o Castelinho, entre Itacuruçá e Coroa Grande. Da importância que Mangaratiba teria um dia, como este de

agora, nós temos na atual data, Mangaratiba é uma reserva. Picinguaba é um refúgio, que nós íamos praticamente acampando a pé, para conhecer toda essa reserva. Não tínhamos caminhos, então meu pai viu a Rio Santos sair e a importância do crescimento de Volta Redonda, da educação de Volta Redonda, voltando atrás mais uma vez, ele falava que dr. Savio ficava muito preocupado do que seria os filhos dos trabalhadores, dos médicos, dos engenheiros e dos políticos, que estavam no momento se dedicando à emancipação e ao desenvolvimento de Volta Redonda. Aonde que essas crianças iriam estudar, fazer faculdade? Tinha Escola Técnica, tinha o Colégio Nossa Senhora do Rosário, o Colégio Macedo Soares, muitos colégios, mas ele estava preocupado com faculdade, já com curso superior. Ele queria cultura, ele queria mais cultura. E foi por meio de seu pai, Maria Cecília, e meu pai participou, apenas uma participação e meu pai continuou o trabalho do seu pai, junto com o tio Jairo. Seu pai transformou em realidade o sonho do meu pai Andrea, papai morreu cedo e Dauro, quando assumiu a presidência da FOA, a FOA deu um pulo. E esse pulo enorme que a FOA deu vai ser relatado pelo Eduardo Prado, que vai falar do trabalho intenso de 20 anos de seu pai, Dauro Aragão, diante da FOA. Se a FOA é hoje o que é, ela deve ao Dauro. Savio botou a pedrinha, deu o pontapé inicial. Dr. Savio foi o grande idealizador, porque naquela época, nos anos 60/70, fundar uma Instituição de Ensino com Curso Superior era privilégio de poucos, de muito poucos, ainda mais dentro de Volta Redonda, ano que Volta Redonda vivia os anos de chumbo, os prefeitos eram indicados pelos militares, Dr. Savio foi o último prefeito eleito pelo voto popular. Eu me lembro perfeitamente da campanha de seu pai, dos mandatos do seu pai, me lembro disso tudo. Então foi muito desenvolvimento em Volta Redonda. Eu que estava acostumada com Volta Redonda velha, que se resumia para mim na Rua Amaral Peixoto, o final da Gustavo Lira, no Monte Castelo, porque não existia a Rodovia do Aço, então ver Volta Redonda nova, que era o Aterrado, a parte da Paulo de Frontin, foi um pulo muito grande que o seu pai deu no desenvolvimento de Volta Redonda. E foi muito bem planejado, está lá, está expresso, as casas, os direitos dos trabalhadores da CSN. Só não sabíamos que isso ia ser vendido, não, foi sucateado. Nós não sabíamos disso. Uma venda sempre reverte alguma coisa de positivo, mas uma sucata não se vê nada de positivo nisso. Aquele prédio, 19 andares, no centro da Vila, Edifício Central, último local de trabalho de Savio Gama, está se deteriorando há anos, e além de se deteriorar.

Nós não sabíamos e não cabia na mente do Dr. Savio Gama e na mente do meu pai também, que a Usina Presidente Vargas fosse um dia privatizada. Eu vi a privatização e vejo hoje o Escritório Central esvaziado, sucateado. Vejo Volta Redonda poluída, denegrida por muitas e muitas construções, que são perigosas e foram preenchidas sem um plano diretor, sem muitos cuidados. Eu falava isso comeu pai: por que isso está acontecendo? Por que esses loteamentos estão sendo feitos? Porque, minha filha, as pessoas não querem nem saber. Mas eu acho que as pessoas têm sim que saber. E hoje nós vivemos num mundo que queremos saber. O Júlio Ferreira menciona sempre nos grupos, soluções para Volta Redonda. Cabia um Centro de Tecnologia, de Integração, tantas profissões, tantos ideais, tantos

sonhos a se realizar dentro de Volta Redonda., pesquisa, e principalmente, o governo atual, o governo Neto, que se preocupa tanto com a terceira idade. Nós estamos no etarismo e precisamos de uma solução, de uma integração dos volta-redondenses antigos e o prefeito que você é conosco, da comunidade. Eu faço parte dessa cidade, da vida do meu pai, que se tornou um caminho feito pela prefeitura Neto. Avenida Dauro Peixoto Aragão. Eu posso ver pessoas do norte fluminense cruzarem esse caminho e dizerem: Andrea eu entrei numa avenida que tem o nome do seu pai.

Para que Dauro tivesse a vida prolongada, após um enfarto, Orumila entregou às guardiãs da família, o Cajado de Oxalá, em 2010. Dauro recebe o cajado, feito para uso dele exclusivo, para sua vida e proteção até o dia de sua partida, no hospital da CSN. O cajado foi entregue a mim, na casa de Ifá, pelo babalawo Marcos Vinicius Proença. Eu sou iniciada em Ifá, sou uma Apetebi. Minha casa hoje fica na Serra de Petrópolis, perto de Xerém. Apetebi é uma das mulheres que servem Orumila. Orumila é um Orixá que é o mentor de Ifá. Minha religião, oriunda da Nigéria é muito ativa em Cuba. Sou descendente a Casa de Ifá de Cuba, do babalawo Raphael Zamora.

A história do Cajado vem de um conto de Orixá, onde temos a feitura do Cajado de Oxalá. Tudo se inicia com Orumila, o grande mentor do Ifá. Orumila instituiu o Oráculo. Ifá da as lendas e adivinhação. Orumila traz a festa como dádiva de Olodumaré. Orumila aprende o segredo da fabricação do homem. Orumila recebe o título de Senhor do Mundo. Orumila reconhece o filho de Iemanjá. Dauro é filho de Iemanjá. Oxalá salva seus filhos por meio de Orumila. Oxalá cria a galinha d'angola e espanta a morte. Orumila entrega o Cajado a seus guardiões.

Agradecer uma parceria, uma irmandade, uma simplicidade do pai da Maria Cecilia, Dr. Savio Gama com d. Cecilia, que se tornaram as grandes personalidades para o meu pai, para minha mãe, se tornaram compadres, padrinhos do meu irmão, Dario Aragão Neto. Dr. Savio sempre foi o exemplo. Maria Cecilia estudando fora trazendo o conhecimento. Dr. Savio fazendo o saneamento de Volta Redonda, isso é nítido na minha memória. Ele sentado com meu pai. Meu pai levava a gente para participar dessas conversas e mostrava, a cada inauguração. Então, nós da família temos muito a agradecer ao Dr. Savio Gama, D. Cecilia e Maria Cecilia Gama. Muito obrigada.



Dauro no batizado da filha primogênita Andrea.  
Os padrinhos Creso Junqueira Franco e Maria Tereza Moreira Franco



Dauro, Romilda e Andrea - 1957



Dauro e Romilda debutando a filha Andrea - Clube dos  
Funcionários de Volta Redonda - 1972



Sempre junto ao seu pai Dauro em Quissamã. Andrea, Dauro, Marcelo do Imabol e vereador Antônio Carlos do PDT



Dauro, Andrea e Marcelo do Imabol na construção do Posto de Gasolina - Quissamã



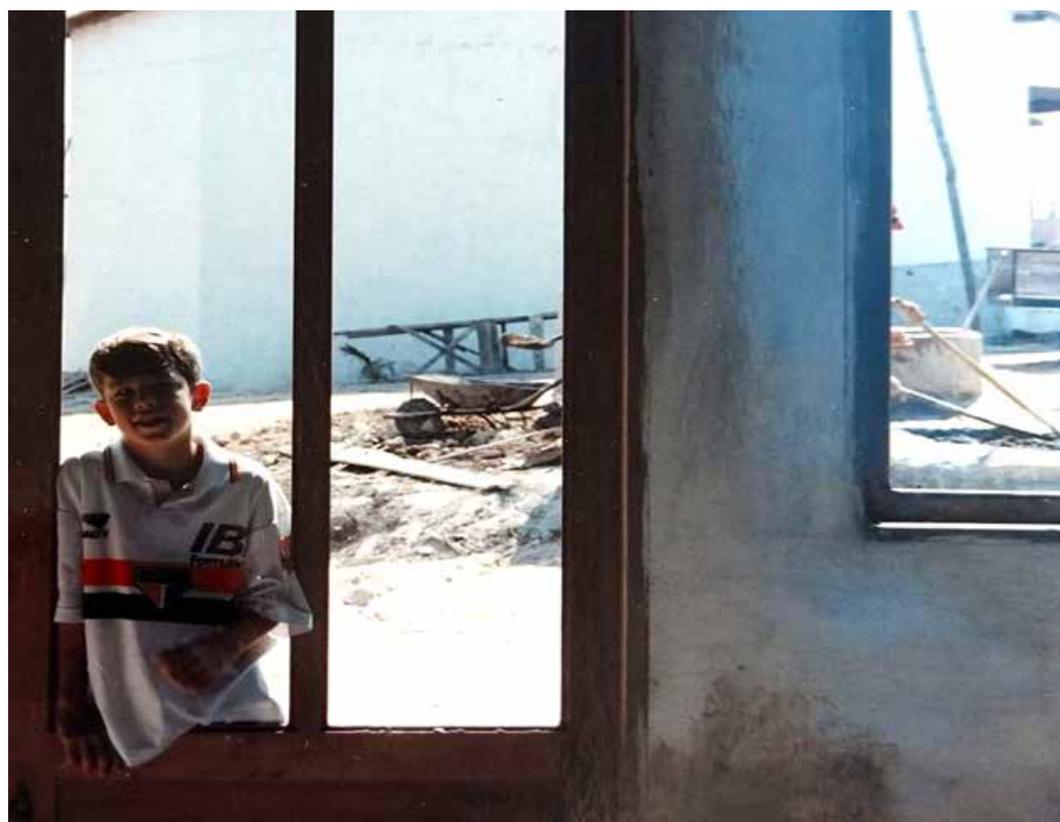
Dauro, Andrea, Paulo Parente, Ericson e amigos - Barra do Furado



Dauro e Marcelo do Imabol



Dauro e o vereador Antônio Carlos na construção do Hotel Tuyuyu



Hotel Tuyuyu em construção - Augusto César Araújo Correa, o Guga, filho da Andrea, na janela sem vidro do restaurante Gaivota - Barra do Furado



Júlio César Aragão e Andrea Aragão em Barra do Furado



Com a talha da bisa os irmãos Júlio César e Andrea pegavam água para beber no Canal das Flechas



Dauro ladeado pelas filhas Aline e Andrea comemoração do aniversário dele e da Aline, 24 e 25 de agosto



Três gerações dos Aragão - Andrea, sua filha Tatiana e seu neto Lucas

ORIXÁS  
OXALÁ



*Mikael Quintes*  
www.mikaelquites.com

O cajado de Oxalá

## Depoimento Tatiana Aragão

Ser neta do Dauro foi uma das experiências mais fantásticas da minha vida. Fui a primeira neta. Me lembro da minha mãe dizendo que ele escolheu meu nome pois era fã de uma bailarina russa - Tatiana Leskova, que tinha o nome de Tatiana.

Cresci com a dedicação e amor dos meus avós e das minhas tias avós. Aliás estou com saudade de ter avô; de ser a neta do Dauro. Sinto muita falta dos bilhetinhos e cartinhas carinhosas que ele enviava, sempre me incentivando.

Que falta da capacidade de aceitar que ele não está mais aqui. Perder um avô é uma sensação que nunca passa. Sempre vou me sentir como se faltasse um teto, sempre vai faltar uma cobertura, por mais que eu construa um telhado sólido.

Meu avô me ensinou a enfrentar os obstáculos e seguir sorrindo. Então, eu sigo aqui os seus ensinamentos, sou grata por me aconselhar a nunca parar meus estudos, a seguir carreira na área da saúde. E jamais irei esquecer, para eu continuar evoluindo nos meus estudos, meu tio Jairo Jogaib, também fez parte disso, sempre foram os meus maiores mentores de vida profissional e eu só tenho a agradecer por acreditarem e confiarem em mim.

Das lembranças levo todas em meu coração: dos passeios no circo na minha infância, das viagens a Lambari, dos seus jantares políticos... casa sempre cheia de amigos, o salão da casa do 292 com boa música todos em clima de festa e me colocavam para dormir porque não era hora de criança ficar acordada (risos). Mas posso lembrar dos cheiros das flores enfeitando o salão, da comida, dos perfumes dos convidados ... adorava aquela energia dos preparativos para os eventos naquela casa. Era a casa dos meus avós onde eu passava a maior parte do meu tempo. (Sempre fui grude da minha avó (risos). Com o passar dos anos, adolescente, me lembro de nos receber sempre com tanto carinho e gargalhadas em sua casa no seu segundo casamento, onde criamos laços eternos entre as famílias.

Posso resumir que ser neta do Dauro é ... ser festa, é admirar, fazer piadas, ter coragem, entender os caminhos, ter empatia e ser luz!

Só tenho a agradecer a ele por ter nos dados tanto ... 'acabou o milho acabou a pipoca' frase dele (risos)

Gratidão imensa por ter tido a sorte de conviver com esse avô tão querido por todos, e pela felicidade e oportunidade de vivenciar as cinco gerações da nossa família!



Dauro e sua primeira neta Tatiana



As cinco gerações - A bisavó Estella, conhecida como Gagui. A tataravó - avó do Dauro - Adelaide Magalhães Rodrigues Peixoto - Dedé Dauro, a filha Andrea e a bebê Tatiana



## PRESIDÊNCIA



Tatiana, minha filha.  
Acabei de receber o lauro  
e nós dois (eu e ele), tocamos muito logo  
a você e seu modo de ser.  
Agora, recebo esta linda carta,  
na qual você me fez sentir orgulhoso  
de ser como sou (às vezes grosso e mal  
educado) e, mais ainda, por ter uma me-  
lhor como você, que tem sido uma grati-  
suficência que o Senhor me deu.  
Neste Natal, melhor presente eu  
não poderia receber, pois os dignos co-

Dauro Peixoto Araújo

contidos na sua missiva, me enchem  
de alegria, me dando humildade para  
apreciar tantas coisas boas em termos  
recebido d'Ele, entre as quais você é  
uma delas. Continue assim, minha  
neta/filha querida, para que todos  
nós possamos viver felizes, existindo a  
sua vitória profissional e filial.  
Em e' quem lhe agradeço.

Muito feliz,  
do seu avô,

DAURO  
18-06.12.12

Bilhete do Dauro para Tatiana em 2012

Tatiana minha filha.

Acabei de receber o Mauro e nós dois (eu e ele),  
trocamos muito elogios a você e seu modo de ser.

Agora recebo essa linda carta, na qual você me fez sentir orgulhoso de ser como sou (às vezes grosso e mal educado) e, mais ainda, por ter uma neta como você, que tem sido uma grata surpresa, que o Senhor me deu.

Neste Natal, melhor presente eu não poderia receber, pois os dizeres contidos na sua missiva, me enchem de alegria, me dando humildade para agradecer tantas coisas boas que tenho recebido d'Ele, entre os quais você é uma delas.

Continue assim minha neta/filha querida, para que todos nós possamos viver felizes, assistindo à sua vitória profissional e filial.

Eu é que lhe agradeço.

Muitos beijos, do seu avô,

Dauro.

V. Redonda, 06/12/12

## Depoimento de Lucas Aragão Polastri

Passei boa parte da vida morando em Niterói, uma cidade muito importante na história da minha família, não só por parte de mãe, mas por parte de pai, também. Cresci ouvindo muitas histórias, e meu bisavô Dauro era sempre mencionado com muito fervor.

Histórias contadas por grandes mulheres, que me criaram, e tenho profundo respeito. São elas a tataravó Gagui (Estella Peixoto Aragão) mãe de meu bisavô Dauro, a bisavó Bida (Romilda Collistet de Miranda), as tias Nadya Antonieta Peixoto Aragão, Nycea Peixoto Betz, Nyette Peixoto, as avós Andrea Collistet Aragão e Elma Alice dos Reis Polastri, e mãe Tatiana Aragão Andrighi.

Não consigo pensar no meu bisavô Dauro, sem relacionar o amor e cuidado que essas mulheres, que eu tanto admiro, tiveram por ele na construção do meu entendimento por sua figura. Desde muito novo, podia entender o peso que aquela pessoa tinha em suas vidas, e isso me encantava.

Boa parte das memórias que construí do meu bisavô Dauro na infância, aconteciam em comemorações. Ele sempre fazia questão de celebrar a vida, reunir toda a família em grandes festas, e isso na vida de uma criança, é sempre motivo de muita felicidade.

Nunca conheci ninguém que amasse tanto o conceito de família como meu avô Dauro, não foi à toa que conseguiu construir três. Fazia questão de reunir todos, e sempre achei divertidíssimo. Cada filho é muito diferente do outro, e conviver com toda aquela pluralidade de personalidades sempre incentivou, de uma certa forma, o meu criativo.

Me recordo bem de uma época no qual eu desenhava bastante em uns cadernos gigantes, o triplo do tamanho de um convencional, e tinha o nome Dauro Aragão estampado nas capas, provavelmente dos anos de cartório.

Minha mãe trabalhava com ele no cartório, e meu pai, Luiz Claudio dos Reis Polastri, sempre me levava para visitá-los. Contava para os meus amigos que a minha família tinha uma fábrica de cadernos gigantes! Demorei para entender o que era aquele lugar.

Ao longo dos anos, fui conhecendo diferentes versões do meu bisavô, por meio de amigos, pais de amigos, professores, pessoas desconhecidas, que faziam questão de levar ao meu conhecimento a importância dele não apenas em suas vidas, mas em suas famílias.

Quando me mudei para Barra Mansa e comecei a trabalhar e estudar em Volta Redonda, pude ter uma relação mais próxima de meu bisavô, que sempre me recebia com muito carinho e fazia sempre questão de perguntar: está feliz, meu filho? O que posso fazer por você? Consigo ouvir a voz dele fazer perfeitamente essas perguntas em minha mente.

Talvez seja por isso que me faço as mesmas perguntas quando estou em situações de tomada de decisão. Sempre me senti muito livre para ser quem sou, e por maior temor

que eu tivesse de algumas respostas e situações, ele sempre conseguia tirar sarro de algo para deixar o ambiente leve, dando uma gargalhada com aquela voz grossa que ele tinha.

Era de praxe ir em seu gabinete logo após qualquer viagem que eu fizesse para contar todos os detalhes. Em meu aniversário, sempre enviava cartões escritos à mão, desejando coisas lindas, que ficaram de recordação.

Meu bisavô era diferenciado, pois tinha um prazer enorme em marcar um pedaço dele em nossos corações, sem contar que era um dicionário vivo, usava termos e palavras que passam longe de conversações comuns, era prudente e leve ao mesmo tempo.

Durante o meu processo de graduação, estágio e carreira profissional no UniFOA, pude cumprir trabalhos e alguns de seus desejos nos campi do Centro Universitário de Volta Redonda, e em Quissamã, cidade na qual ele tanto amava.

Pude estar bem próximo a ele em um momento muito importante para o UniFOA, o ano em que a Fundação Oswaldo Aranha (FOA) estava completando 50 anos, com uma série de atividades internas e externas.

Justamente num desses eventos, quando recebemos a visita ilustre de Manoel Corrêa do Lago, neto herdeiro de Oswaldo Aranha para conhecer as instalações do UniFOA, uma figura feminina muito imponente roubou minha atenção em uma mesa cercada de homens muito pomposos, essa pessoa era ninguém menos que Maria Cecília Gama. Fiquei muito encantado em ver como ela conduzia tal visita, suas explicações, comentários eram riquíssimos de informações. Aprendi muito com ela.

Lembro-me que na primeira oportunidade de compartilhar tal sensação de encanto, foi com os bisavós Dauro e Romilda, e também com meu grande professor Alexandre Habibe, e sem nenhuma surpresa, descobri que não era apenas eu que a admirava. Nos tornamos grandes amigos desde então.

Em todos os momentos que pude estar com meu bisavô Dauro, ele sempre parecia se preocupar muito com duas pessoas com as quais me comprometi a cuidar, minha avó Andrea e a bisavó Romilda. Houve uma época que precisei estar em constantes viagens entre Quissamã, Rio de Janeiro, Barra Mansa e Volta Redonda, para conseguir dar conta de algumas tarefas.

Sempre gostei da ideia de estar sempre em movimento, e isso preocupava bastante minha tia-bisavó Nadya, irmã de Dauro. Ela era contra o ritmo em que as coisas estavam acontecendo, e sempre entrava em contato querendo saber sobre minha saúde e bem-estar. Tia Nadya sempre brigava muito com todos por minha causa. Fui amado intensamente por ela. Tenho seus áudios guardados comigo até hoje.

Já minha mãe Tatiana nunca foi motivo de preocupação para meu bisavô Dauro, na verdade, sempre foi motivo de muita felicidade para ele, e por ela trabalhar no UniFOA, conseguia estar próximo. Ele a amava tanto que a considerava sua filha.

Meu bisavô tinha um coração enorme e até hoje consigo aprender muito com ele, revisitando histórias do passado e lembrando de tudo o que foi vivido e construído por ele. Jamais esquecerei seus exemplos. Com toda certeza, parte dele vive dentro de mim e espero ser pelo menos um pouco do grande homem que ele foi na vida de tantas pessoas.



A felicidade do bisavô Dauro com seu bisneto Lucas



Lucas entre a bisavó Romilda e o bisavô Dauro – tchim-tchim!



Lucas, a bisavó Romilda, a avó Andrea e os primos Yuri Aragão Couto e Aline Burello Aragão na inauguração da clínica Burello Aragão



Lucas com Sonia e Dauro Aragão - Momentos felizes



Lucas em família da esquerda para a direita – Júlio César, Yuri, Dauro, Sonia. Aline e Alexis sentados: Lucas e Igor



Lucas com a avó Andrea



Lucas em Barra do Furado com o tio avô Daurinho e a avó Andrea

## Depoimento Aline Collistet Aragão

Eu lembro muito do meu pai quando nós morávamos em Niterói e ele ainda fazia faculdade de medicina e ele gostava muito de passear. A gente tinha um carro antigo, tipo uma fubica na época, aquele carro preto, e ele levava muito a gente na praia, para passear em Icaraí. Eu era bem novinha, dois, três anos. E me lembro muito das viagens, onde eu dava um pouco de trabalho porque eu enjoava. E ele sempre com esse espírito aventureiro. Porque ele sempre gostou muito de viajar, de compartilhar as coisas boas que ele achava da vida, e ele adorava o Sul.

Íamos muito para o Sul: Argentina e Uruguai. Ia de carro, ia de navio. Nós íamos parando e ele tinha esse olhar educador. Ele ia ensinando desde a vegetação, da terra, da história de cada estado, da história dos países. Tinha esse olhar de arte. E isso vai marcando porque ajuda a gente a formar a nossa opinião. Chegávamos nas lojas ele dizia que queria que a gente tivesse um casaco de couro. Ele ensinava e gostava de comprar coisas boas. Era vaidoso. Tinha essa coisa de ensinar a gente a se vestir bem e de gostar de conhecer as coisas boas. Ele gostava de comprar muita coisa de arte. E móveis. Antigamente, a gente nem ouvia falar dessas fábricas no Sul, hoje em dia tem várias, mas naquela época não se conhecia assim os móveis e ele já gostava, comprava e despachava tudo. Ele gostava de decoração, de estar bem, de ter carro. O carro dele era impecável, tinha ar condicionado, toca fitas, caixa de óculos de dia, de noite. É coisa muito boa de se receber. Apesar de ser formada em engenharia, sou empresária de moda e hoje em dia me ajuda muito a fazer a minha curadoria porque desde pequena tenho recebido esse tipo de informação.

Mas ele tinha também outros pilares: a caridade e a ajudar ao próximo e a ter fé e trabalhar sempre. Então, sempre para compor a história dele, ele comia sanduíche e varia o primeiro cartório. À medida que ele foi crescendo, ele não se deixou levar só pelo ego. E esse equilíbrio é muito bacana você ver em alguém na sua família, para você se espelhar. Igual hoje, eu marquei de chegar aqui às 17h. Chegou uma pessoa na loja, eu fui atender, era um casamento mais chic em Trancoso, e ela começou a falar – nossa, você está a cara do seu pai – e começou a contar uma história do meu pai que tinha ajudado a formar um rapaz muito inteligente e que não tinha condição. E a moça começa a chorar. Eu achei até muita sincronicidade! Na hora que eu sai para vir aqui na sua casa eu receber essa informação de como ele ajudava as pessoas.

No cartório, eu ia muitas vezes lá à tarde e existia uma fila que tinha na sala dele. E essa fila não era para resolver problema de cartório, escritura ou registro, eram pessoas pedindo ajuda. Um queria tratar a saúde, outro queria dar uma festa. Chegava prefeito, coronel, ele era uma pessoa muito querida.

Meu pai tinha essa veia política também. Ajudou e foi parceiro de seu pai, Savio Gama, na formação de Volta Redonda. Era uma dupla imbatível.

Nos 31 anos que ele foi casado com minha mãe, a gente era muito próximo. E depois, nós vivenciamos muitas coisas. Por eu trabalhar independente, ser mais uma filha independente financeiramente dele, ele levava isso muito em consideração e gostava de conversar, trocar ideia, pedir opinião. E muitas vezes ele acatava e me escutava porque eu acho que ele me achava equilibrada. Ele falava para mim: “minha filha, você é uma filha que nunca me deu trabalho”. Eu sempre escutei isso. Então, eu também ficava orgulhosa, mas eu era certinha demais, eu podia ter sido mais maluquinha. Aproveitar mais a vida!

Às vezes, ele não concordava. Quando ele não concordava às vezes dava certo e às vezes dava errado, ele tinha a humildade de ligar e falar: “olha, você me avisou, mas não deu. Eu fiz e deu errado”. Eu achava bacana essa humildade dele. A gente era bem amigo, de confiança. Tanto é que, já tem três anos que ele não está mais aqui com a gente, e ele é muito presente na minha vida.

Eu olho cada coisa, quando eu estou indo para Volta Redonda, cada vitória que eu tenho, dá vontade de pegar o telefone e contar. Quando o Igor, meu filho, passou para ser procurador, ele vibrava com isso. Ele torcia muito, ajudava muito e ao mesmo tempo que ele era um pai educador, maravilhoso, ele gostava de comprar joias e dar de presente, tanto para minha mãe quanto para mim, ele era enérgico, severo, exigente na hora de sentar à mesa, na hora de almoçar. Ele colocava livro debaixo da gente para não abirmos os braços. Ele era bravo.

Também na minha adolescência ele era muito bravo. Não gostava que eu fosse numa praça, num baile de carnaval, ele era ciumento. Mas eu acho que era da época. Porque antigamente o conceito era outro de criação de filho. E até hoje eu não gosto de aglomeração.

Ele era um líder. Não só na minha família, mas na família dele. A minha avó eram quatro irmãs. Só minha avó teve filho. Ele querido por todos. Cresceu mimado. Ele era aquele líder patriarca mesmo. Tudo ia ser perguntado para o Dauro. Tudo era o que o Dauro acha e em quem o Dauro vai votar. Tudo era assim. E ele gostava disso. Ele gostava de ser esse líder. E ele foi líder, no trabalho, com os amigos, na política. No velório dele eu só escutei depoimento. Ninguém chegava para mim e falava: ah! meus sentimentos. Todo mundo contava uma história e que ele tinha sido fundamental! E foi muita luta, mas foi a escolha dele. Ser tratado dos problemas de saúde do jeito que ele quis. Ele não deixou ninguém tomar decisão por ele. Muitas vezes ele fazia reunião no hospital e isso eu trago comigo, essa força de trabalho, que a pessoa empreende, é visionário. Então, eu acho que eu tenho alguma coisa assim dele. Eu acho que eu o puxei e eu tenho um pouco de visão. Eu não tinha essa consciência, mas quando houve a pandemia e que cada semestre foi diferente e a gente se reinventa, eu descobri que eu tinha alguma característica dele.

Ele era muito orgulhoso. Me ensinava a investir, investir em imóveis. Você via que ele gostava, participava. Eu sempre fui um pouco mística. Eu tinha um livro quando eu tinha uns 13 anos, que era um oráculo do Egito. Eu gostava de jogar. Era em hieróglifo. E tinha um jeito especial de fazer. Eu comprei e meu pai adorava. Ele fazia perguntas e

respostas. Todo dia quando eu encontrava com ele, ele dizia: vamos jogar o livro? A tia Nadya também gostava e eu curtia aquilo. Depois não me lembrei mais do livro, esqueci do livro e se passaram todos esses anos. No ano passado eu fiz uma viagem ao Egito e coincidentemente o meu pai tinha esses tipos de livros que ele gostava. Ele tinha uma estante no corredor de dois metros de largura, parecia que era um palácio, era cheio de livros: do México, das Pirâmides, do Peru, Machu Picchu. No ano passado no Natal a Lúcia me ligou, a secretária dele, e me disse: Aline, estou mexendo nas coisas do seu pai e tem um livro com o seu nome. Eu tinha emprestado o livro para ele e você acredita que ela me devolveu! O mesmo livro do Egito, guardadinho por ele com o meu nome. Eu fiquei tão feliz.

E ele tinha isso das viagens, de Quissamã, de São Miguel. Na fazenda em São Miguel foi onde jogaram as cinzas. O avô do meu pai, meu bisavô tinha uma casa na Barra do Furado e lá não tinha acesso. Nós íamos até um certo ponto e deixávamos o carro, o caseiro vinha com uma canoa que embarcávamos, com mala e tudo, e ficávamos lá. Minha mãe grávida, odiava. Lá o mar é muito bravo e meu pai amava, aquela ventania parecia o Nordeste. Nós ficávamos um mês. Ele fez a doação da parte dele para a tia Nadya e ele comprou uma outra terra do lado. Aí ele resolveu fazer também doação e comprou o São Miguel, que era um sítio à beira do mar. Lindo, maravilhoso. E ele tinha paixão. À frente era o mar, depois tinha a casa, cortava um rio e algumas plantações e aquela terra bem árida, só palmeira, e era muito bonito. A gente passava as férias lá. Sem luz, geladeira a querosene. Eu, com oito anos, já acendia o lampião. Meu pai tinha um jipe do exército. E ele teve também uma empresa de barcos de pesca. A gente ficava na praia e eles vinham com os barcos e davam aqueles latões de lagosta, camarão. Então, era assim, parecia que a gente estava fora da nossa região. Ele amava muito. Tanto é que quando ele faleceu, ele deixa escrito que quer que jogue as cinzas dele lá no cajueiro de São Miguel. Sendo que São Miguel ele deu de presente para a minha mãe, na separação. É perto de Quissamã, um lugar muito bonito e selvagem. Ele amava.

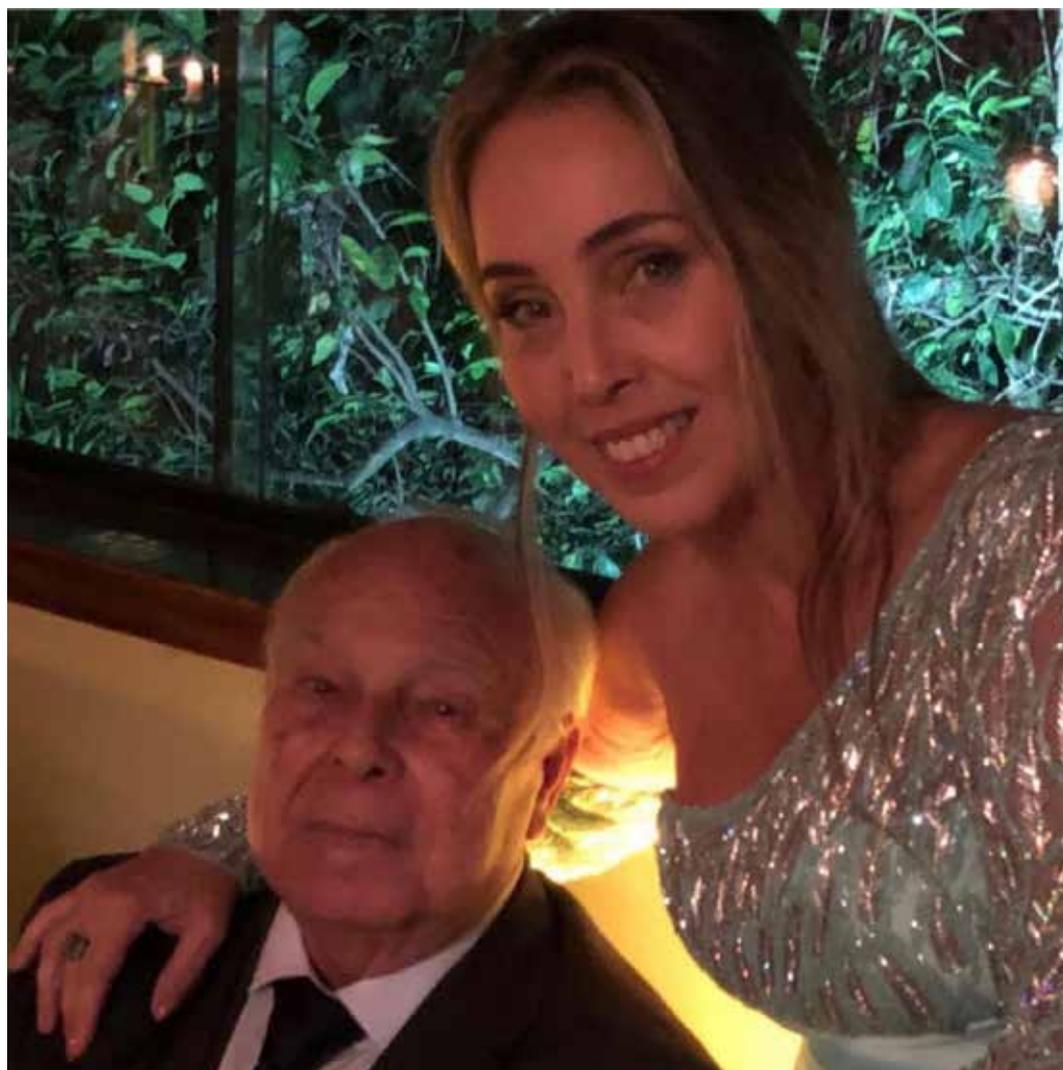
Eu tenho uma passagem com meu pai muito bacana, no dia do golpe militar. 31 de março de 1964. Eu tinha de 4 para 5 anos, agente morava ali no prédio com o Tomé, porque todo mundo morava na casa da CSN e a gente já era diferente. Nós tínhamos vindo de Niterói. E eu fui à padaria na Amaral Peixoto com a babá. Quando saímos da padaria, a Amaral Peixoto estava toda tomada de tanques e soldados. Nós fomos para casa correndo e quando nós chegamos em casa, o meu pai já estava desesperado na janela na varanda do apartamento, vendo todo mundo ser preso, porque o prédio era em frente ao sindicato dos trabalhadores. Todos os amigos do meu pai gritando, berrando e nós passamos o dia inteiro vendo todo mundo ser preso. Fizeram um cordão entre a Amaral Peixoto e a São João, um quadradão e prendiam todo mundo. E dali até uns 20 anos todos da ditadura ele foi muito atuante. E ele compartilhava isso com a gente. Tanto as coisas boas quanto as coisas mais pesadas. Explicava que a gente estava na ditadura. Fazia reuniões em Barra Mansa. Ajuda às pessoas ou a fugirem ou a não serem presas. E levava muitas pessoas para o Furado. Foi tenso. Eu lembro perfeitamente porque ele chegava em casa tão revoltado

com o que estava acontecendo e ele tentava ajudar de todas as formas. E vira e mexe vinha a camionete do BIB e parava em frente da nossa casa e ficava esperando-o chegar para ele dar depoimento. E a gente ficava apavorado. A única que não ficava apavorada era a Andrea. Ela não tinha medo, ela cantava para o soldado, ela fazia piada e a gente chorando e rezando, porque era realmente uma época muito tensa.

O educador era rígido, severo, mas também muito carinhoso. Eu lembro dele muito carinhoso com a minha mãe. Chamava minha mãe de Rô, e de Romi, e me chamava de Russa, Russinha, Gata Russa. Ele era de abraçar, de beijar, de fazer carinho, mas ao mesmo tempo, cobrava. Sempre tem essa dualidade. De ser rígido e carinhoso. De gostar das coisas boas e da humildade. Ele conseguia transitar entre o 8 e o 80 e sem a gente perceber. Muitas das coisas eu me dou conta hoje. Porque quando você é mais jovem você não percebe tudo, todas as informações. Eu até te agradeço pela oportunidade de lembrar essas coisas, é uma catarse.

E ao mesmo tempo que ele trabalhou para o governo ali no cartório, a vida inteira, a gente nem ousava pensar que ele ia ter uma mente tão empreendedora, uma pessoa tão visionária na educação. Uma pessoa que fez a FOA crescer tanto. E eu sinto esse feedback, porque como eu trabalho em Volta Redonda e convivo muito com pessoas, elas chegam e sempre estão lembrando dele, falando alguma coisa boa como aconteceu hoje.

Teve um caso também que eu acho muito bacana dele. Eu fui num almoço de um austríaco que estava morando aqui em Volta Redonda, e lá eu encontrei uma pessoa, uma médica, que eu não conhecia, e falou: você é a Andrea ou a Aline? Respondi: eu sou a Aline. E ela ficou muito emocionada, e os olhos encheram de lágrimas e eu fiquei quieta pois não sabia o que estava acontecendo. Ela era médica dessa família do austríaco e não falou mais nada. Eu durante a semana fui lá na minha mãe e contei que tinha encontrado com essa médica, falei o nome, e perguntei se elas se conheciam, porque ela tinha ficado muito emocionada. E minha mãe falou: conheço, a mãe dela era muito minha amiga, uma cozinheira, e o sonho da filha dela era ser médica. Apesar de muito inteligente não teria condição. Aí eu falei com seu pai para dar um jeito, arrumar uma bolsa para ela estudar medicina. E ela é uma médica de seus 40 anos, bem relacionada. E tanto minha mãe quanto meu pai nunca contaram esse fato. Então o mais bacana é que tudo que fez na vida de caridade nunca falou e minha mãe também não. E isso deixa um legado muito grande para a gente.



Dauro e sua filha Aline



Dauro pequeno e o pônei em 1935



Dauro e sua irmã Nadya no Jardim Botânico - Rio de Janeiro - 1942



Dauro e Nadya em São Miguel de Barra do Furado



Dauro e Nadya em São Miguel de Barra do Furado



Casa do avô do Dauro em Barra do Furado onde abaixo ele está a cavalo com Nadya



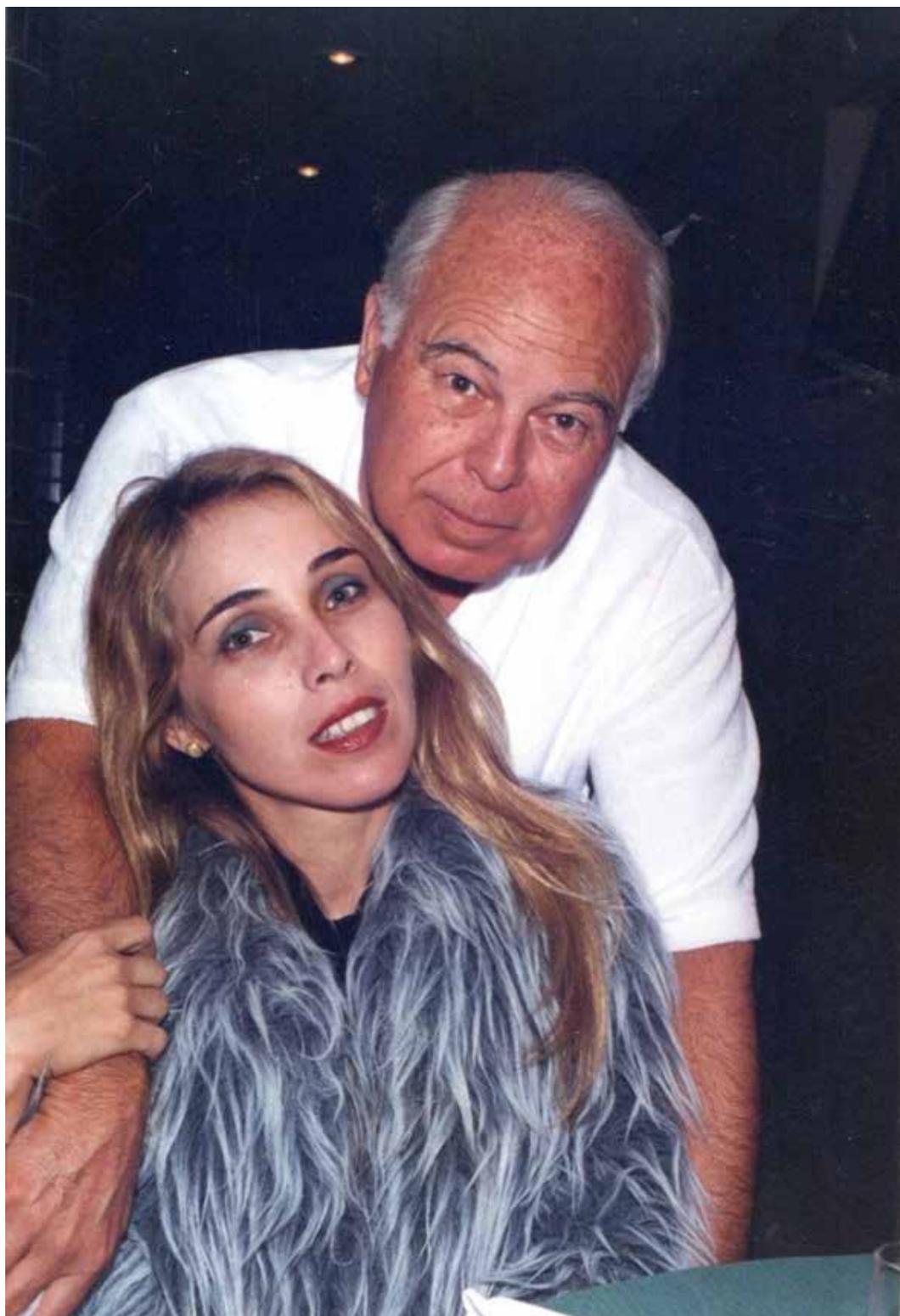
Casa do bisavô do Dauro, Sr. Peixoto, em São Miguel



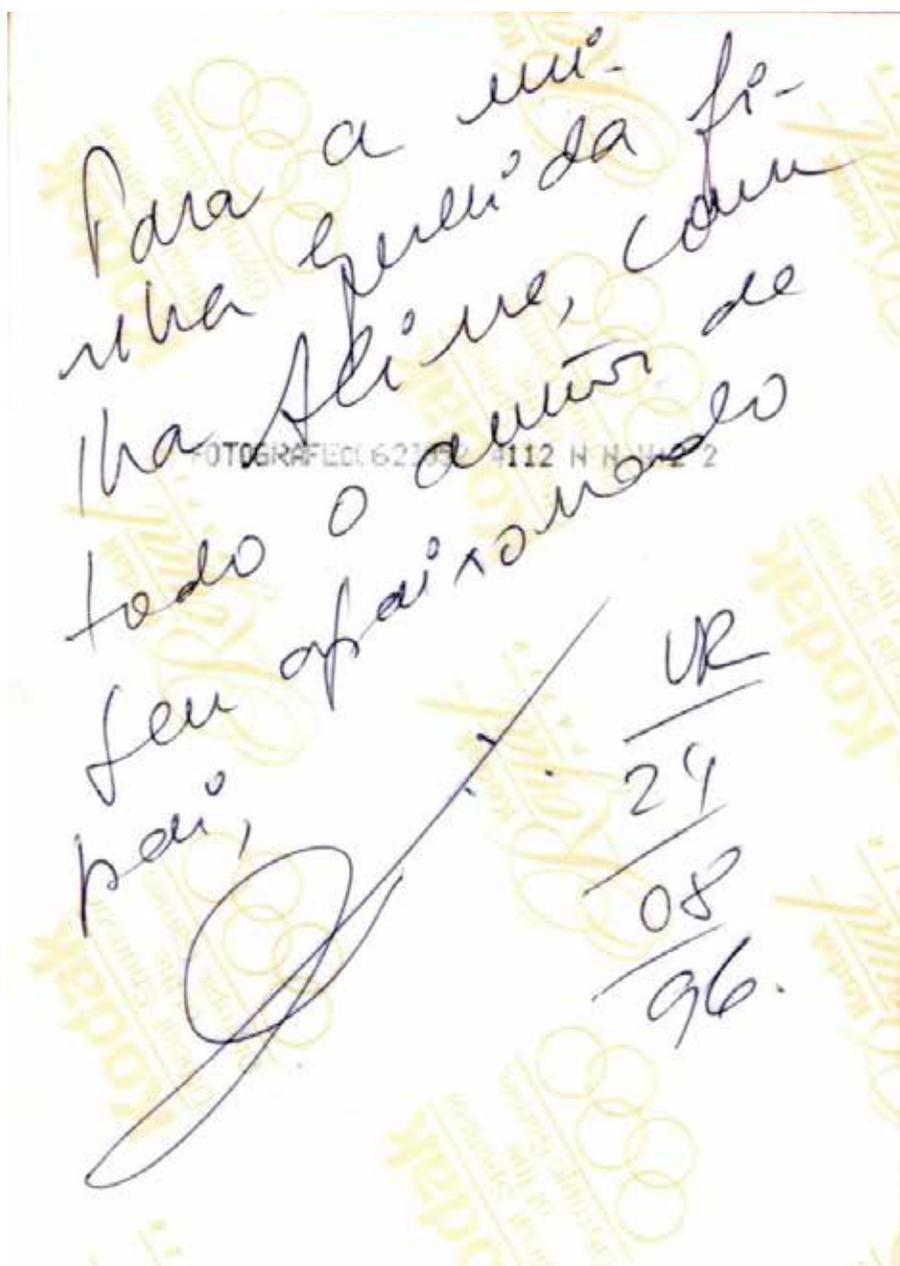
O rio que corta as terras de São Miguel em Barra do Furado



Dauro, Romilda, Andrea, Daurinho e Aline em Barra do Furado



Dauro e sua filha Aline - Essa foto veio com os dizeres reproduzidos abaixo

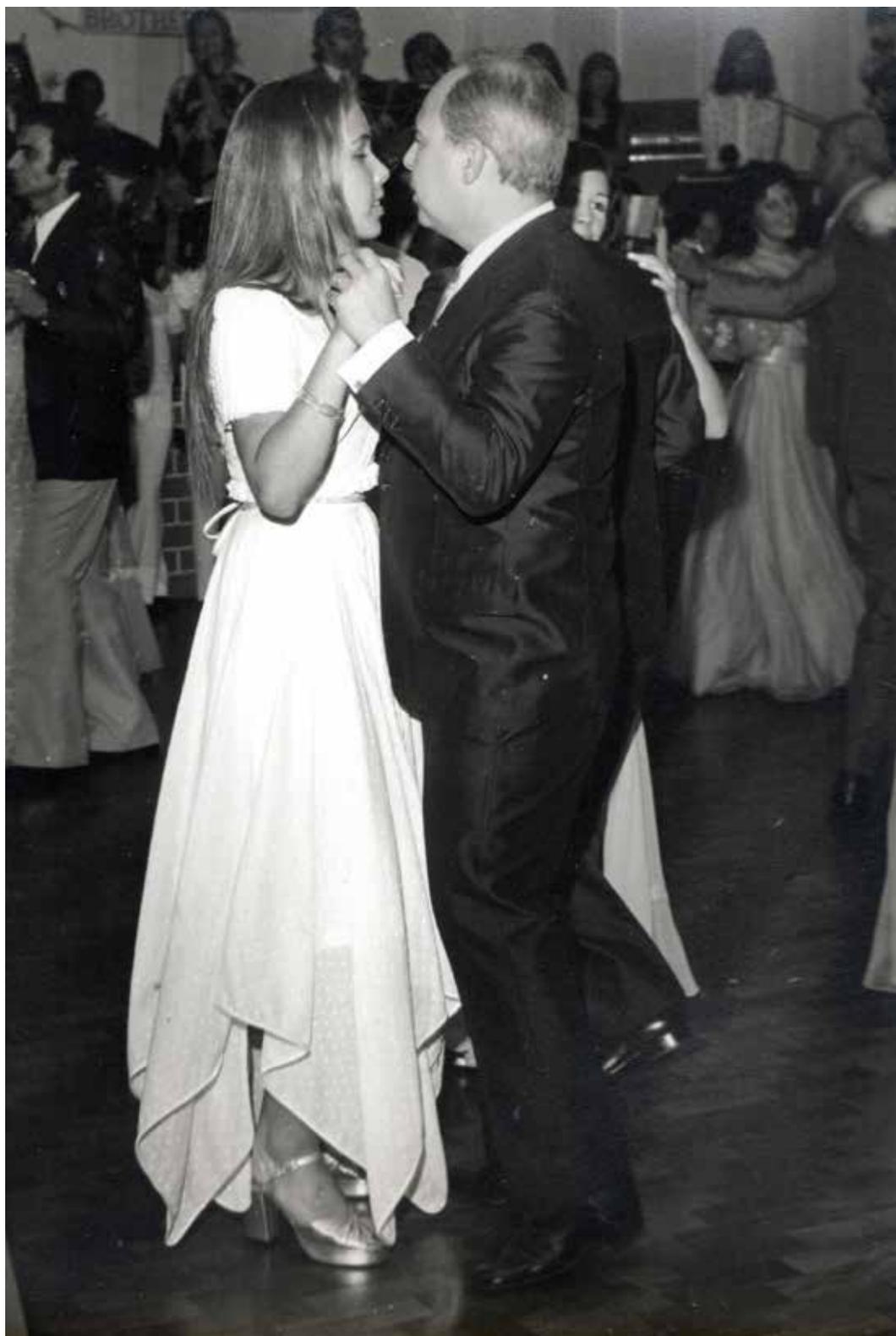


Para minha querida filha, com todo o amor  
de seu apaixonado pai.

Volta Redonda, 24 agosto 1996.



Baile de debutante - 1974 - Clube Municipal de Barra Mansa  
Dauro entra no recinto com sua filha Aline



Dauro e Aline e a valsa



Dauro e Aline debutante aos 15 anos



Dauro e Romilda com convidados no debut da Aline



Brinde aos noivos Aline e Antônio Carlos Couto com o Dauro  
casamento civil na casa de Barra Mansa - 1982



Casamento da Aline com Antônio Carlos Couto - Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Barra Mansa - Dauro entra com a Aline - 1982



No altar no casamento da Aline da esquerda para a direita: Andrea, Dauro, Romilda, Tatiana de dama, os padrinhos desembargador Domingos Sartori e Nilse Sartori Dr. José Pimentel e Sra. Neuse.



Panorâmica do salão do clube dos Funcionários em Volta Redonda onde aconteceu a festa do casamento da Aline com o Antônio Carlos



Dauro e convidadas no casamento da Aline



Dauro e Aline



Aline e Dauro



Dauro e Aline no casamento civil da Bárbara



Dauro com a filha Aline e os netos Igor e Bárbara



Festejando juntos os aniversários! Dauro dia 24 de agosto e Aline dia 25 de agosto.

## Depoimento Igor Aragão Couto

Meu nome é Igor Aragão Couto, sou neto do Dauro Aragão, do primeiro casamento, com a Romilda Collistet de Miranda. No primeiro casamento, são quatro filhos: Andrea, Aline, Dauro e Dario, e minha mãe é a segunda filha, Aline. Eles se divorciaram no começo da década de 80, e meu avô, logo em seguida, se casou novamente. Logo que ele se casa ele tem duas filhas. Nesse contexto desse segundo casamento, as filhas dele gêmeas Maria Teresa e Juliana, a idade é praticamente igual a minha. Nos primeiros anos da minha vida, morando em Barra Mansa, sendo criado pelos meus pais, meu avô não tinha uma vida comum, de um avô comum. Aquele avô que poderia buscar ou levar na escola, quebrar o galho de alguma coisa, ele sempre foi uma pessoa com muitas tarefas, atividades, visando sempre o bem de todos, e tinha uma coisa maior, ele ainda tinha que ser pai, em casa, de duas meninas ao mesmo tempo que eu era neto menino, com a mesma idade. Não tinha aquela presença, aquele contato do dia a dia, justamente por isso. Ele era uma pessoa que gostava muito de trabalhar e ajudar ao próximo, tanto é que ele sai do cartório e vem para a Fundação. Então, mesmo assim, ele não seria esse avô comum.

Fui crescendo. Estudei no Colégio Verbo Divino, colégio que ele estudou, em Barra Mansa, e que meu pai também tinha estudado, e a imagem que as pessoas tinham de mim era que eu era o neto do Dauro Aragão, era como se eu fosse o neto do poderoso chefão. Aquela questão de uma pessoa, na verdade, com muito poder. Só que a gente não tinha essa vivência do dia a dia, tinha vivências no Natal. E eu lembro, eu e o Guga na fazenda buscando essas caixas vermelhas de chocolate, na época da Páscoa.

Quando eu chego aos meus 13, 14 anos, adolescente, eu venho estudar em Volta Redonda, e eu começo a ter muita convivência com ele. Por que, eu estudava de manhã e à tarde, e a Maria Teresa e a Juliana também. Acho até que era a Juliana que estudava no antigo ACAE como eu. Buscava a gente no colégio e almoçava lá, na casa dela, onde nessa época convivi bastante com ele, com a Teresinha, com o Júlio, filho mais velho desse segundo casamento. Convivi nessa época de um jeito com ele que nunca tinha convivido antes. Foi muito bom. Eu aprendia muito. Ele era uma pessoa muito culta e tinha um humor muito inigualável. Ele adorava contar histórias e tinha sim, era impressionante o raciocínio dele para algumas coisas, que a gente para e começa a pensar, eu sempre falo, o aluno que tem dúvida é o aluno que está querendo descobrir o que está acontecendo -, então você fica meia hora pensando sobre aquilo, e se mudar a situação? Você consegue ver uma brecha ali no raciocínio, e você vai perguntar para alguém, quando você chega nisso, ele já tinha essa resposta. Ele era uma pessoa inteligentíssima.

Essa semana mesmo, fui despachar com o Eduardo Prado, e o Eduardo Prado falou alguma coisa e eu disse: você falou igual ao meu avô! Ele respondeu: é, eu aprendi com ele! Então a gente aprendia muito com ele. No almoço com ele era muito legal porque era

muita cultura. Muito entendimento, muito saber o que acontecia. E ele adorava a questão política e ele me contava e eu sempre gostei também de política, desde novo. Tanto é que hoje, até pelo meu cargo, eu conheço bastante políticos, e muitos exaltam meu avô: nossa, seu avô era um cara inigualável! Era uma pessoa muito representativa. Por ser uma pessoa muito popular, às vezes as pessoas não lhe davam crédito, por ser uma pessoa simples, humana e boa.

Eu tenho uma referência de algumas coisas que minha mãe tem, minha mãe trabalha com moda de luxo, e o meu avô, com todo aquele dinheiro, era o contrário. Era simples no dia a dia. Eu lembro aqui na FOA.

Depois que eu passei no concurso, em 2010, eu vim para a FOA, e praticamente toda tarde a gente ia tomar café juntos, eu ia lá na sala dele tomar café, e ele praticamente me deu um passe livre ali. Mas tem a história que eu vou contar. A sala dele era uma sala que tinha um mesão, e durante o tempo que eu ficava lá, tinha muitas pessoas para despachar com ele, e a gente conversava: olha, esse projeto aqui é de não sei quem, essa pessoa está querendo se dar bem. Uma visão assim, muito à frente, e eu, aprendendo. Ele me explicando como funcionam as coisas. Eu entendia. Chegou a um ponto, que a secretária que era a Lúcia, que eu nem precisa falar, eu chegava entrando. E ele, ah! que bom que você veio hoje. Teve dia que estava todo mundo, teve dia que estava somente eu. Mas a gente só não podia entrar na sala quando tinha a luz vermelha acesa. Aí, ninguém podia entrar. Tem uma história, que me contaram à época, não sei se é folclore, mas teve um dia que ele, muito debochado, ele almoçou bem, foi lá, ligou o ar condicionado e ligou a luz vermelha. E pensou assim: vou tirar um cochilo a tarde toda. E deixou a luz vermelha ligada. Deu um bafafá, todo mundo queria saber o que tinha acontecido, e ninguém podia entrar. A Lúcia ficou preocupada e acho que pode relatar isso melhor. estavam querendo chamar médico. Quando abriram a porta, ele só estava dormindo. e ainda falou, gente, não perturbem o meu sono! Isso era típico dele! Essa era uma parte de humor que ele fazia.

Nessas tardes que eu passava ali com ele, ele já presidente da FOA, eu o vi fazer muita coisa mesmo pelos outros. Teve uma vez, que eu não me esqueço, estava só eu na sala e relataram que alguma funcionária bem humilde, bem simples, estava em trabalho de parto em Pinheiral, só que ela precisava de uma UTI Neonatal de um hospital melhor, porque senão ia acabar acontecendo uma tragédia. Alguém entra na sala pedindo isso para ele. Aí ele começou a ligar, chegaram o Dr. Eduardo, o Júlio e o Dario, o José Ivo, o tio Jairo, todo mundo; aquela mesa grande encheu. Ao final, ele conseguiu ligar para o Gotardo e o Gotardo encaixou lá no HINJA e ela foi transferida e foi feito o trabalho de parto. E se não fosse realmente o meu avô fazer esse movimento, a criança ia falecer. Essa pessoa é muito grata até hoje à família e especialmente ao meu avô. E por ironia do destino, parece que a FOA vai adquirir o HINJA. A história parece que são coisas de Deus. Esse dia foi muito marcante para mim. Quando você tem o poder nas mãos e você fazer disso uma coisa positiva, sem nada em troca. Eu ligar para o Gotardo e pedir uma UTI Neonatal lá, eu pedindo para minha filha ou para um prefeito que é amigo meu é uma coisa, agora, pedir para uma

funcionária da limpeza, você sabe que não vai ter retorno com aquilo. O retorno é simplesmente o caráter do ser humano.

Teve um dia, onde essa viagem eu não participei. Teve uma época que ele adorava viajar de navio. Foi um cruzeiro, eu cheguei a ir junto para levar, minha mãe foi com meu pai, Dario, Daurinho, Maria Teresa, Juliana e eu fui. Deve ter sido em 95/96. Foi logo que lançou o plano real, isso eu lembro. Quando você chega no Rio de Janeiro no Porto, antes da alfândega, tem aquele pessoal de uniforme que carrega as malas. Ele foi pegando as malas de todo mundo e eu fui vendo aquilo, era criança, tinha 13/14 anos. O que carregou a mala dele era um senhorzinho, mais velho do que ele, e na hora de dar o dinheiro, ele pegou e deu cem reais para ele. Quando eu vi os cem reais que na época equivalia a uns oitocentos hoje, era um dinheiro alto. Eu fiquei olhando e pensei nossa, é muito dinheiro! Eu perguntei: por que você fez isso? Ele respondeu: olha ele, tem a minha idade e está carregando mala neste sol, a gente tem que ajudar as pessoas que precisam. Eu como garoto adolescente, me deu vontade de carregar a mala! Se eu não ajudar, o que vai ser da vida desse senhor? São algumas histórias que eu pego e mostro como ele era humano, tinha um coração bom e com todo o poder e todo luxo, e do nada ele falava assim: vamos comer uma rabada lá em Santa Rita do Zarur, era um lugar simples e acolhedor, onde ele ficava mais à vontade. Ele não gostava de muita pompa. Ele não era disso.

Outro fato que achei muito legal, foi quando eu passei muito jovem no concurso e eu precisava, na época, dessas formalidades que eles requisitam, de duas pessoas com idoneidade falando que eu poderia assumir o cargo. Ainda existe este tipo de coisa. Na época falei para mim mãe o que vamos fazer? Pedir para meu avô assinar e arrumar alguém lá das amizades dele. Eu fiz tudo que era mais difícil, não vamos cair nessa exigência. Vamos colocar gente importante. Ai a gente ligou para meu avô para falar que eu tinha passado. O orgulho que ele ficou, foi uma coisa! Depois eu vim aqui na FOA buscar a declaração, ele me deu um abraço do tipo foi uma conquista minha também, consegui. Eu o vi satisfeito de uma forma. Eu sempre o vi na atividade, fazendo coisas. Ele sempre foi crítico com a gente, aquele parabéns foi tudo. Foi uma alegria que ele ficou que, toda vez que tinha alguma questão aqui na FOA, alguma reunião importante, por exemplo, o defensor público geral do estado vai fazer um convênio, ele me chamava e fazia questão de me apresentar. Ele tinha orgulho de mim. E eu ver, a pessoa que era, o poderoso chefe quando eu era criança, ter orgulho de mim, para mim era uma coisa, o máximo. Eu atingi uma questão que foge totalmente das questões financeiras, é uma questão de espiritualidade, de orgulho que a gente se encaixa, eu fiquei muito feliz em dar orgulho para ele.

Lá em casa da minha mãe somos quatro. Eu sou o mais velho, depois vem os gêmeos Alexis, chefe do marketing da FOA e Bárbara, procuradora do estado de São Paulo e Yuri, o caçula, que é médico.

Quando minha esposa ficou grávida, fomos morar juntos, montamos a casa, descobrimos o sexo do neném, era menino e eu queria colocar o nome do meu avô, ela bateu o

pé, não quis, e homem com juízo obedece a mulher. Ela fez um pedido muito inusitado na época, falou assim: o sonho da minha mãe é ter um neto chamado Bento. Eu falei: Bento não pode. A Juliana, minha tia, acabou de ter um filho e botou o nome de Bento. Ela disse: eu não ligo. Pensei, ai meu Deus, isso vai dar uma confusão. Vamos ver a reação familiar. Eu achei estranho. Mas colocamos o nome de Bento e quando eu fui contar para ele, ele falou assim: claro que não tem problema, agora a gente tem o Bento primeiro e o Bento segundo. Ele resolveu! E é muito engraçado porque o Bento tem um primo, da mesma idade, que se chama Francisco. Quando junta os dois meu avô falava: olha lá os papinhas! Com o humor dele ele falava sempre sobre isso! Eu não me casei em igreja, não fiz festa, eu gosto de formalidades até certo ponto, eu gosto de intimidade, eu prefiro coisa mais pessoal, por exemplo, fiz aniversário agora e chamei cinco amigos. Minha mãe adora uma festa! Eu já não.

É impressionante, quando eu encontro políticos mais velhos, ex governador, me para e fala assim: eu nunca vi um cara igual ao seu avô, tão inteligente. Realmente, conviver com ele era aprender muito.

Meu avô era família, apesar de ele ter muita tarefa fora de casa, ele era muito família, ele gostava de momentos família. Ele tinha umas coisas dele que eram muito engraçadas, que eu vejo que eu tenho e eu morro de rir. Por exemplo, quando gosta de uma música a gente só escuta aquela música, a gente fica o dia inteiro escutando aquela música. Ele tinha uma fita, isso foi uma história que minha avó contou para mim, do Roberto Carlos no carro, tocando “emoções”, só tinha emoções gravada! Ia daqui ao sul só escutando emoções! Eu sou assim, ai me falam, mas você só escuta essa música? Eu me dou conta que sou igual ao meu avô, a gente puxa coisas do DNA. A mãe dele teve dois filhos, tia Nadya e ele, ai você de onde saiu tanta gente de uma pessoa só. Ele faz três casamentos, sete filhos, netos e bisnetos.

Eu tenho uma relação boa com todos.

A avó Romilda, a Bida, a primeira mulher dele, eram seis irmãos, filhos de um alemão que na guerra fugiu para cá e botou o nome dos filhos todos com R. Romilda, Regina, Rosa, Rogério, Romeu e Ronaldo. Minha avó Romilda era a mais velha e se casou com o Dauro no seu primeiro casamento. Ela me contou uma vez que meu avô queria namorar ela, mas ela na época era muito diferente, não queria dar muita bola, e ela estava quase namorando um cara que virou médico depois, e que meu avô escreveu uma carta para ela e para o médico terminando o namoro dos dois e obrigando a ela namorar com ele. E assim ficaram pelo resto da vida. Naquela época o Santa Rosa era um fazenda, da família Junqueira. Quando eles se casaram, moraram em Niterói. Meu avô saía para trabalhar, depois que largou a medicina, num pequeno cartório e ela me mostrava as ruas que percorria, quando fiquei lá estudando para o concurso, que ela andava até a praia com Andrea pela mão, minha mãe Aline no colo e Daurinho na barriga. Depois que já estavam maiores, vieram para Volta Redonda, e depois para Barra Mansa, na Estamparia. Nessa parte da

Estamparia morava toda a política de Barra Mansa. Os Chiesse, os Drable, todos amigos de infância, gente simples. Quem está de longe vê outra coisa. A casa da Estamparia para os filhos do primeiro casamento é muito marcante. Do segundo casamento tem o prédio do Tomé, que é um marco em Volta Redonda, aquele prédio do Aterrado, tinha quatro ou cinco andares e só moravam ele mais uma pessoa. Com segurança, garagem privativa, parecia coisa de filme.

Outro momento muito triste, mas muito marcante, foi a perda do filho da Andreia, e foi um momento muito difícil para mim. Eu nasci em 23 de fevereiro de 1983 e o Augusto César, o Guga em agosto de 1983. A nossa diferença era de seis meses. A gente era primos gêmeos, parecidos, e as mães nos vestiam igual. Todo mundo achava que a gente era gêmeo. Em 2001, quando ele faleceu no acidente de carro, para mim foi muito difícil. Eu perdi o amigo, um irmão, primo. Como foi uma questão que envolveu a pessoa que estava dirigindo o carro, alcoolizada, drogada, eu perdi a minha bússola. Tenho dificuldades na minha vida por isso. Só que no dia do velório, eu lembro como meu avô se comportou. A missão dele era unir uma família enlutada e ele consegue explicar para a tia dele, que era a Niceia, que adorava a gente, e ele consegue confortar, eu tinha 18 anos e ela uma senhora de noventa e tantos e ele consegue, matando no peito, toda aquela situação. Eu gosto muito de estar com a tia Andrea, afinal é como se eu estivesse perto dele e ela também. Naquele momento você via que ele estava segurando todo mundo. Tinha gente chorando, gente com raiva, gente que não tinha caído a ficha, e ele tendo que segurar aquela bomba toda na mão, e foi resolvendo. O luto foi muito grande, Foi preciso uma mudança. Tatiana foi morar em Niterói. Nessa parte ele era muito forte. Ele tinha uma casca ali. Ele conseguiu fazer uma casca de proteção na família, para a gente sofrer o menos possível. O luto tem várias fases e quando as pessoas param de visitar a sua casa, e você começa a ficar sozinho, ele abraça agente de uma forma única.

Muita gente tentava se aproximar dele pela gente, político que quer um apoio, e eu na inocência ia conversar com ele, e ele sabia e dizia, esse cara aí é pilantra, fica longe. Ele explicava a situação e a gente começava a entender. Ele contava histórias e a gente dizia, é, ninguém passa a perna nesse homem não. para passar a perna nele, ele sabe que está sendo passada e ele está deixando acontecer. Eu li uma vez num jornal sobre ele assim: um visionário da educação. Realmente, como ele consegue ver as coisas lá na frente, o que vai acontecer. Com o próprio Eduardo Prado ele viu o potencial dele para ser o que ele é hoje, presidente da FOA no lugar dele.

Outra coisa que ele contava eram histórias da época da ditadura. Meu avô falava uma frase, que o Eduardo repete muito inclusive, “meu partido é a FOA”; entra governo, sai governo, a gente tem uma boa relação, saudável, legal, desde que seja bom para a FOA. Na Procuradoria eu sempre falo que ninguém é chefe de ninguém, você está chefe. E com isso você sabe que tem que manter uma estabilidade.

Outro momento que meu avô teve um orgulho muito grande foi quando, na Procuradoria eu fiquei primeiro em Porto Velho, depois Guaratinguetá e consegui a promoção para Volta Redonda, fui convidado para ser chefe da procuradoria em Volta Redonda. Na época, a Procuradoria de Volta Redonda ficava num andar de um prédio do INSS, em Barra Mansa, para você ver como o negócio era largado. Eu resolvi fazer uma Procuradoria que precisa ter uma sede direita. Licitação para lá e para cá, tinha o prédio ali na Amaral Peixoto, em 2018, e tive que convidar meu avô para a inauguração, mas tinha que convidar os presidentes das outras instituições, pois afinal eu era imparcial. Fui até ele e disse: vim aqui te convidar como neto tá, você não vai como presidente da FOA não, vai como meu avô Dauro, se não as outras instituições podem mandar ofício etc. Ele respondeu: muito obrigado pelo convite, vou te resguardar nessa, parabéns! Deu os parabéns e falou que não ia, para me resguardar. Ele sabia que ia representar a FOA e que iriam falar: olha lá, convidou a FOA, que o avô dele é presidente, aquilo que o povo fala.

Eu estava no terceiro ano do Colégio Verbo Divino, aula de história, e o professor era o Lino, professor muito culto, e sabem como as coisas aconteceram, só que ele era um pouco mais revoltado que a maioria. Estava falando da exploração do Brasil pelos portugueses, e falou: vocês estão achando que isso é coisa muito longe que aconteceu, não é não, aqui na região é assim também, tem quatro donos, fulano, sicrano e Dauro Aragão. Ai eu fiquei parado, uma amigo meu que sabia me cutucou, ficou aquele climão na sala de aula, acabou a aula o professor veio me pedir desculpas e disse assim: eu não sei se você é da parte pobre ou da parte rica da família, eu falei não tem problema não, dá a sua aula. Não adianta, a gente carrega isso do sobrenome. Tanto para o bom, quanto para não, e a gente tem que saber conviver com isso.

Mudando de história. Quando ele foi internado, não dessa última vez, antes, acho que foi 2017, ele foi para a Unimed. Turrão daquele jeito, dizia que queria ir embora para casa, não vou ficar aqui, aí o Dr. Jaime Veras, coitado, escutava todas dele, conseguiu convence-lo e ele aceitou dormir lá no hospital. Ai tinha que ver quem que ia dormir com ele. Eu disse que ia dormir. É bom que sou homem, se precisar de alguma coisa, estou aqui. Eu sentava ali junto dele, via televisão, ia mudando de canal, conversava bastante sobre política, e foi passando a noite. Quando deu 4 horas da manhã ele disse que não queria mais ficar ali. Ligou para o Eduardo Prado, eram quatro da manhã, falei, você vai acordar o Eduardo. Eu sou seu neto, temos uma relação ótima, sou uma das poucas pessoas na vida que você nunca teve um problema. Você sabe disso. Eu te respeito e você me respeita. Não vamos ligar para o Eduardo agora não. Ele disse: meu filho, se você quiser continuar a não ter problema comigo, me dá esse telefone. Ponderei ligar às seis horas da manhã para o Eduardo, o médico passa para ver como ele está e nós te tiramos daqui. Às seis da manhã ligou para o Eduardo, seis e meia Eduardo estava lá, tiveram que manter mais um dia ele no hospital, eu passei o bastão, se quiser volto à noite, mas agora estou indo. E foi uma briga, ele queria tirar o tubo, não queria comer.

Teve um episódio que é muito marcante. Ele adorava quando todo mundo estava junto, mas era difícil juntar todo mundo! Mãe dele inclusive. Um ato que marca todo mundo mesmo foi o aniversário de 100 anos da Gagui, minha bisavó, mãe dele. Estella. Ele faz um aniversário lá em Niterói para ela. Juntou a mãe Estella, a irmã dele Nadya. Nessa festa de 100 anos ele consegue juntar todo mundo: a mãe, a irmã, as três esposas, todos os filhos, netos e bisnetos. Momento único.



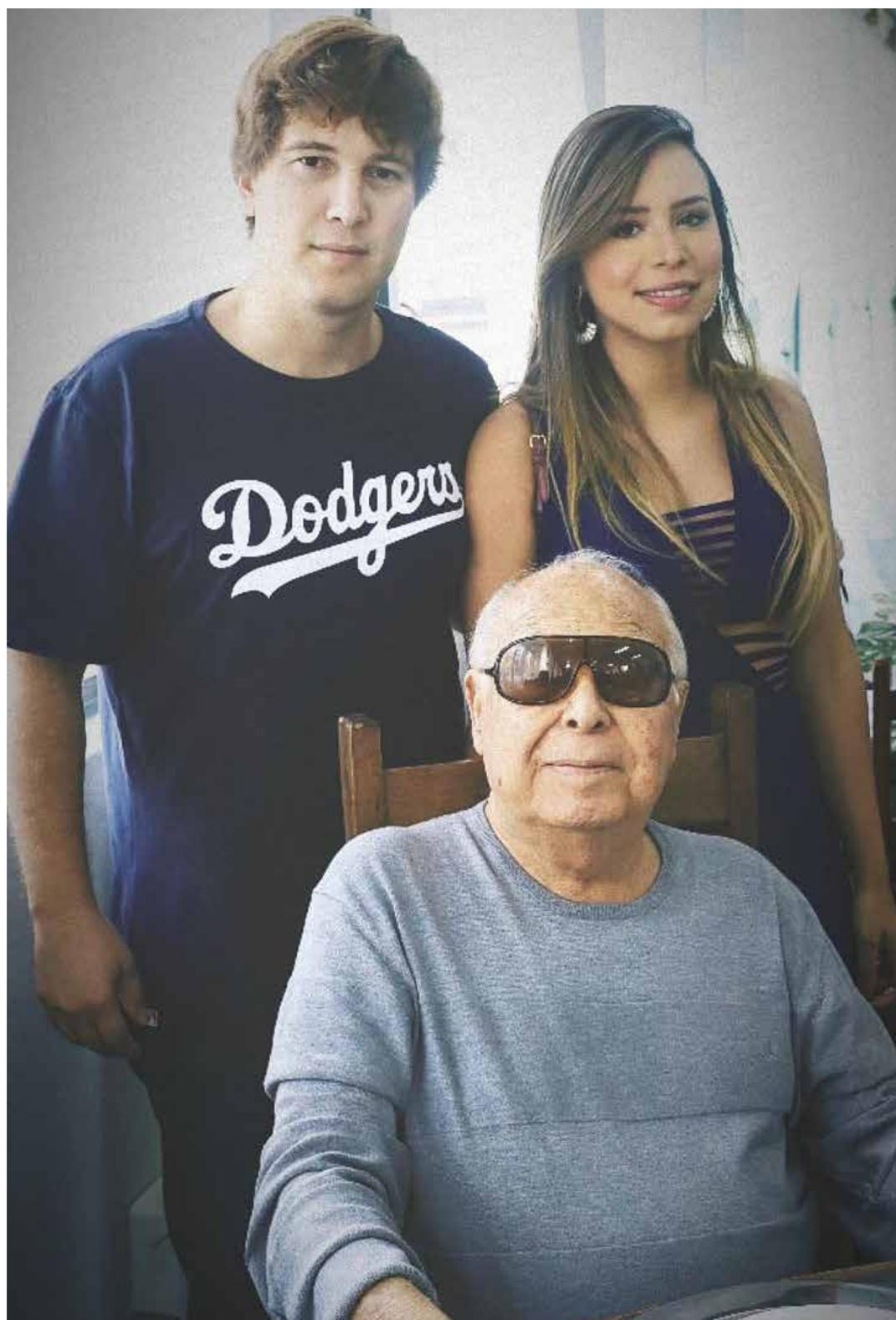
Igor adolescente e o avô Dauro



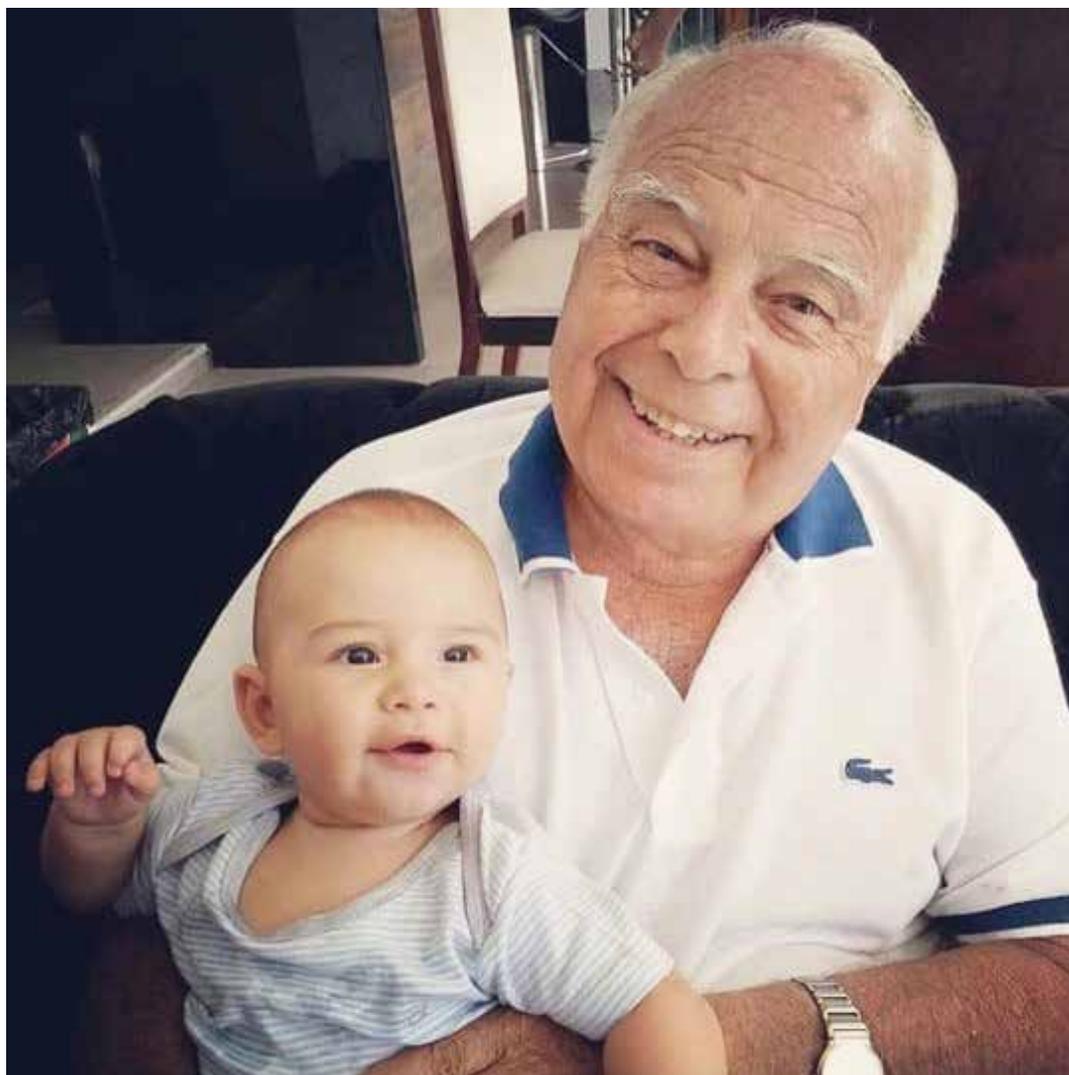
Igor pequeno no Edifício Itaocara I - Santa Rosa - Barra Mansa



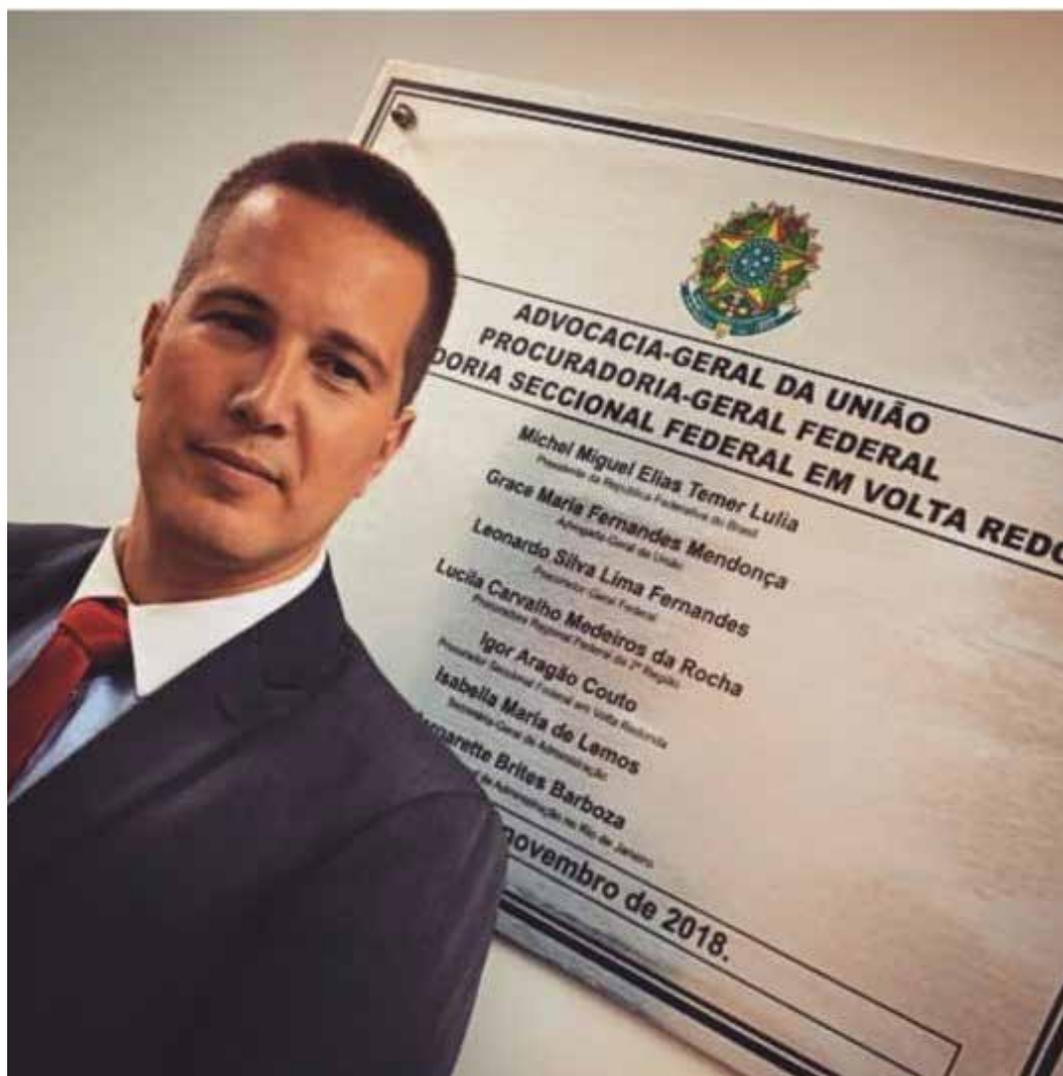
Dauro feliz com a filha Aline e os netos Igor e Bárbara



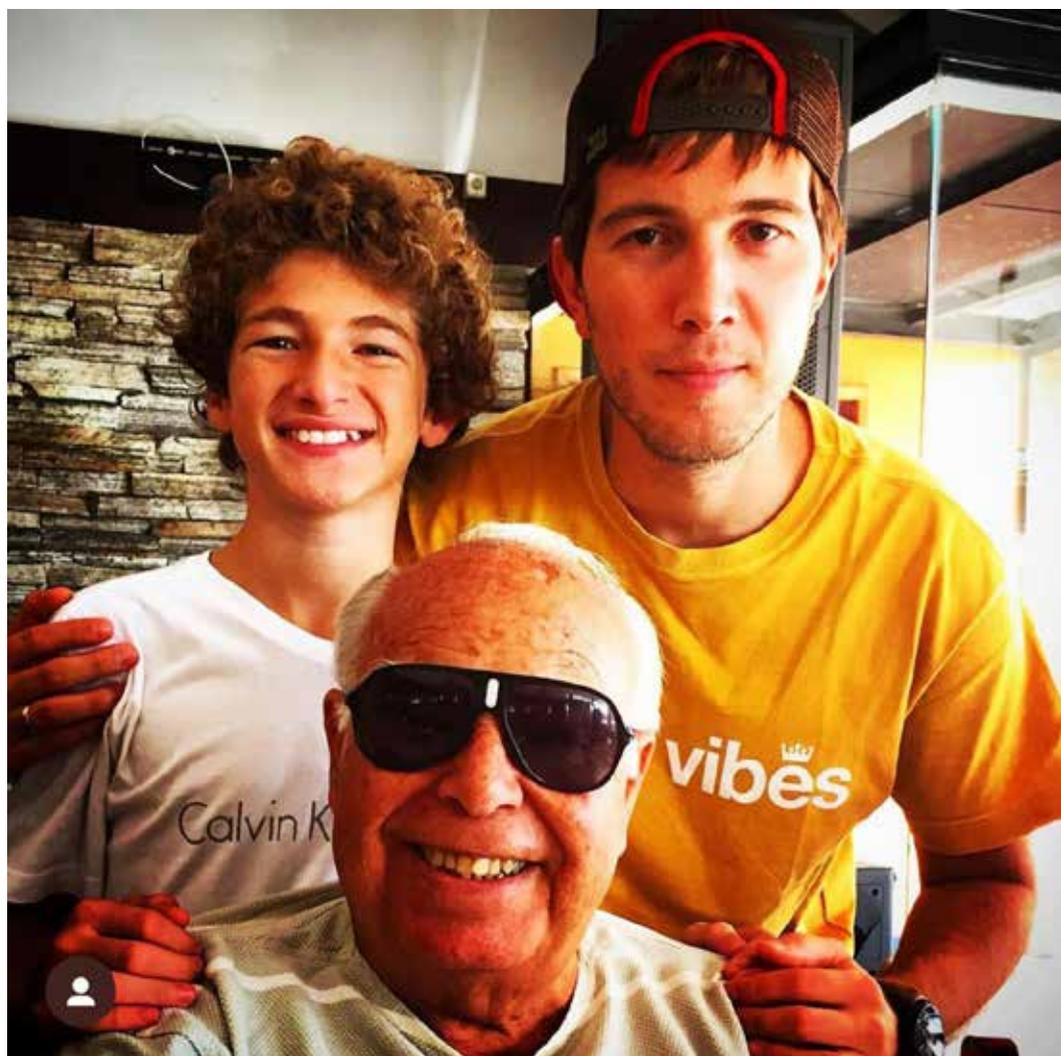
Dauro com Igor e Marianne



Dauro com o bisneto Bento, filho do Igor e da Marianne



Igor Aragão Couto - Procurador Federal em Volta Redonda – RJ



Dauro com o neto Igor e o neto Pedro, filho de Dauro Júnior e Renata



Dauro em família - Da esquerda para a direita: Dario, Júlio César, Dauro, Dauro Júnior, Yuri, Alexis e Tatiana Sentados: Marianne, Igor e Andrea



Dauro ao centro com Igor, Alexis com Bento no colo, Dario, Marco e Paulo Gaúcho

## Depoimento Alexis Aragão Couto

As minhas primeiras memórias do meu avô começam quando eu era muito criança e passageiras, porque não era de conviver no dia a dia. A minha mãe morava em Barra Mansa e tinha menos contato e meu vô era um homem muito atarefado. Eu me imagino hoje com um filho, trabalhando, o trabalho que dá. Imagina o meu avô com sete filhos e duas ex esposas e uma esposa.

Eu lembro das idas na casa do avô Daurão, sempre no aumentativo no tom do poder ali. A primeira passagem que lembro, muito jovem, é indo no apartamento dele no Aterrado e sempre a gente ficava com as gêmeas, que tinham idade próxima. A ida que me marcou bastante foi quando eu devia ter uns seis anos, mexendo no computador das gêmeas, a gente colorindo algumas figuras, era um programa que a gente pintava e coloria as figuras, enquanto minha mãe e meu pai ficavam conversando na sala com meu avô. E ele se divertia nesse ambiente mais para as crianças. Essa ida do computador é das primeiras memórias que eu tenho.

A segunda passagem eu lembro na casa da minha avó hoje, que era a casa do meu avô no Santa Rosa junto com a minha avó e ela mora lá até hoje. Foi uma visita dele, que nessa ocasião ele já estava com a Sonia, e eu lembro dele, que fumava muito um cigarro fininho, Camel. primeira vez que tinha visto isso, e a presença dele sempre muito marcante. Todo mundo se preparando para receber o Daurão, rodeado ali de todo mundo, conversando.

Uma das maneiras que eu conheci meu avô, mesmo ele estando distante, era por meio da minha mãe, que contava as histórias dela enquanto criança. Sempre contava como era a casa dela, as histórias com a mãe dela, meu avô como ele fazia, as relações que existiam ali. Ela ia contando esses detalhes da vida dela. E minha mãe teve uma criação de uma família com um pai que tinha dinheiro, cultura, e até hoje, eu a chamo de réplica de tudo que ela aprendeu quando criança. Por exemplo, vai fazer um jantar lá em casa e até hoje ela arruma tudo e deixa tudo organizado nos mínimos detalhes. Ela arrumava os copos e dizia: na casa do meu pai a gente recebia muitas pessoas de fora, influentes, então tinha que ser tudo arrumado e organizado. Ela ainda passa isso para a gente conforme era com o meu avô, que fazia muitos eventos na casa dele fez com que minha mãe aprendesse muito como que era receber as pessoas. Ela tem e repassa esses costumes herdados do meu avô.

A mesma coisa era a minha avó, Romilda, com a qual a gente tinha mais convívio. Ela sempre contava as histórias do meu avô, como é que era a vida com ele e passava isso para a gente. Ela falava: na época do Dauro era assim, as crianças tinham que ser muito bem arrumadas. E a mesma coisa com meus tios Daurinho, Dario e Andrea que conta-

vam as histórias deles quando crianças. Então, uma das maneiras que eu, já adolescente, aprendi muito sobre o meu avô, foi com as histórias deles.

Enquanto criança, nessa fase bem jovem, sempre eram as idas e os encontros com o avô Daurão, ou na casa do avô Daurão, em que os adultos conversavam bastante, enquanto as crianças participávamos de ambientes com mais crianças. Mas essas duas vezes, tanto no apartamento do Aterrado, quanto na casa da minha avó, foram bem marcantes, onde me lembro com mais detalhes do dia e das ações.

Já um pouco mais velho, as passagens com meu avô começaram a se tornar mais frequentes quando eu comecei a fazer faculdade na FOA. Em 2007, iniciou o curso de Publicidade e eu sou da primeira turma, formado em 2010 e ali começou meu maior contato. Estudando na FOA eu costumava ir à tarde na sala do meu avô, ainda muito jovem nos meus vinte anos, ia lá na sala do meu avô, tomava um café, acompanhava o tio Dario em algumas conversas, em alguns encontros com o Eduardo, mas acompanhando muito pouco.

Durante a faculdade, quando eu entrei para ser estagiário na rádio, que começou em 2009, aí eu comecei a participar mais. No dia em que meu avô inaugurou a rádio, lembro com detalhes, a fala dele, as ações da inauguração da Rádio FOA. Nessa época eu comecei a me envolver mais, porque já estava no final do curso e aí sim, eu falava algumas coisas da rádio e comentava também sobre publicidade e já participava mais das ações do marketing; mas ainda pouco entrando em conversas profissionais e de trabalho, mais questões de família.

Muitos dos meus encontros com meu avô, quando não eram reuniões pelo marketing, pelo meu trabalho, que eu separava demais, eu ia lá como neto. Nessa fase comecei a me aproximar mais dele. A partir de 2009, eu comecei realmente a conviver ali no dia a dia, alguns dias na semana, e a conhecê-lo mais a partir dessas idas, porque até então era ou vó Daurão, quando eu era criança, ou era uma figura mais distante pela própria rotina de trabalho del. Então, a partir dali que eu comecei a me aproximar mais do meu avô e conviver mais com ele.

E nessas idas da tarde, tomando café, a gente trocava histórias de família e era o momento do avô conhecendo mais o neto, apesar de tantos outros netos e filhos, mas era ali que eu contava as coisas da minha mãe, minhas, de viver, de família, de irmão. Eu conversava muito com a tia Nadya, adorava ligar para ela, e agora mais no final, mandava foto e WhatsApp, ria das coisas dela. Sempre aproveitava para trocar umas figurinhas com a tia Nadya e depois levar para ele, que não era tão adepto de celular. Ele sempre muito atencioso com as coisas que eu contava para ele na escuta dele dessas histórias familiares. Desde 2009 até 2019/2020, que a gente conviveu bastante, nessa vida agitada, sempre contando histórias da vida ou de família e aproveitando isso.

Eu tive maior proximidade com meu avô nesses últimos doze anos de vida dele. E esses momentos foram aumentando a medida que a intensidade do trabalho aumentava também, na FOA, com minha participação maior, então a minha rotina se encaixava mais no dia a dia de trabalho do meu avô, no qual a gente participava mais. Claro que a ida ali de trabalho se estendia por algumas horas e ali terminava com Dario, Eduardo, Júlio, a gente sentado conversando.

Uma das maneiras na qual eu passo a conhecer muito meu avô e aprender com ele é por meio dos jargões e bordões que ele deixou na FOA. Porque muitas pessoas muitas pessoas que estão ali conviveram com meu avô muito mais tempo do que eu. Hoje eu estando na Fundação num cargo mais acima, participando de decisões estratégicas, me pego muito em reuniões no qual o Eduardo resgata muito as memórias do meu avô, as histórias e os bordões. Vários momentos o Eduardo acaba dizendo assim: nessa ocasião o seu avô diria o seguinte - e nesse momento temos as frases que mais têm dele - uma clássica, por exemplo, "ideal é marca de palmito", porque no dia a dia sabe que entre o planejado e o realizado existe muita diferença. Às vezes as coisas iam acontecendo de maneira não prevista e não conforme o combinado e quando chegava para ele tomar uma decisão, ele dizia: olha, ideal é marca de palmito. Segue em frente. Eu preciso começar, ir em frente, depois a gente vai ajustando, não se preocupa com esse detalhe. Era uma maneira da própria gestão dele repetir isso.

Outra frase dele muito marcante era: todo mundo é honesto, mas lá se vi meu guarda-chuva. Ou seja, filho feio não tem dono. As coisas vão acontecendo, ninguém é dono de nada, ninguém é responsável por nada, mas no final o problema continua lá e ninguém resolveu. Ao ouvir muitas pessoas ele costumava dizer isso.

Outra frase dele era: bate na cangalha que o burro entende. Essa não precisa nem explicar! Mas era mais uma de suas frases.

Ele dizia: se eu não for para o céu tem sacanagem nisso aí. Mostra isso que ele resolvia as coisas, fazia, e no final se "eu não for pro céu" depois de tudo que fiz aqui, tem tramoia, tem sacanagem.

Eu tenho uma passagem com meu avô, em 2019, a pouco tempo ele tinha voltado para a FOA, onde esteve afastado por conta de questões de saúde, e aí, em torno de umas duas semanas indo trabalhar, do mesmo jeito firme e forte, parava o carro, ele descia, deixava a pasta, o pessoal recebia, todo aquele rito de entrada e rito de saída, sempre emblemático, descia arrumado, postura, cabeça levantada, óculos no rosto, aquela cara de comandante, escondendo qualquer fragilidade, esse era ele, sempre muito imponente. E nessas idas para a FOA, eu o recebi lá embaixo, subimos para a sala dele, tomamos café e nesse dia fatídico, tio Jairo estava também voltando para a FOA, porque também esteve afastado por conta de uma situação de saúde, e aí o Jairo não estava andando direto, estava na cadeira de rodas, se reabilitando, e nesse dia estavam Eduardo e Dario na sala também. Muito tempo sem ver o Jairo - ele vivia sacaneando o Jairo - o Jairo entrou tra-

zido pela Lúcia, eles olharam um para a cara do outro, com emoção e alegria de “ainda estamos aqui, meu amigo”, os dois emocionados. Foi um momento feliz para eles desse reencontro e se via em sua fisionomia o quanto ele estava alegre naquela tarde. Esse encontro foi muito marcante.

Uma das maneiras que eu conheci meu avô foi por meio das histórias contadas pela Bida, por minha mãe e pelo Dario. Conheci muito meu avô por meio de outras pessoas. Pelo pouco convívio que eu tive enquanto criança, sempre conhecendo ele por meio das histórias que contavam sobre ele.

Meu último encontro com meu avô foi no seu velório. Um dia muito triste, acompanhando e tentando ajudar no que eu poderia, uma angústia porque eu descobri que ia ser pai no dia 17 de janeiro de 2021 e no dia 17 de fevereiro de 2021 meu avô faleceu. Eu tinha uma vontade que meu filho pudesse conhecer o bisavô Daurão, pelo menos vê-lo uma vez. Mais pela alegria do meu avô do que pelo meu filho, que não entenderia pela diferença de idade. Quase noventa anos de diferença de um bebê ainda na barriga. Olha a distância do tempo. E no velório eu não poderia contar para ninguém, porque era uma situação de despedida e viver essa angústia de ao mesmo tempo estar esperando alguém chegar na família e ao mesmo tempo estar me despedindo de alguém. Lembro na ocasião só contar para minha irmã gêmea, a Bárbara, muito amiga, muito próxima, e pedi para não contar para ninguém até que eu pudesse, posteriormente, contar.

Por fim, eu quero fazer uns agradecimentos. O primeiro especial à Maria Cecilia Gama, que orquestrou esse livro e que apesar de todos os desafios de ir atrás de todas as famílias e todo o processo e conseguir; por ser uma história muito recente ainda, a perda do Dauro, pelo impacto que a ausência dele causou. Ao Eduardo Prado por ajudar na elaboração do livro e tornar a realização dele possível, e a todo o carinho que ele tem com meu avô, inúmeras vezes em reuniões, quando estou com o Eduardo, ele faz referência ao meu avô e agradece atrás desse saudosismo todo de quem conviveu muito tempo. Então meu agradecimento especial a vocês dois. E a todos os outros que puderam trazer esse registro de memórias do meu avô e que a história dele pudesse perdurar por mais tempo aqui nessa lida.



Dauro entre Xayane Azevedo e Alexis Aragão Couto - Festa da FOA



Heitor filho de Xayane e Alexis o bisneto que Dauro não conheceu



Dauro e seu neto Alexis na FOA



Dauro e seu neto Alexis - Em cerimônia no auditório William Monachesi na FOA



Dauro entre Eduardo Prado e Jairo Jogaib. Em pé: Júlio César Aragão, Dario Aragão Neto e Alexis Aragão Couto



Dauro em seu aniversário - 24 de agosto de 2010



Dauro discursa no Campus Olézio Galotti - Aniversário da FOA - 18 de outubro de 2011

## Depoimento Bárbara Aragão

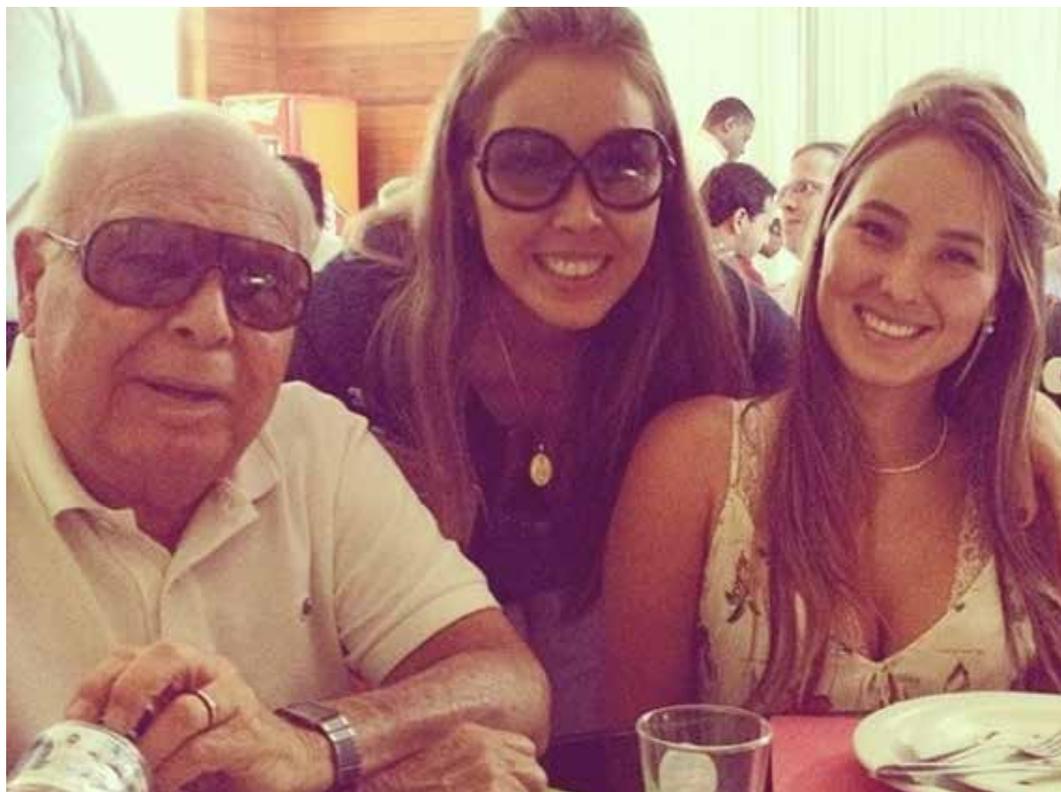
O meu avô sempre foi uma pessoa muito inteligente, tinha foco no que era para ser resolvido, e, acima de tudo, muito brincalhão. Essa característica foi herdada por grande parte da família, e agradeço por ter herdado também. Fazer com que a vida se torne leve.

Um outro atributo que admiro e que até hoje me norteia, é a coragem. Não ter medo de correr atrás da própria felicidade, de mudar o caminho, de conhecer o novo. Ter coragem de bancar seus sonhos. Por conta da história dele, do modo como ele levou as coisas, tenho isso muito forte dentro de mim. Esse ensinamento é raro, e talvez seja o maior legado que alguém pode deixar.

Falando de situações marcantes, lembro de quando nos vimos após eu ter passado no concurso para a Procuradoria do Estado. Foi em meados de 2013. Ele estava sentado, fui até ele, ele me abraçou, botou as mãos no meu rosto e disse “Que orgulho, minha querida, que orgulho”, todo feliz, uma felicidade que fugiu da normalidade, do ordinário do dia a dia. Não sei o porquê, mas nunca esqueci essa cena. Talvez por eu ter me espelhado muito nele nessa questão da profissão. Mesmo sendo um patriarca, o sentia feliz quando via as mulheres da família - filhas, netas - progredindo em suas vidas profissionais.

Também lembro muito dele em meu casamento civil. Resolvemos fazer a festa do casamento civil em casa, como forma de manter a tradição da família. Meu avô tinha feito a festa de casamento da minha mãe assim e quisemos nos espelhar, usando os objetos, móveis e louças de família, músicas que ficaram marcadas na nossa história, etc. Outra razão era que ele não poderia ao casamento religioso, e fiz questão de ter a família toda unida nesse momento. Foi uma noite de muita emoção e risada. Ele se sentou na mesa dos avós e passei bons momentos ouvindo as histórias antigas, regadas a política, que é uma paixão que também compartilho.

Ainda falando de momentos marcantes da vida, já no ano de 2020, em plena pandemia, aconteceu algo que considere uma coincidência intrigante. Eu estava grávida de oito meses, e minha filha Sofia se antecipou. Fomos ao hospital às pressas, em plena pandemia, com todo o receio. Hospital cheio, aquela confusão. Após o parto, por questões de logística do hospital, fiquei numa ala diferente da maternidade e, após estarmos instalados, fomos avisados de que meu avô, então um pouco adoentado, estava internado no quarto ao lado. Em plena pandemia, essa ‘coincidência’ foi algo que nos possibilitou manter contato, já que na época era vedada a entrada de visitantes no hospital. Foram poucos dias ali, uns dois, três, mas suficientes para colocá-lo ali, presente, em mais um momento importante de minha vida.



Dauro e sua filha Aline e sua neta Bárbara



Dauro com a filha Aline e os netos Bárbara e Igor



Casamento civil da Bárbara - Romilda e Dauro com a neta Bárbara Aragão Couto



Dauro sentado ladeado por Aline, Igor com Bento no colo e sua esposa Marianne e Bárbara ainda no casamento civil

## Depoimento Yuri Aragão Couto

Meu avô foi mais do que apenas uma figura familiar; ele deixou um legado muito importante e foi e é uma fonte constante de inspiração em todos os aspectos da minha vida, como avô, empresário e ser humano.. Lembro que sempre que sentava com ele na mesa o riso era certo, contava muitos fatos que viveu durante período da ditadura, sobre amigos e familiares.

Embora meus pais fossem engenheiros civis, meu coração sempre bateu pela medicina. Quando descobri que meu avô havia começado o curso de medicina, mas não pôde completá-lo devido às circunstâncias da vida, tive ainda mais certeza do caminho que seguiria.

Apesar de suas múltiplas famílias e compromissos, meu avô sempre encontrava um tempo para reunir um pedaço da família, seja para um almoço descontraído de domingo ou sair para jantar ao som de jazz ou blues em Penedo. Foi durante um desses almoços que ele me deu um conselho que abriu meus olhos em relação a minha carreira médica.

Quando mencionei meu interesse em anestesiologia, ele me disse: “Não faça isso. Tenha seu próprio consultório. Você tem seu nome, e um consultório traz não apenas estabilidade financeira, mas também qualidade de vida. Com anestesiologia, você estará preso aos plantões e confinado ao hospital. Não cometa esse erro!”

Essa simples conversa teve um impacto grande, influenciando minha escolha de especialização e moldando minha jornada profissional.

Agradeço profundamente ao meu avô Dauro por todos os ensinamentos, principalmente sobre caráter, generosidade e lealdade que ele gentilmente proporcionou a mim e a minha família ao longo dos anos.

Sua falta é profundamente sentida por todos nós, mas sua memória e legado permanecem vivos em nossos corações. Obrigado, Daurão, por ser uma fonte eterna de inspiração e amor incondicional.



Yuri Aragão Couto e seu avô Dauro Aragão



Dauro no casamento do neto Yuri Aragão Couto com Aline Burello

## Depoimento Dauro Peixoto Aragão Junior

Falar sobre Dauro Peixoto Aragão, suas obras e realizações é tarefa grata para todos que o conheciam. Figura pública de sucesso nas duas carreiras que construiu em sua vida, como Tabelião do Cartório do 1º Ofício de Volta Redonda durante quatro décadas e, posteriormente, como Presidente da Fundação Oswaldo Aranha durante outros 20 anos, quando foi o gestor responsável por um crescimento sem precedentes em sua história, sempre atuou com seriedade, determinação, integridade e honestidade impressionantes.

Seu caráter e personalidade, com rígida disciplina e um espírito de liderança invejável, foram características que, aliadas à sua brilhante inteligência, o tornaram forte pilar na estratégia política da região, sem jamais ter atuado diretamente em qualquer cargo que lhe outorgara autoridade. Não era incomum vê-lo ser consultado, nas distintas esferas, municipal, estadual ou federal, sobre os novos projetos e desígnios sucessórios, face à sua visão abrangente e de futuro na busca do bem comum da sociedade.

Tamanha capacidade e poder poderiam tê-lo tornado uma pessoa inacessível, cercado por seguranças e suntuosidade, como algumas autoridades deste nosso Brasil afora ...

Entretanto, seu perfil generoso e humano jamais possibilitou manter sua porta fechada para quaisquer pessoas que o procuravam, fossem amigos, conhecidos ou “ilustres anônimos” de sua vida cotidiana. Sua sala, desde o Cartório até a Fundação, sempre esteve aberta para todos, tratando problemas rotineiros ou situações mais complexas com serenidade e maestria.

Em sua vida pessoal, era um homem simples, de costumes corriqueiros que causavam surpresa aos que puderam ter convivência em sua intimidade. Não possuía luxos ou ambições maiores, senão apenas trabalhar e construir sua vida com suor e garra.

Iniciava o dia bem cedo, já de terno, lendo seu Jornal do Brasil ainda impresso, no café da manhã e estava pontualmente no trabalho, sempre o primeiro a chegar, religiosamente!!

Durante as férias, ao invés de ir para o exterior ou a alguma região turística nacional, preferia fazer um retiro espiritual na Barra do Furado, norte do estado do Rio, onde costumava ir, desde a infância com sua irmã Nadya, seus pais e avós. Manteve ali muitos amigos locais, aos quais propiciava momentos de alegria relembrando tantas passagens de menino, bem como sua ajuda pessoal e financeira, invariavelmente.

Neste aspecto, valor humano e social, era inigualável. Estava sempre atento e disposto a ajudar os mais necessitados, como que sua empatia o impelisse a atuar com doações diretas ou a entidades caridosas. Muitas vezes às escondidas, como a bolsa de estudos que doou a um colega meu do Colégio Macedo Soares, o que só fui saber após ter se formado em Engenharia em Volta Redonda.

Por meu lado, pude dar-lhe a felicidade de cursar também Engenharia na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, onde ele próprio havia cursado quase três anos de Medicina anteriormente ao tabelionato. Costumava feliz exaltar: “Meu filho, a história se repete!”.

Sua realização era tanta que, orgulhoso, buscou adquirir um apartamento na Praia de Icaraí, quando nos foi possível compartilhar muitos fins de semana em família e conhecer várias passagens difíceis que viveu naquela cidade, com o apoio de minha mãe Romilda, que trabalhava e cuidava de minhas irmãs Andrea e Aline, então recém-nascidas.

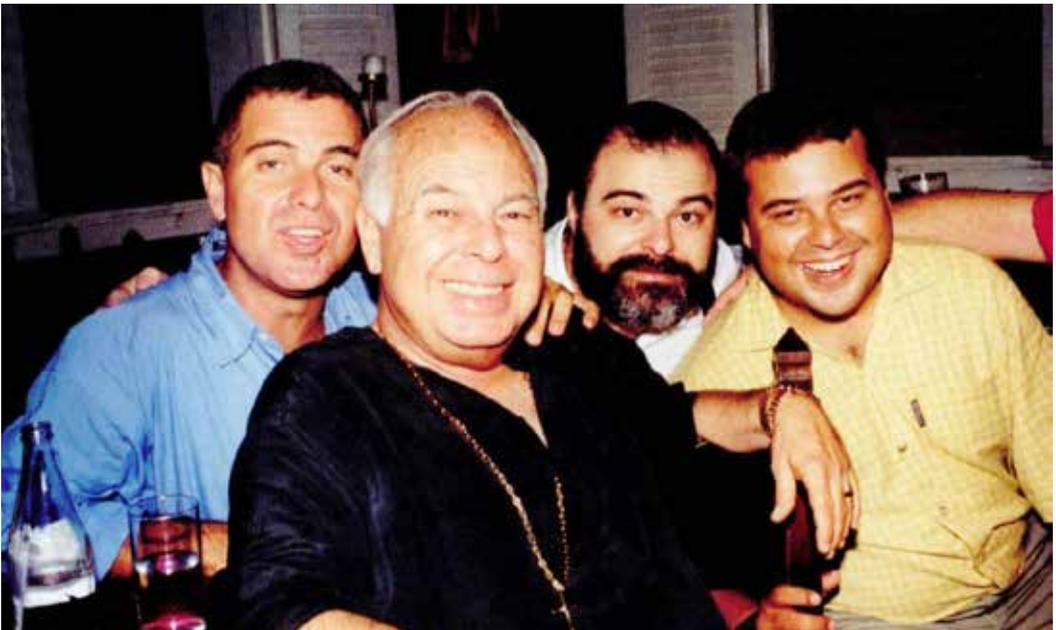
Através das janelas, vista do Cristo Redentor e da Baía de Guanabara com o movimento lento dos navios por ela transitando, o seu olhar no horizonte nos traduzia nitidamente a sensação de vitória em sua vida profissional, construída com muito trabalho e ardor.

Sem dúvida, este foi o maior legado que deixou aos filhos.

Apesar de haver permanecido no Rio de Janeiro por minha carreira profissional, tive a felicidade de manter nosso convívio em família, até mesmo quando outros caminhos de sua vida pessoal indicariam haver nos separado, porém apenas aparentemente.

As viagens esporádicas a Barra Mansa e Volta Redonda nos proporcionaram seguir compartilhando momentos de felicidade, recordando situações alegres e marcantes de nossas vidas e, principalmente, sempre recebendo o amor, carinho e sorriso incomparáveis de meu querido Pai e amigo Dauro Peixoto Aragão.

Tenho não apenas seu próprio nome e sim um Orgulho Imenso e Eterno de ser seu filho!



Dauro e os filhos Dauro Júnior, Júlio César e Dario



Dauro e seu sorriso incomparável

## Depoimento Dario Aragão Neto

Vou começar a falar do homem Dauro Aragão, que eu conheci. E do amigo: ele sempre fez questão de dizer que era – sou seu pai, mas sou seu amigo. Era uma frase recorrente, desde pequeno, muito criança, até o final da vida ele sempre fez questão de frisar isso. E também falar do pai, que era amigo, herói, bandido, pai bravo, pai coração enorme e elementarmente, era um ser humano, da maior intensidade possível do que é viver. Acho que aprendi um pouco disso com ele, apesar de não ter as mesmas condições financeiras, mas viver intensamente. Essa geração dele, quem soube viver intensamente, aproveitou muito a vida. Aqueles que ficaram presos por alguma amarra, ou tipo de coisa, acredito, tenham aproveitado menos. Porque a vida é uma passagem e a gente tem que viver.

Tive bons momentos e maus momentos. Acompanhei a separação da minha mãe. que foi um processo de cerca de quinze anos, numa época diferente. E ao mesmo tempo, vi nele momentos de altíssima alteridade, compaixão, amizade, lealdade, principalmente, foi um sentimento que aprendi muito com ele, que a gente não é amigo da pessoa só na hora que está tudo bem. Essa lição aprendi desde pequeno. Pai carinhoso. Absolutamente carinhoso, me beijava, me abraçava, me botava no colo, desde pequeno aprendi a abraçar e beijar minhas filhas, graças a ele, por exemplo que me deu, de ser muito carinhoso.

Não me chamava de Dario quando eu nasci e quando eu comecei a crescer, me chamava só de Io, e aí passou a Moio e depois passou a ser Moio querido, o que despertou uma série de invejas e ciúmes dos irmãos, e eu apanhei bastante por conta disso, de todos eles. Acho que a Aline, nem tanto, mas o Daurinho me batia muito e a Andrea me socava, porque ela morria de ciúmes, o que é natural. Isso tudo, todo mundo já riu e brincou junto.

Meu pai era cara que deixou vários exemplos.

Vou começar pelo núcleo familiar.

Quando eu nasci, o pessoal fala que eu era o pé quente. Porque, justamente em 1968, quando eu nasci, foi quando ele começou a ter um poder aquisitivo maior, começou realmente a ter uma vida melhor. Eu já cheguei com televisão colorida em casa. Eu sei que quando ele casou com a minha mãe eles não tinham dinheiro nem para comprar uma geladeira. Alugaram uma casinha na Nossa Senhora de Lourdes, agora Cícero Cunha, tem uma travessa ali, quase em frente ao Edifício Querência, e ali moraram, e ali viveram, ao lado sempre da minha tia avó Niete, e da minha avó Stela, e da avó dele Adelaide, conhecida como dona Dedé. Então tinha a casa do Dario pai, a casa da dona Stella e da dona Dedé – são casas irmãs que estão lá até hoje – uma virou igreja e a outra está parada, ali morava também a Niete e no Rio morava a tia Ecila, tia avó, todas que cuidaram dele primorosamente na infância. Meu pai foi uma pessoa extremamente mimada quando criança. Tratado como príncipe. Comia oito ovos batidos crus, todos os dias, para ficar forte. Toda a prioridade do mundo era para ele. Os avós, os pais, sempre trataram ele com tudo que

podiam dar e o que até não podiam. Mas muito carinho acima de tudo. A família Peixoto e a família Aragão, principalmente a Peixoto que ficou mais próxima, que eram dona Stela, minha avó, a Niete, Niceia e a Ecila, eram super protetoras. Eram pessoas que davam a ele todo o cuidado e carinho possíveis. Isso ele sempre falou. Além da mãe, e além, obviamente, da avó Dedé e do bisavô, o famoso biso, o Joaquim Rodrigues Peixoto.

E ele sempre contava. Tia Nadya – irmã mais nova dele e única irmã – sempre contava isso: ele era o homem da casa, o príncipe; e ela era a gata borralheira. Eles sempre brincavam e havia uma hierarquia: ele sempre era o general e ela era a capitã. E ele falava assim: vou te promover a general. Ai pedia para ela fazer uma coisa. Ela louca fazendo, desde criancinha, e ele no final dizia: não, não merece ser general, vai continuar capitã. E ela quase morria. Era senso de brincadeira, muito divertido.

E essa mesma forma de criação eu ainda peguei uma fase, até os quatorze, quinze anos; porque essas mesmas tias que criaram ele, eu vivia ali na Estamparia até 1982, e ali, ao redor das casas das tias, elas também me tratavam da mesma forma. Todos os dias, às 9 horas da manhã, elas faziam pão com bife para mim, me gritavam, jogavam da janela para eu comer. A Niete, que eu tinha um laço muito grande, era a que me acompanhava nos estudos de piano no início, eram super protetoras. Se foram comigo, imagino com o meu pai!

Na década de 70, a gente passava os verões em Muriqui, mas já havia o problema com a minha mãe. O casamento já não andava bem em 1971/72. Eu lembro que meu pai, às vezes, sentava comigo para conversar sobre isso e havia muitas brigas. Principalmente nesse momento de férias que ia todo mundo junto. Havia brigas horrorosas. Eu não sei se eram tão horrorosas ou eu que era muito pequeno, e de uma certa forma, nós acabamos nos acostumando. E em 1974-1978, que eu já tinha 10 anos, era um ritual: ele comprava os jornais aos sábados, ou pegava as máquinas de fotografia, ele gostava muito de tirar foto, a Kodac ou alguma nova, andava com ela dentro do carro e tirava as mais inusitadas fotos.

E aos sábados, ele sempre saía para trabalhar, ia no cartório ver alguma coisa, quando dava dez, onze horas ele voltava com o jornal e os envelopes da Kodac das fotos reveladas, botava tudo em cima da mesa, as chaves, o cigarro, que ele fumava, e sentava na varanda e lia o jornal calmamente. Depois de um certo tempo, teve uma época que ele assinava e chegava o Le Monde, o Time, uma italiana. Ele prezava muito essa parte da informação e da cultura. Gostava de ir ao Museu, entendia profundamente importância da cultura.

E no domingo, a gente ia pela manhã, sempre, à única banca de jornal que tinha em Barra Mansa, na praça da Matriz, e eu comprava pilhas e pilhas de gibi e devorava aqueles gibis e livros que eu podia comprar, e ele comprava os jornais dele no mesmo processo. Geralmente ele saía para almoçar nos domingos, no Tamborindéguy, restaurante que tinha lá onde hoje é o Graal de Itatiaia, almoçava lá ou em Volta Redonda. Mas geralmente era Itatiaia. E voltava para casa.

Nos fins de semana que a gente viajava, ele era muito metódico em relação a isso. Só saía de casa com o dinheiro do pedágio contado para pagar, e a gente até ria disso. Era o jeito dele. Íamos para Niterói. Havia uma livraria, a Gutemberg muito próxima ao nosso apartamento, o primeiro que ele comprou, e eu passava os dias na praia, na livraria e no cinema. No cinema, às vezes, eu entrava às 2 horas da tarde e saía 10 horas da noite. Via o mesmo filme 5 vezes. Ele adorava Niterói. Ele sonhava – um dia vou me aposentar e vir morar aqui.

Depois mais tarde, a gente passou a frequentar, com 8 /10 anos, lá em Campos, na Barra do Furado, e ele também já sonhava em aposentar e ir morar lá. Mas a verdade é que aposentar não era uma palavra para ele. E no final das contas ele não se arrependeu de não ter se aposentado. Ele adorava trabalhar e trabalhou quase até o fim da vida. Acredito que sessenta dias antes da morte dele ele estava trabalhando, fazendo reunião e fazendo diálise. E reuniões pesadas na qual ele assumia a responsabilidade. Ele sempre falava que: se tiver acontecendo alguma coisa aqui, a culpa é minha e acabou. Agora vamos resolver.

Outras lições que vieram com meu pai, na década de 80, onde eu era mais jovem, já estava tocando e ele não aprovava que eu fosse músico, mas me deu um piano aos meus doze anos, adorava me ouvir, mas não falava. Fui músico profissional, mas entendi e acabei estudando direito e foi o que me valeu na vida, a minha faculdade, entendi essa necessidade. Mas ele sempre me apoiou em tudo que eu fiz. Essa parte da música ficou um pouco de lado, porque ele realmente não aprovava por que era uma vida muito incerta e ele tinha uma certa razão no que ele falava.

E mais no final da vida, lá pelos últimos vinte anos, ele não perdia um show meu de jazz, ou seja, isso ficou muito bem resolvido entre nós.

Durante o trabalho na FOA, comecei em 2007, quase todos os dias, pois eu trabalhava na Vila, eu saía da Vila e ia lá para Três Poços para passar uma, duas ou meia hora que fosse, um tempo com ele. Muitas das vezes com o tio Jairo junto, e com o Eduardo quase sempre junto, e ali a gente aprende. Aprende-se a tomar decisões, os problemas, as risadas das crises, que é um segredo maravilhoso que as pessoas deveriam usar como terapia para o resto da vida. Quando acontecia uma desgraça ele caía na gargalhada. Alguém batia de carro, ou acontecia algum problema, inclusive, tem um fato que é muito engraçado sobre isso. O pessoal chegava para ele, a Sonia, e dizia, você está emburrado aí, está triste, meio sem ter o que fazer não é, está faltando problema né? E caía na gargalhada. Ele respondia: é, está faltando um problema para eu resolver, se não tiver um problema eu não vivo. Ele estava no lugar certo, na época certa, porque ele foi com 70 anos para a FOA, e ele sentou numa mesa onde só se resolve problemas. Só se enfrenta problemas. E procura-se soluções. E vai desde o pequenininho ao grande problema.

E hoje, é o Eduardo que passa isso. E o Eduardo se tornou muito parecido com ele, Eu falo que ele está igual ao meu pai. Está falando as mesmas coisas! Pudera, não poderia ser de outra forma. Os ensinamentos vieram dele por dezessete anos, e sentar naquela

mesa não é fácil. Ele falava: se o problema não tem solução, solucionado ele está. paciência, uma hora vai vir a solução. Então, não sofra por antecipação. Se a vida te der um limão, faça uma limonada. Eu na minha juventude, ingênuo, vinha com um problema que para mim era enorme, ele me dizia: é esse o seu problema? Tá resolvido, pode deixar. Eu vou resolver. E resolvia. E assim ele foi comigo e com todo mundo. Quem chegava lá para falar sobre algum problema, filho especialmente, ele sempre estava lá para tentar resolver e ajudar.

Durante a adolescência ele finalmente separou da minha mãe, foi a coisa certa a fazer, ao meu ver, para mim como adolescente de quinze anos, foi um alívio, porque as brigas acabaram, acabou a tensão. Eram muitas brigas, muitos problemas, eu intervinha, eu fazia esse papel difícil porque eu morava com ele. Aline saiu muito cedo porque casou, Andrea também, antes, o Daurinho morava no Rio, estudava no Rio e começou a trabalhar já cedo, se formou, passou no concurso e ficou no Rio. Então, quem ficou fui eu, no final mais complicado. Mas ele sempre me falava nos últimos almoços que tive com ele, que se arrependia das brigas com a minha mãe, e que o erro era dele, mas que já tinha passado. Eu falei, pai não se preocupe com isso, que depois minha mãe também se casou, teve a vida dela, e tudo deu certo. Mas ele tinha essa dor, essa culpa.

Porque minha mãe o sustentou durante muito tempo, como professora. Ele estudava medicina, meu avô tinha morrido, até que as coisas se resolvessem, até que surgisse o cartório. É muito difícil a gente ver num homem a congruência entre o crescimento profissional daquele homem, a figura pública daquele homem, com uma cidade. Volta Redonda e meu pai cresceram juntos.

Primeiro, que é difícil achar uma cidade, como Volta Redonda, que tenha sessenta e poucos anos de idade e que tenha crescido como cresceu e dentro da estrutura que ela foi criada, como a siderúrgica – CSN – e tudo mais. Ela foi trabalhada pelo seu pai, meu padrinho Savio Gama, para ser uma cidade grande, a maior e a melhor cidade do sul do Estado. Ela foi criada com essa visão e essas pessoas que estavam ali é que fizeram dela o jus para que ela fosse o que ela é hoje. Segundo, é muito difícil você encontrar esses dois momentos alinhados, como foi com o seu pai e como foi com o meu pai, um pouco mais novo talvez.

Ele não perdeu nenhuma oportunidade que teve, ele agarrou com os dentes. Eu lembro um caso muito interessante que foi quando ele comprou com o dinheiro emprestado de um velho amigo, que era já tabelião, o Alan Cruz, a quem ele devia e tinha uma foto ao lado da mesa dele até o fim da vida. O Alan Cruz emprestou o dinheiro para ele e ele tinha que pagar ao Alan, e na primeira semana que ele estava trabalhando, nervoso com a dívida, porque o meu pai detestava não honrar qualquer coisa, e jamais deixou de honrar os compromissos dele, ele recebeu o pedido de fazer um loteamento, tão grande que ia pagar a dívida toda. Só desse trabalho! Isso é uma estrela que a pessoa tem. Ele teve um insight. Ele recebeu o pedido às 3 horas da tarde e falou: vou fazer agora. Não vou esperar amanhã na hora que abrir o cartório de novo. Vou fazer agora. Vai que acontece alguma coisa. E

ele virou a noite fazendo as escrituras todas do loteamento inteiro. Às 8 horas da manhã ele estava ainda dentro do cartório terminando. Abriu o cartório e o primeiro cliente que entrou foi o rapaz que pediu as escrituras do loteamento, dizendo que não queria fazer mais. E ele falou: agora já está feito, você vai ter que pagar, está tudo escriturado. O cliente pagou e ele teve essa oportunidade.

Meu pai nunca negou as origens dele. Não nasceu rico. Nasceu com um certo berço aristocrático, talvez, porque a diferença das gerações foi muito grande e eu não conheci meu avô Dario. Minha avó Stela tinha educação de berço e tudo mais, mas nunca tiveram muito dinheiro. Meu avô, apesar de ter sido secretário de Segurança, entre outras coisas, morreu pobre, porque era honesto, sempre foi honesto. E passou isso para o meu pai. Era uma outra época. Ele nunca negou essas origens. Ele falava: eu abri o cartório, varri o cartório inteiro e almoçava pão com mortadela. Ele nunca teve vergonha de falar isso e dizia, meu filho nunca tenha vergonha do que você já passou na sua vida. Isso faz parte da vida. Ele jamais esqueceu isso. E por isso também, ele nunca deixou de ajudar. Ele arrumava um jeito de ajudar quando não tinha como. A pessoa falava para ele, compra essa casa na praia. Ele dizia que não precisava, e a pessoa argumentava que precisava da comissão. Ele ia lá e comprava. Vendia depois. Montou restaurante, frigorífico, porto de areia, boliche, posto de gasolina, enfim, todo tipo de negócio que você possa imaginar, para ajudar alguém. Isso até bem perto dos setenta anos. Ele via isso como um dinheiro bem empregado. Tenho certeza que ele nunca se arrependeu de nada disso que fez. Mas não era um cara de ostentação.

Na década de 70, quando ele começou realmente a ganhar dinheiro, ele comprou uma Mercedes, reformou a casa, aumentou a nossa casa lá na Estamparia. Eu já nasci na Estamparia, meus outros irmãos nasceram na Gustavo Lira. Então, quando ele já estava na Estamparia, com a casa reformada, onde ele despontou em Barra Mansa, ele comprou uma Mercedes Benz. É diferente ter uma Mercedes hoje. Um Porsche hoje. Não é a mesma coisa. Imagina o carro mais caro que possa existir e andar na rua não dá o impacto do que era, naquela época, você ter um carro luxuoso, como uma Mercedes. No Rio tinham dez, em Volta Redonda, nenhuma. Ele comprava carro para minha mãe, carro zero, trocava todo ano. Os opalas que ele adorava. Quando saiu o farol quadrado do Opala, em 1980, foi uma revolução na indústria automobilística, todo mundo parava para olhar o carro.

Depois, mais tarde, no final da década de 1980, ele importou o Mazda e um outro carro que eu nem lembro qual a marca, também japonês, que nem existia, ninguém nem sabia ou tinha visto, e as pessoas paravam na rua para olhar o carro. Teve esse momento. O carro talvez fosse a única coisa que ele gostava de ter. Depois que ele comprava, ele não vendia mais os carros. Teve uma época, que em frente ao cartório tinha uma garagem mensal. Ele tinha uns doze carros ali. Eu perguntei o que ele ia fazer com essa quantidade de carro, e ele falou que não ia vender, não tinha coragem de vender os carros dele. Quatro Opalas, Camionete, Veraneio, Kombi, tanto é que ele deixou carros, até que ficaram poucos, mas tinha época que eu cheguei a ver ele com 10, 12 carros. Eu não sei como ele fazia,

mas andava em todos eles. E tinha o opala dourado, o azul, o diplomata, cinza, coupé, era uma loucura. Gostaria de frisar isso: ele não ostentava com as pessoas. Ele não era de ostentar. Andar com joias e tudo mais. Ele não era assim.

Ele adorava pão com manteiga. Nunca vi alguém gostar tanto de pão com manteiga. Às vezes, fazia um bife de manhã. Ou minha mãe ou ele mesmo fazia, apesar de não gostar muito de cozinhar. Ele passava um naco de manteiga em cima do bife, que ele comia com ou sem pão. Adorava pão! Pão com ovo, adorava, ria. Detestava frango com quiabo. Era um homem que amava viver. Amou tudo e todos intensamente. Talvez seja a pessoa que eu tenha conhecida, que eu tenha ciência, lembrança e convívio, que você via a paixão no olho dele.

Não foi uma nem duas vezes que eu via ele me emocionar com cartas. Até que o pessoal mandava carta para ele pedindo uma bolsa ou alguma coisa, e ele teve que botar no estatuto proibindo, porque senão ele ia acabar dando bolsa para todo mundo. Porque doía demais a ele a desigualdade. Eu acho que isso é o legado que ele deixou para mim. Por isso que eu trabalho tanto contra a desigualdade e, talvez não pareça, mas eu tenho o jeito simples de viver.

Foi um pai maravilhoso, presente apesar de ausente. Trabalhava muito, dava exemplo, chegava tarde à noite, saía cedo. Tinha todo aquele hábito cotidiano. Fazia a barba pela manhã e eu com cinco anos brincava de fazer a barba com ele. Me dava aparelho sem gilete e eu ficava brincando de fazer a barba com ele. O que posso falar mais do meu pai! Brincava comigo de derrubar soldadinho de chumbo, como se fosse boliche, com bola de tênis. E sentado na mesa na sala, brincava às vezes cansado. Adorava brincar comigo e eu com ele. Eu falava umas frases que ele morria de rir. Tinha um carro galaxy que ele tirou da garagem com um dedo de cada lado de espaço e eu falei: as pessoas devem estar falando “como dirige bem esse velhinho”. Ele nunca mais esqueceu! Falava isso o tempo todo. De vez em quando ele soltava.

Ele era um homem de ditados, de frases, ele sempre usava e você tinha que decodificar porque cada frase tinha um significado. Por exemplo, quando ele chegava na FOA, falando de uma coisa mais atual e menos nostálgica e para nós, engraçada, e a Lúcia, que era a secretária dele, ele falava assim: oh! hoje é dia de sopa. O que queria dizer isso: que era melhor nem entrar lá na sala dele. Ele dizia assim: “não vem com garfo que hoje é dia de sopa”. Que é uma música que tinha na época da década de 1970. E quando ele estava nessa lua de sopa, nem eu, nem Eduardo Prado, nem ninguém entrava na sala dele. Só se tivesse quebrado a cabeça. Era complicado, saía todo mundo correndo e o deixava quieto lá, até ele melhorar.

Ai uma hora, alguém fazia uma visita e ele mudava rapidamente de humor, ficava mais leve e todo mundo ia entrando, chegando mais perto dele e era assim. Ficava tudo muito bom. A essência dele era essa. Tinha um conhecimento de vida muito profundo. Eu acho que qualquer pessoa, aos 70 e 80 anos, tem conhecimento, sabe o que uma pessoa está

pensando apesar de ela estar falando, ela sabe o que a pessoa está sentindo por dentro de uma outra forma. Isso eu aprendi como meu pai. Antes de eu ter essa idade eu já sei que eu vou aprender a entender as pessoas, fazer a leitura, pelo assunto, pelo momento, pelo jeito e quando se é jovem achamos que estamos enganando alguém. E não se engana ninguém. E tinha uma frase que ele falava muito para mim: um dia você vai ser pai e você vai me entender. Porque eu aprontava muito. E ele me dizia: a minha vingança é que um dia você vai ser pai. E aí você vai ver o quê que eu passo. E hoje eu concordo plenamente com ele, apesar de ter duas filhas maravilhosas.

E não foi fácil para ele criar sete filhos. Havia uma diferença de idade brutal. Eu sou o caçula do primeiro casamento e fui tratado por ele com todos os ciúmes que são justificáveis, porque ele era muito agarrado comigo. Depois que eu cresci, tinha o Júlio César e ele tinha muito orgulho dele, mas as duas gêmeas quando nasceram era uma loucura. Chegou ao ponto de elas passearem de bodeinho em São Lourenço e meu pai comprar o bode e a charrete para elas, levou lá para Minas e botou para elas andarem lá, para o resto da vida. O bode se chamava Tico. Tanto o bode Tico quanto o cachorro Rudi, que ele adorava, vieram para Volta Redonda depois.

Ele sempre estendeu todo o coração para todos os filhos. Quando ele separou da minha mãe e casou com a Terezinha, ainda ficou uma coisa meio estranha, porque não era muito normal ainda ter duas famílias, filhos de dois casamentos, era uma coisa muito tabu. Muito embora ele convivesse e meus irmãos na maioria convivessem todos muito bem. Eu sempre tive uma relação muito boa com a Terezinha, até hoje falo com ela constantemente. A gente vivia essas intercessões, muitas vezes até engraçadas, e as pessoas não entendiam muito bem como isso funcionava. Mas fato é que ele construiu a família e deu amor tanto para a primeira, a segunda e até para a Sonia. Ele se apaixonou e casou de peito aberto, sempre foi assim com a Sonia e acho que ela ajudou muito a ele nesse ponto, porque ele já estava numa idade avançada e ela o botou para frente para muita coisa, ela tem esse crédito. E tratava os filhos da Sonia como se filhos dele fossem. E também netos. Ele sempre foi muito amoroso com os mais jovens, também rigoroso, dava os esbregues dele, sempre. Havia momentos terríveis, mas havia momentos ótimos, também. Muito mais momentos bons que ruins, o que faz parte da vida de todo mundo, em todas as famílias.

Tinha uma paixão imensa pela raiz da Barra do Furado, que era realmente um paraíso. Hoje, felizmente as coisas mudaram. Veio o progresso. Ele ia de canoa, eu já fui de carro, puxado por trator muitas das vezes, pois não se passava pela estrada, tinha um areal. Não tinha luz, era lampião a querosene e eu me lembro do cheiro. Noites estreladas. Adorava a natureza. Tinha uma imensa, profunda admiração pelo mar, pela praia, pela areia da praia, pelas conchas, pelos seixos, pelas pedras dos rios, pela mata, pelas árvores, pelas montanhas, pelo clima. Ele tinha uma conexão enorme com a natureza. Uma coisa impressionante. E ensinou a gente também a gostar disso.

A primeira vez que eu fui num terreiro de Umbanda, no Centro da Tenda Espírita Pai Cambinda, que foi o único que eu frequentei com o meu pai, eu fui desde novo, desde garoto. Algumas sessões foram na minha casa, e eu participava e acompanhava. E meu pai sempre disse isso para quem quisesse ouvir e muita gente ouviu, que ele devia a vida que ele tinha e tudo que ele tinha ao exu dele, seu Zé Mulato e ao Pai Cambinda. Ele tinha uma profunda gratidão pelo Centro Espírita. E vou dizer mais, o tamanho da fé dele, naquela casa e naquelas entidades, é comparável à fé de uma... sinceramente vou falar uma coisa que parece exagerada, mas não confundam as coisas. A fé, acreditar, dele, a força que ele tinha de fé, era de uma Madre Tereza, com relação a Jesus.

O que ele tinha, o que eu vi e testemunhei. Ele fazendo naquele Centro. Se prostrando, se deitando, diante da cafua, diante de todos aqueles encantados, para entregar o peixe dele. Eu vi isso várias vezes. E vi ele entregando também na beira do mar, em porteiras, eu ia com ele, aprendi com ele. E vi muitas das vezes no próprio Centro e inclusive há uns 8 anos no máximo, ele fez questão de ir comigo, e ele fez o ritual e entregou o peixe dele. Foi a última vez que ele esteve no centro. Eu tenho muito orgulho e busco ter 10% da fé que esse homem teve. E até hoje, sempre que eu posso, eu honro e entrego as oferendas que ele entregava ao exu dele, o faço em nome dele. Eu mesmo tenho uma relação de muita gratidão com seu Zé Mulato. Acho que seu Zé Mulato é um exu, em tese, todos nós da Umbanda e do Candomblé temos uma entidade que cuida da gente, anjo da guarda, aquele que faz a interface com o divino, era espetacular as respostas.

Eu tenho inúmeros fatos que ocorreram que são inexplicáveis, em relação ao Zé Mulato. Uma vez estava indo ao banheiro, me preparando para dormir, era muito novo, uns 18 anos, e minha sobrinha Tatiana estava dormindo na cama do lado. No banheiro eu falei: seu Zé Mulato quero rezar para o senhor, não me deixe esquecer. Fato é que na hora que eu sai do banheiro, já era tarde da noite e eu esqueci. Deitei na cama, pus a cabeça no travesseiro, a Tatiana levantou, sentou na cama, e falou: tio Dario não esquece de rezar para o homem. E deitou de novo e voltou a dormir. Essa para mim não tem como explicar, não tem a menor possibilidade de explicação. Isso eu vejo como um presente. Porque ele fazia essa questão da minha prece. E isso foi muito importante para mim. Graças a todas as entidades, Deus, eu hoje carrego a minha fé comigo. Eu não preciso de prova nenhuma, de mais nada, de ninguém, para me dizer no que eu acredito. Hoje eu sou convicto da minha fé. Meu pai teve muitas bençãos e eu quando precisei, e devo ter precisado muito, tenho certeza que me salvou muitas vezes.

A primeira vez que eu fiz o Encontro das Religiões lá no UniFOA, eu fui de terno e gravata, o pessoal esperava uma coisa e eu evoquei o seu Zé Mulato, o exu do meu pai, e estava na presença do babalaô Ivanir dos Santos, que era o convidado e ele ficou perplexo com aquilo. Como esse cara de terno e gravata, branco, filho do presidente da instituição aqui, evoca o exu dele aqui no meio dessa plateia, isso é meio louco. Ele ficou muito surpreso e me fala disso até hoje. E com isso ganhamos várias parcerias com ele, fizemos várias coisas, estamos sempre presentes na Caminhada. Mas tudo é preciso que se entenda, que

em nenhum momento estou aqui destacando que o Centro Pai Cambinda, a Umbanda e o Candomblé sejam melhores que qualquer outra religião. A nossa história é essa, é o nosso DNA que está lá, de uma certa forma espiritual, tenho certeza absoluta porque chego lá e me sinto em casa, mas qualquer um que tenha fé em alguma religião eu vejo como um progresso espiritual. A gente pode falar até com o abajur se quiser, mas tem que ter alguma conexão com o divino; seja santinho, folhinha, quadrinho, vela.

Minha mãe, muito católica que é, assiste às missas todos os dias, tem uma fé também muito grande, mas eu me identifiquei com meu pai, ali na Umbanda, e sinto muito orgulho. A fé também foi um ensinamento.

Meu pai me deu três eixos de ensinamento que eu jamais posso esquecer: a lealdade com os amigos; o carinho e o amor com os filhos e a fé. Junte-se a isso o não ostentar, não se precisa ostentar nem mostrar nada para ninguém, ele até ria e achava engraçada a situação, e o conhecimento. Ele falava: podem te roubar tudo, até a sua dignidade, mas seu conhecimento ninguém rouba. O que está aqui, dentro da sua cabeça – ele dizia batendo com o indicador na testa – ninguém te tira. E é uma grande verdade. Resumidamente, as lições maravilhosas, que eu tive o privilégio de aprender. Eu não me arrependo de ter ficado um minuto sequer, de ter me deslocado sempre da Vila para ir lá para Três Poços, para ficar um minuto se fosse, às vezes nem encontrava ele mais lá. Mas todos esses momentos em que eu beijava a cabeça dele, que eu o beijava e ele falava para mim: Deus te abençoe, meu filho querido. Foi um privilégio ter um pai até os 53 anos, um privilégio muito grande. E a dor ainda está muito ruim aqui dentro. Já está se transformando numa boa lembrança.



Dario e seu pai Dauro em noite de festa



Dauro e Dario em São Lourenço – Minas Gerais



Dauro e Dario no marco dos jesuítas que demarcava a sesmaria de Quissamã em São Miguel do Furado



Dauro com Dario e amigos no Furado



Aniversário do Dauro de 88 anos em 24 de agosto 2019 - Dauro e Romilda e os filhos Dario, Aline, Dauro Júnior e Andrea



Jairo Jogaib, Dauro Aragão e Eduardo Prado



Humberto Pinto Reis e o amigo Dario Aragão, pai do Dauro, avô do Dario em Barra Mansa - 1930



O cajueiro onde as cinzas do Dauro foram depositadas em São Miguel



Dauro Aragão e seus ensinamentos segundo seu filho Dario: lealdade, carinho, amor e fé

## Depoimento Terezinha Soares Aragão

Conheci o Dauro na Câmara Municipal. Minha irmã trabalhava lá e eu trabalhava no antigo banco Predial, e fui numa solenidade lá e foi quando eu conheci o Dauro. Eu estava saindo do banco e ele me convidou para trabalhar no cartório. Assim foi feito. Eu fui para o cartório. Trabalhei lá dois anos, nas escrituras e em várias seções. Eu me virava muito. Eu queria muito aprender e acho que isso despertou um interesse nele. Começamos a trabalhar juntos. Comecei a fazer escritura com ele. A gente usava a parte fora do expediente para fazer as escrituras da Cecisa, na época, da Siderúrgica, que começava a ser vendida. E nós ficamos um longo tempo juntos e aí acabamos nos envolvendo.

Ele era separado e nós fomos morar juntos. Eu logo engravidei, e tive o Júlio. Só que no percurso desse período, eu não saí de casa para ser amante de ninguém. Eu fui morar com uma pessoa livre. Só que nesse período, a Romilda engravidou do Dario, que era uma diferença pouca de idade do Júlio César. E ele começou a se sentir pressionado pela família toda de lá, para voltar para casa. Ele acabou voltando, só que ele nunca me deixou. Eu então me tornei a companheira, porque foi a única forma de viver esse grande amor que a gente tinha. E foram vinte e dois anos juntos.

Dr. Savio foi padrinho de batismo do Dario, e eu lembro que o Dauro tinha um orgulho danado disso e um carinho muito grande por sua mãe, Dona Cecília. Dario nasceu e logo depois Júlio César nasceu e ele foi criado muito junto comigo. Com os filhos dele não tive contato. O Júlio estava com 13 anos quando as gêmeas nasceram. Ele cuidou delas, foi pai em tempo integral. O que o pai não fazia o Júlio César fazia. Mas o Dauro era apaixonado pelas duas também. E depois desse tempo todo, quando elas tinham seus 3/4 anos, a família dele foi chegando, os filhos. A gente foi reunindo no Natal, Ano Novo, dia das Mães, dia dos Pais - ele prezava muito o dia dos Pais -. Sempre que faltava um ele ficava uma fera.

Mas foi assim até muito tempo depois. Ficamos juntos 32 anos. Muito tempo. Tivemos muitas coisas boas. Conviver com o Dauro era muito bom. E ele passou aperto por levar essa vida dupla. Mas ele tinha as fugas, de ir para a Barra do Furado e lá a gente ficava num mundo nosso. Íamos sempre, todo mês. Passávamos uma semana, quinze dias. Quando das férias das crianças passávamos um mês. Ele adorava ficar lá, pescar, andar, conversar com todo mundo, jogar com os amigos. Ele tem ainda poucos amigos lá, mas teve muitos. Lá em casa era uma jogatina constante. Jogavam trunfo, diferente do que a gente conhece. Tem blefe, tem gritaria, tem soco na mesa! Eu também jogava, mas a origem do jogo não sei de onde veio. E eles viravam a noite jogando. Conviver com ele foi muito bom e muito divertido.

Eu sempre cozinhei muito. Na roça não tinha muita coisa para se fazer. Não tinha geladeira, sem luz. Fogão a lenha, lampião a gás. Ganhava-se muito peixe, camarão e

era o que a gente usava para fazer isca, molho de maionese feito na hora com ovo do quintal. E tinha uma coisa que o Dauro adorava, era um pãozinho que eu fazia: cortava em rodela o pão francês, e levava uma pasta de sardinha com gema de ovo, colocava na rodela do pão e em cima ia uma pitada de ketchup com uma gota de pimenta. Ele amava isso e o povo de lá aprendeu a gostar! A pizza de atum com ketchup! Ele gostava de ovo com a gema mole, quentinho no pão, que ele passava muita manteiga e alho. Ele adorava manteiga. Ela adorava uma leitoa a pururuca. Isso a gente fazia muito.

Um dia eu pedi para o Dauro comprar uma leitoa de até 20 kg, porque depois de 20kg não é leitoa mais e não pururuca igual as outras. Dauro saiu de manhã e demorou, demorou e daqui a pouco chega o Dauro. Nós temos lá uma mesa de uns quinze metros. Ele joga em cima dessa mesa um porco com 70 kg. Não tinha geladeira, não tinha gelo. Ai eu falei: no mesmo pé que você chegou, volta e me descobre umas latas de 20kg, porque eu não tenho onde guardar esse porco. Ele todo satisfeito, pulando que ia ter porco na banha. Foi lá, comprou as latas, levei três dias mexendo naquele porco para poder botar ele na banha. Aí era para voltar para casa no fim do mês, cancela tudo porque ele ia ficar lá comendo porco. Ficou lá mais um mês só por causa da carne. É assim que ele fazia e era muito engraçado. Eu dizia, vamos comer um peixinho amanhã, e ele retrucava, não, tem porco ainda!

O Dauro era uma pessoa que não fazia nada que ele não gostasse. Nada obrigado. Nunca fez. Ficava chateado se tivesse que fazer. tanto é que ele não ia a uma solenidade que não gostasse ou que não quisesse. Quantas ele declinou.

Eu datilografei uma vez, olha a época, um discurso que você Maria Cecilia escreveu. Você escreveu de próprio punho e o Dauro levou para o cartório e me pediu para datilografar. Muito bem escrito, por sinal. Era muito bom. Eram tempos bons. A gente vivia intensamente, não devia nada a ninguém, não tinha perigo.

A gente sempre teve isso lá na Barra do Furado. Muita fartura, muita comida. Ele sempre foi muito mão aberta. Ele gostava de receber. Os filhos iam muito para lá. Ele até comprou uma outra casa numa localidade próxima, aquela do feitio de barco, e deixou para os filhos, onde os filhos da Romilda ficavam. E a gente ficava numa outra mais retirada, que ainda existe até hoje. Mas a gente se reunia. Ele era muito grudado nos filhos. Ele sempre foi família.

A gente viveu juntos 20 anos dos 32 anos. Com 20 anos a gente resolveu se casar. Nós casamos, as gêmeas já estavam grandinhas, deviam ter uns 7 anos, e não mudou nada. Ele falava sempre que era o sonho dele a gente se casar. Eu não sei porque nosso casamento acabou. Estávamos muito bem, não era um casal que brigava. A gente morava num prédio que tinha uns vizinhos no andar de cima que a gente convivia muito. Ou a gente estava na casa deles ou eles, na nossa. E eles resolveram ir para Campos do Jordão: o casal, que não tinha filhos, nós e as meninas e ficou tudo acertado viajar numa quinta-feira e voltar num domingo. Chegou na quarta-feira o Dauro não quis ir. O vizinho

de cima também não foi. Nós fomos com as crianças. Quando eu voltei, ele já não estava mais em casa. Já estava pegando as coisas dele e já estava saindo. Essa foi a separação. Ele nunca me deu uma explicação, simplesmente me disse: eu estou saindo para ser feliz. Eu nunca soube que ele era infeliz. Eu acho que ele foi feliz à maneira dele. Enquanto ele frequentou lá em casa, que ele ia ver as crianças, ele ia muito lá em casa, pelo menos uma vez por semana. Mesmo casado ou separado ele nunca largou essas crianças. Precisava dele, ele chegava primeiro. Sempre foi assim. O Dauro sempre foi um pai muito presente para o Júlio César e para as gêmeas Maria Tereza e Juliana, mesmo não morando na mesma casa. O Júlio nunca disse: eu vou fazer medicina. Ele só chegou e disse: estou matriculado na medicina. Até o vestibular a gente não sabia. Eu acho que ele tinha medo de não conseguir e decepcionar o pai. Tanto é que no dia da formatura, o Júlio desceu com o canudo e o Dauro falou: me dá esse canudo aqui, porque esse canudo é meu. É como se eu estivesse me formando. Ele somente nunca disse a ele as palavras que ele gostaria de ouvir. O Júlio teve tempo de recuperar o tempo perdido, convivendo com o pai na FOA, ele teve muito do pai. Tinham atritos e divergências, mas conviveram muito e o Júlio sente muita falta dele hoje.

Depois da separação continuamos amigos, convivendo, sem atritos. Tornou-se uma grande família. Não que a gente se reunisse, mas todo mundo se dá bem. Na doença dele eu não tive contato com ele, as crianças é que tiveram. Muito embora um dia ele tenha mandado um recado para eu ir lá visita-lo, eu não fui. Uma vez ele me ligou do hospital para saber como eu estava. Tudo bem, e você? Ele respondeu: ah! eu estou ferrado. Mas sempre que podia estávamos juntos, a gente se falava, ele ia muito em casa ver os filhos e os netos. Era só saber que tinha um neto de fora, a Tereza mora em Salvador, que vinha à Volta Redonda, ele fazia questão de ir lá, ver o Bernardo, levar presente, de pedir para fazer alguma coisa para o lanche.

Dauro adorava ajudar ao próximo. Se ele soubesse que tinha criança numa casa passando necessidade, ele mesmo comprava e levava. Ele tinha uma campanha, que todo ano ele comprava cobertores. Começou comprando vinte cobertores e chegou a quinhentos. De noite ele saía para distribuir. Ele tinha uma camionete baú fechado, saía distribuindo e conversava com cada um que ele entregava o cobertor. E ia todo mundo junto. Ele fazia questão de levar as meninas, época que não tinha perigo andar na rua. Ele encontrou uma senhora e deu um cobertor para ela, de casal, e um para uma criança que estava com ela. Ela disse que precisava de mais um, porque tinha filhas gêmeas. E ele tinha gêmeas e tinha o maior orgulho disso. E perguntou o que faltava para as gêmeas. A senhora respondeu e daquele dia em diante, todos os meses ele levava o leite, roupa, comida, tudo para as crianças. Ele fazia uma cesta e levava lá na casa da senhora. Isso foi até os 18 anos das meninas. Quando ele não podia levar, ela vinha no cartório pegar. Sempre ele ajudava. Várias famílias dependiam dele. Tinha uma outra família no Eucliptal, que todo mês iam lá no cartório pegar dinheiro, a ajuda era monetária. Ele não

gostava de falar sobre isso. Nem comigo ele falava. Esse era o lado dele, da generosidade e da humanidade.

Eu queria fazer a coisa direitinho. Cheguei para o meu pai e minha mãe e falei: eu estou apaixonada por uma pessoa que não pode casar. Está separando, os documentos não saíram ainda, então a gente vai morar junto, e quando sair a gente casa. Meu pai falou: não é mais minha filha! Não conte mais comigo, não pode. E a minha mãe: de jeito nenhum, ele aqui não entra. E ele era dezesseis anos mais velho que eu. A gente não conseguiu fazer a coisa pelas vias normais. Ele me mandou um bilhetezinho pela funcionária do cartório dizendo: eu vou estar no Hotel Boa Vista na Vila, aquele hotel que tinha onde é a Americanas, te esperando. Eu morava no Conforto, até o hotel era muito perto. Eu de madrugada acordei, peguei minha mochila e fui lá para o hotel. Cheguei lá e ele estava com mala no carro, roupa para mim, tudo pronto. Ai nós viajamos sem rumo. Fomos para Minas: São Lourenço, Caxambu, aquela redondeza. Nós ficamos uns quinze dias por ali. De vez em quando ele ligava para Volta Redonda e a Gilda, que era a substituta dele, falava: não volta não que estão querendo te matar. Então vamos andar mais! Ai fomos para Cabo Frio, Vitória, no Espírito Santo. Ficamos trinta e um dias. Não adiantou nada.

Quando nós, voltamos ele já tinha uma casa alugada no Retiro, com tudo pronto, móveis, tudo. E nós fomos morar lá. Eu mandei um recado lá para casa, porque eu precisava pegar minhas coisas. Minha mãe respondeu: você pode vir, mas ele, não. Ele me levou na porta, eu desci, peguei minhas coisas, tentei falar com meu pai, mas não consegui. Um mês ou dois depois eu estava grávida. No dia que eu soube que eu estava grávida, contei para minha irmã mais nova, a Gorete, e ela eu acho que contou para o meu pai. Eu acordei às 5 horas da manhã com meu pai na porta. Ele falou, agora você não está mais sozinha, agora você tem um pai. E foi assim a vida toda, Nunca me abandonou. Ele tinha paixão pelas crianças. Antônio e Odete esses eram os meus pais.

Juliana tinha uns dois anos e nós estávamos na Barra do Furado e fomos à Campos fazer compras, porque lá não tinha nada. Quando nós voltamos, a Juliana estava toda cheia de manchas no corpo e se coçando muito. Ele olhou e falou: essa menina foi mordida por inseto. Onde que ela estava? Ah! Ela estava sentada ali e tem um formigueiro do lado. Nós corremos, pegamos o carro e fomos. Tinha que ser em Campos o atendimento médico. Passamos pelo farol de São Tomé, que era onde tinha uma farmácia. Ele chegou lá e explicou a situação, que ela estava toda empelotada com várias bolhas vermelhas e o rapaz deu um antialérgico. Ela tomou. Só que são 70km até Campos e no meio do caminho ela começou a passar mal. Nesse caminho, a gente pega uma reta e depois vira e na curva a gente vira de frente para o mar. O Dauro sempre fez muito pedido em nome do seu Zé Mulato na água. A foi andando e quando o carro virou e a gente viu o mar ela desfaleceu no meu colo. Eu comecei a gritar. Ele disse, não grita. E ele pede para seu Zé Mulato, olhando para a água: seu Zé Mulato, salva a minha filha. Na mesma hora ela sen-

tou no meu colo e falou: mamãe, o que houve? Para mim, ele salvou a Juliana. Ai fomos até Campos, e tudo se resolveu.

E depois tem uma outra história nesse local. Eu falei que queria ir lá no Centro do Pai Cambinda agradecer. E nós fomos. Era na época do Rui ainda. Eu entrei e me foi dito, mulheres para um lado, homens para o outro. Isso eu fiz. Confesso que eu tinha muito medo. Eu sempre fui criada na igreja católica, e a gente tem medo. Eu sentei mais para trás e fiquei ali quieta. E o Dauro estava lá cambonando seu Zé Mulato. Ele sentado no chão recebendo a entidade, e as pessoas iam pedindo, saindo da primeira fileira, e a segunda passava para a frente. E eu fui passando, mas não queria chegar lá na frente. O medo era tanto. Quando eu cheguei na segunda fileira, ele parou, olhou para mim e falou assim: a senhora veio fazer o quê aqui? Eu falei: vim só agradecer. E ele: eu já sei o que você veio agradecer. Sua filha está bem, não é? Está muito bem. E a Romilda tinha acabado de casar com o Miranda. E ele falou para mim assim: A senhora e seu Dauro. Bem, eu entrei sozinha, o Dauro de um lado, eu de outro. E ele não me conhecia. E ele continuou: quem diria hein. Nós não tínhamos casado ainda. Ele completou: quem diria hein que vocês iam casar e ela que casou primeiro. E deu uma gargalhada. Eu sai de lá mais apavorada do que entrei. Mas foi muito bom. Quando o Rui ficou doente, ele só tomava cachaça com mel; a cachaça pura que eles usavam faziam mal para ele. E o Dauro acompanhava e no outro dia estava mal. E ele culpava o mel!!! Era o mel que fazia mal. O Rui, que estava virado, pode tomar dez litros. O cambono não está virado. Mas o mel fazia mal para o Dauro.

Uma vez viajamos num sábado, e teve centro na sexta. No meio do caminho furou um pneu. Ele trocou o pneu, mas ele suava de pingar. Ele estava num cansaço enorme. Na verdade ele suou o que se passou sexta feira no centro.

Nós viajamos muito com o Jairo e a Lúcia, já mais para o final. No início, viajamos muito sozinhos. Dauro pegava o carro e adorava ir para o Paraguai. Íamos parando, comendo tudo que ele via pela frente. Ele gostava muito de ir ao Paraguai. Fomos várias vezes. Ele gostava de tango, de show folclórico. Os cruzeiros eram com as crianças. Eu fiz um sozinha com ele. Para Buenos Aires quase todo ano, ele adorava. Uruguai também, e fizemos um para o Nordeste. Íamos para Bariloche esquiar também. Ele não mudava nada, metódico que era. Ficava três dias em Buenos Aires e seguia para Bariloche onde ficava oito dias. O hotel era sempre o mesmo. Ele tinha medo de errar se mudasse.

Uma vez entramos num hotel em Buenos Aires e estava muito frio. Ele estava de casaco e cachecol. Ele entrou no elevador e deu bom dia. E ele disse, bem que eu achei parecido comigo! Era um espelho! Ele cumprimentou o espelho e deu aquela gargalhada!. Aquilo foi motivo para ele rir o dia inteiro. Isso fazia parte da dose de humor muito grande que ele tinha.

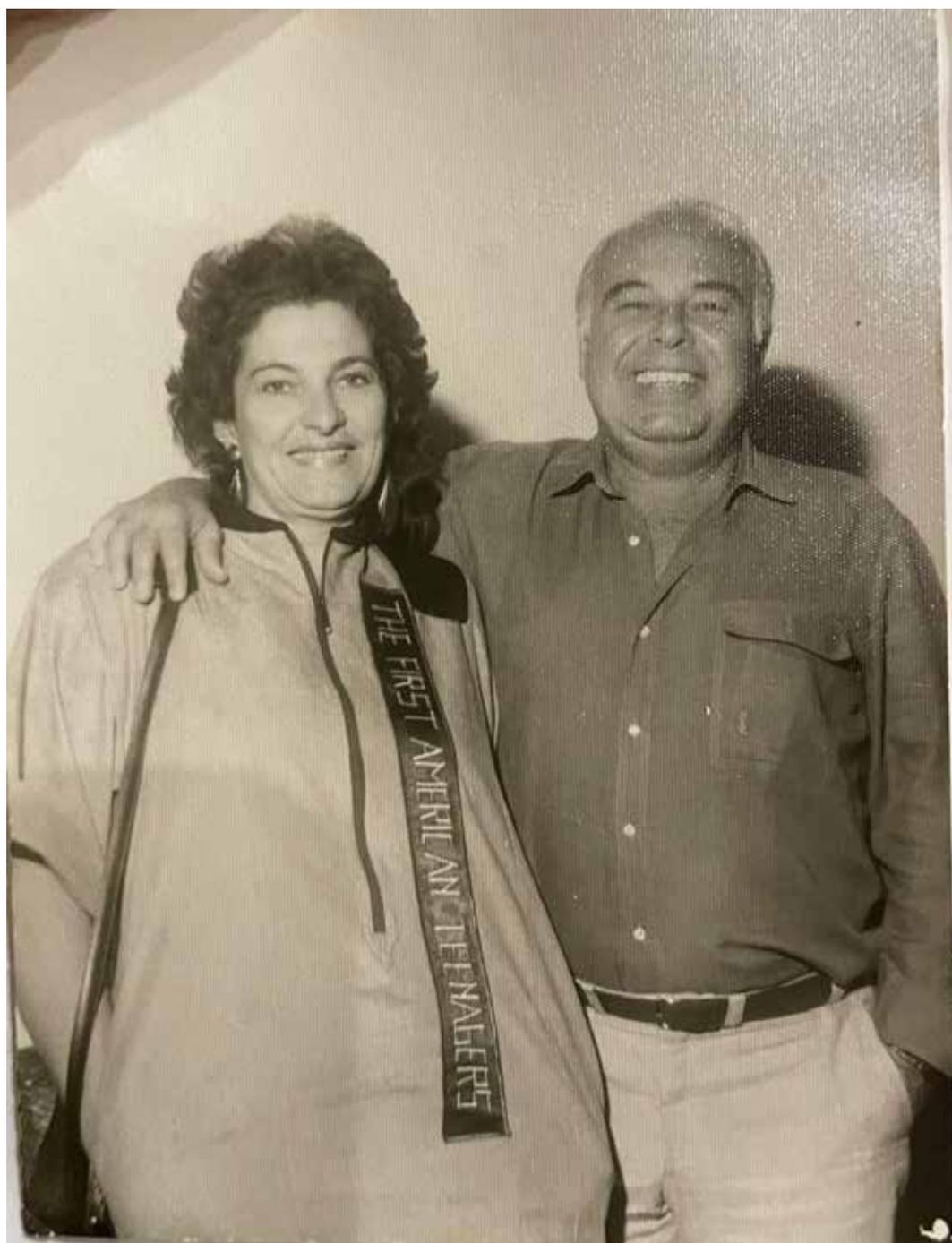
Eu digo que a melhor coisa que aconteceu na vida dele foi ter ido para a FOA. Porque ele estava muito perdido e para baixo, ele não se sentia útil, porque teve que lar-

gar o cartório ao completar 70 anos. E a FOA foi uma coisa maravilhosa. E ele assumiu e cresceu a FOA e o UniFOA. Ele me ligava para contar as conquistas.

Ele tinha uns dizeres que ficaram na memória de todos. Quando morria alguém ele dizia: é o caminho de todos vocês. Quando se perguntava quando ele iria visitar as meninas, ele respondia: ah! minha filha, qualquer quarta-feira dessa. Ou então, ele dizia: cada dia que passa eu me admiro mais. E tinha coro, ele falava, e a gente terminava. Acabou o milho, acabou a pipoca! Esse eu adorava. Ele falava muito sério. Quando se terminava de comer e sobrava comida no prato das meninas, ele dizia: me dá isso aqui porque eu não resisto a um restinho de criança.



Dauro e Terezinha em lua de mel



Dauro e Terezinha grávida das gêmeas Maria Tereza e Juliana



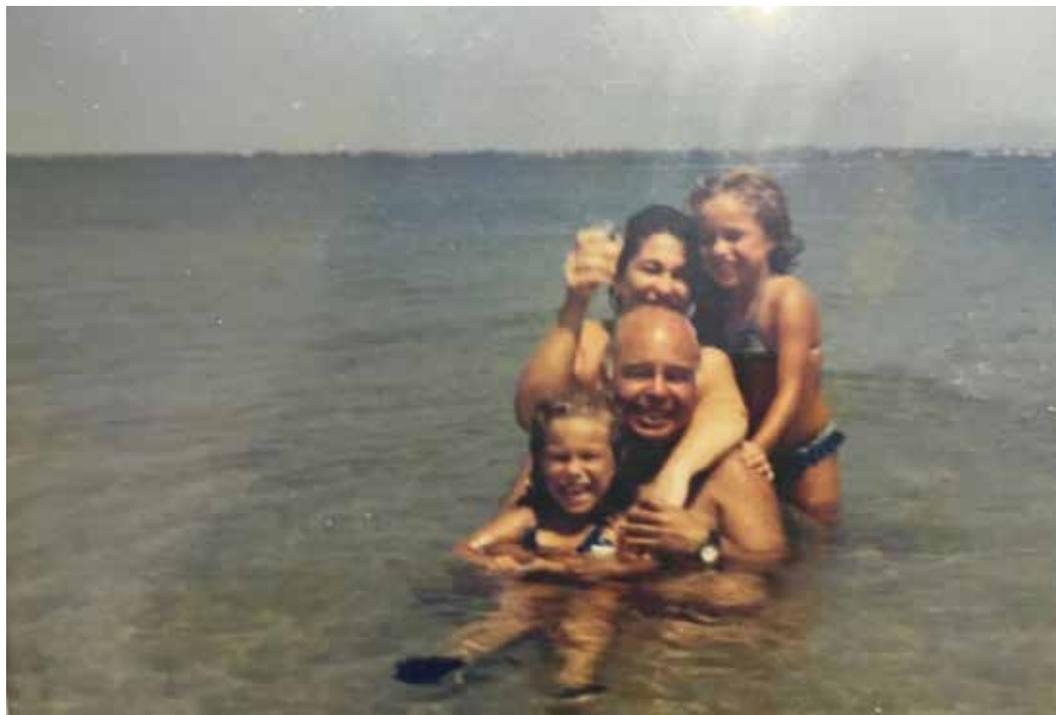
Casa em formato de barco, construída pelo Dauro em São Miguel do Furado



Terezinha na casa em formato de barco em São Miguel do Furado



Lembrança da Primeira Comunhão do Dauro Capela do Colégio  
Verbo Divino em Barra Mansa - 28 de setembro de 1943



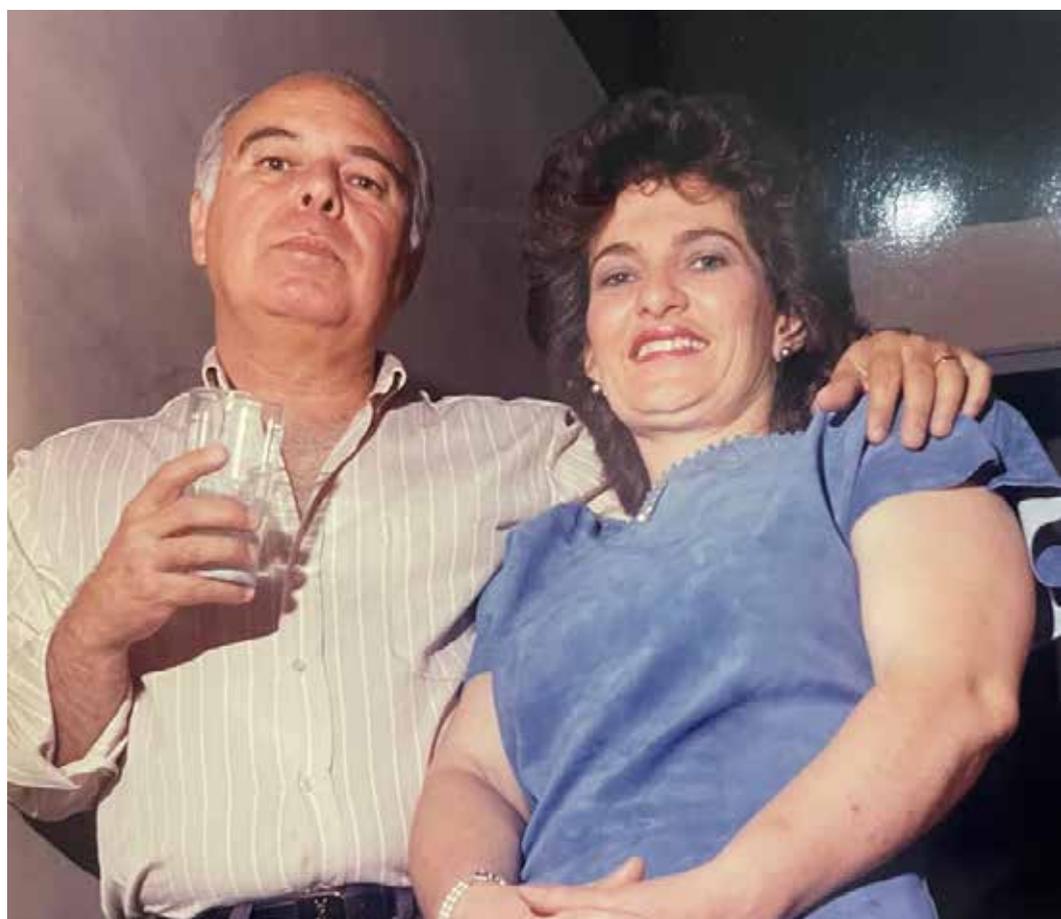
Dauro, Terezinha e as gêmeas Maria Tereza e Juliana em Barra do Furado



Dauro e Júlio César em Barra do Furado



Sentados no banco Júlio César e seu pai Dauro



O casal Dauro Aragão e Terezinha Soares Aragão

## Depoimento Júlio César Soares Aragão

O que eu tenho para falar do meu pai? Um milhão de coisas! É a pessoa que me marcou profundamente e pela qual eu pautei a minha vida inteira. Sempre o busquei muito, sempre tive ele como exemplo, como meta de intensidade. Eu olhava para o meu pai e o via assim. Nada para mim descreve melhor meu pai do que aquela expressão: maior do que a própria vida!

É, ele era assim. Ele era intenso para tudo! Quando ele era carinhoso. Era intenso. Ele era intenso quando ele era bravo. Ele era intenso quando ele estava bem. Afim de mandar alguém à merda, ele era intenso demais. Era isso. Ele sempre foi um exemplo para mim dessa intensidade.

Meu pai era um cara que não saía de casa sem dar um beijo na minha mãe. Isso marcou pra mim o tipo de relacionamento. Era assim uma relação dos dois, que era lindíssima, que era superintensa, que era super, super bonita. Então eu vi o jeito como meu pai chamava minha mãe, o carinho que ele tinha por ela. Mas tinha os momentos dele de rompante, não é? Tinha aquelas coisas, tem uma história que eu adoro contar. Precisa para dar noção de quem era esse sujeito. É uma coisa que desenha ele muito bem.

Um belo dia, ele acordou lá em casa, minha mãe tinha ido fazer compras. Tinha saído de casa. E meu pai saiu e não achou a chave do carro. E aí, ele dentro de casa, com as duas funcionárias da casa e a chave sumiu, sabe que absurdo! Esta casa é uma zona! Terezinha não dá conta dessa casa. E aí vai. E as empregadas corriam pro lado, pro outro, desesperadas, e me acordaram. Ajuda achar a chave do seu pai. E ele continuava vociferando: Não sei porque eu não posso sair para trabalhar porque esta casa é um absurdo! Mais ou menos uns 20 minutos de terror absoluto, aquele homem esbravejando dentro de casa daquele jeito. Terrível. De repente, minha mãe chega. E ele: Terezinha, sumiram com a minha chave aqui dentro desta casa que você não cuida da casa, vive aí com esse negócio não sei o quê de âncora, não cuida da casa, fica essa zona. E ela: já procurou dentro do carro?

Ele: Claro que eu procurei dentro do carro! Essa é a hora de você chegar e ainda ficar falando que está dentro do carro. Minha mãe abriu a porta do carro, passou a mão do lado do freio de mão do Opala e puxou a chave. Fez assim: pling, pling. E meu pai: Ô, meu amor, só você pra achar minha chave!

Isso para mim define como é que ele pulava do terrível para o doce. Perdia completamente a razão, mas não ia perder a pose.

Eu acho que eu precisei de um tempo também pra ficar longe, né? O dia que eu entrei na sala da presidência, que Eduardo tinha virado a sala para o outro lado, eu olhei para ele, e falei assim: cara, obrigado. Aí ele perguntou por quê? Porque você desmon-

tou todo o esquema, então a sua sala da presidência é outra sala. Ah! Júlio, mas isso eu mesmo não ia aguentar. Eu não queria sentar naquela mesa, aquela mesa era do seu pai, aquele lugar era do seu pai. Eu quero ter o meu lugar aqui, porque isso, simbolicamente, é importante para mim. Falei, cara, pô, obrigado, foi ótimo, foi muito bom.

Meu pai era um retrógrado. O pessoal tinha que imprimir o e-mail para ele escrever no e-mail para mandar para outro lugar. Pai, por que não coloca um computador? E ele respondia: de jeito nenhum, eu sou do tempo da manivela, não tem essa, entendeu? Por mim estava tudo bem. Eu botava tudo no bilhete e faço até hoje.

Ele era um grande contador de histórias, não é? Adorava contar uma história. Ele tinha uma história engraçada. A gente saiu para jantar. Ele não tinha muito contato com a Bruna, ainda. E ele estava naquela situação da Bruna ter sido casada com o filho do Paulo Pançardes. Mas nesse jantar ele falou assim para a Bruna: teve uma história que o Júlio já deve ter lhe contado essa história aí. A Bruna disse: ele já contou, mas eu quero escutar do senhor. AH! meu pai fez assim, encheu o peito feliz, e disse: então agora eu vou contar. A partir daquele dia a Bruna reinou na vida do meu pai. Ai ele se entregou completamente! Adorava a Bruna. Ia para todo lugar e ele encontrava com a Bruna, vinha abraçar, porque passou a ser uma pessoa que dava espaço para ele. E ele era assim. Adorava contar histórias. Tinha sempre histórias para contar. Se me pedir para contar uma história, eu não sei se consigo, porque eram tantas, eram tantos jargões!

Eu tenho uma coisa que eu acho muito interessante. Eu e o Dario temos a mesma idade. Nós temos 3 meses de diferença. Eu e Dario, a gente foi se conhecer com 14 anos. A gente sabia da existência um do outro, mas não se conhecia, mas a gente foi conviver mesmo depois dos 30. E é uma sensação muito estranha. É como se você conhecesse uma outra versão de você mesmo. Sabe por que? Sim, somos muito parecidos no jeito de falar, eu não me acho parecido com Dario. Eu não me acho fisicamente parecido com Dario. Mas tem aquele paradoxo: eu não me acho parecido fisicamente com o Dario, porém eu acho o Dario a cara do meu pai. E também me acho parecido com meu pai. Então, tem alguma coisa errada nessa história, não é? Mas acontece assim: é ter sessão de histórias de eu começar a contar uma história e o Dario terminar! Dario conhece as minhas histórias todas, porque ele conheceu do pai, e as expressões que ele usava, exatamente na mesma época. E aí a gente falava assim: lembra uma fita cassete que ele tinha gravada com "Detalhes" dos dois lados? Ele: putz, é claro que eu lembro, naquele carro ele tinha uma fita Basf cinza gravada com "Detalhes" dos dois lados. A gente viajava daqui até o Furado ouvindo "Detalhes", não é? Era isso. E aquele programa que tinha na Rádio Globo, chamado "Debates populares"? Nem sei se existe ainda. Passava da Serra ele ligava no "Debates populares" a gente ia escutando isso até depois de Manilha mais ou menos. Dependendo do caminho que fazíamos, mas quando chegava na estrada lá do norte Fluminense, já entra para cair o sinal. Aí era "Detalhes" de novo.

Ele era assim. Um cara que tinha um lado da elite barramansense, daquela família aristocrática. A minha avó, as minhas tias, aquelas senhoras todas, empertigadinhas, finíssimas e tal. Mas ao mesmo tempo, ele ia para a Barra do Furado. Ele virava um Dauro Aragão que botava a bota e ia jogar a carta com um Pescador, sabe? Era uma outra vida! Completa. Ali ele era o Dauro e pronto. Ele vivia com simplicidade, com aquele povo muito simples, muito sofrido.

A gente entrou num bar lá no Furado. Eu devia ter uns 6 ou 7 anos. De repente tinha um sujeito num canto. Ele estava falando com alguém, e o cara levantou, um bêbado, maltrapilho, sujo, sabe, e ele virou e falou assim: Dauro? O pai virou, olhou para o cara, e falou: Zé Augusto? E os dois se abraçaram chorando. Era um amigo de infância do meu pai, que estava bêbado, maltrapilho, largado, alcoólatra. E de repente, meu pai, que era um nojento, um monte de coisa, estava agarrado naquele homem, imundo, abraçando e beijando e feliz da vida e chorando. E eu olhei e falei assim, gente, que doideira é essa? Não é que não conseguia entender aquilo. Meu pai pegou esse cara, o José Augusto, que tinha o apelido de “charão”. Alugou uma casa para ele. Depois comprou uma meia água e deixou ele lá. O cara parou de beber e voltou a beber umas 300 vezes. Meu pai investindo nele, voltava, brigava com ele, dizia que não queria ver a cara dele, botava ele para fora da casa, mas no dia seguinte deixava ele voltar para casa e tal. Ele ficou uns dez anos nessas idas e vindas, até que ele realmente parou de beber e ficou direito, e meu pai cuidou dele, até ele falecer. Meu pai era o bolsa família dele. Dava um emprego para ele, e dizia: você vai cuidar dessa casa, vai capinar isso aqui. Ele capinava igual a cara dele, fazia tudo mal feito. Mas meu pai dizia que tinha que cuidar dele porque ele não tinha condição. Não sei o que ele tinha, um certo grau de talvez de retardo mental. Não sei direito o que que era. Ele era um palhação, um bêbado bufão mesmo, mas mesmo quando estava sóbrio, ele era bufão. Ele fazia graças. Ele mexia com as crianças, ele era aquele doidão de cidade do interior. Sabe aquele ser meio esquisito e meu pai acolhia e cuidava dele numa forma absurda.

E depois que meu pai morreu, milhares de vezes, várias pessoas, em determinados momentos, eu as encontro e elas dizem: olha, você não sabe não? Mas, em determinado momento da minha vida, seu pai me ajudou muito. Médicos, que vêm dizer: olha, eu tive problema lá na FOA porque eu não tinha grana para pagar e seu pai disse assim: vamos fazer de um jeito que você vai conseguir pagar e vai dar certo, vamos conseguir, não é? Mesmo antes dele ir para FOA, a Efigênia, que é pediatra. Logo depois que meu pai morreu, ela falou assim: você nunca deve ter sabido disso na vida, mas seu pai e Jonas de Carvalho e alguns amigos se juntaram e cotizaram para pagar minha faculdade de medicina. Eu fiz seis anos de medicina com eles pagando minha faculdade. Eu vou ser sempre muito grata a teu pai. Então, assim é, essas coisas que meu pai fazia o tempo todo.

Várias vezes eu via assim. Meu pai tinha uma coisa e eu até falei isso no memorial dele lá na FOA um dia. Todo ano ele comprava 100, 150 cobertores, aquele cobertor pelego, simples, né? E no inverno ele saía distribuindo. Mandava alguns para o asilo, alguns

para alguma instituição de caridade, mas ficava sempre com uns 30, dentro do carro, do Opala. Porque se ele parava em algum lugar e via um andarilho, mendigo, ele descia, pegava na mala e deixava dois cobertores. O que tivesse no bolso ia também, sabe? Tinha essa coisa, né? E eu lembro que assim teve uma época que eu não lembro se foi o banco Meridional que faliu ou se foi o plano Collor, eu sei que era uma época que ele estava quebrado e meu pai tinha uma coisa que era muito engraçada. Quanto mais quebrado ele ficava, quanto mais a situação financeira, às vezes degingolava ou quanto mais ele estava numa situação não tão bem financeiramente, mais de bom humor ele ficava. Eu brincava e falava: nossa, o pai, quando tá ferrado, ele é tão bom, né? Ele fica de bom humor, ele brinca! Ele tinha a capacidade de rir dele mesmo, que era fantástica, eu acho isso. Interessantíssimo. É que ele sublimava tudo com muita facilidade. E aí ele estava numa pindaíba dessas da vida, que o dinheiro tinha ido todo embora, porque eu acho que foi com o banco Meridional que faliu. E ele tinha muito dinheiro lá. Ele falou assim: vamos ver os cobertores. Eu disse: pai, mas você não está sem dinheiro, você vai fazer isso esse ano de novo? Ele respondeu: sim, agora é que é o mais importante. Agora é o momento que eu tenho que fazer mesmo, porque antes eu estava fazendo o que estava sobrando. Agora eu tenho que separar esse dinheiro para a gente fazer, porque aí é que a gente vê o quanto a gente pode ser generoso, né? E aquilo me conquistou, sabe, assim é que eu acho que é.

Mas essa história do pai Cambinda ainda tem uma história que é interessante. Meu pai, o sonho dele sempre de juntar os filhos. Porque tinha as duas famílias. E aí quando a gente começou a ter mais idade, ele apresentou a gente e a gente começou a conviver. E as pessoas falavam assim: mas vocês se dão? É tudo e é irmão mesmo: Eu respondia: a gente quebra o pau, a gente quer enfiar o dedo no olho do outro, igual irmão. A gente briga como irmão e a gente se une como irmão. Eles são meus irmãos. E aí meu pai mandou fazer uma mesa, na casa que a gente tinha no Jardim Amália, que era uma mesa de madeira maciça, que era bem a cara dele. Ele gostava de tudo bem antigo, né? De madeira escura e que tinha 16 lugares, que era o suficiente para caber a família toda. E o dia que ele pôde sentar ali para um jantar com todo mundo junto, a felicidade dele ali naquela mesa foi muito grande. Ele tinha um prazer muito grande de ver todo mundo junto. Eu acabei indo morar nessa casa e dessa casa eu fui para uma outra casa que também era dele, né? É, e levei a mesa, fiquei com a mesa para mim. Porque eu olhava para aquela mesa com carinho muito grande. Aí o que aconteceu? Eu tinha uma família grande e de repente não tinha mais. A casa ficou grande, eu mudei para um apartamentinho e eu falei que eu vou fazer com essa mesa, vou vender essa mesa. Não tem valor para mim, sabe? Não, não adianta, não vou poder botar um preço nisso, né? Vou deixar aqui para estragar, e aí me veio a ideia e eu doei a mesa para o Pai Cambinda. Eu falei com a Fabíola, que que é de lá também: eu tenho uma mesa assim, ela falou: a gente precisa, tem uma área comunal onde as pessoas sentam para comer uma mesa grande seria excelente para lá. Falei, então eu vou dar a mesa pra vocês, porque eu não tenho lugar para ela. E

meu pai, já estava no finalzinho, mas eu tive oportunidade de falar para ele, que aquela mesa que eu não tenho lugar para ela, eu sei que a mesa era importante para você, mas eu vou doar para o Centro. O que ele replicou: Ô, meu filho, não consigo ver lugar melhor, né? Eu vou continuar tendo minha família ali em volta. Faz sentido, a mesa estar lá.

Eram duas as entidades que tinham no Centro. Seu Zé Mulatinho, que era o que meu pai seguia, do Rui e tinha o outro, que era seu Sete Capas. O Rui ficou doente, então seu Zé Mulato parou de comparecer, e seu Sete Capas continuou cuidando lá. Um dia meu pai, muito debochado, com algumas coisas, às vezes perdia a noção de onde ele podia ser debochado com as coisas. Diz que o Seu Sete Capas passava com uma coité com cachaça e o charuto e baforava a cachaça na coité e entregava para a pessoa, para tomar. E que entregou para o meu pai, e disse:

\_ Assim está forte ou fraco?

Todo mundo falava que estava forte, não é?

\_ Ele disse: assim tá meio fraco.

Seu Sete Capas deu uma parada, olhou, deu mais uma volta, foi tal, não sei o que. Voltou, passou de novo: está forte ou está fraco? Meu pai pegou de novo, tá fraco. Aí na frente dele, ele pegou baforou de novo, mexeu a cachaça, entregou para ele. Falou: e agora? Meu pai falou: é agora está bom. É o deboche.

Depois disso, meu pai só se lembra de acordar batendo com a cabeça no gongá. Todo ensanguentado. Diz que meu pai incorporou alguma coisa. que pulava lá dentro. Chegou todo lanhado em casa, não sentia dor nenhuma. Ele não sentia nada, não tinha dor muscular, não tinha nada. Ele dizia: sei que parece que eu apanhei a noite toda. E aí os relatos são de que ele incorporou alguma coisa, que era um negócio assim do outro mundo, que gritava, que pulava aqui, que se batia aqui, que ele não apanhou, mas ele se lanhou todo de tanto que ele pulava, batia em parede, batia no móvel em tudo quanto é lugar não é. Resultado: passou uns três meses sem aparecer centro. Com medo do seu Sete Capas, com respeito do seu Sete Capas. Aí depois ele voltou muito devagar, mas tomou um respeito muito grande. Tomou uma puxada do seu Sete Capas.

E o Cajado tem outra também. Que a além de tudo, tinha que entrar no hospital com ele. E o pessoal da Unimed e o próprio CTI, o pessoal do hospital, tem um protocolo muito bem esclarecido contra isso, né? O Jorge Brandão falou: Júlio, é muito importante para a gente. Isso faz parte, do processo curativo, do seu pai, não é? E você traz. Mas aí o incumbido de levar o Cajado era eu, que sou o único filho ateu. E as pessoas vieram assim: Ah! você que é o portador do Cajado? O Valério, que é chefe lá do CTI, um amigo meu, formou comigo lá na FOA e ele falou assim: por incrível que pareça eu vivi para ver você carregando o cajado! Com certeza eu não deixaria de estar lá fazendo isso de jeito nenhum, porque era uma coisa muito importante para ele, para a espiritualidade dele, não é?

- Júlio, como era a relação é de vocês, dentro da FOA, como pai e presidente?

- Um inferno.

- Por quê?

Um inferno completo. Vou pensar o seguinte: minha vida inteira eu entrava quando criança no cartório e via meu pai, com aquele gênio dele. Na época que se datilografava, ele pegava o papel, olhava, e mandava fazer assim, isso aqui, isso aqui, isso aqui, isso aqui tem que mudar, devolve. A pessoa tinha que ir lá e datilografar aquilo de novo, sabe? Era o serviço dele A escritura não podia sair com nada errado. O dia que eu vi chegar o primeiro computador e alguém colocou o *word* na frente da escrevã, e disse assim: quando tiver errado, você só precisa vir aqui mudar e mandar imprimir de novo. Eu vi o olho da menina encher de lágrima, sabe de felicidade. Ela disse: eu só preciso mudar aqui na tela e ele vai imprimir outro novo. Eu não vou precisar fazer tudo também não? Você não vai precisar mais. Foi uma coisa do outro mundo.

E uma das coisas que eu tinha certeza na minha vida é que eu jamais queria trabalhar com meu pai. As pessoas diziam: você vai fazer direito e trabalhar com seu pai no cartório. Eu jamais iria trabalhar com meu pai no cartório. Jamais. Não é tanto que eu fui trabalhar na FOA antes do meu pai assumir. Eu fui. Eu fui para FOA em 1996. Eu já era professor quando foi 98. Um belo dia, eu estou dentro do hospital São João Batista e o Júlio Meyer me encontra: Julião você está sabendo que agora seu pai é o manda chuva da FOA? É o quê? Como assim? Seu pai é presidente da FOA. Eu falei: que graça é essa?

E era difícil, porque eu precisava às vezes falar com meu pai e acabava falando com o presidente da FOA. E às vezes eu precisava falar com o presidente da FOA e eu falava com meu pai. Os papéis eram muito trocados, sabe? Eu ia lá para pedir um conselho para ele de pai e ele me respondia como, como presidente da FOA. Outras horas, eu ia tratar de serviço com ele e ele me tratava como com meu pai, como se eu fosse um menino, não é? É, foi uma relação muito conturbada. Meu pai tinha um medo muito grande de parecer estar favorecendo qualquer filho. E qualquer parente. Ele tinha isso bem fechado na cabeça dele. Então, qualquer situação, qualquer disputa que envolvesse a gente, o culpado era sempre a gente sabe. Ele nunca deixava a gente sair por cima. E mesmo que a gente tivesse certo, e isso era muito difícil.

Eu tive um momento muito difícil na minha vida, graças a ação de uma pessoa muito nociva que eu acolhi, ajudei e apoiei por muito tempo, que foi o Mauro. Não é que envenenou completamente minha relação com o meu pai, não é? É e que culminou com. E o pior. Eu perdi a convivência do meu pai, pois o cargo não me fez a mínima falta. Eu fui para o consultório, ganhei 3 vezes mais dinheiro, não tive apoio, mas assim eu tive que guardar a mágoa, de ter sido demitido pelo meu pai. Ele não sabia fazer isso, sabe? Não, não ele. Ele tinha essa dificuldade, ele me chamou e me demitiu da forma mais sumária possível, porque era a forma que ele tinha de resolver, né? E eu demorei assim,

um ano e meio para poder depurar isso. E aquele processo de perdoar e de pedir perdão ao mesmo tempo. Não é uma coisa de uma mão só. É de você reconhecer que você tem que compreender um pouco o outro também. E a gente se perdoou, a gente conseguiu e aí e foi até muito melhor, porque assim esses últimos anos a gente estava muito mais junto. A gente estava muito mais próximo. Quando eu saí eu indiquei o Mauro para o meu lugar porque eu achava que ele tinha condição de segurar o projeto, pois era a pessoa mais indicada, Ainda por cima. E quando eu fiz isso, eu cometi a pior ofensa que eu podia cometer para o Mauro: fazer o bem para ele. E ele me perseguiu três vezes mais, enquanto ele foi coordenador do curso. Eu fiquei na minha, fiquei no corredor, fui para o MEC SMA, mas me dei bem no MEC SMA. Hoje em dia se você me perguntar assim, que que você quer fazer na FOA para o resto da vida? Eu falo assim, olha, eu quero ficar só no MEC SMA. Para mim está ótimo, né? A medicina é um projeto que eu gosto de ter de tocar e tudo mais. Mas eu já falei com Eduardo, é por um pouco tempo, é para a gente organizar as coisas. Depois eu passo para alguém e volto para O MEC SMA. É lá que eu quero ficar. E depois o Mauro aprontou tanto que acabou sendo demitido e meu pai me chamou e falou assim, você deu um golpe de mestre, não é? Eu falei por quê? Porque você conseguiu fazer o Mauro você demitido? Eu falei, não, eu não. O que conseguiu foi ele. Eu só dei corda.

Meu pai deu sorte na vida, porque com tudo de ruim que ele fazia para a saúde, ele conseguiu até ir até os 89. Só comia porcária, bebia, fumou até os quase 70 anos. Uma coisa que me impressionou muito e que eu até hoje passei a pensar em desacelerar muito, em não trabalhar com tanta intensidade. Não é? Eu falo isso em casa, os filhos ficam rindo da minha cara. Pai com tanta intensidade quer dizer que agora você não trabalha mais no sábado e domingo inteiro, né? Mas assim é que me fez pensar num processo de ir largando as coisas, para não ficar nesse ritmo de trabalho da vida.

Meu pai, quando estava internado, nos últimos três meses, começou a ter um processo de delírio, de noite, porque a ureia subia muito e tudo mais. E aí ele delirava. E os delírios dele eram reuniões da FOA. Ele fazia reunião com o Jairo, que já tinha morrido. Falava com as pessoas, dizia, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, vamos construir. Não sei o que, faz isso, então está aprovado. Está. O Nerielson dizia: não sei o que ele falou, olha seu pai. Eu chegava lá, às vezes, e ele falava assim, seu pai fez reunião a noite toda. Foi uma atrás da outra e era o refúgio dele naquele momento. era a realidade, onde ele ainda estava na FOA, ele tinha um carinho pelo trabalho, assim por estar lá. Na posição que ele adorava, de reizinho. E ele era o reizinho, não é? A adorava estar lá e mandar e decidir e tomar.

- E aquela luz vermelha, me conta!

Aí eu ainda tinha uma outra camada do negócio. Eu chegava, estava a Josi e a Lúcia, eu virava e falava assim: como é que está o hoje? Aí elas diziam assim: hoje não está

bom. Então fala que eu passei, deixei um beijo para ele, que eu estava com muita pressa. E eu ia embora, porque se ele não estava de bom humor...

Às vezes eu entrava com um documento dentro de uma pastinha. E claro que eu sentia que o negócio não estava bom. Ele perguntava: que que é isso aí, na sua mão? Respondia: um documento que eu tenho que levar para o hospital. Eu sabia que era algum projeto, alguma coisa que eu tinha que mostrar para ele, que se eu mostrasse naquela hora ele ia dizer que não. Ia seguindo, conversando, vamos deixar para outro dia. É, ele sabia que era coisa da FOA.

Eu tenho escrito no pulso, você quer ver? Eu vou te mandar uma foto. O meu pai, sempre dizia quando a gente estava no Furado. Quando dava vento sul, é o vento que traz a frente fria. Mas era o vento que trazia a tempestade. Que virava o tempo e ele dizia assim: olha o vento sul. Vento sul é, tempestade. Fecha a casa, porque vai começar a chover forte, porque virou vento sul. E ele tem um texto que ele fez sobre o vento sul, o que o vento sul traz. Eu tatuei isso na minha mão, escrevi vento sul. Porque para mim, eu deixei como um aviso que a desgraça sempre se anuncia de algum jeito. Sabe, a gente tem que estar atento aos sinais de que a desgraça vem.

Se a vontade dele, o que ele queria, é que as suas cinzas fossem para o Cajueiro, foram. Nada vai durar para sempre. As cinzas dele estão repousando no local que ele escolheu, o Cajueiro, e estando lá, foi feita a vontade dele. Eu queria que se cumprisse a vontade dele. As cinzas foram espalhadas no lugar que ele queria, lugar que ele amava muito, que era Barra do Furado. E o Cajueiro para ele, tinha uma simbologia muito importante. Do ponto de vista espiritual. Tem uma coisa da árvore e tem a ver com a religião. Quem sabe isso melhor é o Dario. Eu não tenho domínio direito, não. Mas já me disseram que o Cajueiro tem uma simbologia dentro da matriz afro e que isso tinha a ver com o fato do meu pai ter escolhido o Cajueiro. Foi o que ele escolheu, foi o que ele pediu e sinceramente, realmente, eu não preciso do Cajueiro para lembrar do meu pai. Eu lembro do meu pai 4 a 5 vezes por dia.

Eu estou com esse hematoma no olho, aí eu arranjei um óculos maior para colocar. Eu uso normalmente um óculos escuro, redondinho, pequenininho. É porque eu também assim tento evitar parecer mais com ele do que eu já pareço. Eu tento ter uma identidade própria. Aí eu coloquei um óculos de mafioso daqueles grandões igual aos dele, para disfarçar o hematoma. Nossa, eu entro no elevador e de cara assim eu falo: gente o que meu pai está fazendo aqui. É difícil, sabe? Assim, a saudade bate toda hora. Eu estou fazendo a barba de manhã, e eu olho, eu falo assim, gente, o meu trejeito de fazer a barba é igual do meu pai, eu faço a barba igual o meu pai fazia. Eu falo, às vezes imito as pessoas, faço uma piada, ou conto uma história que é dele, não é? Jogo uma daquelas frases de efeito que ele tinha. E quando estou com Dario, isso é pior ainda. Porque aí eu começo, e ele termina. Eu solto coisa qualquer, e tem coisas que são do jargão dele mesmo. E tinha as histórias que ele contava toda vez que ele dava para parabéns. “Muito bem. Parabéns

mousse fit, shampoo perfumado”, que era uma propaganda antiga, que ele e o tio Jairo falavam isso o tempo todo!

Jairo e ele eram dois irmãos. E meu pai, eu acho engraçado, ele falava sempre isso: ó, você tem que morrer primeiro, porque você que é o carola, você vai na frente, prepara meu lugar lá, porque você sabe que eu não sou dos melhores para esse negócio. Para mexer com ele. E de fato, a gente sabia que quando o primeiro fosse o outro não ia demorar muito. E foi exatamente isso que aconteceu. O tio Jairo morreu e seis meses depois, meu pai morreu também. Foi assim, muito rápido. Acho que em setembro ele morreu em fevereiro.

Nossa, e dar essa notícia ao meu pai. Eu tive que dar duas notícias para ele, a do tio Jairo e a do Porfírio. Todas duas foram muito pesadas.

Nadya a minha tia, a relação que ele tinha com ela, eles eram assim, se ligavam quase que todo dia. Quase nunca se viam, mas era um ligando para o outro e falando, entendeu? E era aquele jeitão dele, não é? Ele estava na sala. De repente ele pegava, olhava o telefone dele, tinha o identificador, Ele olhava assim e dizia: é sua tia. E ele atendia. Oi, Nadya e ficava 1 hora e meia conversando com ela.

Cecilia, eu tive um processo de aceitação da Sônia. Porque você veja bem, meu pai, o machão. Não foi uma nem duas vezes que eu vi meu minha mãe sair se arrumar para sair com ele, e ele dizendo assim: esse vestido não está bom, vai lá e troca. E de repente, meu pai estava casado com uma pessoa que subia na mesa da festa da FOA, e dançava em cima da mesa! É, ele fazia cara feia tudo mais, mas adorava conversar com ela. Eu falava assim, gente, mas tudo o que ele nunca aceitou na gente, que ele sempre cobrou tanta sobriedade da gente. E agora é assim. Demorou um ano, um ano e pouco, eu torcendo o nariz para Sônia, mas assim, de repente eu vi que entrou uma alegria para a vida do meu pai. Meu pai mudou tanto. Meu pai ficou mais leve. Meu pai sentava e olhava e ele adorava. Ele se soltou e

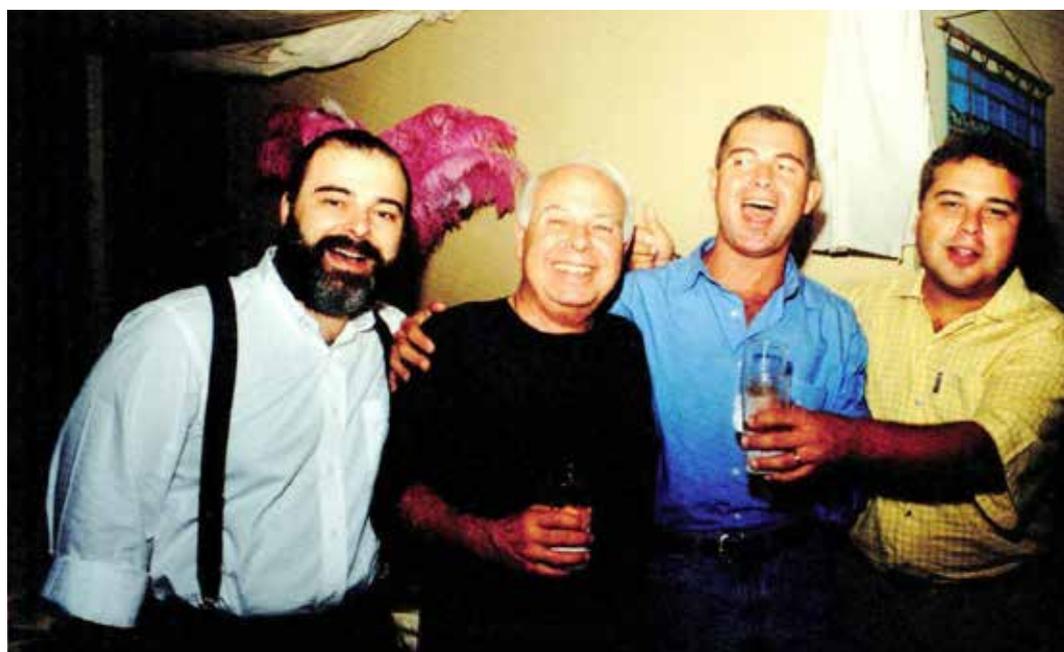
Foi o amor para fechar a vida mesmo, para completar.

Nessa época teve o cartório que ele teve que largar pela idade e ele ainda não tinha entrado na FOA. A gente passava mal de pensar nele colocar pijama àquela altura do campeonato. Eu brinquei com ele uma vez, sobre a mesa dele lá do cartório. Ficou imprestável, não é porque para tirarem de lá ele cravou as unhas. Assim saiu arranhando a mesa, tiveram que arrastar ele! E ele falou: cravei mesmo. Ficou tudo arranhado, porque só quando me arrancaram de lá que eu não queria sair de jeito nenhum. E a FOA foi um refúgio para ele. Hoje eu adoro sair com a Sonia para rir, para conversar. Tenho um carinho muito grande por ela. É de uma certa inocência de uma de uma coisa meio na naive, né?

Eu tive um fechamento muito bom com ele.



Dauro e seu filho Júlio César em Barra do Furado



Dauro entre os filhos Júlio César, Dauro Filho e Dario



Os dois irmãos em Barra do Furado - Júlio César e Andrea

- VENTO SUL -

De repente, cessa o vendaval do nordeste. As árvores ficam inertes. O mar se afiçeta em longo e manso silêncio. O céu, aos poucos, perde a bela cor azul anil e torna-se plúmbeo.

Reina um estanho e formidavelmente silêncio. Paixa no ar sufocante monomaco.

Do sudeste, ouve-se, num crecendo, profundo som gutural, surdo como se viesse dos confins da terra que se avoluma.

As ondas do mar passam a quebrar, violentas, ao longe e, voltando, espriam na areia da praia sua caudalosa espuma brava.

~~O som gutural~~ O rosnco gutural aumenta cada vez mais.

O frio e a chuva surgem do nada, sevidecendo tudo.

E' o vento sul que esta' chovendo

## Vento Sul

De repente cessa o vendaval do nordeste. As árvores ficam inertes. O mar se aquieta em longo e manso silêncio. O céu, aos poucos, perde a bela cor azul anil e torna-se plúmbeo.

Reina um estranho e permanente silêncio. Paira no ar sufocante mormaço.

Do sudeste ouve-se, num crescendo, profundo som gutural, surdo, como se viesse dos confins da terra que se avoluma.

As ondas do mar passam a quebrar, violentas, ao longe e, rolando, espriam na areia da praia sua caudalosa espuma branca.

O som gutural. O ronco gutural aumenta cada vez mais.

O frio e a chuva surgem do nada, umidificando tudo.

É o vento sul que está chegando. Dauro



Tatuagem do Vento Sul no pulso do Júlio César Aragão



Dauro na sua mesa da presidência da FOA

## Depoimento Maria Tereza Soares Aragão

Eu sou Maria Tereza, filha do Dauro e da Terezinha, gêmea da Juliana. A primeira lembrança que eu tenho do meu pai é de afeto. A maior manifestação de amor e carinho que eu já vi alguém expressar. Como? Apertando, esmagando, esfregando, ele era intenso. A palavra dele é intensidade. Ele era o Daurão forte, e que expressava o amor dele, que transbordava nele. Então, ele queria abraçar, ele esmagava. Ele queria beijar, ele amarrotava, ele arranhava com a barba, e eu vez ou outra reclamava, menos, minha irmã reclamava mais, era mais limitadora, eu permitia mais. Eu tenho uma ligação muito forte com meu pai e ele era a mistura do bruto/delicado, que eu não sei nem explicar, qual o nome disso. Como é que uma pessoa pode ser bruta e delicada ao mesmo tempo. Não conheço uma palavra no dicionário que defina isso. Uma pessoa que ame tanto, que se dê tanto, que entregue tanto, e que ao mesmo tempo fala firme, dá tapa na mesa, dá um soco na mesa e fala: vem aqui que eu te amo. Era um jeito firme, forte. E era um amor forte, um amor muito grande. Então, a primeira coisa que vem na minha cabeça ao pensar no meu pai é esse amor, esse afeto que aperta, esmaga, arranha, explode. Ele era muito intenso e isso foi o que mais recebi dele.

Eu sofria muito e sentia muito do fato de ele ser tão duro dentro de casa e tão flexível com os outros. Por vezes, eu desejei ser tratada como ele tratava as minhas amigas, as pessoas de fora. Mas hoje, eu vejo que faz parte do ser filha dele de receber esse tratamento tão exigente, tão rígido. Acho que isso era orientação. Também era forma de amar. E talvez, se ele não amasse tanto não seria tão exigente comigo. E isso continuou. E na adolescência eu sempre tive manifestações explícitas de amor e carinho dele.

Eu sempre tive nele o meu porto seguro. Não importa o que acontecesse ele era meu porto seguro e diversas vezes, inúmeras vezes eu ouvi, tive a sensação, a certeza e pude contar com ele do meu lado. Ouvia: você está errada! Ele apontava o erro, me mostrava o erro, mas dizia sempre: o que que a gente pode fazer para resolver esse problema? O que que eu posso fazer para te ajudar? Isso não é passar a mão na cabeça, isso é ensinar, isso é parceria, companheirismo, amor, afeto, cuidar, é ser pai. É estar ali e dizer você está errada, mas eu te ajudo. É eu te ajudo a crescer, organizar, aprender, seja lá qual fosse o caminho, eu tinha a ajuda dele. E não estou falando de dinheiro. É outro tipo de riqueza. Que é a orientação. Uma coisa que não é palpável. O que meu pai mais fez por mim, não é palpável.

Ser filha dele, ter ele, eu não consigo nem datar até quando eu o tive dentro de casa. Foi sempre. Meus pais tiveram uma separação quando eu era criança, e eu tive o prazer de ter meu pai de volta. Foi difícil, é lógico, mas eu tive o prazer de ter ele de volta. Eu sei que eu tive isso. Mas não tenho memória disso, dele me dizendo isso, dele saindo ou dele chegando, não, eu não lembro. Porque eu sempre tive meu pai dentro de casa. Eu sempre tive meu pai na minha vida. Eu nunca nem percebi. Lógico que eu sabia que meus pais

estavam separados, mas eu, Maria Tereza, eu não senti a separação. Provavelmente o casal sente, eles se acertam, mas eu, como filha, eu o tinha, era uma propriedade, era uma troca, não abalava. Não precisava de o casamento existir para eu ter ele e ele me ter. Eu o tinha como pai e ele me tinha como filha e isso sempre existiu. Eu fui a favorita. E todos vão dizer que sim, eles eram! O que estou falando é a verdade. Meu pai deixou todos se sentirem os favoritos, os prediletos! E isso é muito legal. Com a exceção do Dario, eu era!

Eu ouvi muito do meu pai manifestações de carinho em público. Isso meio que validava mais ainda o meu favoritismo. Ele dizia assim: ah! essa daqui é a minha grandona. Eu era a Tetê grandona e a Juliana era Juju pequenininha, porque ela teve um problema de saúde na infância, e isso a fragilizou um pouquinho. Acho também pelo fato dela ter nascido dois minutos depois de mim, botou ela no lugar de caçula. A caçulinha de todos os sete é a Juliana. Somos gêmeas, mas é a Juliana por questão de dois minutos. Então fez ela ser a pequenininha: Juliana, a última a nascer, teve um problema de saúde, não sei o que atribuiu isso, achismo meu, ela era a pequenininha, e eu era a grandona.

Por diversas vezes, no Casarão, a gente almoçando com amigos, meu pai gostava, era muito sociável. Eram viagens com os amigos, congressos, almoços, jantares. Eu lembro dessas reuniões sociais que a gente fazia. Dos jantares, eu ouvia muito ele me tocar e eu sentia como se ele tivesse me levantando, e me apresentando, falando assim: essa aqui é a minha grandona, essa daqui me enche de orgulho, não arruma problema com ninguém. E quanto mais ele fazia isso, mais eu curtia aquele lugar. É curioso como a nossa mente funciona, você é estimulada, motivada, e você é convencida que você é boa daquela maneira. E você quer ser mais, porque você é reconhecida. Meu pai fazia muito isso comigo.

E das viagens que a gente fazia, desses passeios, hotel fazenda, coisas aqui na região, ele gostava muito de passear. E o curioso é que, ele já de cabelo branco, já um senhor, disposto, com camisa na cabeça, brincando, eu maquiando meu pai. Hoje, em 2024, nós vemos um movimento maior de pais mais presentes, mas são jovens. E eu tive a experiência com um cara tão conservador, tão antigo, de tanta idade, anos atrás, eu estou com 42 anos, bota aí, 40 anos atrás, 35 anos atrás, você ver um cara tão durão e conservador que brincava comigo. De mergulhar, de botar coisa na cabeça, de maquiar. Ele era muito presente, com as limitações. Saía para trabalhar, mas os momentos que tínhamos, eram momentos de qualidade. Um pai avô. Eu podia ter tido um pai que pegasse no argumento que estava cansado, que não tinha tempo, que tinha outras coisas para fazer, que queria ler um livro, que queria ler o jornal, e ele fazia tudo isso. Ele passava o Rayto de Sol dele, aquela bisnaguinha que eu adorava o cheiro, queria usar aquilo e não podia, anos 80/90, passava na careca, pegava o jornal e lia, lia o livro dele. E por muitas vezes calçava a bota, cano curto, social, com o terno e ia trabalhar, mas tudo no seu tempo. E ele, ainda assim, nunca se esquivou de ser presente. Ser alegre e estar presente com a gente.

Eu só tenho a agradecer. Trabalhou muito. Se um dia ele trabalhou e não pode ficar comigo, foi para me dar o melhor, foi para viver, foi para construir Volta Redonda, não foi

só por mim, foi por Volta Redonda também. Que é o propósito. Hoje em dia se fala muito de se ter um propósito para viver, ele não fazia só pelo dinheiro, ele fazia para construir Volta Redonda também. É de gratidão. Por isso que eu falo, que eu sei, que de tudo foi o melhor que ele pode dar e eu recebo da melhor maneira que eu posso. Porque eu sei que ele fez o melhor que ele pode. Se um dia ele não pode sentar comigo para brincar e no outro, ele pode, eu sou grata a esse momento. E o dia que ele não pode eu sou grata por ele ter saído para trabalhar. Porque ele estava fazendo pela cidade, pelos funcionários dele, por mim, pela família. Ele tem diversas maneiras de amor e essas foram as formas de amor, linguagens de amor que ele teve para oferecer.

Me lembro muito do meu pai me orientando a estudar. A adquirir conhecimento. Ele falava e eu demorei muito tempo para assimilar isso, porque eu era imatura, infantil, e dele sempre falar: estude, porque é a única coisa que ninguém pode tirar de você. E realmente é. Depois que você lê uma frase e essa frase vai para dentro de você, ninguém tira mais. Não existe o disler. Quando você toma conhecimento de alguma coisa, boa ou ruim, ela está dentro de você. E ele orientava dessa maneira. Estude, que ninguém vai arrancar isso de você.

Ele me bebezava muito! Sempre fui muito a “menininha do papai”. Acho que ele nunca me viu mesmo como mulher. Nunca me olhou, nunca me viu como adulta, mesmo quando eu tive filho, separei, casei de novo. Ele não via. É bom, porque é ótimo ter o seu pai ainda ali cuidando, “filhinha do papai”, ainda na bolha dele. Era tanto amor, que ele quis me blindar do mundo e eu acho que blindou até demais. Mas senti por não ter sido encarada como adulta. Ele não me via como adulta, amadurecida. E até o dia dele morrer ele não me viu.

Acho que o momento mais especial que eu tive com ele foi o último dia que eu o vi. Nunca senti uma força tão grande. Eu nunca senti uma força vindo de mim. Uma ligação entre ele e eu. O olhar dele sobre mim era sempre de orientação. Sempre de me guiar. Eu ainda falava de casamento, de filhos, de planos, e ele não deixava passar uma oportunidade de me orientar. Ele estava sempre orientando, aconselhando, dirigindo e eram sábios os conselhos dele. Eu tinha que aproveitar e mais uma vez eu o via como o meu braço, que estava ali do meu lado, um braço a segurar, uma mão a me carregar. Era isso que ele queria. Eu acho que ele sempre quis que nós o víssemos como o cara a me carregar no colo e era essa a sensação que ele passava.

E aí, no fim da vida dele, tivemos uma troca muito linda. Um pouco antes dele entrar na fase ruim, quando ele teve o primeiro episódio, não tinha ainda a estrutura de equipe médica, enfermeiros. Ele não tinha enfermeiro ainda e eu estava aqui em Volta Redonda. Isso foi logo no começo da fragilidade dele do fim da vida. Foi o começo do fim dele.

Eu não sei como eu entrei naquele hospital. Éramos os filhos revezando em visita. Mas eu entrei no hospital um dia e não sai mais. Eu fiquei como acompanhante. Eu cuidei, eu dei banho. Teve dias que ele não levantava a cabeça, que ele não conversava, que ele

não tinha força para falar. E até a Tatiana chegou num dia. Eu era fixa e recebia as visitas que iam lá. Ele oscilava entre dias lúcidos e dias não. Ele não estava ainda num quadro de demência. Ele entrou num modo mental muito frágil, mas nessa época, não. Ele só tinha períodos de lucidez, de estar acordado, vendo coisas, vendo a vida, via quem estava e tinha dias que ele estava tão fraco, que ele não levantava o rosto, ele abria o olho, mas era um olhar vazio. Ele não estava vendo as pessoas, mas ele estava ali. Ele não estava ainda com as faculdades mentais alteradas. Ele estava bem, somente extremamente fraco, tanto que ele não tinha força para identificar as pessoas. E eu não sei de onde eu tirei força. Eu não sei. E confiança, segurança de achar que eu podia cuidar dele. Se me perguntar hoje, eu vou falar que não. Não sei nada. Não sei para que lado vai. Mas eu vi uma necessidade ali. E uma lacuna. Eu não critiquei ninguém. Em momento algum. Isso não é uma crítica. Ninguém entrou e ficou. As pessoas entravam, davam um beijo e iam embora. Eu entrei e fiquei. Eu dormi, eu acordei, eu dei banho, eu fazia coleta do exame, era no banheiro. Eu via o olhar dele triste de ter um auxiliar de enfermagem para dar banho nele. Eu dei banho nele e via a gratidão e a vergonha. O corpo não aguentava, mas a cabeça estava boa. Só que ele via e ele me agradecia porque eu estava ali. E eu estava preservando a imagem de um cara que eu não queria que outras pessoas fizessem isso, e eu fiz. Se meu pai pudesse falar nesse momento eu sei que ele se sentia humilhado, mas se sentia mais confortável comigo do que com um estranho. E eu fiquei muito grata de poder ter feito por ele uma coisa tão fisiológica, tão de pele, de tocar. Eu toquei nele. Eu fiz alguma coisa por ele. Eu pude fazer. Eu estava morando em Salvador. Eu cancelei meu voo, e eu não fui embora enquanto ele não teve alta. E eu fiquei com ele todos esses dias.

Nessa época, eu lembro que a minha sobrinha Tatiana entrou e ela viu meu pai arriado, ele não levantava, ela chorava copiosamente. Ela não estava preparada para aquela cena. Ali eu vi. Poxa, ela está fraca e eu vou segurar essa onda. Eu não sei, foi muito meu. Eu só falei: Tati, vamos sair daqui, esse choro não vai fazer bem para ninguém. Eu senti pena dela, eu a abracei, eu sei, tá difícil, mas ele está assim. Eu a acolhi, eu vi que ela estava sofrendo, mas ele ia ouvir todo aquele choro e ouvir toda aquela conversa. No outro dia ele melhorava, no outro ele piorava. E aí ele teve alta. Quando ele teve alta o Eduardo Prado o acompanhou. Aí começa a briga dos Aragões no saguão, de quem entra, quem não entra, de quem pode, de quem não pode, que só o Eduardo podia subir. Chegou uma hora que era eu acompanhando e o Eduardo subindo. O Eduardo acompanhou comigo esse período muito forte. Ele viu o que eu estava fazendo e eu vi o quanto o Eduardo representava a força do meu pai ali, dos filhos. O elo dos filhos com o meu pai era o Eduardo. Quando ele teve alta, eu voltei para Salvador, pois eu estava tranquila que ele tinha ido para casa. E aí, dez dias depois, ele foi para o hospital de novo. Eu voltei correndo para cá. Não tinha ainda a pandemia.

Vou tentar falar do meu último dia com ele.

Ele veio a se internar algumas outras vezes e sair, só que eu estava em Salvador. E aí eu já não tinha mais o acesso a cuidar dele, a ser cuidadora. Quando eu voltei, nas outras

internações, ele já estava com uma estrutura médica, de profissionais da área de saúde, fisioterapeuta. Quando ele teve alta desse primeiro período, que eu fiquei lá com ele, foram três semanas, eu acho. Quando ele teve alta e voltou para o hospital eu já não tive mais oportunidade de cuidar dele, porque ele já estava com enfermeiros, em turnos que um rendia o outro, e eu só entrei então como visitante. E para mim o que importava era ficar perto dele, mesmo como visitante, apesar de eu querer estar como acompanhante.

Quando foi em janeiro de 2021, ele já estava no hospital e a gente estava passando por vários avisos de que vai piorar, está piorando, teve uma piora, teve uma melhora, estabilizou, não estabilizou, a gente já estava se preparando para isso. Estava na pandemia, e os últimos contatos que eu tinha tido com ele, foram com ele lúcido, muito bem, a gente fez várias chamadas de vídeo.

Ele inclusive teve uma experiência muito divertida, que eu acho que ele não teve outra experiência dessa na vida dele, em que ele assistiu o chá revelação da neta dele, a minha filha, durante a pandemia. Porque eu engravidei um mês antes da pandemia, então a gente fez o chá revelação dentro de casa, e ele e a Sonia assistiram. A gente fez um convite para a família inteira e várias pessoas da família assistiram. Ele assistiu e deu palpite, ele achou que ia ser um menino, “um menino do saco roxo” ele falou, aí foi uma menina e ele Oh!!! uma menininha, uma baianinha. Ele adorava sacanear, falar sempre com uma graça, fazer um deboche e uma ironia que pertencia a ele. Esse jeito irônico e debochado de falar que pertence a todos os Aragoães, eu acho. E isso foi por eu ter filho baiano, por eu morar na Bahia, ele sempre fez uma piadinha muito divertida, muito única.

Eu estava em Salvador, veio a pandemia, minha filha estava com quatro meses de idade, eu recebi o aviso de que o hospital tinha liberado a visita dos sete filhos para a gente se despedir dele. A gente ver. Aí eu tive um peso muito grande de decidir se eu vinha ou não. Em plena pandemia, a gente não tinha vacina, eu com a minha filha com quatro meses, amamentando só no peito, e eu tinha que decidir se eu vinha ou não. Ninguém opinou, eu queria que alguém decidisse por mim, na verdade. Meu marido só falou: o que você decidir, eu te apoio. As mulheres que são mães falaram para eu não vir, para me proteger e à minha filha. Era pandemia sem vacina. Foi numa sexta feira isso. Eu tinha que decidir se eu vinha ou não. E eu decidi vir. Eu botei uma máscara, aquela M95, que não tirei em momento algum, botei um face Shield, fiz um coque no cabelo, botei um vestido. Cheguei no aeroporto o motorista me pegou, às 11 horas da noite, me deixou na Unimed à 1 hora da manhã. Eu entrei lá, rendi a Manu que estava me esperando, muito calma, muito tranquila. Meu pai só gemia, e ela estava tranquila, e eu dizia porque que ele está fazendo isso? Ela falou: ele só faz isso. Ela já tinha acostumado e falou, fica bem, é o normal dele. Eu disse, não pode ser. Ninguém faz nada. Fiquei a madrugada todo o ouvindo gemer, ele falar “ai”, e eu fiquei ali tentando entender aquilo tudo. Ai eu tomei um banho, coloquei minha roupa num saco, me troquei e fiquei com ele. No sábado de manhã ele acordou. Ele olhou para mim e me mandou um beijinho seco, de quem não conseguia fazer, não conseguia juntar a boca, de fraco, só fazia o estalo. Eu olhei e não tinha mais gemido, e ele me pedia beijo,

me pedia para eu chegar perto dele, eu de máscara, morrendo de medo de passar alguma coisa, pois ele estava muito frágil. Sem tocar, sem poder encostar. Distante. Eu tirei a máscara uma única vez, para fazer uma refeição e foi dentro do banheiro. Eu comi dentro do banheiro com o cheiro forte daquele desinfetante, de álcool, de água sanitária, eles usam um produto muito forte. Eu me limpava toda. Eu nunca sai na pandemia. Minha única saída foi vir para ver meu pai. O dia foi acontecendo. As pessoas entravam lá e falavam assim: é o mesmo paciente? Não pode ser. Ele está falando! Ele não come há dias. Ele comeu um pão na chapa e eu dava na boca e ele comeu e tinha dias que ele não comia. Ele beliscava. E ai, ele comeu comigo. Ele falou assim: o quê que é isso? Pai, é pão na chapa. Nossa, que delícia! Nunca comi! Eu ri, é pai. A nutricionista falou: ele comeu? Vim aqui ver. Me deram a notícia que ele comeu um pão, ele não estava comendo. Eu não sabia. Ele estava beliscando, unhando as pessoas. Deixou fazer a fisioterapia, deixou dar banho nele na maca, que ele não deixava, ele estava agressivo. Eu não sei como ele estava antes. Na verdade, o que eu sei é quando eu o vi. E o que eu sei é que ele não estava do jeito que eu vi. Meu último dia com ele foi um dia de tanta qualidade, a enfermeira deu banho nele, a fisioterapeuta fez a fisioterapia, a nutricionista. Elas iam lá e falavam para mim assim: não vai embora não, por favor, só com você que ele está comendo. Só com você que ele está fazendo essas coisas. Eu não sei quando tinha sido a última vez que ele tinha feito essas coisas. Ele me mandava beijo de longe. Meu último dia com ele foi mágico. Eu tive esse momento com ele.

Meu pai tinha o discurso dele. O discurso de que ele não queria que eu fizesse nada. Mas eu sai, eu fiz faculdade, mas eu não exercia, eu não trabalhei. Eu segui o caminho de ser filha dele. Eu fui filha dele a vida inteira e até hoje eu sou filha dele. Tenho uma profissão, mas eu vivi na bolha, vivi nessa blindagem. Eu voltei para Salvador e positivei Covid. Foram os piores dias da minha vida. Perdi meu pai uma semana depois. Não vim porque ainda estava com Covid. Eu não consegui dormir. Comecei a ficar com muito medo, a gente só sabia que Covid matava. Algumas pessoas morrem, outras, não. Não tinha vacina. Eu estava muito mal e fui a primeira pessoa a saber que ele tinha morrido. Quem me deu a notícia foi o Nerielson, o enfermeiro que estava com ele lá. Ele me mandou mensagem duas horas da manhã: loura, seu pai descansou. Ele perguntou, você está aí? Falei, estou. Ele disse que estava tentando falar com alguém da família. Duas horas da manhã. Ele estava no hospital com meu pai. Eu estou aqui com seu pai, ele acabou de morrer. Eu já estava no chão, fiquei mais no chão ainda, no buraco. Só que o meu luto pelo meu pai foi muito sofrido. Porque eu entrei numa piora de Covid, minha filha pegou, meu marido pegou, meu mais velho não pegou, eu o isolei em casa, com a casa inteira de Covid, só meu filho, não. Eu o mandei para a casa do meu ex marido que é o pai dele, e falei, deixa ele ainda isolado. Sete dias depois eu internei meu marido, que ficou 12 dias internado. Acho que essa foi até uma blindagem do meu pai para sofrer com o luto dele. Porque eu estava muito mal, meu marido ficou muito mal mesmo, ele é diabético desde os três anos de idade, portanto já é mais suscetível às ações de vírus. Minha filha, com febre e diarreia. Levar ele para a emergência e voltar. Todos nós queimando em febre. Era tosse, era dor, tudo de Covid nós

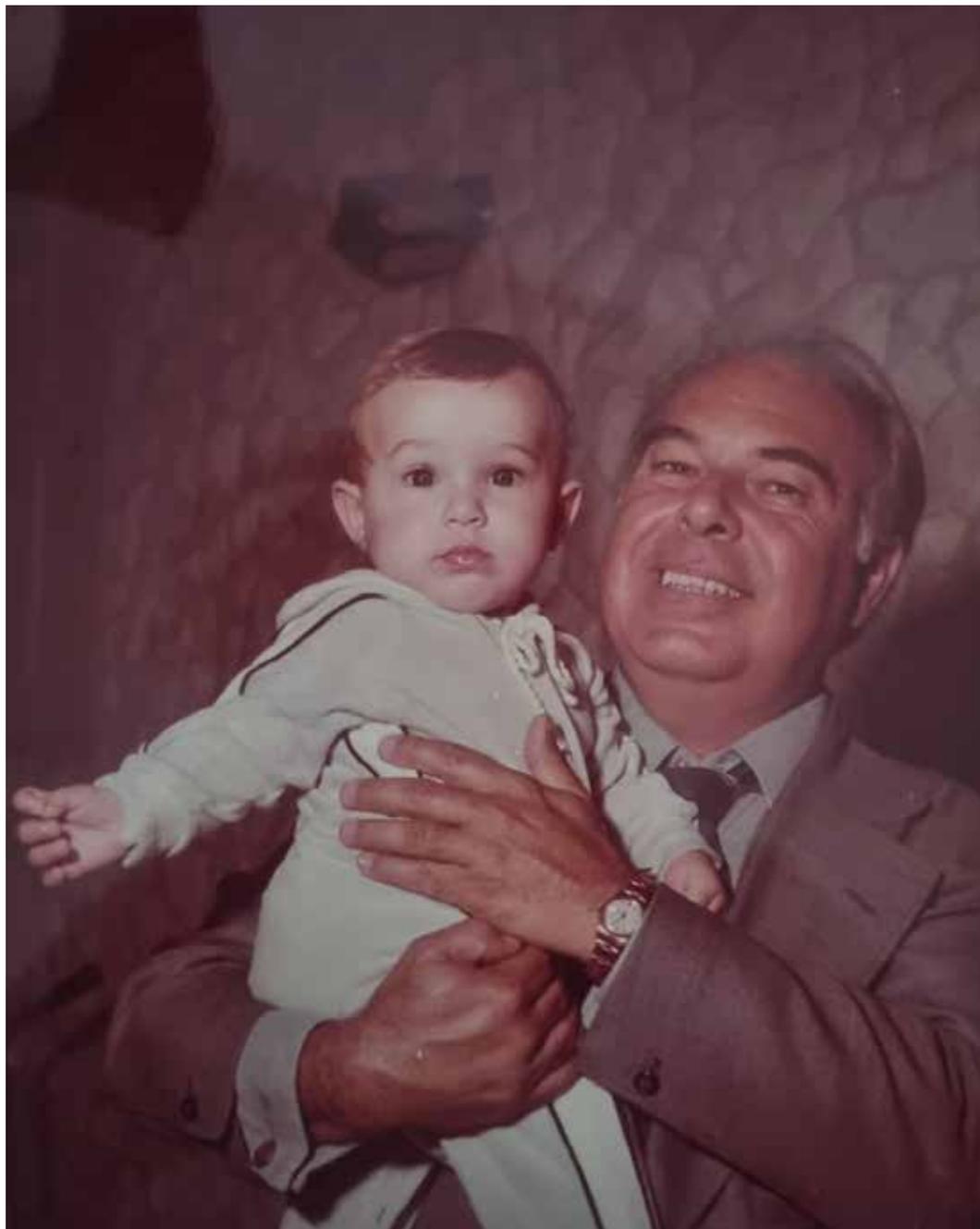
tínhamos. Eu vivi um inferno. Eu olhava para o céu ajoelhada na minha varanda e dizia: pai, por favor, a gente não está tão longe. Você saiu de Volta Redonda e agora você está aqui. Tira meu marido de lá, protege minha filha. Eu estava muito ruim. Ai meu marido chegou de surpresa em casa. Da portaria do prédio para o apartamento ele não conseguiu andar. Ele voltou muito debilitado. Chegou na porta de casa, eu abri e disse que não estava acreditando e porque você não me falou? Ele não conseguia falar. Era ofegante, não respirava. Perguntei como é que te deram alta desse jeito? Ele disse que estava bem, que ia fazer fisioterapia em casa, só preciso ter disciplina, eu vim, estou com medicação. Agora o que eu faria dentro do hospital eu vou fazer em casa. O pós Covid dele foi tenso, ele não caminhava, muito debilitado.

Meu pai nunca me ensinou falando, ele agia. Ele sempre deu muito conselho, orientação, segmento a seguir, mas tem uma coisa que ele ensinou, sem querer, sem intenção, que é uma coisa que a gente tem lá em casa, e que é lindo e que eu tenho muito orgulho: é tratar pessoas, falar com pessoas, ser educado com pessoas. Tratar os profissionais que te servem, com educação, com respeito, dando mérito, dando o lugar que eles merecem. Dando merecimento para essas pessoas. Meu pai nunca falou para eu tratar bem quem me serve, ou as profissões que são de serventia, que estão ali para fazer por nós. Ele nunca me ensinou isso, mas ele sempre fez, e eu aprendi. Ele foi um exemplo de humildade, de caráter, de hombridade. De agradecer olhando para a pessoa. Humanizar uma coisa que poderia ser mecânica. O fato de uma pessoa te servir um café, ele não só dizia “obrigado”, que é o automático, o que você espera que a pessoa diga. Meu pai não dizia apenas “obrigado”. Ele virava o rosto, olhava para a pessoa e dizia: obrigado querido, querida; obrigada amiga. Existia uma qualificação honesta e sincera. Ele humanizava o básico, a obrigação, o que se espera de alguém. Ele olhava para a pessoa, perguntava o nome. Por mais que ele não lembrasse depois, ele confundisse. Mas é ser humano você perguntar o nome. É dar o merecimento para as funções que nos ajudam, que nos servem. E ele foi um cara que foi o maior exemplo disso e eu trago isso. Não é ser humilde, é ser humano. Não existia essa opção de ser ou não ser humilde. Ele era assim. O cuidado dele com as pessoas era diferenciado, ele olhava para as pessoas.

Eu aprendi isso, eu vivo isso e eu me sinto grata por ter aprendido isso de uma maneira muito natural. Não foi uma recomendação, não estava escrito em algum lugar, ele não olhou para mim e falou você tem que fazer isso, mas eu o via fazendo. As meninas do cartório, quem trabalhava com ele, ele tinha um carinho tão grande pelas funcionárias dele. As pessoas o amam. Eu vou no cartório até hoje e as pessoas amam o meu pai. As pessoas que trabalhavam lá, é um carinho, uma consideração. É lindo de se ver.

Com tudo que passei, não tive tempo de sentir a morte do meu pai. A falta dele eu sinto todos os dias. Juliana sente falta dele e chora muito. Ele fazia com ela também a mesma coisa, brigava, dizia que estava errada, mas sempre estava do lado dela e dizia: eu vou te ajudar. Como a gente vai fazer junto para te ajudar. Sempre criticou, brigou, reclamou, mas sempre esteve do lado dela. Ela mora sozinha com o filho, sente mais. Eu sempre es-

tive casada. A figura masculina é muito importante na nossa vida. E a nossa era nosso pai. Que graças a Deus deixou um legado muito bonito, muito bom, de amor. A lição que vida que é a que a gente carrega. É o que eu quero passar para os meus filhos, da minha forma mais feminina que eu puder. Porque ele era o mais masculino possível. Deus o protegeu no final da vida dele.



Dauro e Maria Tereza bebê



As gêmeas comendo! - Maria Tereza e Juliana



Dauro com Maria Tereza na garupa e abaixo na fazenda



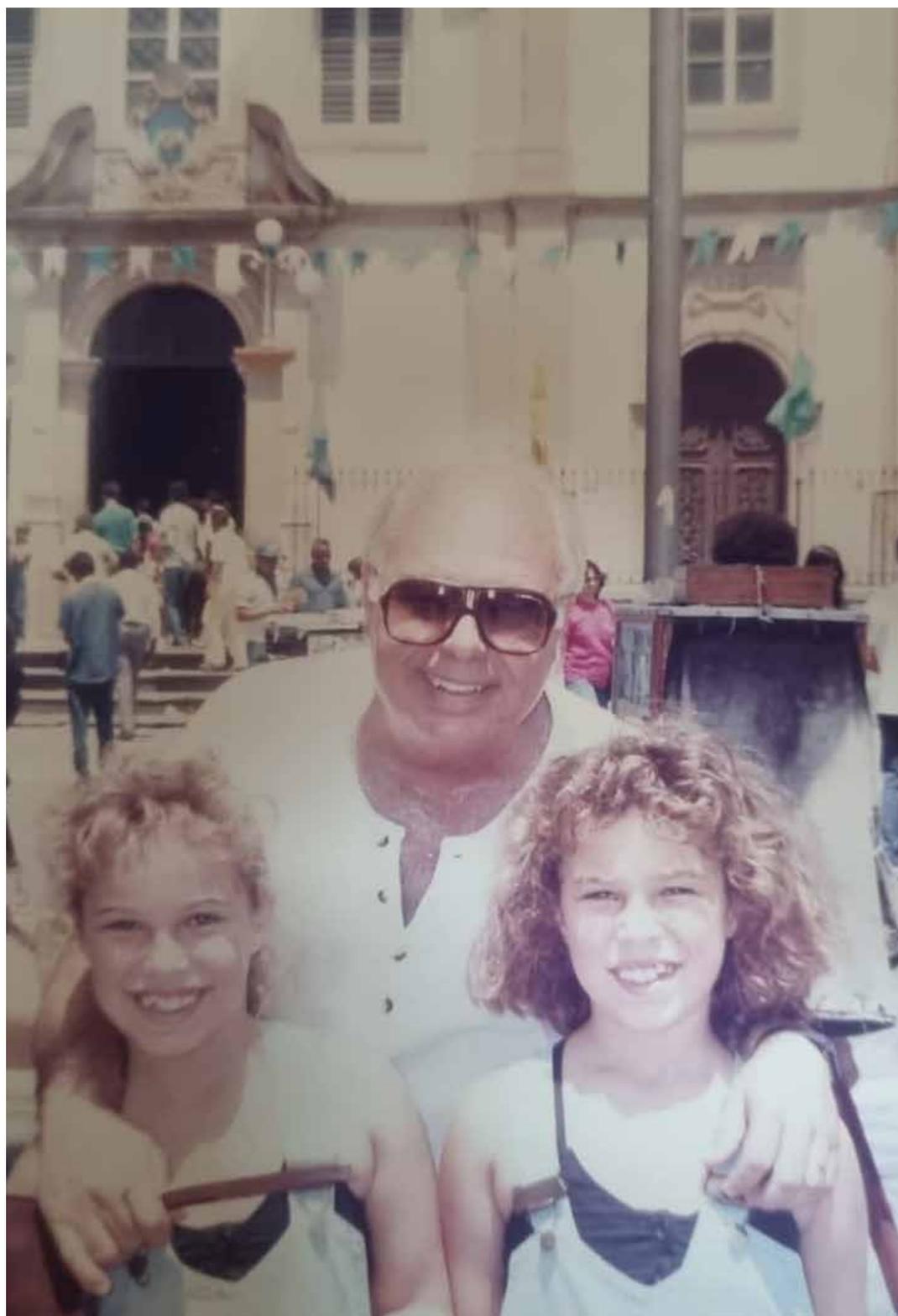
Dauro, Terezinha, Maria Tereza e Juliana no Furado



Dauro e Maria Tereza menina



Pai e filha brincam na piscina da casa do Jardim Amália  
- Volta Redonda - Dauro e Maria Tereza



Dauro e as meninas Maria Tereza e Juliana



Tias e sobrinhos e sobrinha! Da esquerda para a direita acima -  
Juliana, Igor, Guga e Maria Tereza - Abaixo - Bárbara e Alexis



Dauro e Terezinha



Dauro e Terezinha com as gêmeas - Juliana e Maria Tereza

## Depoimento Juliana Soares Aragão

Eu sou Juliana, filha do Dauro, a caçula de sete, até da minha irmã gêmea, que tenho a diferença de dois minutos. Meu pai me chamava de Julianinha pequenininha. Porque eu tive um problema nos rins, quando eu tinha dois/ três anos, eu acho então que eles denominaram isso e botaram a minha irmã para ficar cuidando de mim. Como eu tinha uma atenção mais dobrada, mais especial por causa da questão de saúde, eles colocaram a Tereza grandona. E a Tereza tinha que cuidar. Eu acho que isso se perpetuou por muito tempo. Foi até um problema para a gente na adolescência, porque a minha irmã queria cuidar, não era o tempo todo, mas ela ficava muito em cima de mim. Eu acho que ela tinha essa responsabilidade de olhar por mim, que os meus pais colocaram, porque eu era a Julianinha pequenininha, que fazia exame de sangue toda a semana e precisava de cuidados, de vitaminas, e que, Graças a Deus, não precisei fazer cirurgia.

Eu sempre tive uma ligação com meu pai muito forte.

O meu pai me disse: filhinha, o poder da mente é muito forte. Se você ficar olhando para o escuro - eu tinha muito medo do escuro, não queria ficar perto do escuro - e achar que tem alguém ali, você vai ver alguém ali. Porque a sua mente vai te trair e você vai reproduzir aquilo que você acredita. E eu ficava mais desesperada ainda, porque eu não queria acreditar, e virava uma bola de neve. Se eu ficar vendo eu vou ver e se eu não ver eu vou ficar com medo. Eu não posso pensar, mas eu já estava pensando e ficava mais apavorada ainda. Coisas de criança. Com trinta e poucos anos eu fui conhecer o livro "O segredo" e o filme, que eu assisti, estudando com papel e caneta. E hoje eu faço quadro de visualização e é incrível, porque tudo que eu coloco no quadro de visualização eu realizo.

Um dia eu contei para o meu pai: pai, você sempre soube do segredo, da lei da atração. Eu soube e eu cheguei na cozinha da casa da minha mãe, e falei com ele. Para ele era tão normal. Ele disse: é minha filha, a força do pensamento. É isso aí. Cura até doença. E cura mesmo, eu vejo. O meu pai me ensinou muito isso. Hoje eu faço ho'oponopono. A lei da atração, ele me ensinou desde pequenina.

Hoje eu faço um trabalho social, apesar de ter saído há dois anos desses trabalhos, eu continuo por fora e hoje eu faço 90 marmitex, para distribuir para a rua. Eu lembro que meu pai fazia muito isso. Eu acho que muitas das coisas que eu faço hoje, até das ruins também, é coisa que eu vi dele. Eu tenho pavor das coisas que eu faço, às vezes, mas eu lembro do meu pai. Ele tinha dois carros opala, um diplomata. Um vinho e outro azul marinho. Eu odiava o cheiro daquele carro de novo, era um cheiro forte. Na época não tinha internet! Meu pai comprava de Minas, da fábrica, fardos grandes de cobertores cinza. A gente morava numa casa muito grande no Jardim Amália, e era no inverno.

Todo inverno meu pai comprava muito cobertor e distribuía. Eu lembro a gente passando de carro, em frente à rodoviária, onde tinha uma estação de trem e meu pai parava o

carro. Estávamos minha mãe na frente, eu e minha irmã atrás, ele abria o porta malas e cobria as pessoas. Isso ficou na minha memória e hoje eu faço. O povo hoje não quer mais esse tipo de coberta, querem edredom. E eles falam, você me trouxe comida, pode trazer ração para o meu cachorro? A gente passa a ajudar da forma que pode e eu ajudo cozinhando. Eu levo meu filho, às vezes, para fazer e assistir junto o que a gente faz, para ele ver a realidade. Meu pai sempre me mostrava muito a realidade, mas eu acho que a gente viveu muito protegida. Eu vivi numa bolha, mas longe de mim reclamar da vida que meus pais me deram, mas eu acho que chegou a atrapalhar um pouco a minha evolução, a minha maturidade. Eu só conhecia o que ele queria, não conhecia o mundo.

A gente andou com segurança a vida toda. Eu andava com segurança dentro do microônibus. E era engraçado porque meus pais nos criaram numa simplicidade muito grande. Eu não tinha a dimensão do que meu pai era, nem do que ele tinha. Eles me deram uma simplicidade que eu achava que todo mundo era pobre como a gente ou rico como a gente. Era todo mundo igual. Minha mãe veio de uma família muito simples, meu avô era carpinteiro. E meu pai sempre foi muito simples. Ele tinha hábitos muito simples, mas ele gostava do bom e do melhor. Ele gostava do whisky dele bom, do presunto parma do Frilat, mas ele continuava sendo muito simples.

Eles me criaram numa simplicidade muito grande. Eu fico até chateada, pois podia achar que eu era rica, viver aquilo tudo, o glamour de ser, e eu achava que a gente era pobre! Não era maldade, era nossa vida mesmo que a gente viveu nessa simplicidade. Lá em casa, os brinquedos caros e importantes eram dados só no Natal. Refrigerante era só aos finais de semana. Eu não bebo refrigerante. Eu não tenho gosto para isso. E não é porque faltava dinheiro. Eu acho que foi uma cultura dele. Eu tive tudo do bom e do melhor, eu tinha tudo, mas tudo na hora certa. Se eu passasse de ano, no meu aniversário, no dia das crianças.

Eu lembro que meu pai me deu um patins – aquele de ferro, grande, de fivela, que você tinha que amarrar e prender firme no tênis. E meu pai quando me deu o patins, me deu com um discurso: o papai trabalhou muito para te dar isso. Então você cuida muito bem. Aquilo me fez tão mal, que eu queria devolver o presente. Na minha cabeça. meu pai abdicou de alguma coisa para comprar o patins e ele ainda tinha que comprar dois. Um para mim, outro para minha irmão, um rosa shocking, outro, verde limão. Hoje eu olho para o meu filho e digo que eu preciso trazer essa simplicidade para ele, mas como eu aplico essa simplicidade sem parecer mesquinha? Meu pai não me criou com mesquinhez. Não é não ter dinheiro. Eu falo para o meu filho quando ele quer alguma coisa na rua e eu digo não e ele pergunta se eu não tenho dinheiro. Não é isso. Eu tenho o dinheiro, mas não é para comprar isso. Não é agora. Fui criada numa simplicidade onde todo mundo era igual.

Eu nunca distratei ninguém. Meu pai não aceitava. Minha mãe não tolerava. A criação que eles me deram foi muito fora da curva. Eu sei do meu valor e nunca quis dar nenhuma decepção para ele. Eu não tinha tatuagem, ele não gostava. Ano passado eu fiz. Era de marginal para ele, onde você vai conseguir um emprego se você fizer isso. Minha irmã fez escondido.

dido, aos 17 anos, uma tatuagem, colocou piercing. Eu não tinha, nem escondido. E ela falou que morreu de dó quando ele puxou a blusa dela nas costas, esfregou e falou: isso sai né? Ali ela fala que se arrependeu. Ela quis tatuar a assinatura dele como uma homenagem, ele não deixou: para quê? uma homenagem idiota. Não quero essa homenagem. Eu não gosto, porque você vai fazer? Depois que ele se foi, eu com 40 anos, acho tatuagem tão bonito, vejo nos outros e acho bonito, mas será que em mim cabe? Acabou que eu fiz as minhas tatuagens. Eu quis fazer tudo muito perfeito para ele. E agora ele já se foi. Eu quis muito mais. Eu não acho que tive reconhecimento dele. Ele sempre me viu como probleminha. Muito frágil. Justamente por chorar muito. Minha irmã sempre foi muito mais forte. Eu sempre precisei de cuidados. O meu pai sempre foi muito presente. Se ele foi ausente, eu também fui. Era recíproco. Não se falava o tempo inteiro. Quando meu pai morreu, foi difícil a ficha cair um pouco, como a gente não se falava toda semana, estava tudo bem, eu não estava sentindo tanto. Eu falava assim: nossa, eu vou ligar para o meu pai. Eu e minha mãe a gente só se fala se tiver alguma coisa falar.

Meu pai não tinha WhatsApp. A gente tinha que ligar. Às vezes, eu ligava só para bater papo. E meus problemas nunca eram problemas reais para o meu pai. Quando ele perguntava se estava tudo bem, ele só queria que falasse que estava tudo bem. Ele não queria escutar teu problema. O como é que vai e a pessoa explica, não era com ele. Ele dizia: ah, minha filha, mas isso? Isso não é problema! Eu pensava, porque você perguntou se estava tudo bem. Estou tentando te contar uma história, alguma coisa que aconteceu. Isso era conversa de mulher. Isso é besteira. Tudo era, deixa isso para lá. Quando ele desfazia da minha história, aí eu chorava, e ele ficava muito irritado quando eu chorava. E eu choro para tudo, até hoje. Meu filho é a mesma coisa. Meu pai ficava num desespero de não ver chorar, que ele se irritava e quando ele se irritava, eu chorava mais ainda. E virava bola de neve. Para de chorar! Olha como você está! E eu não conseguia parar de chorar porque ele estava irritado. Eu queria parar e não conseguia e começava a soluçar, eu me levantava e a conversa acabava. Durava cinco minutos. Era um dia inteiro de choro. Depois ele me ligava e dizia: filhinha, você ainda está chorando! Eram assuntos banais que eu queria tocar.

Um dia estávamos almoçando em casa e meu pai queria falar de política. Eu não queria, porque eu não sabia e não gosto. A minha politicagem é por princípios e não por entendimento. Nesse dia eu vi que não tinha nada a ver com a minha profissão de jornalista. Meu pai era muito duro comigo e com todos. Falava umas falas, duras, ásperas, que machucava demais. Nesse dia ele falou: você tem que falar de política. Ele queria minha opinião. Só que eu não tinha posição política naquela época. Ele falou: que jornalista é essa que não sabe falar de política? Como é que você tem jornalismo e não quer falar de política. Aquilo me colocou uma carga tão grande, por ter feito jornalismo, que pensei, nossa, vacilei. Não sou nada para o meu pai. Que jornalista é essa? Eu levantei chorando da mesa. Eu esbravejo como ele fazia, e aquilo me machucou muito e resolvi não querer mais ser jornalista.

Eu morei fora muito tempo, no Canadá, em Salvador, no Rio, São Paulo e Niterói. Quando voltei para cá em 2017, foi quando ele internou pela primeira vez. Eu sofri um as-

salto no Rio e pensei que estava correndo risco à toa. Meu pai está doente, vou ficar com ele. Eu resolvi vir para cá para ficar mais próximo dele. Juntou tudo. Eu estava batendo cabeça há dois anos, cuidando do meu filho sozinha, nem sei como eu dei conta. Não tinha ajuda de ninguém. Ele ia e voltava para a FOA, porque ele internava e tinha alta e estava bem, estava lúcido. Eu pedi novamente um emprego para mim na FOA. Já tinha trabalhado no marketing, em 2002. Éramos três pessoas. Amélia, eu e a Jô, que fazia cartaz. Hoje está maravilhoso. Alexis faz um trabalho excepcional. Na época, éramos só nós três, e meu pai não deixava crescer. Ele era limitador. Não deixava acompanhar a modernidade, sempre dentro da caixinha dele. Tudo tem que ser azul da cor da FOA. Não podia ter cor. Eu estava ainda estudando, ele me deu emprego de auxiliar de jornalismo com o salário mais baixo da equipe para dar exemplo. Depois que eu me formei, fui morar no Canadá. Sai da FOA. Quando após uns anos eu quis voltar, pedi para trabalhar em outra área, para ver se dava certo. Ele falou: só te contrato se você for jornalista. Para também justificar meu salário. Ele quis me colocar na minha profissão para que eu fosse remunerada à altura. Hoje entendo isso. Eu cresci muito dentro da FOA, foi muito bacana. Agora, essa modernidade, dessa equipe coesa e maravilhosa liderada pelo Alexis, ela existe, eu sei, porque é o Eduardo que incentiva esse crescimento, essa modernidade. Infelizmente, meu pai não faria isso.

O meu pai era um visionário, olhava para o futuro, mas ele nunca esperava que o futuro fosse ser tão diferente, do que era o presente dele. Eu acho que ele se foi no momento certo.

Eu tenho uma passagem na Umbanda com o meu pai. Que levamos até a minha adolescência. Meu pai nunca me levou num centro. Eu sempre fiz um trabalho em agradecimento da minha vida, com meu pai, todo ano. Quando meu pai estava internado eu fui sozinha. Eu quero muito ir lá no centro que ele frequentava, um dia. Quando meu pai estava muito doente na pandemia, e eu falo que ele sambou na cara da pandemia, na cara do Covid, porque ele ia e voltava do hospital, era entubado e extubado, não pegou Covid em momento algum. Ele só voltava mal da saúde dele.

Durante a pandemia eu fui para Barra do Furado ficar sozinha com meu filho. Fiquei dois meses lá. Foi uma maravilha. Só voltei mesmo porque eu resolvi cuidar de lá e tinha comprado uma roçadeira e mandei entregar aqui em Volta Redonda. Catei umas conchinhas com meu filho e coloquei num potinho de vidro, para levar para o pai um pedacinho de Barra do Furado, porque ele estava internado. Meu pai ficou muito mal e eu perguntei para minha mãe como fazia o peixe. Fui lá, comprei o maior peixe que tinha, fiz todo o trabalho sozinha. Nunca tinha feito. Minha mãe sempre assou o peixe. Fiz sozinha duas vezes e me senti muito bem preparada espiritualmente para fazer isso, apesar de não ter religião. Apesar disso, respeito todas as religiões e acredito em tudo. Eu pequena, estava no cartório com ele e lembro de perguntar ao meu pai se isso ou aquilo existia, e ele responder: minha filha, no dia que você não tiver mais resposta para a sua pergunta, só a sua fé vai fazer você acreditar. Só tenha fé.

Eu pisei na formiga quente em Barra do Furado e eles foram me levar para o hospital. E a entidade do meu pai é ligada ao mar. Quando ele virou a beira mar lá do farol, acho que estava seu Abílio na frente, meu pai dirigindo e eu no colo de minha mãe atrás. Era uma camionete. Eu tinha três anos, ainda usava chupeta. E aí minha mãe gritou: Dauro, a Juliana está morrendo. Porque eu desfaleci e cai no colo dela. Ele parou o carro, desceu e gritou: seu Zé Mulato, me ajuda, minha filha está morrendo. E minha mãe falou que eu acordei. A minha mãe sempre foi católica. A gente chegou no hospital e o diagnóstico foi choque anafilático. E que ninguém sabe como eu retornei. Lá me cuidaram e eu voltei. E ele falou: está tudo bem, eu entendo, mas você precisa ir no centro agradecer a vida da Juliana ao seu Zé Mulato. Minha mãe foi morrendo de medo, mas foi.

Quando a gente estava em Niterói, íamos na praia, nosso prédio era na beira mar. Até os meus 17 anos eu fiz um trabalho de agradecimento ao seu Zé Mulato. Minha mãe assava o peixe, eu me vestia de branco e eu ia com meu pai. Minha mãe e minha irmã ficavam olhando da janela. Eu ia com meu pai. Ele me dava charuto, criança, para baforar em cima do peixe. Tudo que ele fazia, eu repetia. Era o peixe, tinha que baforar um charuto, acendia uma vela, tinha uma cachaça. Tinha que encher o copo de cachaça até transbordar. Pegava um frasco de pimenta e jogava todo ele. Depois disso tudo, puxava o charuto, baforava em cima, ajoelhava e cantava a musiquinha. Meu pai cantava e me chamava para cantar. E deixava ali. Eu estava ali, entendia o propósito, mas não entendia essa fundamentação. O ritual eu nunca entendi.

Eu sabia que tinha acontecido uma passagem na minha vida desde os três anos de idade, que eu precisava agradecer, à formiga quente, ao choque anafilático, à minha vida. Eu fui criada no colégio católico Rosário, e eles nunca me fizeram seguir nada. Hoje eu gosto de ir em igreja evangélica. Eu tenho uma caixinha de prata que era do meu pai, que era da Umbanda, e dentro dela tem uma Nossa Senhora Aparecida de prata que ele comprou com 11 anos de idade. Todos os dias, eu ia pedir a benção ao meu pai. Ele perguntava: já beijou a santinha? E ele me deu essa caixinha, e eu faço esse ritual com meu filho. Eu tenho o peixinho dele até hoje. Eu casei e o peixe do seu Zé Mulato estava costurado no meu buquê. Fui morar no Canadá e levei o peixinho. Todo ano me vestia de branco, no final do ano.

Minha mãe que me ensinou, quando eu fui fazer para o meu pai, sozinha lá. Ou fazia na praia ou na porteira, que a gente chamava de cancela. Eu pintei essa porteira quando eu estava lá em Barra do Furado, e fiz um trabalho lá. Mas antes eu não sabia o que se fazia depois de entregar. E aí minha mãe me falou que tinha que jogar tudo numa água corrente. Descarta no rio. Essa foi a primeira vez que fiz o ritual de pegar e descartar.

Essa passagem na Umbanda com meu pai unia muito a gente.

Eu falava com meu pai que ia pedir ajuda ao seu Zé Mulatinho quando eu tinha prova no colégio. E ele dizia que, ele iria me ajudar se eu estudasse. O que faz todo o sentido. Você tem que estudar, para saber e ele te ajudar a lembrar o que você sabe. Ele não vai te dar a resposta. Meu pai dizia que qualquer um poderia tirar tudo que eu tivesse, mas se eu estudasse, doutor nenhum vai tirar o seu conhecimento.

Aos 70 anos, meu pai ia aposentar do cartório e estava muito deprimido. Tinha um casal da igreja evangélica, amigo dele, que visitava sempre ele no cartório, e meu pai estava mal. Meu irmão Júlio era da Metodista e meu pai, quando a gente sentava para comer, meu irmão pedia oração na mesa, a gente fazia, mas meu pai não acreditava e aceitava. Esse casal, num dia que meu pai estava muito mal, convidou meu pai para ir para a igreja, IPV, meu pai foi e se converteu. Tem até um testemunho dele na igreja.

Quando meu pai virou evangélico eu fiquei apavorada e falei: mas pai, e seu Zé Mulatinho? Ele só somou. Não abriu mão da Umbanda. Só somou mais uma religião. E ele foi. Falava de Deus com fervor. dava o testemunho dele. Ele passou a ter a bíblia na mesa dele. Ele não tinha isso antes.

Outra característica do meu pai que eu tenho é ser muito radical. Eu queria tirar isso de mim. Meus amigos não me entendem. Eu sou preconceituosa e assumo isso. Queria não ser. Fui criada dentro disso. Pode até nem ser preconceito mesmo, mas é um gatilho que eu não gosto.

Quando eu me casei meu pai me levou ao altar e custeou toda a festa, uma festa muito bonita. Quando foi do meu divórcio, ele se chateou muito. Meu ex marido é um cara muito bacana, tive uma família sensacional, tive muita sorte.

Quando eu vim para cá em 2017, meu pai internou mais para o final do ano. Meu pai internava, passava um mês, voltava para casa, ficava mais quinze dias, voltava. Minha irmã é muito racional e eu sou muito emotiva. E nos episódios de doença do meu pai, visitas ao hospital e em casa, eu não entrei em conflito, pois sei do meu temperamento explosivo. Minha irmã já não briga com ninguém e se dá com todo mundo. Eu posso não querer fazer barraco, mas se eu começar a chorar já está todo mundo me olhando e eu já estou chamando a atenção. É desespero mesmo, Eu choro. Nesse momento, em 2017, minha irmã veio de Salvador, largando marido e filho lá, e foi cuidar do meu pai no hospital. Ela foi incansável. Eu ia lá de dia, rendia ela um pouco, e a gente ficava se intercalando, mas eu sei que o trabalho pesado foi todo da minha irmã. Acho que ninguém nunca tinha pensado nisso e a gente não queria uma exposição do meu pai ter alguém limpando, dando banho, cuidando dele e a minha irmã assumiu essa responsabilidade. Ela disse: eu vou fazer isso, não quero que ninguém faça.

Quando ele saiu do hospital, ela voltou para Salvador. Eu não sei o que aconteceu que meu pai rasgou elogios para nós para a família inteira e quis presentear a gente, com uma coisa muito boa. Ele nos deu um cruzeiro. Fui eu, minha irmã, o filho dela e o meu filho. E era o cruzeiro que ele amava. Ele já tinha feito dez vezes. Para a Argentina. Na mesma empresa que ele ia, pois ele dizia que era o bom. Meu pai pagou tudo, nos deu de presente. Depois de um mês, meu pai voltou para o hospital. Minha irmã voltou de Salvador para cá, mas a gente não teve mais acesso, no sentido de não deixar mais a gente cuidar. Colocaram três cuidadores. Não precisava mais.

A Unimed fez reunião entre a família. Dr. Jorge Brandão, chefe da ITI, para comunicar que meu pai estava com falência múltipla dos órgãos, que não devia demorar muito tempo. Mas ele continuou firme. Meu pai indo e voltando do hospital, durante a pandemia, foram uns dois anos. Minha irmã nesse meio tempo engravidou, teve a filha. E no final da vida do meu pai, a minha irmã ficou mais impossibilitada de vir, e a gente impedida de entrar porque já tinham os três cuidadores/enfermeiros -Cláudio, Neirielson e um outro -. Meu pai valorizou muito a profissão de enfermeiro e técnico de enfermagem. O que ele ofereceu de bolsa para as pessoas que cuidavam dele. Meu pai teve uma gratidão muito grande para com aquelas pessoas no hospital que cuidaram dele.

Ele fugiu do hospital duas vezes. Carlinhos, o motorista dele que o tirou. E o Carlinhos tinha que obedecer. O Júlio falou assim: ah, meu pai está lá no hospital com vocês. Não está mais lá não! Fomos lá e ele não estava mais. Disse que ele arrancou tudo e disse para o Carlinhos tirar ele dali, arrancou as sondas e foi embora. E voltou para casa.

E comer pastel! Ele ficava tentando contrabandear pastel. Ficava pedindo para todo mundo: me traz um pastel! E falava o lugar que ele queria comprar o pastel. E ele dava o endereço. Acho que na Bracarense. Por fim, um dia, a nutricionista mandou fritar um pastel enorme para ele. Minha irmã estava com ele nesse dia. E ele, todo feliz, comendo finalmente o pastel que a nutricionista do hospital, liberou.

Ele viveu muito bem. Comendo tudo que ele quis. Fumou, bebeu. Quando ele virou evangélico eu falava: pai, e seu Zé Mulato? Ele dizia, continuo com ele. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. E o whisky, você bebe? Virou evangélico, não pode beber mais. E ele me respondeu: filha, Jesus bebia vinho, porque na época não existia whisky.

Eu montei um negócio em Barra Mansa, de restaurante de delivery, e eu tinha um motoboy. Por causa da pandemia eu não queria deixar meu filho com a minha mãe, e eu levava para trabalhar comigo. Eu pedia para o motoboy ficar, na porta da Unimed, olhando o meu filho brincando, para eu entrar e visitar o meu pai. Meu pai já não estava muito bem e meu filho ficou lá da janelinha rezando, Eu na verdade fazia uma quarentena para deixar meu filho com a minha mãe. Parava de trabalhar 15 dias, para não passar nada para a minha mãe, ou para ele ir para o Rio para a casa do pai. E aí eu comecei a conseguir dormir com meu pai, eu revezava, quando dava eu já avisava para o enfermeiro não ir, pois eu iria. Na verdade, eles continuavam contratados, mas eu falava deixa eu ficar com ele hoje.

Eu vi meu pai sofrendo muito. Ele já não estava reconhecendo. Ele fingia que reconhecia a gente, ele sabia que eu não era qualquer uma, dentro daquele quarto. Na verdade, a cabeça dele já não estava funcionando bem, era muito tempo no hospital. Eles fizeram uma reunião uma vez e disseram que estava com falência múltipla dos órgãos. Avisaram que estava começando a afetar o neurológico. Eu dormia com ele lá a noite, ele não abria os olhos, gritava de dor, e eu segurava a mão dele. Ele descansou.

No dia que ele morreu, uma semana antes, o meu irmão Júlio me mandou uma mensagem, por ser médico ele sabia que o meu pai estava no fim, e disse que: eu não tenho coragem de falar para a Tereza, mas se ela tiver de vir, agora é a hora. E eu conversei com ela, no dia seguinte ela veio. Era uma sexta-feira, e sábado ela foi embora. Meu pai estava esperando isso da gente. Meu coração descansou junto com ele, porque eu pude estar ali com ele nos últimos dias. Se eu não tivesse visto. Provavelmente, as pessoas que não viram ele, como ele dormia gritando de dor, as pessoas devem ter sofrido muito mais para aceitar a morte dele. Meus irmãos que só visitavam às quatro horas da tarde e ele estava dopado, ou muito cansado da noite que a gente teve, e ele medicado. Na sexta-feira eu dormi com meu pai e ele faleceu de sábado para domingo, na madrugada. Eu não queria ir embora. Era sábado. Quatro da tarde chegou o enfermeiro e eu avisei que ia, mas voltaria. Meu pai já não falava mais. Ele pegou na minha mão e sussurrou, vai embora. Ele está me mandando embora? Eu contei isso para a Sonia. Ela falou: de repente, ele queria morrer e não queria que você estivesse perto e visse. Achei uma sensibilidade muito bonita dela, me consolar desta forma. Eu não sei nem se ele falou dessa forma, mas eu escutei. E para mim, foi. Eu sempre durmo com meu celular no silencioso. Essa noite eu não dormi e a uma hora da manhã, o meu telefone tocou, falando que meu pai tinha ido. Ai eu fui para lá, fui a primeira a chegar, graças a Deus. Meu irmão chegou e eu fui reconhecer o corpo. Tinha dois corpos no saco preto. Meu irmão está acostumado por ser médico. Eu não estava. Conheci um mundo diferente dentro da Unimed e toda vez que eu passo lá, eu lembro, do labirinto, do cenário. São corredores que não parecem o que a gente vê.

Quando eu entrei, era uma sala pequena. Ele abriu o saco preto, que estava em cima de uma maca de inox, e eu quase derrubei meu pai. Eu sou estabonada, e eu me joguei em cima dele e beijei ele, porque a face dele estava sem dor. Ele estava em paz. Não tinha uma dor no rosto dele. Depois de tudo que eu o vi sofrendo, o semblante dele era calmo. Eu fiz carinho nele e vi que ele descansou. Eu nunca tinha tido nenhuma perda na minha família. Eu sou muito abençoada. Fui perder meu pai com quase 90 anos e eu com 40 anos, então, sou muito sortuda. Eu chorei, fiquei emocionada, não foi da morte dele, foi de ver que ali ele estava em paz. Dali saímos. No final ele já não dava conta por ter perdido a lucidez, o corpo físico dele sofreu muito.

A Sonia tinha pedido para o velório ser curto. O velório deveria ter sido na Câmara, mas por causa da pandemia, a gente fez no Portal. Eu fui na administração e falei para estender ao máximo que pudesse, e se ela não quiser ficar por conta da pandemia, tudo bem. Mas tem que deixar as pessoas que quiserem vir poderem ver ele. Eles conseguiram estender até mais um pouco por que não foi Covid a causa da morte. Eu esqueci do Covid naquele momento, todo mundo me abraçou muito. Eu chorei muito e não sai do lado do meu pai um segundo. Minha irmã não pode vir, estava com Covid. Pegou na única vez que saiu para vir ver meu pai. As coisas aconteceram no tempo certo.

Eu estava muito aliviada. Tem uma coisa muito legal: o meu pai me preparou para esse momento da perda dele. Dois anos atrás, meu pai tinha um balão de oxigênio em casa

e um na FOA, e ele trabalhava com oxigênio. Ele tinha mania de apertar o olho e apertar o peito. Um dia, eu sentada na frente dele, acho que ele sentiu alguma coisa e falou: filhinha, o papai está no fim da vida dele. Ele nunca falou assim. Ele falava que era imorrível. Na minha família ninguém morre e vira morcego. Enfim, ele nunca tinha levado a sério um assunto desse. O amor dele nessa conversa foi tão grande, que para ele me preparar para eu não sofrer e eu já estava chorando irritada. Era para ser uma conversa bonita, cheia de fundamentos e conteúdo, sobre amor e finitude, mas eu não consegui deixar porque eu comecei a chorar. Ai ele se corrigiu e disse: eu estou no meio do fim da minha vida. Eu estou e você tem que entender isso. Eu não quero que você sofra. Isso vai acontecer com todo mundo. A coisa mais coerente e bonita de um pai falar para uma filha. Eu chorei e ele disse: é isso que eu não quero! Eu não quero que você sofra a minha morte. Você precisa entender ela. Eu te amo tanto que não quero que você sofra. Imagina o quanto não estava doendo nele me falar isso.

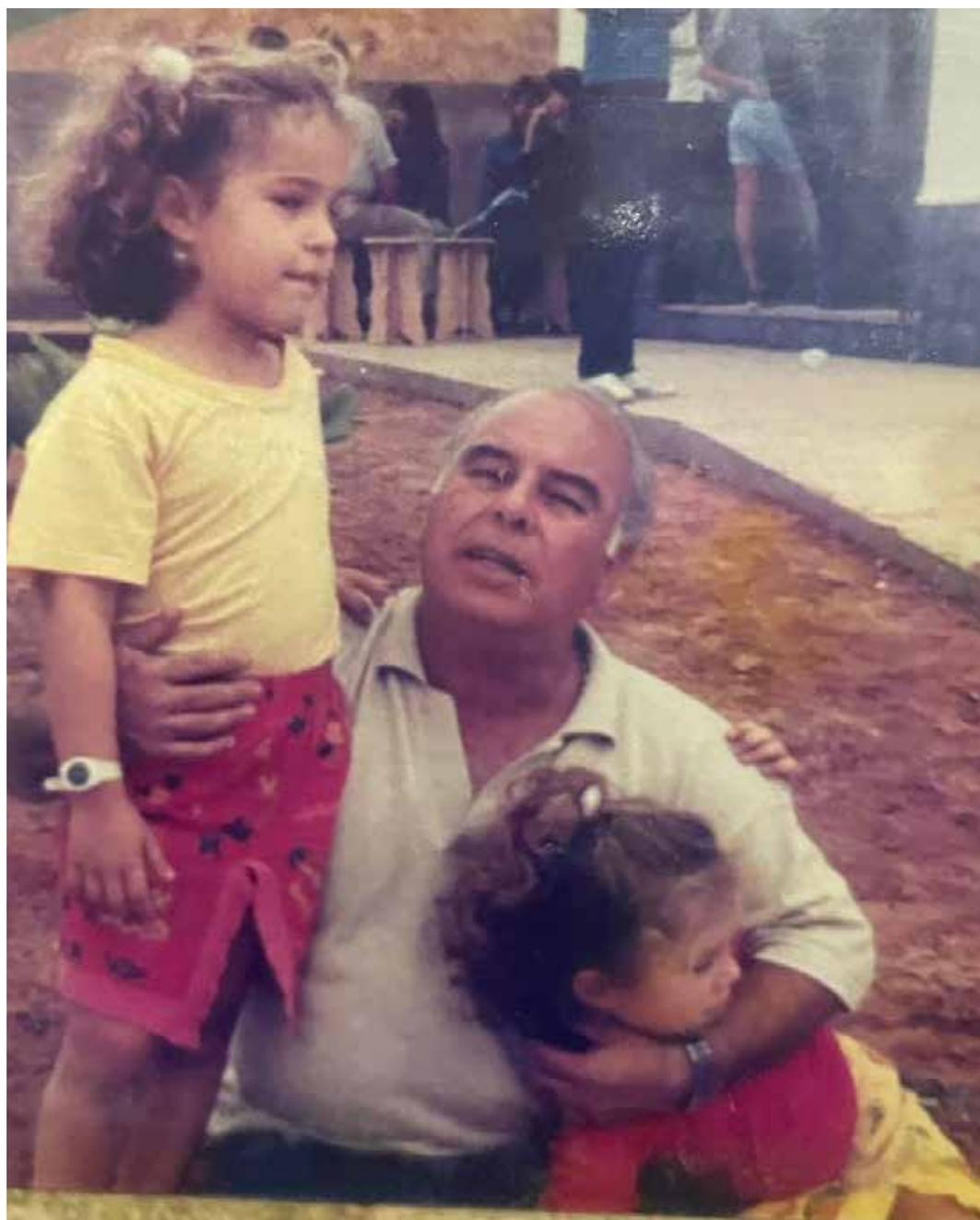
Se eu fui uma filha ausente por displicência minha e dele e por ter tido dificuldade de pedir ajuda. A minha psicóloga me falou para falar com meu pai sobre o problema na época. Eu sai da Vila e tinha tomado um remédio dado por uma amiga, e nunca tinha tomado remédio e por isso estava tonta. Eu não queria falar com meu pai daquele jeito, mas a psicóloga me disse para falar, porque ele era meu pai. Eu não queria, porque ele ia brigar comigo. Cheguei no apartamento dele, liguei para ele descer, eram umas oito horas da noite. Eu estava chorando muito por uma situação que tinha feito onde estava com a razão e eu perdi a razão. Ele me disse: você não pode ser intempestiva assim, você está brigando, onde isso vai parar. Mas ele também falou: está tudo resolvido. Achei tão lindo. Ele estava sentado no banco do carona do meu carro. Ele brigou comigo, mas eu me senti acolhida. Nunca pensei que meu pai fosse me abraçar dessa forma. Ele falou: enquanto o papai estiver vivo, o papai vai estar do seu lado, eu vou te ajudar. Amanhã a gente vai resolver isso. Estou do seu lado pro que der e vier. Mas você está errada e para de fazer merda. Ele batia no painel do carro e dizia: para de chorar, o papai está aqui. Eu acho que ele tinha um certo medo de não poder me ajudar por ele não estar aqui. Foi bom eu ter essa experiência ruim, porque eu vi que meu pai sempre estaria do meu lado. Foi muito bonito. Às vezes eu sonho com ele.

Falando agora de religião. Como eu não entendo muito, acho que era a última sexta-feira do mês, que o meu pai ia no centro. Meu pai auxiliava o Rui, que recebia seu Zé Mulato. Eu me lembro disso. E quando o Rui faleceu, seu Zé Mulato parou de vir, e meu pai diminuiu a frequência.

Quando meu pai estava na UTI, quando ele internou, um ano antes dele falecer. Os filhos acabaram se envolvendo, eu não me envolvi tanto, até porque eles tomavam a frente e eu não sabia como eles estavam fazendo. Na verdade, o que eu sempre fiz foi o trabalho para o seu Zé Mulatinho, na cancela. A Andrea, não sei em qual centro, tinha um cajado e a Aline também tem uma santa, lá da fazenda de Conceição do Rio Verde. Apareceu o cajado, grande, a gente não podia tocar no cajado, não podia ser visto por ninguém, era coberto com um lençol branco. Meu pai sentava na poltrona do quarto e fazia os ritos. O cajado tinha que ficar sempre atrás da cama dele. Até quando ele foi para a UTI o cajado foi junto. Pegamos

uma autorização da direção da Unimed, e esse cajado ficava lá coberto e ele fazia os rituais todos os dias. O cajado ajudou muito ele. Ele morreu na hora que tinha que morrer. Ele estava muito bonito e muito em paz na sua morte. Ele descansou.

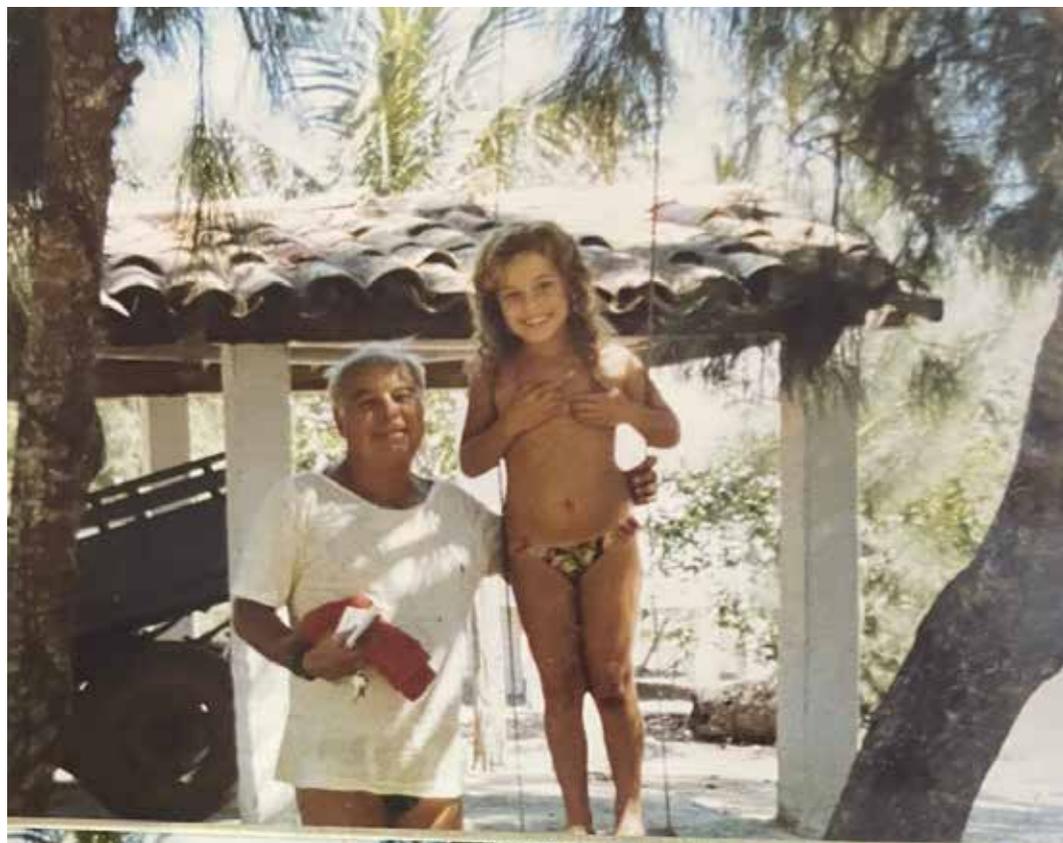
Tudo dele foi maravilhoso. Ele criou seus sete filhos, fora os agregados, todos muito bem encaminhados. Ele queria ver os filhos encaminhados e ele viu. Para quem viveu o que ele viveu, quase 90 anos, fez de tudo! Meu pai ele se cumpriu em tudo.



Dauro com Juliana e Maria Tereza



Dauro com Terezinha e as gêmeas Juliana e Maria Tereza - Barra do Furado



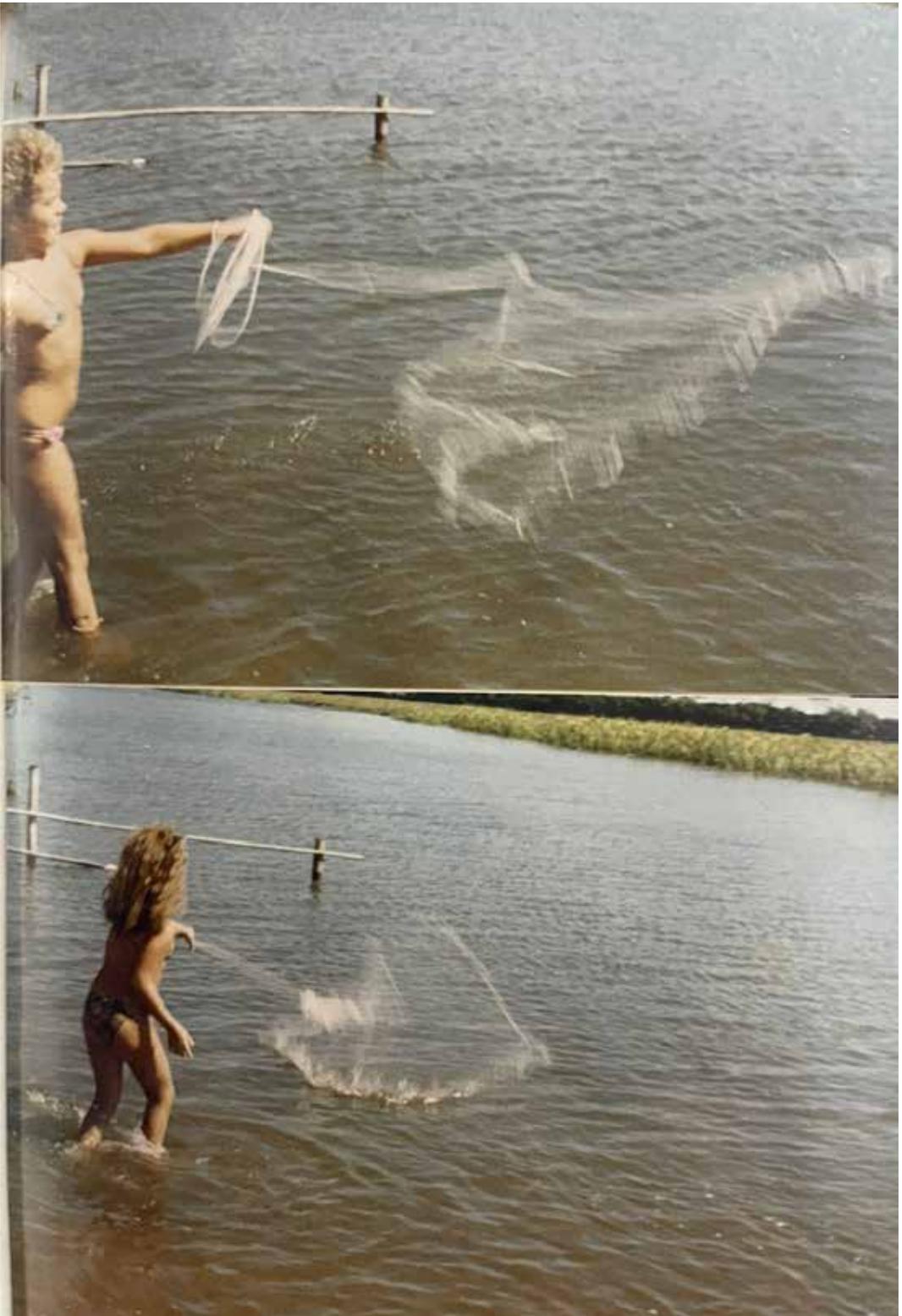
Dauro, Juliana e Maria Tereza em Quissamã



Dauro com Juliana feliz no tanque!



As meninas, Juliana e Maria Tereza, com a tarrafa que Dauro mandou fazer em tamanho pequeno para que elas aprendessem a jogar e a pescar



As meninas, Juliana e Maria Tereza aprenderam direitinho a jogar a tarrafa!



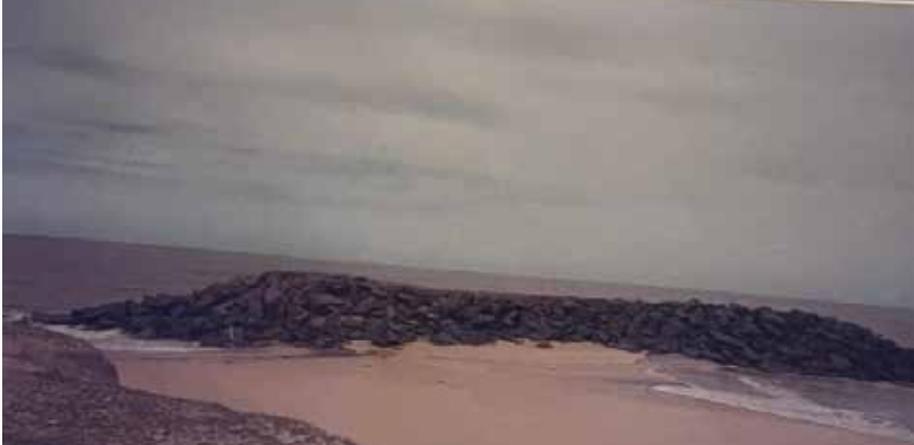
Juliana a cavalo com Terezinha, Maria Tereza e crianças tendo ao fundo a casa do barco - Quissamã



Casa em formato de barco construída pelo Dauro em São Miguel do Furado



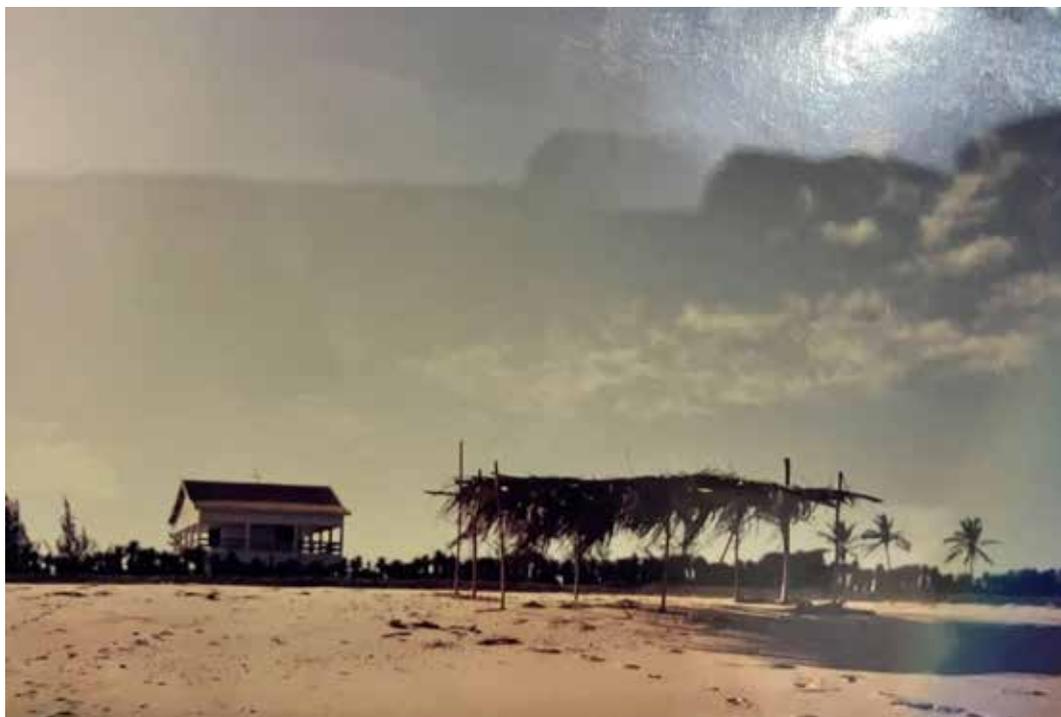
Em família - Júlio César, Dario, Terezinha, Dona Estella, Dauro e Juliana



Caminho para Barra do Furado



O carro e o caminho onde, a pedido do Dauro, Zé Mulato salvou Juliana



Casa do barco em São Miguel de Barra do Furado



Porto da casa onde todo ano Dauro colocava areia para elas brincarem



Vista do deck da casa do barco e abaixo Barra do Furado

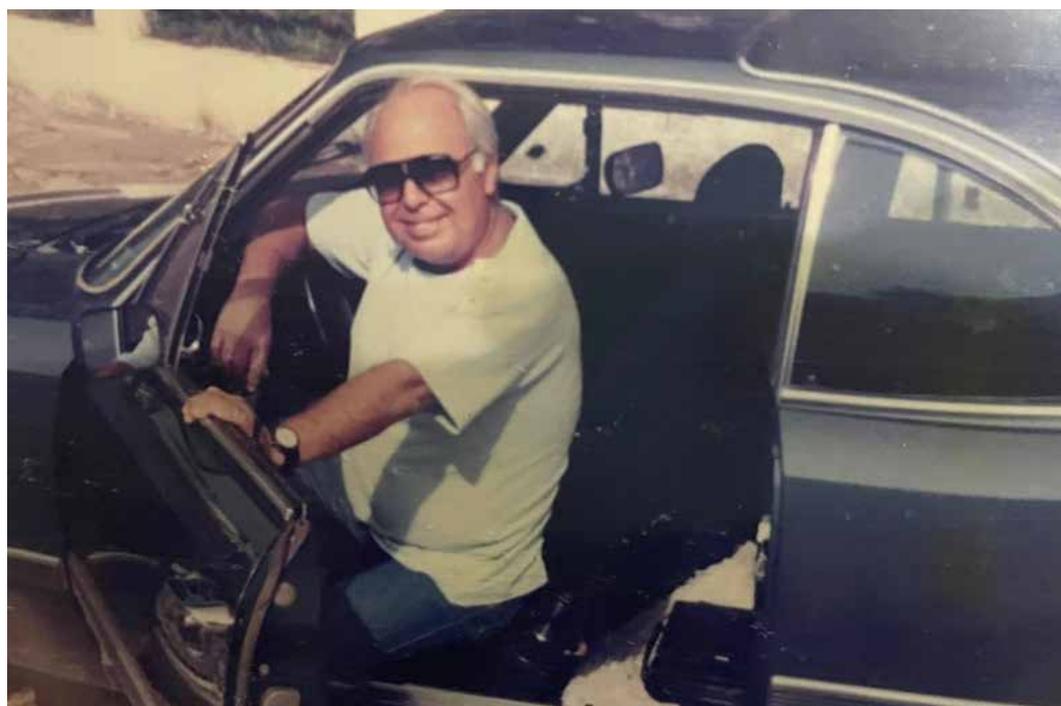




A tradição permanece: Bento, filho da Juliana, neto do Dauro pescando



Dauro e sua paixão pelos carros





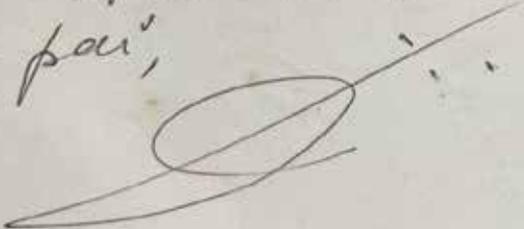
Dauro e seu carro favorito



Dauro e Terezinha em noite de gala

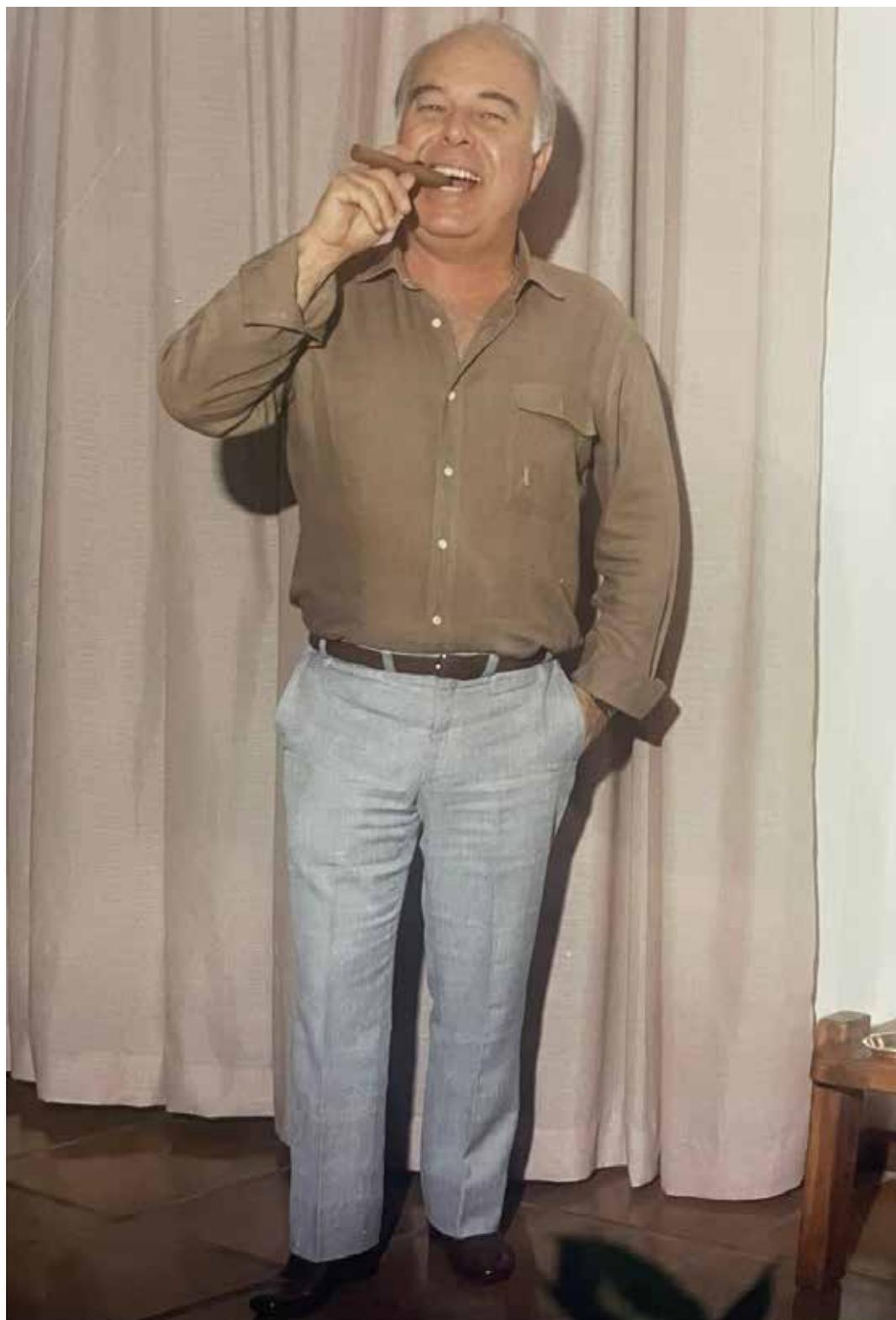


Juliana e o retrato de Zé Mulato na Tenda Espírita Pai Cambinda - Barra Mansa

À minha querida filha  
Juliana, uma lembrança  
de seu pai, que a ama  
demais.  
Encontre e pesquise  
na Bíblia os caminhos de  
sua felicidade, seguindo  
os mandamentos de Deus,  
amando a Jesus, que é  
e será sempre a nossa for-  
taleza.  
Aceite as bênçãos de  
seu pai,  
  
VR, 31-08-2001.

Bilhete do Dauro para Juliana

À minha querida filha Juliana, uma lembrança de seu pai, que a ama demais. Encontre e pesquise na Bíblia os caminhos da sua felicidade, seguindo os mandamentos de Deus, amando a Jesus, que é e será sempre a nossa fortaleza. Aceite as bênçãos de seu pai, Dauro. VR, 31-08-2001.



Dauro seu sorriso e seu charuto!

## Depoimento Sonia Marczuk Peixoto Aragão

Nossa história começou bem antes de termos um envolvimento emocional. A loja de meu pai era próxima ao cartório, onde Dauro trabalhava como Tabelião, e nos encontrávamos, às vezes, pelas ruas, porém, sem nenhum tipo de interesse.

No ano de 1998, o país estava em clima de Copa do Mundo. Sempre nos reuníamos em grupos de amigos para acompanhar os jogos da seleção no Casarão, local de propriedade de um grande amigo, Elias Salume. Dauro era um frequentador assíduo do local e tinha o hábito de almoçar no restaurante do espaço. Foi nesse contexto, durante as confraternizações de amigos para torcermos pela seleção, que Dauro e eu nos aproximamos. Tudo começou ali, com uma amizade regada a boas conversas, admiração mútua e respeito, sem que eu cogitasse, até aquele momento, qualquer tipo de envolvimento amoroso.

No dia 3 de julho de 1998, a seleção brasileira ganhou a partida contra a Dinamarca, e fomos comemorar novamente no restaurante do Casarão. Estávamos lá entre amigos, festejando a vitória, quando inesperadamente Dauro me “roubou” um beijo. Fui pega de surpresa, e por um milésimo de segundo pensei em relutar, mas senti uma força superior que me fez ceder e retribuir o afeto. Foi mágico; nos conectamos, o encaixe foi perfeito. Nesse momento, Dauro me disse: “Te quero para minha mulher”, e confessou que vinha desejando esse momento há tempos em orações ao Zé Mulatinho, seu protetor. Ele sempre pedia a graça de ter uma mulher igual a mim, algo que achava impossível, mas nunca perdeu a fé.

Enfim, o Brasil perdeu a Copa, mas nós dois só ganhamos com aquele primeiro beijo. No dia seguinte, Dauro me convidou para almoçar, mas decidi não atender ao convite naquele fim de semana, no entanto, descobri que ele esteve no local marcado, me esperando. Na segunda-feira seguinte, voltei ao restaurante para ajudar na organização dos jogos da Copa, e lá estava ele, com suas costumeiras companhias: Salume, Cida e Dr. Ferreira, porém, com um lugar vago ao seu lado, aguardando pacientemente por mim. A partir desse momento, nossos encontros se tornaram diários, o sentimento cresceu e a vontade de estar juntos só aumentava. Dauro era um cavalheiro, cordial, respeitador, com ótimo senso de humor e muito solícito.

Quando nessa Copa, o restante dela começamos a ir já como casal. Ele não queria perder tempo. Nas semanas que se seguiram, passamos a nos ver diariamente, e logo surgiu a ideia de morarmos juntos. Dauro, com seu jeito prático e objetivo, começou a procurar um apartamento para alugarmos. Ele já tinha levado as roupas dele para um apartamento que ele tinha. Só que teve um grupinho lá que olhava para nós e não dava nem três meses de relacionamento. Fizemos uma aposta que não duraria. Tem bilhete que ele escreveu “breve, breve, passaremos do prazo estipulado pelos nossos amigos...” , “doze anos que parecem doze dias”... e “Querida Sonia, são 19 anos de vida em comum e 12 anos de legalização”. E a aposta, eles perderam! Assim, poucas semanas após o primeiro beijo, já estávamos morando juntos e iniciando uma nova vida.

Nossa família cresceu quando decidimos adotar um pet, o Toy, foi nosso primeiro “filhinho” (como Dauro gostava de se referir aos nossos animais de estimação). Depois veio Luan, seguido por Mel. Anos depois, adotamos Companhia em Penedo, lá também, conhecemos o Nick, um gato que encontramos ainda filhote perto de nossa casa e resolvemos adotar. Nunca havíamos tido contato com felinos, mas aprendemos a gostar e entender esse amor. Adaptamo-nos às necessidades dos nossos “filhinhos”. No início, tínhamos uma cama de casal de tamanho padrão, mas percebemos que Toy, Mel e Luan não dormiam apenas na horizontal. Dauro mandou providenciar uma cama maior para que coubésemos todos e fez também uma pequena escada para facilitar o acesso dos pets à cama. Dauro prestava todo apoio aos nossos animais e recebia em troca o mais genuíno amor. Nick foi nosso pet que esteve com Dauro até seus últimos dias, e nesse período, meu marido precisou fazer diálise e tivemos que afastá-lo do quarto, o que fez Dauro sofrer muito.

Com a convivência, vieram os desafios do cotidiano envolvendo o trabalho, mudanças profissionais e família. Dauro assumiu o papel de pai dos meus filhos, estando presente e ajudando em todos os momentos, bons e ruins. Ele me forneceu apoio incondicional e irrestrito, sem julgamentos. Fez da minha família a sua e ajudou no crescimento pessoal e profissional de todos. Além do suporte material, ele trouxe lições de respeito, cuidado e disciplina. Tenho certeza absoluta de que meus filhos carregam um sentimento de gratidão por ele, tal como se tem por um pai de laços sanguíneos. Tivemos vários bons momentos, lembro com carinho especial das festas de aniversário, Natal e Ano Novo, sempre passados em família.

Em 20 de fevereiro de 1999, foi inaugurado o Harasgão, o Haras que Dauro deu ao amigo Santinho e esse o homenageou com o nome! A placa da inauguração ainda está lá.

A partir de 1999, Dauro passou por grandes mudanças profissionais. Sua saída da administração do cartório abalou sua saúde emocional, levando-o a um quadro depressivo. Ele parecia sem perspectiva sobre o futuro. Foi então que, ainda em 1999, Dauro recebeu o convite do amigo/irmão, Doutor Jairo Jogaib, para presidir a FOA. Inicialmente relutante, encorajamos Dauro, lembrando-lhe de sua habilidade como administrador e do apoio que teria de uma equipe dedicada.

Dauro assumiu a administração da FOA, investiu no seu crescimento, ampliou a instituição em todos os aspectos e se reergueu. Passamos juntos por todos esses momentos com companheirismo e dedicação mútua.

No início de nossa relação, Dauro fazia questão de me levar frequentemente a Barra do Furado, um lugar cheio de memórias afetivas em relação aos seus avós. Era um local no qual ele investia, acreditando no futuro do lugar, possuindo hotel, sítio, imóveis e era conhecido por muita gente. Sempre que íamos para lá, apesar de ser uma viagem cansativa de mais de cinco horas, eu tinha o melhor tratamento possível. Entretanto, Dauro se decepcionou ao perder uma eleição para vereador em Barra do Furado e paramos de viajar para lá. Com o tempo, fui semeando a ideia de optarmos por um lugar mais próximo e de minha preferência para passarmos

nossos finais de semana. Foi quando escolhemos Penedo, nosso lugar especial. Dauro adorava tanto Penedo que, se pudesse, passaria lá todos os fins de semana.

Fizemos vários passeios durante esses anos juntos: cruzeiros, viagens internacionais e viagens com amigos, sempre com novas descobertas, dando novos ares à nossa relação. Ainda sobre viagens, com um mês de relacionamento, resolvemos ter nossa “primeira lua de mel” em Campos do Jordão. Lembro-me dos preparativos para essa viagem: em nosso apartamento, ele se ajoelhou e colocou em meus dedos a aliança que foi de sua avó, enquanto ele usava a do seu avô. Foi um momento marcante e especial. Mais uma vez, Dauro agradeceu ao Zé Mulatinho por toda aquela felicidade e por estar ao lado da mulher que ele tanto pediu.

Nosso momento mais especial foi o casamento, realizado em 3 de março de 2005. Escolhemos uma cerimônia simples em nosso apartamento, reunindo familiares e amigos mais próximos para compartilhar aquele instante único. Foi um casamento civil, com grandes amigos como testemunhas. Uma noite memorável, celebrando nosso amor na presença de pessoas importantes em nossa trajetória.

Os anos foram se passando, e Dauro mantinha sua rotina diária de trabalho na FOA, negócios e compromissos sociais. Em relação à sua saúde, ele não era exatamente a pessoa mais cuidadosa, queria sempre aproveitar as boas coisas da vida, incluindo uma alimentação sem grandes restrições, eventualmente, ficava hospitalizado ou incapacitado de cumprir sua rotina por motivo de doença.

Entretanto, no final de 2019 e início de 2020, algumas coisas começaram a mudar. Alguns problemas de saúde que ele tivera, começaram a se agravar, necessitando seu afastamento das atividades diárias e da presidência da Instituição. Dauro, mesmo com as debilidades impostas pela saúde, sempre gostou de autonomia em suas decisões e atividades. Nesse momento, precisou contar com o apoio de pessoas de confiança para desacelerar e cuidar do mais importante: sua saúde. Contamos com o apoio do Dr. Eduardo Prado, a quem Dauro delegou a função de gerir a FOA, e com o fundamental apoio nas demandas operacionais de Josiane Sampaio e Lucia Reis. Em casa, tive o apoio de toda a família, especialmente ao Dr. Júlio Aragão, filho de Dauro, que como médico, ajudou a facilitar as transações no Hospital Unimed, e a minha neta Emanuele, que dedicou muito do seu tempo e cuidados com Dauro, além de ter sido uma grande companhia, sempre preocupada e atenciosa, presente nos bons e maus momentos.

Durante esse delicado momento, Dauro passou por algumas internações no hospital Unimed e, depois, recebendo home care. Vários profissionais de saúde foram fundamentais no difícil processo de manutenção de sua saúde. Minha gratidão ao saudoso Dr. Jaime Veras, pneumologista, que com seu humor único tornava as visitas mais leves, mesmo em momentos de grande angústia. Tivemos o acompanhamento da Dra. Maria Hercília, sempre disponível com sua atenção ímpar, acompanhando e tratando a função renal de Dauro, nossa principal preocupação. Destaco ainda os cuidados do Dr. Leandro, cardiologista, que, mesmo não compondo a equipe, visitava meu marido toda sexta-feira, apenas em nome da amizade.

Durante as internações, além dos médicos, vários outros profissionais de saúde das mais diferentes especialidades se tornaram próximos de Dauro, como a fisioterapeuta Leilane Pina e a enfermeira Andressa. Eles fizeram seu trabalho de forma sensível e competente, conquistando a confiança de Dauro. Esses profissionais de saúde conquistaram o carinho de todos, tornando aquele difícil momento mais leve. Dauro pedia que esses mesmos profissionais dessem continuidade ao tratamento em casa para evitar idas ao hospital, especialmente durante a pandemia.

Muitas foram as dificuldades, principalmente porque Dauro sempre resistia a ir ao hospital, fazer exames e tomar medicações. Os enfermeiros me contavam que ele sempre dava um jeito de burlar as recomendações médicas. As internações eram os momentos mais delicados, pois além de estar fora de casa, Dauro sofria com a questão alimentar. Ele sempre pedia para comer coisas que não faziam parte da sua dieta, como pão com mortadela, feijoada e pastéis. Mas Dauro, esperto e influenciador, conseguia algumas dessas comidas mesmo internado.

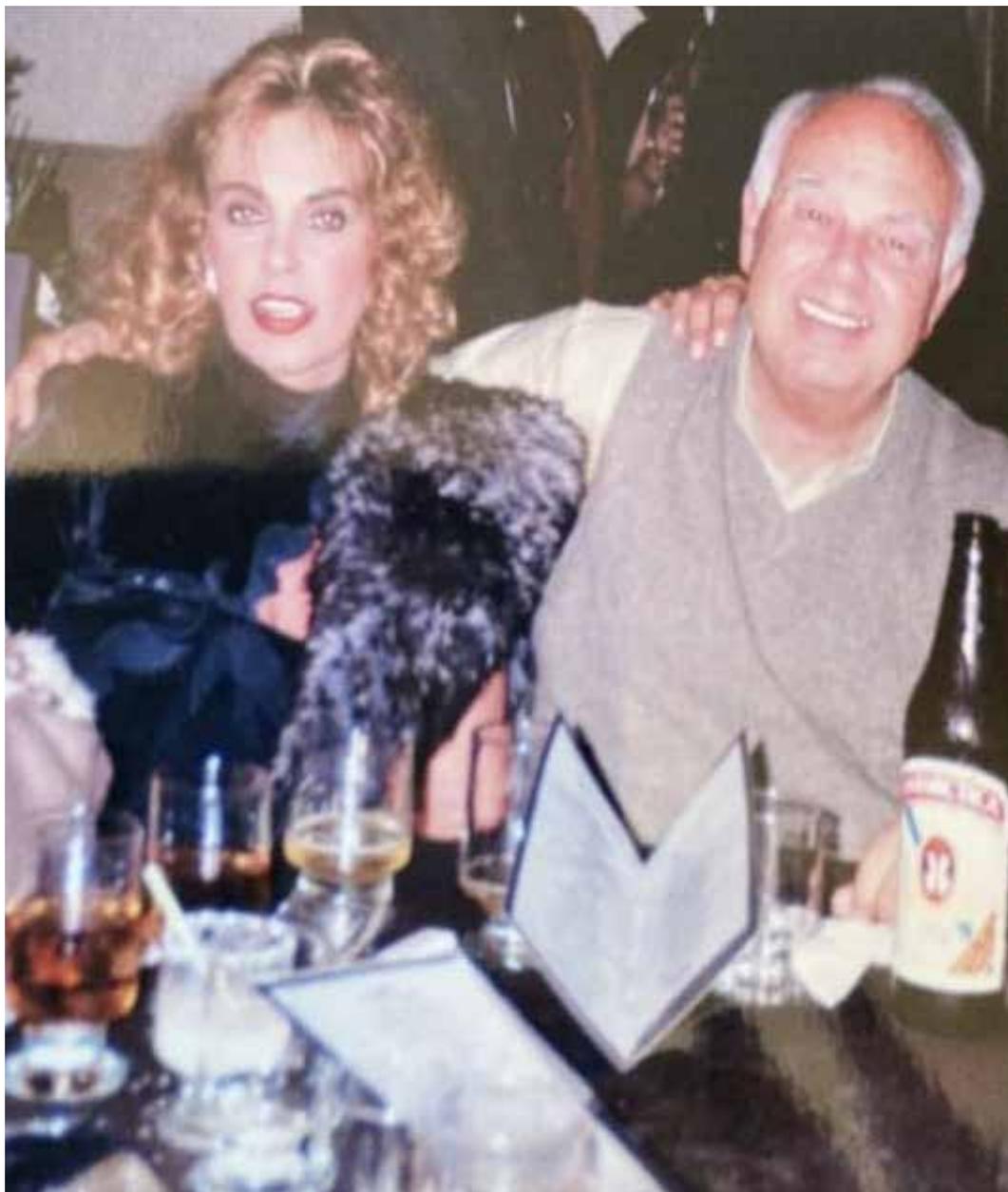
Pensando no bem-estar de Dauro, a família e amigos o convenceram a contar com o apoio de cuidadores em casa para auxiliar na rotina de cuidados. Neste momento, passamos a contar com os cuidadores de enfermagem Nerielson Meira, Vinicius Rodrigues, Cláudio de Carvalho, Davi Fideleis e Gustavo Maximiliano. Esses profissionais conviveram diariamente conosco, revezando-se dia e noite nos cuidados. Esse convívio estabeleceu novos laços de amizade entre Dauro e seus “meninos”, como ele se referia aos enfermeiros e técnicos. Somos muito gratos ao trabalho desses profissionais; a saúde de Dauro estava delicada, mas sentíamos que estávamos em boas mãos e que ele recebia o melhor tratamento. Até hoje mantemos contato com eles, que se tornaram amigos e pelos quais seremos eternamente gratos.

Na realização de suas atividades de rotina e cuidados de saúde, Dauro sempre mantinha o bom humor, fazendo piadas até nos momentos mais difíceis do tratamento. Uma frase clássica quando discordava de algum procedimento era: “O dono do defunto sou eu”. Com essas e outras tiradas, Dauro fazia todos rirem ao seu redor. Um de seus cuidadores contou que certa noite Dauro acordou e pediu para que seu acompanhante acendesse as luzes. O cuidador rapidamente o atendeu e foi verificar se ele precisava de algo, mas, ao se aproximar, Dauro caiu na gargalhada e disse: “Vamos conversar, você vai ficar acordado mesmo, vou ficar acordado com você”, e passaram a noite contando várias histórias.

E assim foi até o momento de sua partida, o mais doloroso. Depois de toda a batalha, não ficou o sentimento de que perdemos, mas sim que demos a ele todo amor e cuidados necessários para enfrentar aquele momento da forma mais digna possível.

Essa é a nossa história, uma jornada de amor, companheirismo e crescimento mútuo que começou em um clima de Copa do Mundo e se transformou em uma vida compartilhada de amor e dedicação. Dauro mudou minha vida, ele transformou meu destino, mas soube respeitar meu jeito de ser. Hoje acredito que isso foi justamente o que o conquistou. Agradeço a Deus por ter vivido ao lado desse grande homem, ímpar, de ideias firmes, decidido e que para sempre será lembrado.

Eu agradecia sempre a ele: obrigada, por mudar a minha vida e não a minha essência. Ao seu lado me sentia confortável para ser eu mesma. Amar você foi fácil, foi um sentimento que chegou de mansinho. Fui a pessoa mais sortuda por poder compartilhar minha vida com alguém tão especial. O nosso amor não foi juvenil, mas um amor maduro. Um amor que estava fincado no respeito, na honestidade e na cumplicidade. Verdadeiras histórias de amor nunca têm fim, a nossa começou faz algum tempo e o meu amor por você só cresceu a cada dia, é por isso que sei que estaremos juntos para toda a eternidade. Te amarei para sempre.



Sonia e Dauro no início do relacionamento em 1998. Os bilhetes do Dauro para a Sonia irão permear as fotos

Meu amor,  
São sessenta dias  
que representam a continuidade  
de da eternidade de

DAURO ARAGÃO

TABELIAO

nosso amor e de nossas vidas.

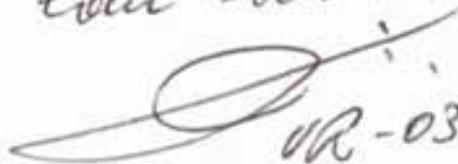
Sigamos juntos, sempre,  
com muita dedicação, amizade

SERVIÇO NOT. E REGISTRAL DO 1º OFÍCIO  
RUA CINCINATO BRAGA, 33/35

TELS. (024) 347-4473 - 347-3100 - 347-1950  
CEP 27293-040 - VOLTA REDONDA-RJ

de, compreensão e carinho,  
para atingirmos o dese-  
rato que "eles" nos im-  
primiram, desde o nosso  
re-encontro.

Com todo o amor, do

  
UR-03-09-98

Meu amor, São sessenta dias que representam a continuidade da eternidade de nosso amor de nossa vida. Sigamos juntos sempre, com muita dedicação, amizade, compreensão e carinho para atingirmos o desiderato que eles nos imprimiram, desde o nosso reencontro. Com todo amor, do seu. 03/09/98.

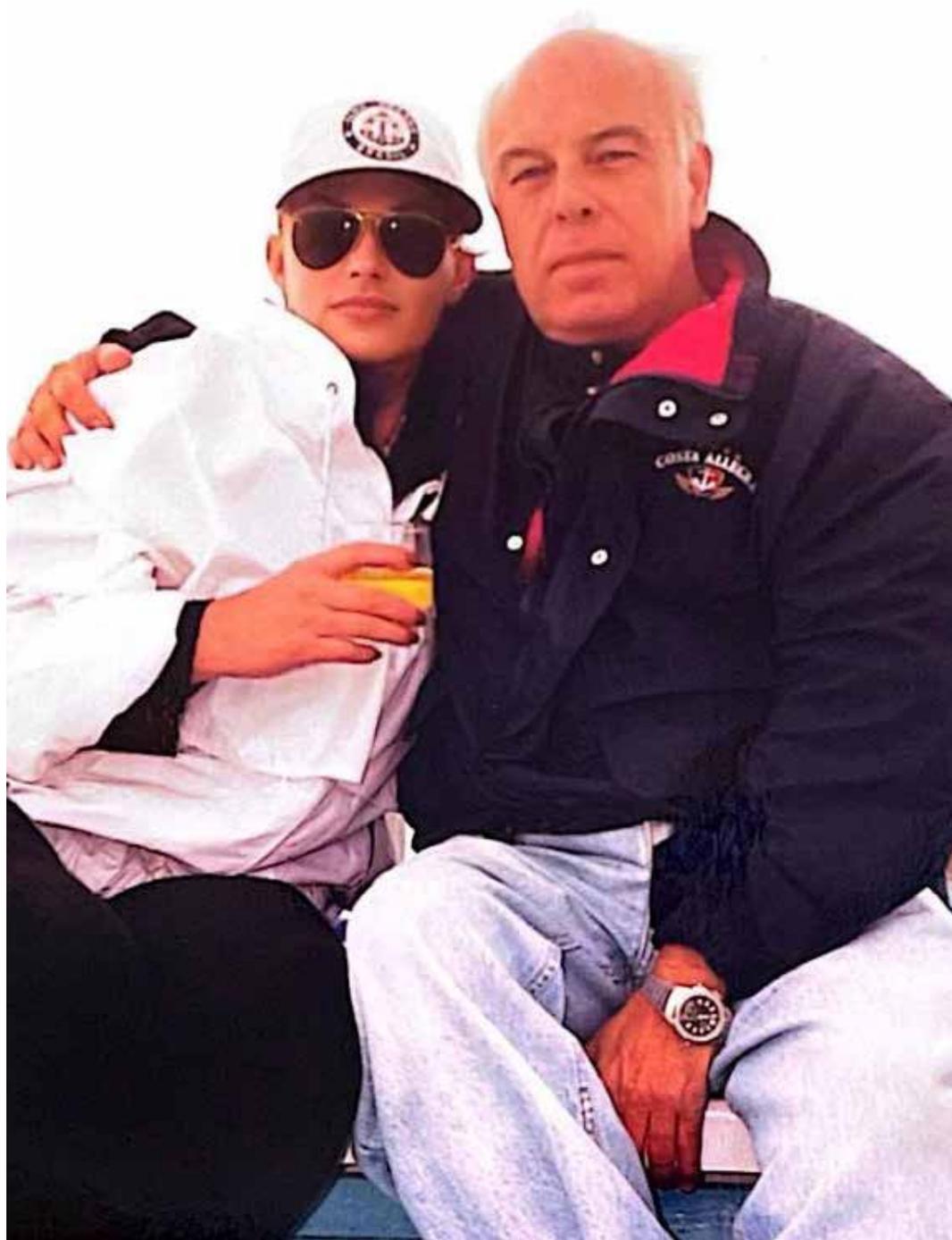
PARA MINHA SONIA:  
03-09-98.  
DOIS MÊSES DE AMOR,  
FELICIDADE E PAZ.  
PARABÉNS PELA DATA!  
DE QUEM A AMA PROFUN-  
DAMENTE,  
Dauro

OBS.: VALE UM "ECLIPSE", QUANDO  
VIER O RECIBO. *Dauro*

Para minha Sonia: 03-09-98. Dois meses de amor, felicidade e paz. Parabéns pela data! De quem a ama profundamente, Dauro. OBS: Vale um "Eclipse", quando vier o recibo.



Sonia e o carro "Eclipse"



Dauro e Sonia chegam de lancha em Barra do Furado - 1998



Dauro e Sonia desembarcam em Barra do Furado - 1998



Sonia e Dona Estella Aragão, mãe do Dauro, em Barra do Furado - 1998

Meu amor.  
Breve, breve, passaremos do  
prazo estipulado pelos nosso amigos.  
Quem diria, hein?

DAURO ARAGÃO

TABELIÃO

Obrigado pelo seu amor e a felicidade  
que você tem me dado.

Eu te amo! (muito!)

Beijos do seu maridão!

SERVIÇO NOT. E REGISTRAL DO 1º OFÍCIO  
RUA CINCINATO BRAGA, 33/35

TELS. (024) 347-4473 - 347-3100 - 347-1950  
CEP 27293-040 - VOLTA REDONDA-RJ

03.12.98

Meu amor. Breve, breve, passaremos do prazo estipulado pelos nossos amigos. Quem diria, hein?

Obrigado pelo seu amor e a felicidade que você tem me dado.

Eu te amo! (muito!)

Beijos do seu maridão, Dauro.

03-12-1998



ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
COMARCA DE VOLTA REDONDA  
CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE JUSTIÇA  
RUA CINCINATO BRAGA, 33/35 - CENTRO

DE: SETE MÊSES DE AMOR.

PARA: SÔNIA, QUERIDA.

Na modéstia da  
comemoração dos nossos 7 meses,  
agradeço a Deus ter me  
dado "você" de presente;  
você é tudo que sempre  
pedi a Deus e ao Sr. Zé!

Eu te amo muito!  
Desculpe minhas  
chatices, tá?

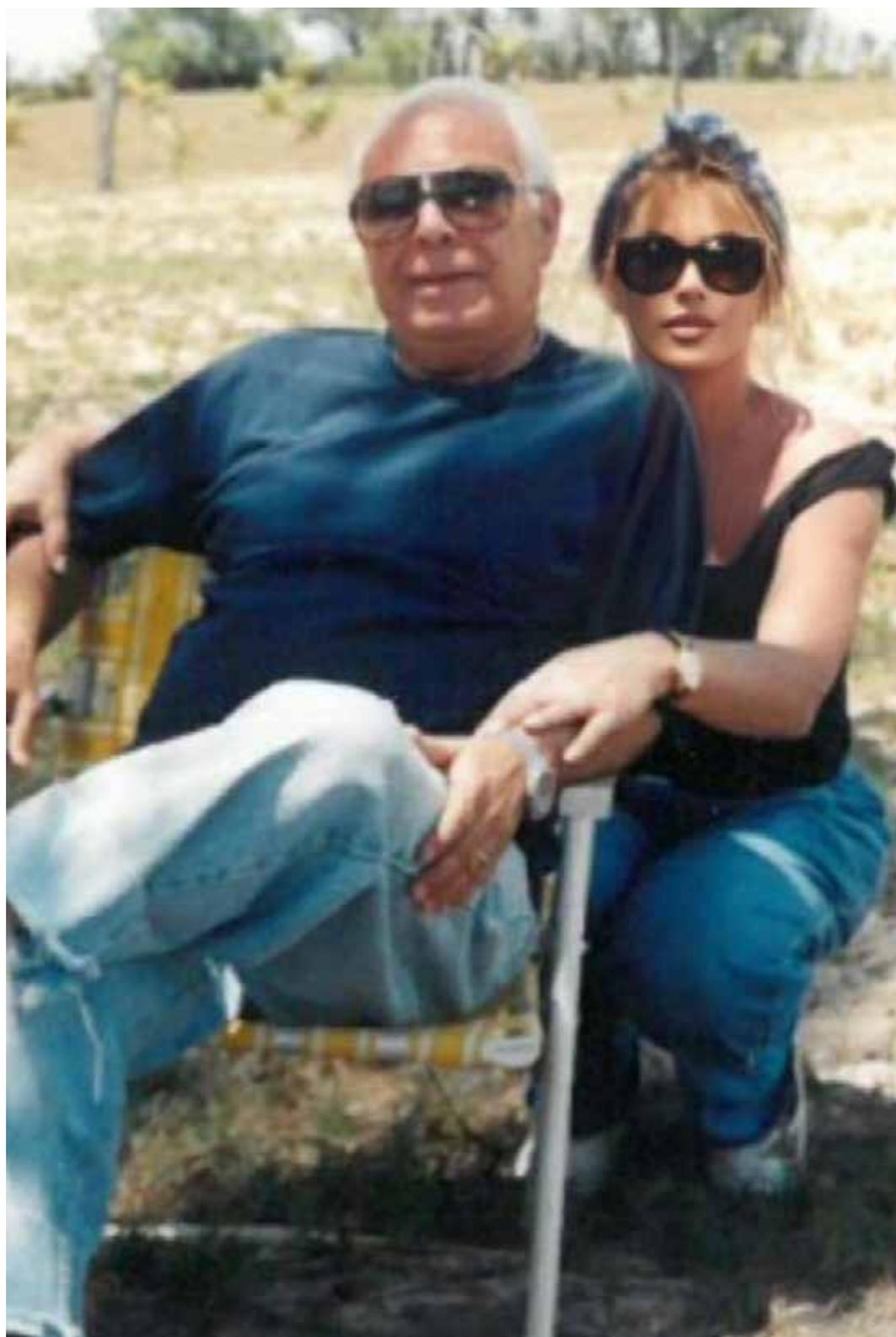
Aceite o meu amor  
e o meu beijo de comemoração.  
Do

B. Furado, 03/02/99

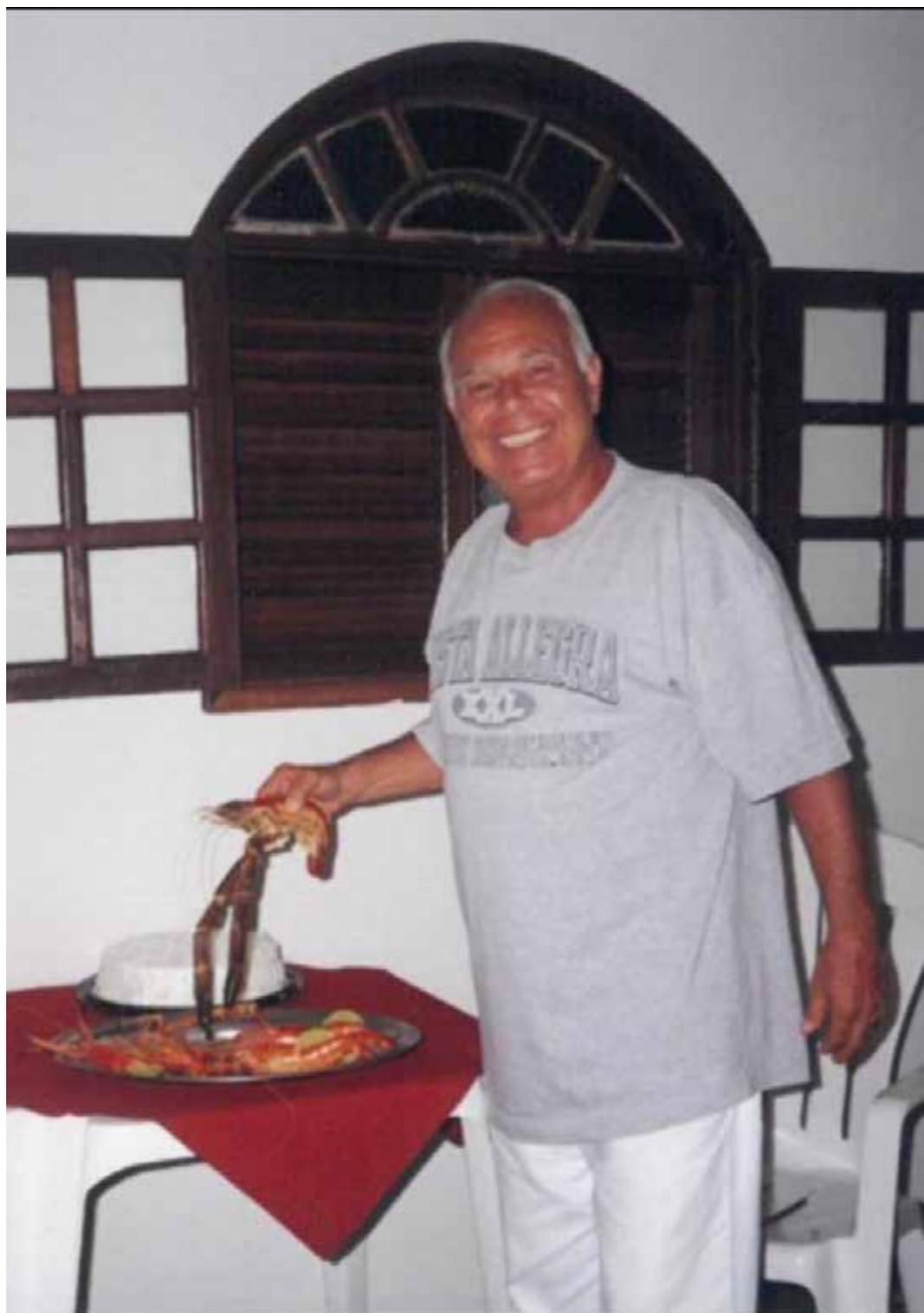
Salve 03.02.99!

Sete meses de amor Sonia, querida. Na modéstia da comemoração dos nossos 7 meses, agradeço a Deus ter me dado você "de presente". Você é tudo que sempre pedi a Deus e ao Sr. Zé! Eu te amo muito! Desculpe minhas chatices, tá? Aceite o meu amor e o meu beijo de comemoração. Do Dauro.

B. Furado, 03/-2/99



Dauro e Sonia em Barra do Furado - 1999



Dauro e a lagosta em Barra do Furado - 1999



Placa da inauguração do Harasgão em Santa Rita, homenagem do amigo Antônio Dias de Castro (Santinho)

Homenagem a Dauro Aragão. Ilustre cidadão

Volta Redondense. Como reconhecimento ao seu caráter humano e sincero. Exemplo legítimo do verdadeiro amigo

Santinho

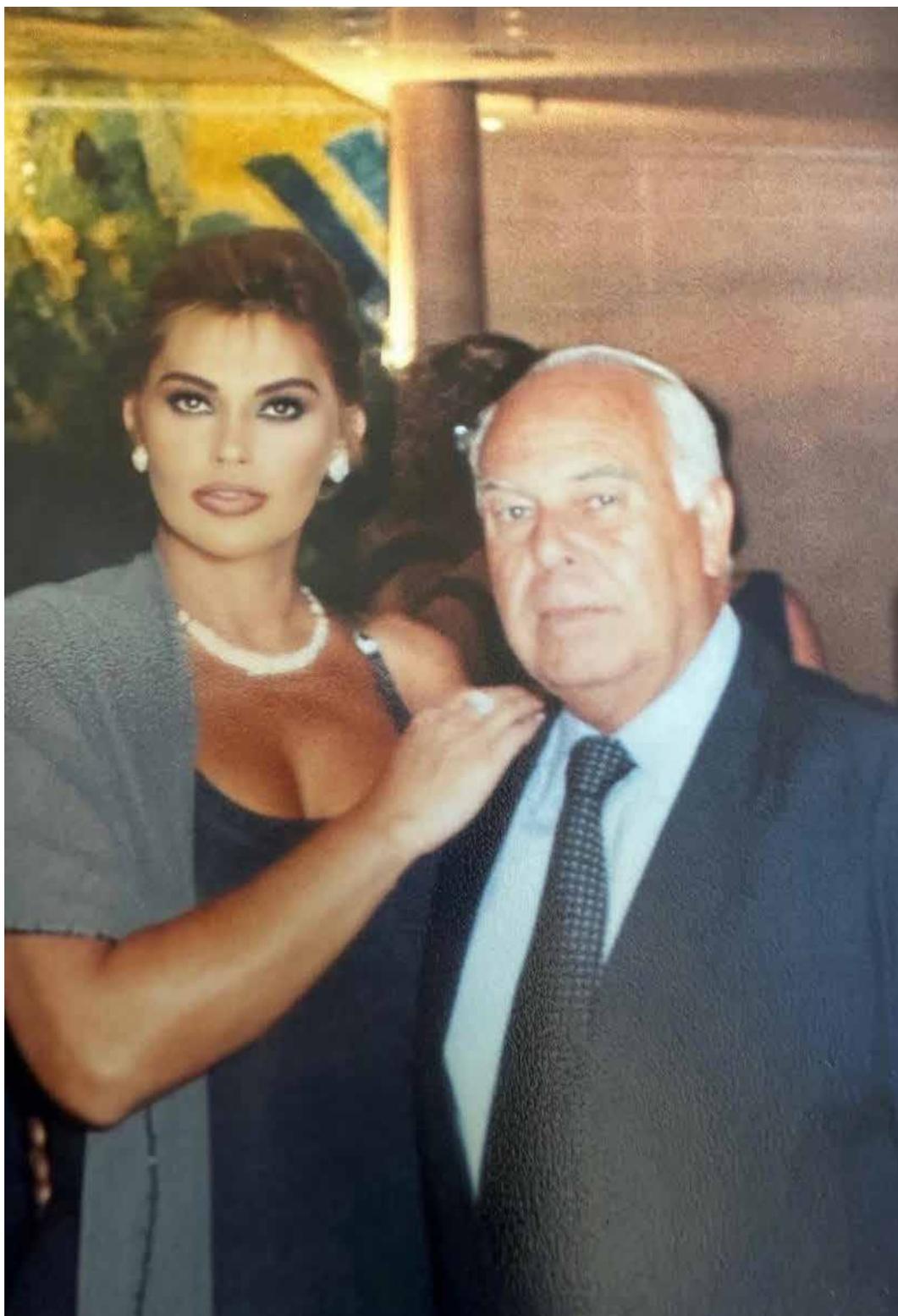
V.R, 20 -02-99



Sanfoneiro e Dauro na inauguração do Harasgão 1999



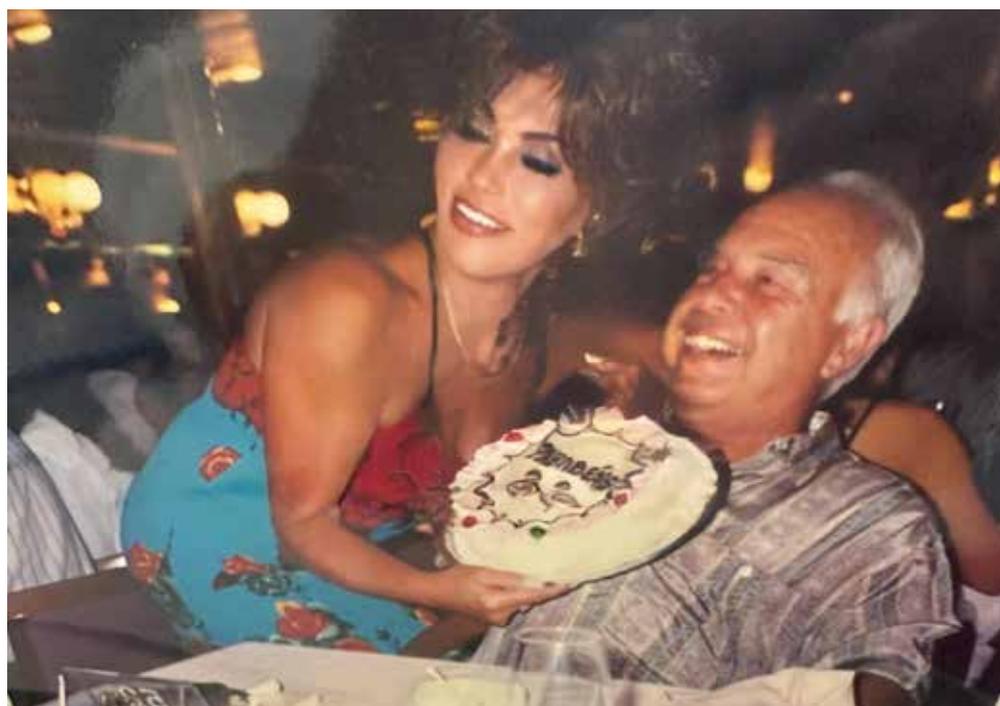
Viagem no navio Costa Allegra em 2000



O casal em noite de festa do comandante do navio Costa Allegra



O casal a bordo do Costa Allegra e comemorando



Meu amor  
Neste seu aniversário,  
rogo a Deus que sempre nos  
proteja, fortalecendo os nossos  
laços de sentimentos, pois creio  
que cada dia e ano que trans-  
corre, mais fortes ficam.  
Nossa vida em

---

comum e nosso amor, se  
eternizará se sempre agirmos  
com dedicação e muito amor.  
Compreenda-me sempre, co-  
mo eu faço com você, para que  
possamos viver um para o ou-  
tro.  
Eu te amo muito.  
Seja sempre muito feliz (comigo).  
VR 11-08-2000.

Meu amor. Neste seu aniversário, rogo a Deus que sempre nos proteja, fortalecendo os nossos laços de sentimentos, pois creio que cada dia e ano que transcorre, mais fortes ficam. Nossa vida em comum e nosso amor, se eternizará se sempre agirmos com dedicação e muito amor. Compreenda-me sempre, como eu faço com você, para que possamos viver um para o outro. Eu te amo muito. Seja sempre muito feliz (comigo) Dauro.

VR 11-08-2000



Dauro e Sonia em Buenos Aires no Mister Tango



Dauro o Mister Tango na rua em Buenos Aires



Dauro vira criança na neve em Bariloche!



Dauro e Sonia em Gramado



Passeio de trem em Gramado - RS

Para a minha flôr,  
nesta data, rosas para  
**DAURO ARAGÃO**  
o meu amor.  
11 Do seu espinho,  
08  
02

Para minha flor, nesta data, rosas para o meu amor. Do seu espinho,  
Dauro. 11-08-2002



O espinho e a rosa!



Dauro, Sonia e os "filhinhos": Mel, Luã e Toy

Para a querida ma-  
mãe Sonia, a quem  
tanto amamos, com  
beijos e agradecimentos de  
todos os seus filhinhos.  
13-5-02

Para a querida mamãe Sonia, a quem tanto amamos, com beijos e agradecimentos de todos os seus filhinhos.

Dauro 13-05-02

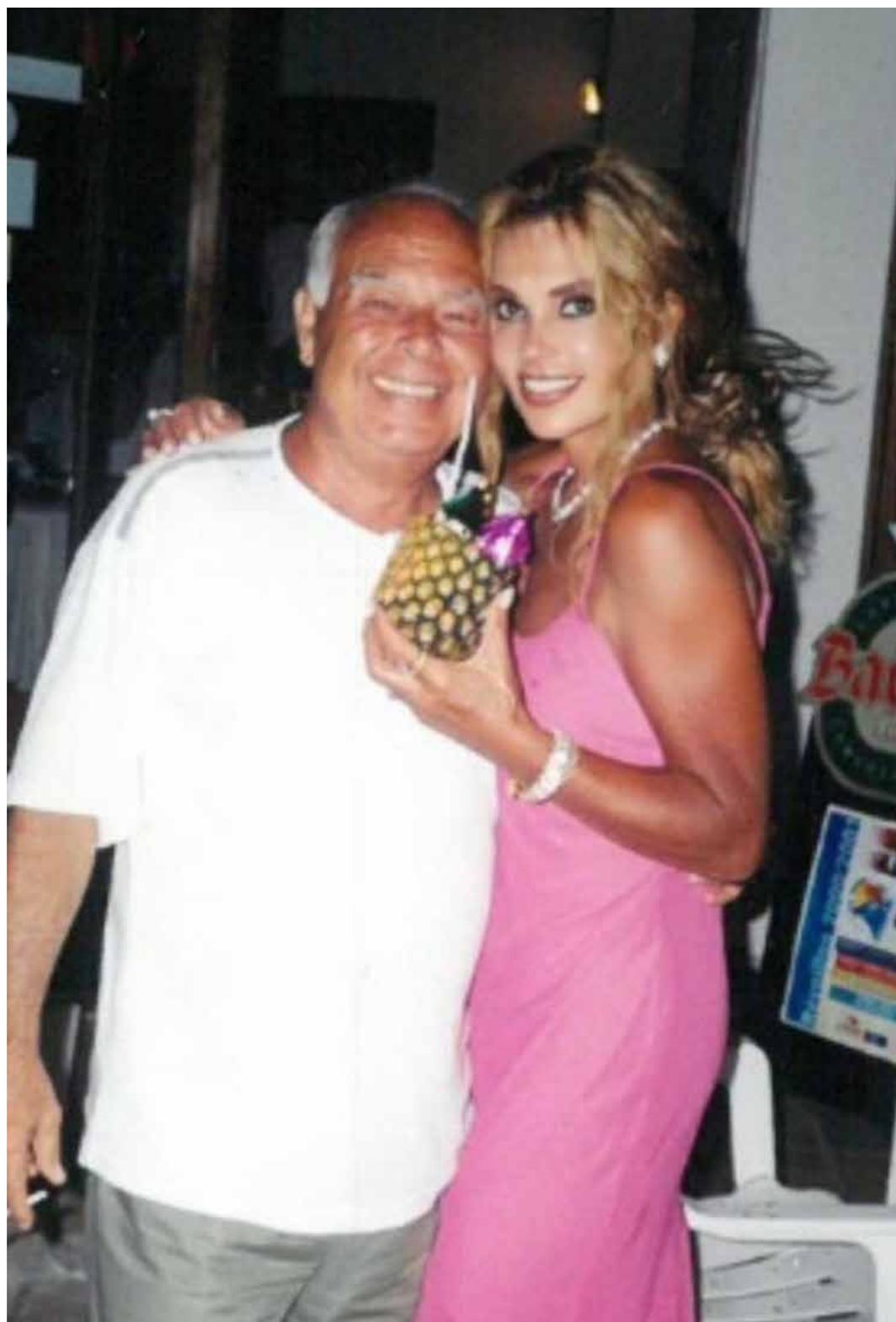


Dauro e Nick além da amizade! Campanha adotada em Penedo





Dauro e seus pets: Toy, Luã e Mel



Dauro e Sonia no Natal no Hotel Tuyuyu em Barra do Furado



compreensão ajudaram-me a vencer obstáculos e passei a ver como a vida é boa de ser vivida. A cada dia, aumenta o meu amor por você. Agradecemos ao Senhor a tudo que Ele nos deu. Jo

B.F. 03/07/03.

Sônia,

Nesses cinco anos, você iluminou as trevas da minha vida.

Seu amor e compreensão ajudaram-me a vencer obstáculos e passei a ver como a vida é boa de ser vivida. A cada dia, aumenta o meu amor por você. Agradecemos ao Senhor a tudo que ele nos deu. Do Dauro

B.F. 03/07/03



Natal em Barra do Furado. Dauro, Sonia, Toy, Luã e Mel



**UFF MEDICINA TURMA 1963\*\*2003**

Em 2003, Dauro e Sonia compareceram nas comemorações dos 50 anos da turma de 1963 de Medicina da UFF - Universidade Federal Fluminense

Dauro está na última fila com Sonia à sua frente



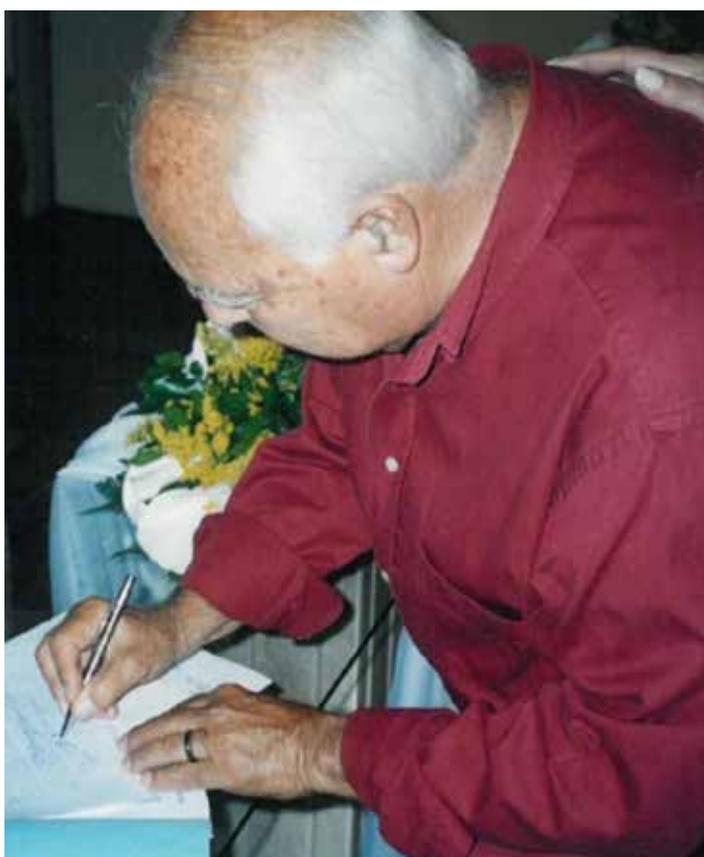
Os cem anos de D. Estella Peixoto Aragão foram comemorados em Niterói, no dia 06/10/2003 - Na foto D. Estella ladeada dos filhos Nadya e Dauro



Dauro e Sonia se casaram em cerimônia oficiada pelo saudoso Dr. Nereu, Juiz de Paz, em sua residência, no dia 2 de março de 2005 - Volta Redonda - RJ



Saudoso Dr. Nereu, Juiz de Paz, oficia o casamento do Dauro com a Sonia. A cerimônia se deu na residência dos noivos Dauro, Sonia, Dr. Nereu, Dr. Ferreira e Maria Ephigênia Ferreira Alves Elias Salume e Márcia Torres





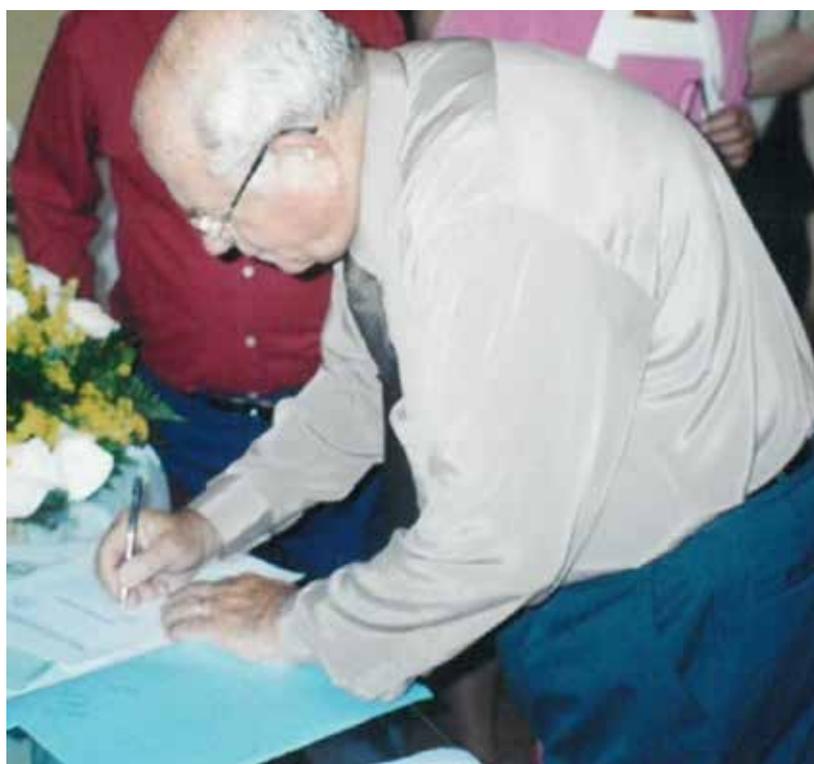
Dauro e Sonia assinam a certidão de casamento



Elias Salume testemunha do casamento Rômulo Marczuk abraça Dauro e Sonia

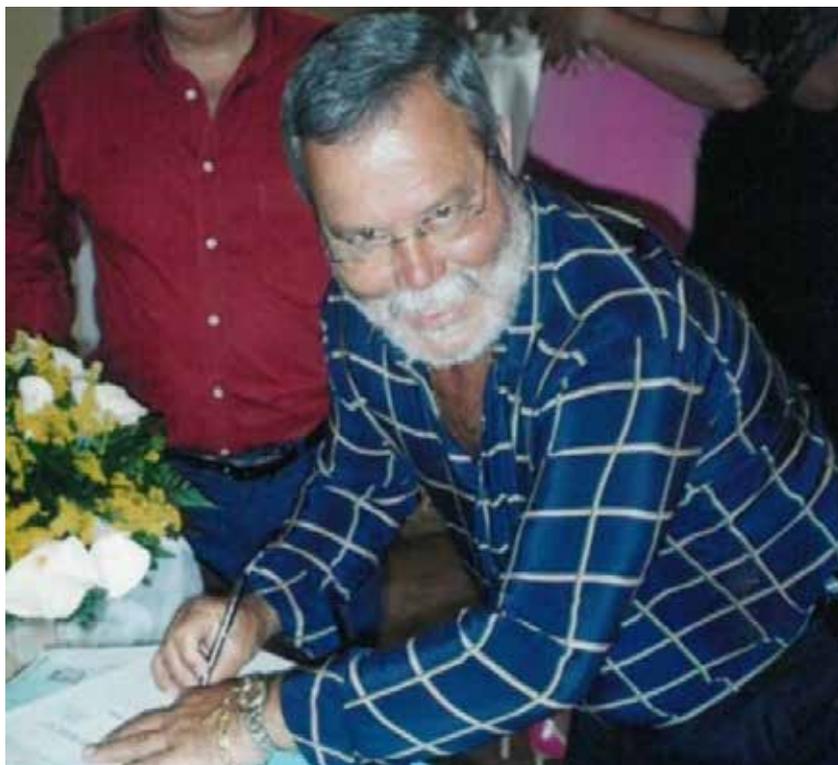


Márcia Torres testemunha do casamento





O casal Lúcia e Jairo Jogaib testemunhas do casamento



Antônio Dias de Castro (Santinho) testemunha do casamento.  
Maria Imaculada Teodoro testemunha do casamento



Maria Ephigênia Ferreira Alves testemunha do casamento Dauro e Sonia e ao fundo Emanuelle



Sonia, Márcia Torres, Elias Salume, Dr. Ferreira, Ephigênia Alves e Dauro



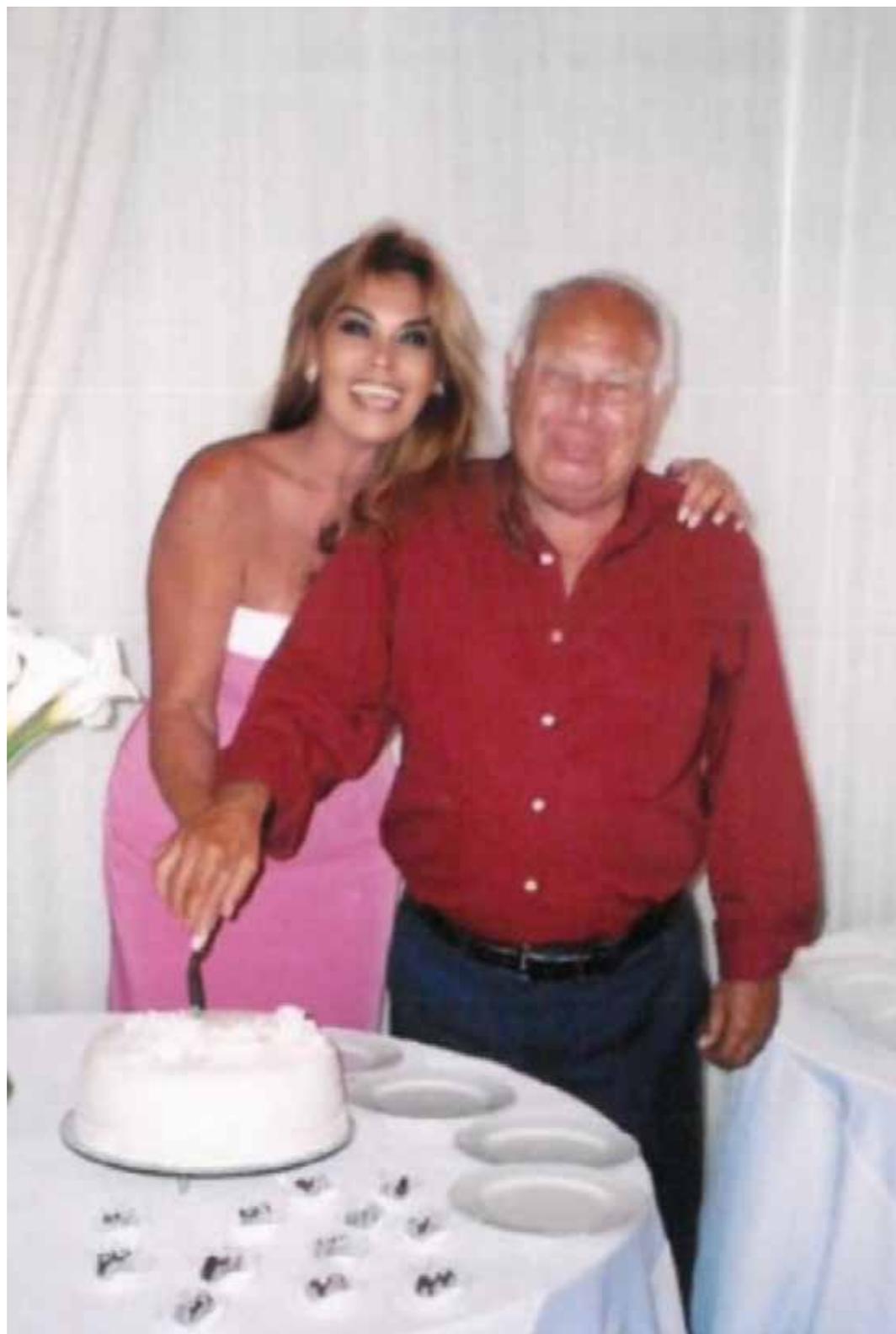
Carlos Rodrigues de Oliveira (Carlinhos), Maria Imaculada Teodoro, o casal Sonia e Dauro Aragão e Antônio Dias de Castro (Santinho)



Da esquerda para a direita: Carlinhos, Vera Marczuk, Santinho, Salume, Imaculada, Jairo e Lúcia, Sonia e Dauro, Dr. Ferreira, Márcia e Ephigênia



Vera Marczuk, Márcia Torres, Michelle Marczuk Schettino, Emanuelle Marczuk Schettino, Maria Imaculada Teodoro e Sonia Marczuk Aragão



Os noivos Sonia e Dauro e o bolo de casamento



Sonia e Dauro no evento do saudoso Mário Sérgio “Feijão de Todos os Tempos” no clube dos Funcionários da CSN - Volta Redonda - 2006

Soninha, minha vida.

Amo demais você, que me dá amor, paz e muita alegria.

Adoro suas maluquices. Te amo muito, muito e muito.

Neste 12 de junho, apesar da data comercial, quero agradecer-lhe pelo seu amor e pela alegria que você me dá.

De joelhos, enviou-lhe o meu coração.

Dauro

12.06.06

Soninha, minha vida.  
Amo demais  
você, que me dá amor,  
paz e muita alegria.  
Adoro suas maluquices.  
Te amo muito,  
muito e muito. N. A.

Te amo muito, apesar  
da data comercial, que  
no agradeço-lhe pelo  
seu amor e pela alegria  
que você me dá.  
De joelhos, enviou-lhe  
o meu coração.  
120606



Dauro e Sonia nos seus doze anos de casados

Querida Soninha.

Doze anos que parecem doze dias!...

Agradeço a você a felicidade que tenho recebido, bem como os momentos de intensa alegria e demonstrações de amor com os quais você me dedica.

Graças a Deus conseguimos formar uma família unida onde a felicidade tem imperado.

Eu amo muito você.

Obrigado por tudo!

Vivamos sempre (eternamente) assim!

Beijos, do Dauro

03-07-10

Querida Soninha.

Doze anos que  
parecem doze dias!!!

Apredço a você

DAURO ARAGÃO

a felicidade que tenho ve-  
lido, bem como os momentos  
de intensa alegria e de amor  
traços de amor com os quais

você me dedica.

faço a Deus, consagro-me  
formar uma família unida,  
onde a felicidade tem  
simplificado. Eu amo muito você.

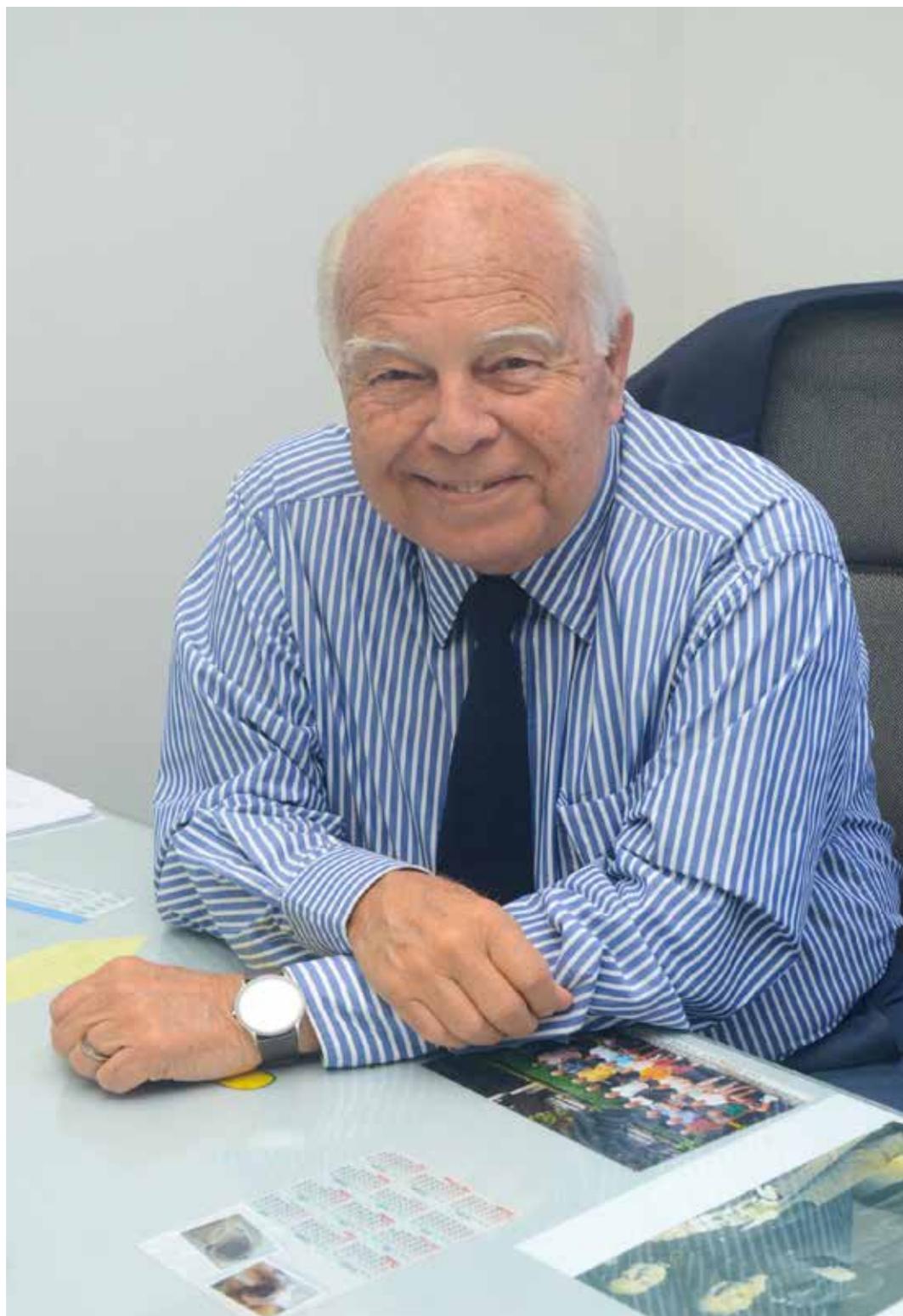
Obrigado por tudo!

V. vamos sempre (eterna-  
mente) assim! Beijinho, do

 03  
07  
10



O discurso do presidente da FOA – Fundação Oswaldo Aranha  
Dauro Peixoto Aragão Campus Olézio Galotti – Três Poços – Volta Redonda - 2011



Close do presidente da FOA - Fundação Oswaldo Aranha  
Dauro Peixoto Aragão em sua mesa de trabalho



No gabinete da presidência Jairo Jogaib e Dauro Aragão



“Quem planta fé colhe milagres!” - Dauro e Nhá Chica - Baependi - MG - 2016



Sonia e Dauro no Dia dos Namorados - 2016



Dauro e Sonia comemorando 18 anos de casados - 3 de julho de 2016

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
PRESIDÊNCIA

Sônia, meu amor,  
Agradeço a Deus e  
ao Sr. Zé Mulatinho terem me trazido  
você junto de mim.  
Esposa e companheira, você  
é tudo que sonhei, que recebi  
dos céus.  
Amo demais você e nossa  
vida. Pena ter sido tão pouco tempo!  
Te amo muito.  
Do Dauro

01 (não é  
04 "primeiro  
16 de abril!")

Sônia, meu amor,

Agradeço a Deus e ao Sr. Zé Mulatinho terem me trazido você para junto de mim.

Esposa e companheira, você é tudo que sonhei, que recebi dos céus.

Amo demais você e nossa vida.

Pena ter sido tão pouco tempo!

Te amo muito

Do Dauro

01-04-16 (não é "primeiro de abril!")



O casal Dauro e Sonia com Eduardo Guimarães Prado - Feijoada da Solidariedade Rotary Clube Volta Redonda - 2016



Em Penedo, no Vernissage restaurante, Noite de Afrodite. Dauro e Sonia Aragão, Jairo e Lucia Helena Jogaib, Alexandre Habibe e Rosileia Hartung



Presidente da FOA - Dauro Peixoto Aragão irradia alegria pelo sexto ano consecutivo a Instituição conquistou nota 4 no Índice Geral de Cursos - IGC/MEC.  
Volta Redonda - 2017



Dauro e Sonia festejam 19 anos de alegrias e felicidade - 3 de julho de 2017

**YESSS, É HOJE!!!**

**SÃO 19 ANOS DE ALEGRIAS E FELICIDADE!!**

**São as pessoas especiais que fazem do casamento uma ligação maravilhosa. São os gestos de carinho que se trocam e as palavras doces que nunca ficam por dizer.**

**Por isso, hoje quero expressar meu agradecimento, pois é uma bênção ter um marido como você que cuida bem de mim, contribuindo para que cada vez exista amor entre nós. É bom celebrar mais um aniversário de casamento com quem desejamos ter ao nosso lado. Minha vida só faz sentido porque tem a presença do homem mais querido deste mundo!**

**VOCÊ...Dauro Aragão **

Dauro Aragão

Querida Sonia,

São 19 anos de v<sup>o</sup>  
da em comum e 12 anos de legaliza-  
ção.

No total, é um mundo de ale-  
grias e felicidade que você me  
proporciona. Obrigado pelo seu amor!

Beijos, do



VR, 03.03.17.

Querida Sonia,

São 19 anos de vida em comum e 12 anos de legalização.

No total, é um mundo de alegrias e felicidade que você me proporciona,

Obrigado pelo seu amor!

Beijos, do Dauro

VR, 03.03.17



Jantando com amigos, Dauro na cabeceira da mesa. Lúcia Jogaib, Vera Marczuk, Sonia Marczuk Aragão, Emanuelle Marczuk Schettino, Eduardo e Cecilia Prado e Jairo Jogaib - 2018



Executivos da FOA em Maringá - MG - Dauro e Sonia, José Ivo e Gracinha, Alexandre e Rosilea, Eduardo e Cecilia, Jairo e Lúcia Helena



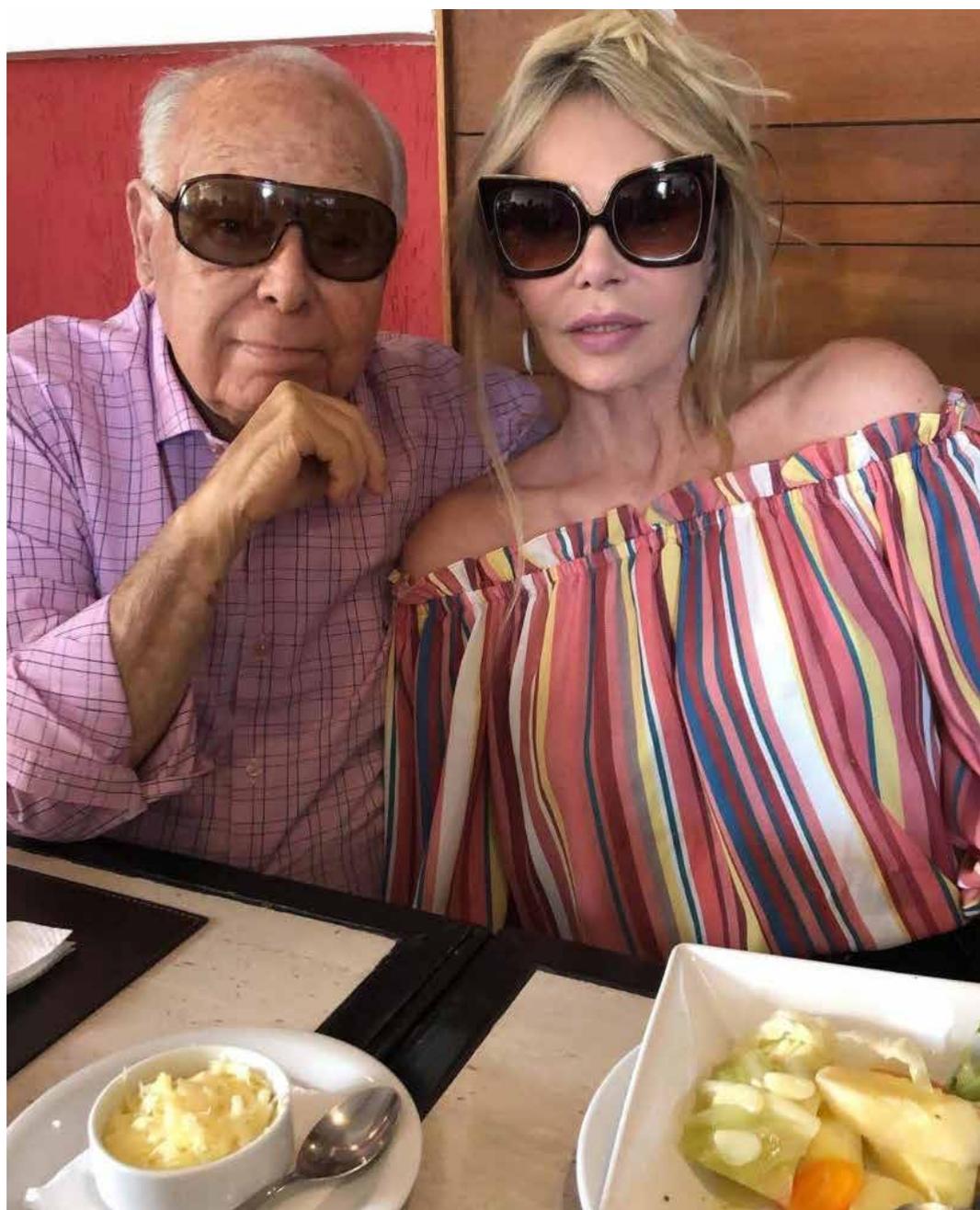
Dauro recebe em seu gabinete na FOA o comunicador Taí Brás que o saúda sempre de “poderoso chefe”



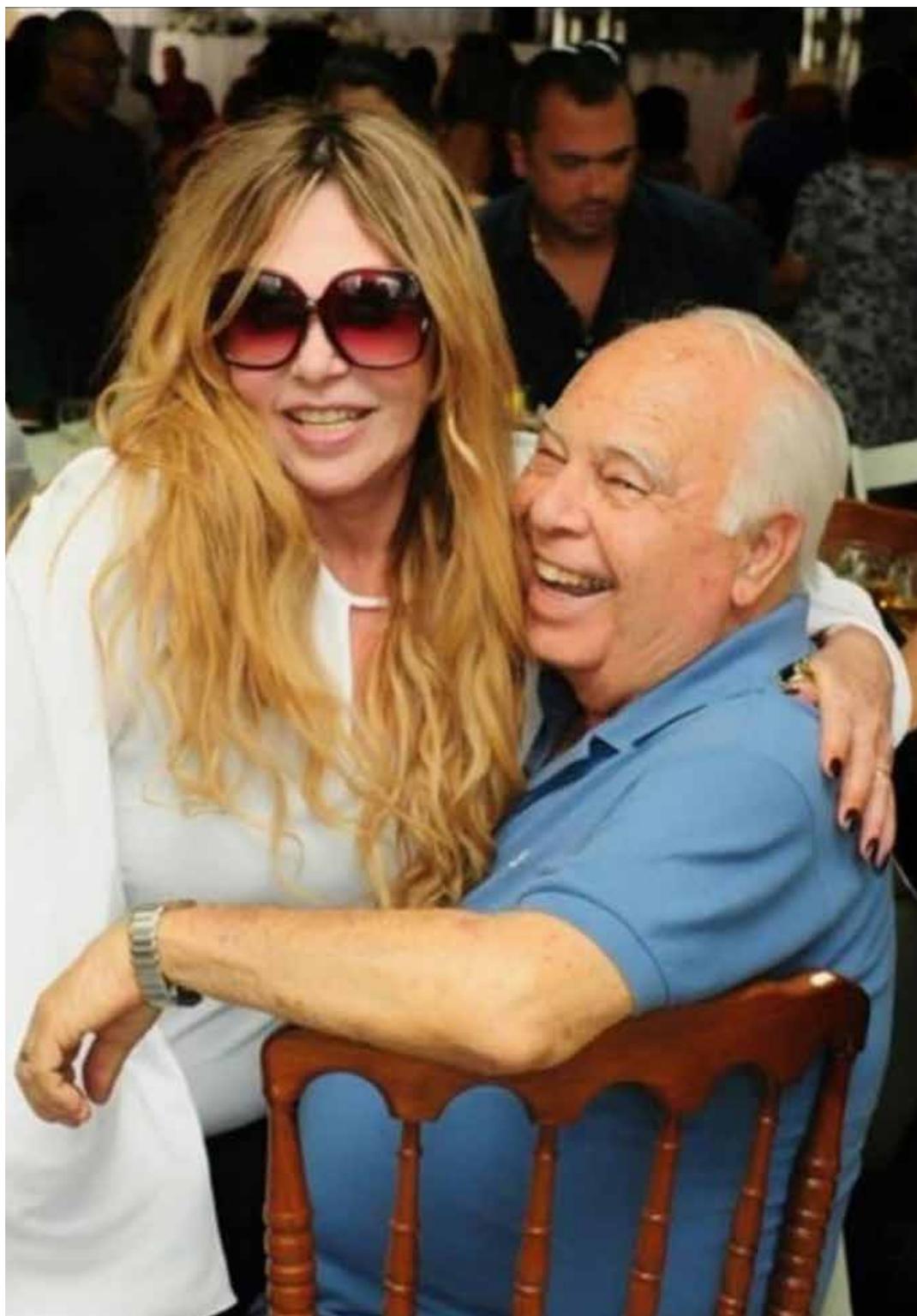
Sonia e Dauro assíduos frequentadores do Restaurante Matos em Volta Redonda, recebem as atenções e o carinho de Manuel Cozinha



Dauro ao lado da Sonia recebe a Moção de Louvor da Câmara de Volta Redonda, das mãos de seu autor o vereador Sidney (Dinho) por “sua contínua preocupação com a vida das pessoas menos favorecidas”



Dauro e Sonia na Adega do Portuga

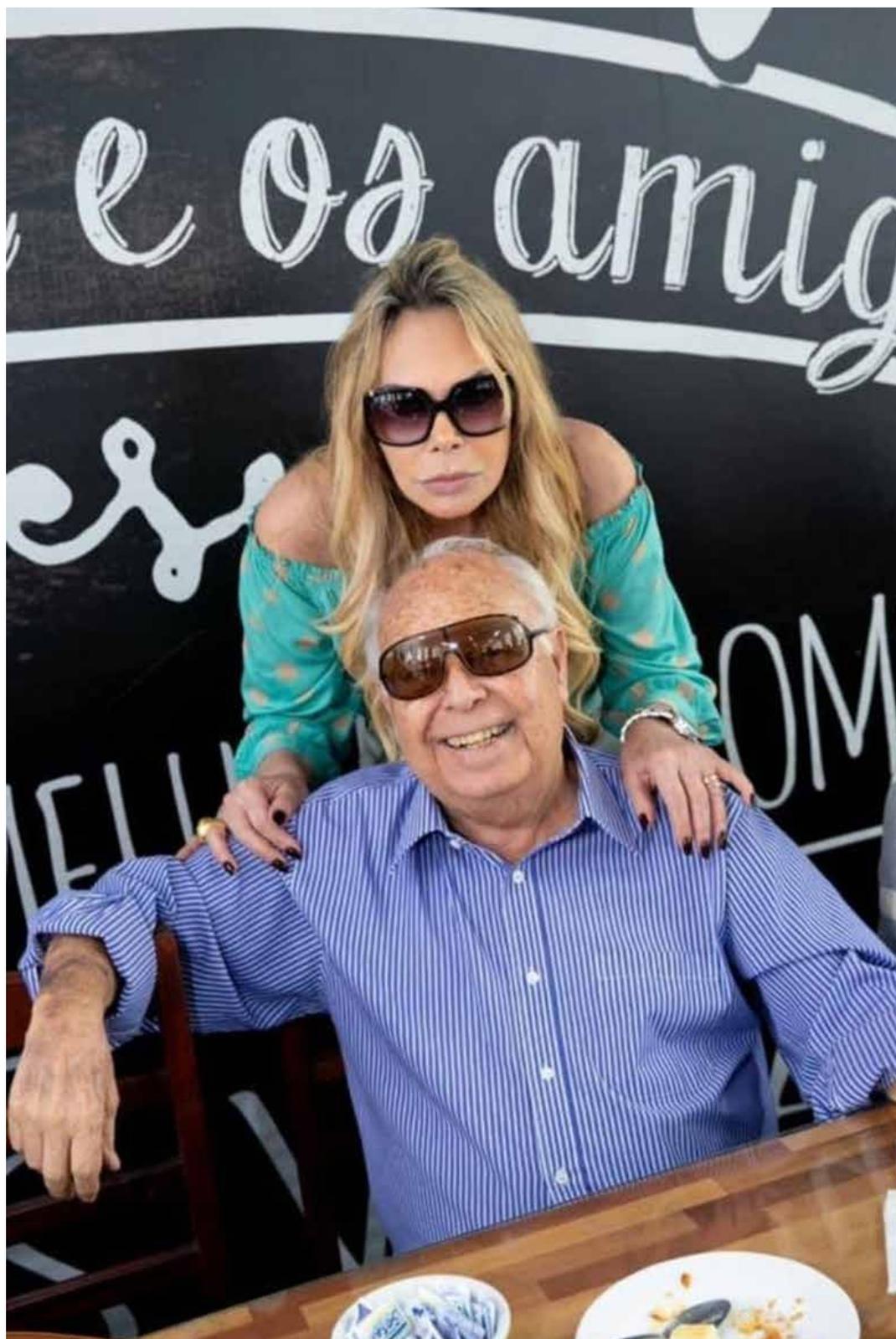


Gostoso mesmo é encontrar o amor da sua vida todos os dias na mesma pessoa!  
Sonia Marczuk Aragão para o Dauro Peixoto Aragão



Dauro e Sonia, festejam 20 anos de casados na sala do Conselho Curador da FOA, ao fundo o retrato do Dr. Oswaldo Aranha - 2018

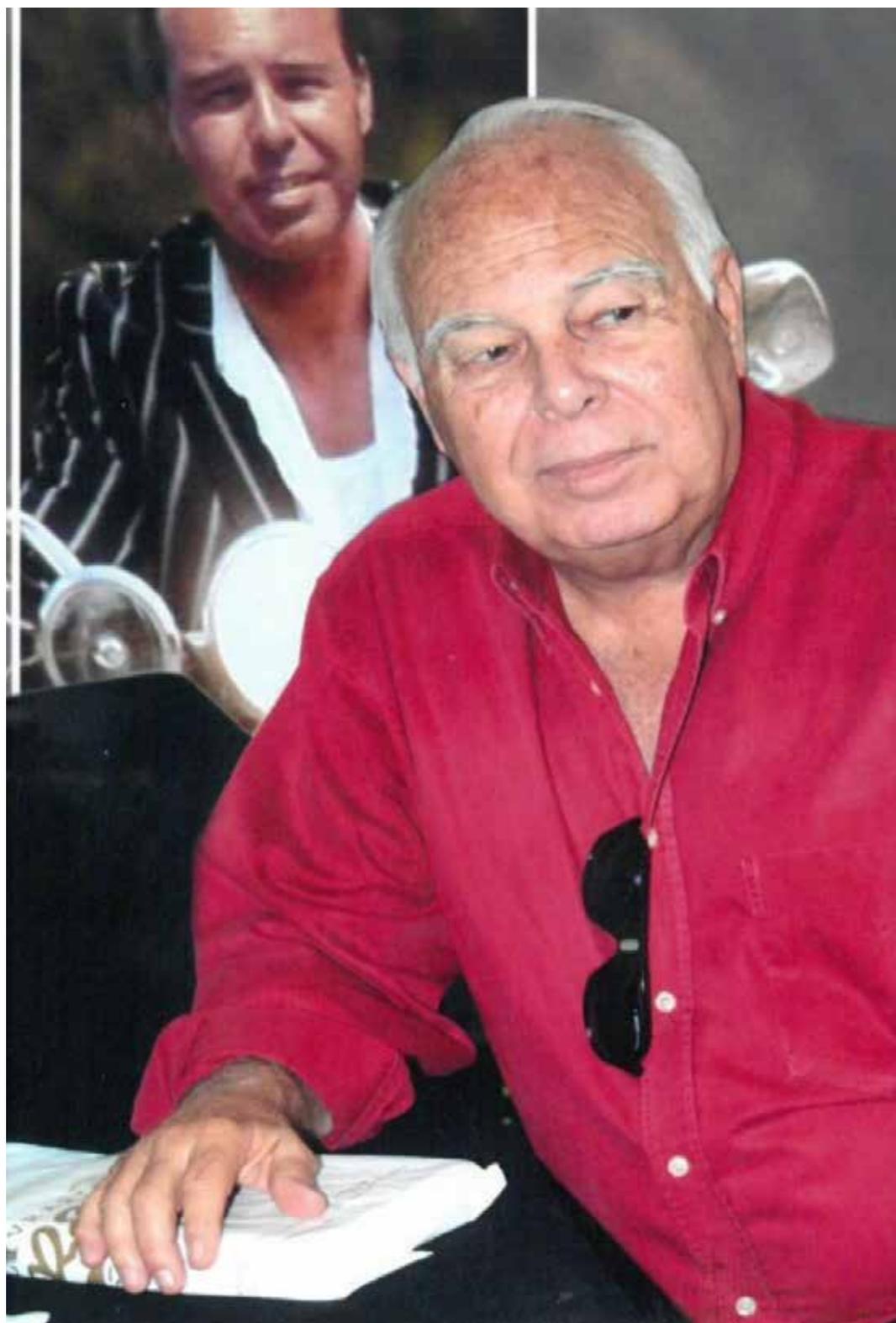




Dauro e Sonia na Confraternização de fim de ano da FOA - 12 de dezembro de 2019



Sonia e a saude diária do Dauro



Dauro em dois momentos



Dauro e seu eterno sorriso

# FILHOS DO CORACÃO

---

## *Sobre os Filhos do Coração*

---



Dauro e Emanuelle Ulyan, Michelle, Sonia e Rômulo

## **Sobre os Filhos do Coração**

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

O “filho do coração” é fruto de uma escolha livre, cujo amor é o principal compromisso entre as partes. Filhos precisam de pais, biológicos ou adotivos, que lhes deem segurança, proteção e estímulos, que estabeleçam laços de afetos duradouros. O caminho não é isento de turbulências. É necessário a liberdade de expor seus sentimentos e acolhimento. É uma jornada que exige diálogo permanente, despojamento e sabedoria.

## Depoimento Emanuelle Marczuk Schettino de Paula Almeida

Aos meus 35 anos de vida, nunca conheci e é muito provável que nunca conheça alguém que tenha me inspirado e me ensinado tanto. Parece que foi ontem, você sentado na sua cadeira, com o Nick no colo e me contando as suas incontáveis histórias, que muitas vezes se repetiam, mas que eu ouviria mais mil vezes só para ver o brilho nos seus olhos. Sua gargalhada marcante seguida de ironia, muitas vezes carregada de um humor ácido, que só a gente entendia, mas que no fundo estava repleto de carinho e amor.

Com certeza você mudou a vida de muita gente, até hoje. Pessoas, às vezes, que eu não tive oportunidade de conhecer, me contam como o Dauro Aragão passou e mudou a vida delas. Comigo não foi diferente. Você foi meu pai, avô, amigo, confidente, conselheiro, incentivador, o meu grande herói.

Você me ensinou o que é o amor, na plenitude da palavra. Sempre vou te admirar e te ter como exemplo maior. Sua história não terminou, ela segue viva com o legado que você deixou aqui na terra.



Manu, Dauro e o gatinho Nick em 2 de julho de 2018



Dauro, Manu e Maggie em 17 de fevereiro de 2018



Dauro e Emanuelle em Confraternização da FOA



No Relicário Bistrô em 14 de julho de 2019. Caio Villaça Correa, Sonia e Dauro Aragão e Emanuelle Marczuk Schettino de Paula Almeida



Manu e Dauro - quem não gosta de carinho! 20 de outubro de 2018



Emanuelle e Dauro 14 de dezembro de 2019



Natal em família - Dauro, Lucas Marczuk, Emanuelle, Miguel Marczuk, Sérgio Marczuk (Gringo), Cleide Marczuk e Ana Carolina Rebelo Marczuk



Dauro e Emanuelle 31 de março de 2019



Dauro e Manu - O carinho da neta do coração

## Depoimento Michelle Marczuk Schettino

Tenho infinitos motivos para agradecer a Deus por ter me dado um pai do coração como o próprio Dauro costumava dizer. Ele foi mais do que um pai para mim e meus irmãos: foi um pilar de força e amor que sustentou nossa família em todos os momentos. A relação que construímos, ao longo dos anos, foi baseada em respeito, carinho e compreensão mútua;

Dauro não era apenas uma figura paterna, mas também desempenhou o papel de avô extraordinário para minha filha Manu. Ele estava sempre presente em sua vida, desde os primeiros passos até os momentos mais importantes de sua infância. Lembro-me com carinho de como ele a fazia rir com suas brincadeiras e histórias, criando um vínculo que transcende o tempo.

Sua presença constante em todos os momentos de nossas vidas trouxe-nos um sentimento de segurança e acolhimento. Dauro sabia exatamente o que dizer nas horas certas, oferecendo palavras de sabedoria, que nos guiavam nas decisões difíceis e nos momentos de incerteza. Suas palavras tinham o poder de acalmar nossas ansiedades e fortalecer nossa esperança.

Os momentos que passamos juntos são inesquecíveis. As memórias dos nossos finais de semana e feriados em Penedo são especialmente queridas. Lembro-me das manhãs ensolaradas na piscina, das tardes preguiçosas em que jogávamos conversa fora e das noites em que compartilhávamos histórias e risadas ao redor da mesa de jantar. Cada um desses momentos está gravado, trazendo à tona uma onda de saudade e gratidão.

Dauro não era apenas carinhoso, mas também sabia ser firme quando necessário. Seus puxões de orelha, sempre acompanhados de um olhar amoroso, ensinavam-nos valiosas lições de vida. Ele nos mostrou a importância da honestidade, da responsabilidade e do amor ao próximo. Essas lições ficaram conosco e continuam a nos guiar em nossas jornadas pessoais.

A saudade que sinto é imensa, mas as lembranças que tenho são um tesouro que guardo com carinho. Sei que ele continuará presente em nossas memórias, vivendo para sempre em nossos corações. Dauro deixou um legado de amor e sabedoria que nos inspira a ser melhores a cada dia. Sua presença eterna em nossas vidas é um testemunho do impacto profundo e duradouro que ele teve em todos nós.

Agradeço a Deus todos os dias por ter tido a oportunidade de conhecer um homem tão extraordinário como o Dauro. Ele foi um presente divino, um exemplo de como a bondade e o amor podem transformar vidas. E enquanto vivermos sua memória estará sempre viva em nossos corações, guiando-nos e inspirando-nos a viver com a mesma generosidade e amor que ele nos mostrou.



Dauro e Michelle



Dauro, Sonia, Michelle e Emanuelle



Dauro e Michelle e o café com churros



Dauro beijado por elas: Emanuelle e Michelle



Dauro Aragão e Michelle Marczuk Schettino - Festa de final de ano da FOA

## Depoimento Rômulo Marczuk Schettino

O que falar do nosso querido e saudoso Dauro Aragão.

Figura proeminente em Volta Redonda, que muito contribuiu para o desenvolvimento de nossa cidade.

Mas não é sobre a figura pública que quero falar e sim daquele Dauro de riso marcante e particular, que fazia uma piada e dava aquela gargalhada, que deixou saudade.

Deixou em nossa cidade um legado de honestidade, compromisso e dedicação. Em nossos corações deixou saudades, boas lembranças e recordações que ficarão para sempre em nossas memórias. Cumpriu seu papel como homem, pai, amigo, empresário, marido. Viveu a vida com intensidade e partilhou conosco momentos que para sempre serão recordados!

Seguimos, levando conosco muitos momentos compartilhados, muitas conversas recheadas de bom humor e informação.

Obrigado, Dauro, pelos ensinamentos e por termos tido o privilégio de usufruirmos de tantos momentos especiais juntos. Nos encontraremos em outro plano um dia, se Deus quiser!

Rômulo e Carol



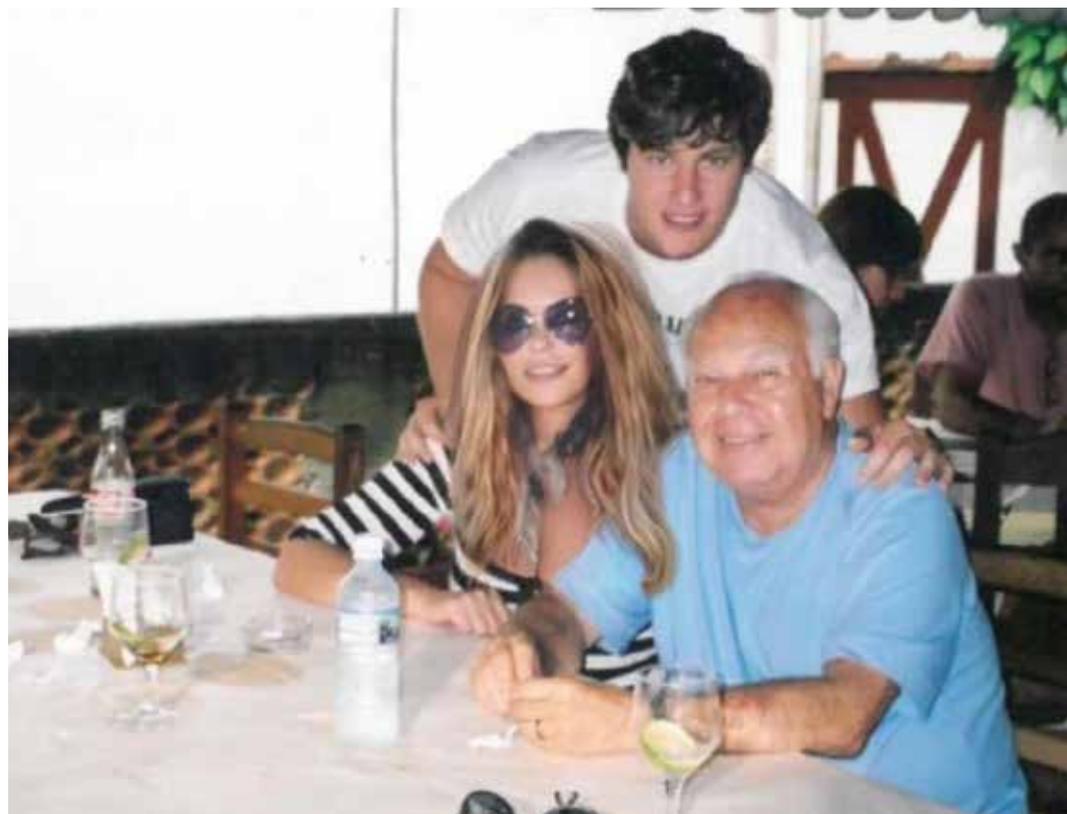
Dauro, Rômulo e sua filha Isabela - 31 de dezembro de 2016



Dauro, Rômulo e Ana Carolina



Rômulo, Ana Carolina, Sonia, Dauro e Márcia Torres



Rômulo com Sonia e Dauro

## Depoimento Ulyan Marczuk Schettino

Escrevo esse texto tomado por uma imensa saudade e um profundo sentimento de gratidão. Dauro, você foi mais do que um padrasto para mim, foi um verdadeiro pai. A sua partida deixa um vazio imenso em nossas vidas, mas também nos deixa com inúmeras lembranças de amor, cuidado e generosidade.

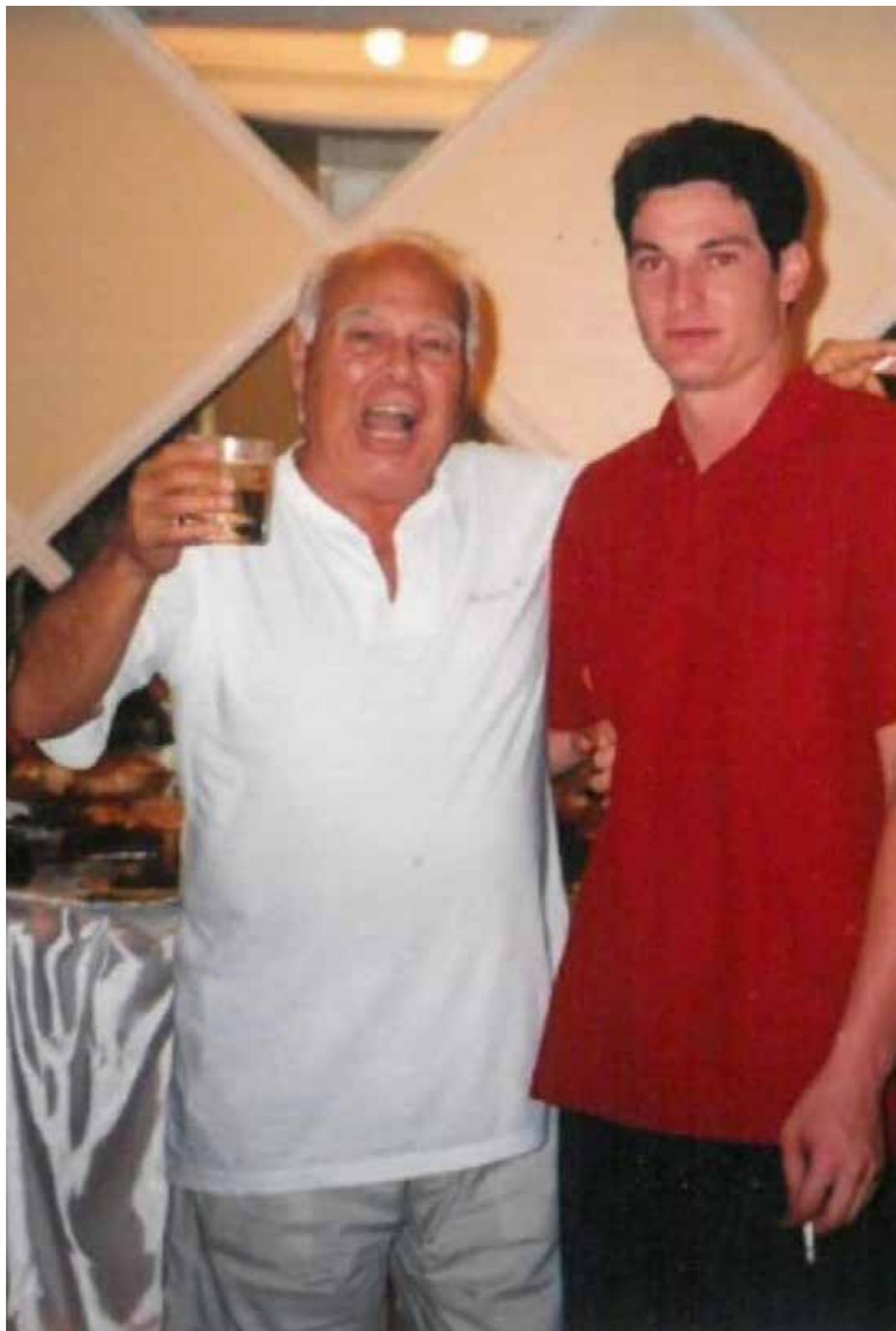
Lembro-me, claramente, de todas as vezes que você esteve ao meu lado nas questões mais difíceis e complicadas da minha vida. Foi você quem me ajudou a enfrentar as batalhas que pareciam impossíveis de vencer. Com sua orientação, apoio material e inabalável confiança em mim, garantiu minha liberdade e, sem exagero, salvou a minha vida. A sua coragem e determinação me inspiraram a seguir em frente, mesmo quando tudo parecia perdido.

Você não só me acolheu, mas abraçou a minha família como se fosse sua. Para você, eu era seu filho, e você era o pai que eu sempre precisei. Perdi meu pai na infância e você ocupou esse espaço de forma grandiosa e completa. Esta relação de pai e filho que construímos juntos, mesmo com o pouco tempo de convivência, foi intensa e criou laços fortes, por isso, hoje eu posso dizer que você foi um dos maiores presentes que a vida me deu. E assim, considero-me eternamente seu filho.

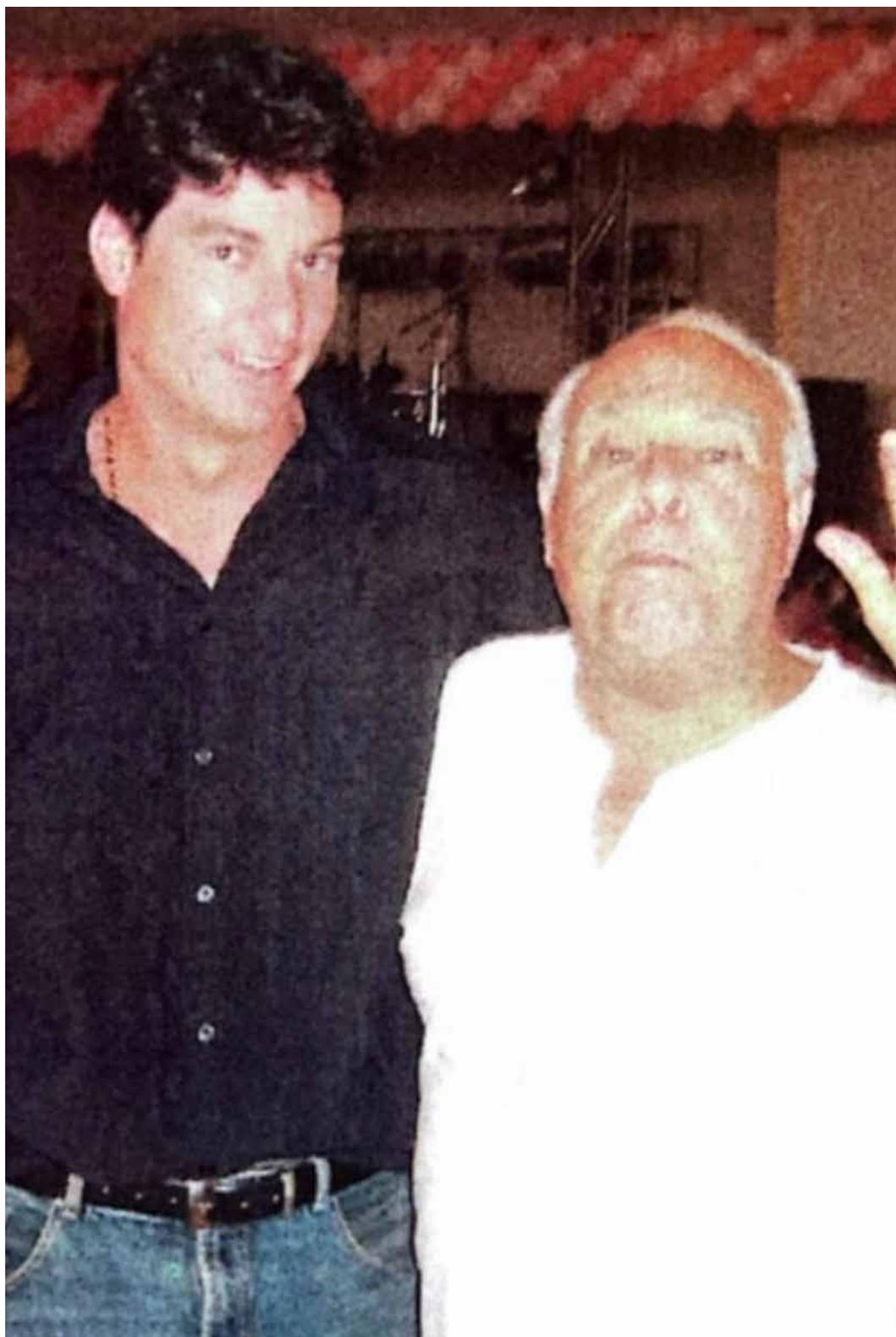
A sua presença também foi fundamental para meus filhos Lucas e Valentina. Graças ao seu apoio incondicional, eles puderam seguir seus sonhos e hoje, Lucas é um competente enfermeiro e Valentina cursa medicina. Uma realização que era quase inimaginável no passado. Sei que ela será uma excelente médica, dedicada e compassiva e, muito disso, se deve a você, que sempre acreditou em nós e nos incentivou a buscar o melhor.

Hoje, quando reflito sobre tudo o que passou, quando reflito sobre o passado, encontro consolo e força em saber que estou no caminho certo da criação de meus filhos. Tento a cada dia ser o pai que você sempre demonstrou ser.

Dauro, a sua falta será sentida até hoje, mas o seu legado de amor, coragem e generosidade viverá em nossos corações. Agradeço por cada momento, cada conselho e cada gesto de carinho. Sua memória será eternamente honrada por mim, por meus filhos e por todos que tiveram a sorte de conhece-lo.



Dauro Peixoto Aragão e Ulyan Marczuk Schettino



Ulyan e Dauro



Ulyan e Dauro na FOA



Natal em família - Sérgio Marczuk (Gringo), Dauro, Ulyan e Rômulo



Dauro e Valentina, filha do Ulyan

**QUISSAMÃ E  
BARRA DO  
FURADO**

---

## *Sobre Quissamã*

---



Praia de Barra do Furado - Quissamã

## Sobre Quissamã

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

Quissamã é uma palavra de origem Angolana e é uma cidade que fica a 80 km de Luanda na foz do Rio Kwanza. A freguesia do Furado foi o núcleo de população mais antigo de Macaé, seguindo-se -lhe o de Quissamã. A Povoação de Nossa Senhora do Desterro de Quissamã foi elevada à categoria de freguesia em 1749.

O nome Quissamã foi dado à região pelos Sete Capitães, durante uma viagem de exploração em 1632, quando encontraram um grupo de índios e entre eles um negro. Os capitães estranharam a presença do negro “em lugares incautos e sem moradores”. Ao indagarem quem era ele e como viera parar ali, respondeu-lhes que era forro e da Nação de Quissamã, na África. O fato inusitado, pois à época era muito difícil encontrar negros em terras ainda não exploradas pelos portugueses, acabou por denominar o município de Quissamã.

Segundo o Cônsul de Angola, que visitou a cidade, Quissamã é uma palavra de origem angolana que significa “fruto da terra que está entre o rio e o mar” e dá nome a cidade que fica a 80 Km de Luanda, na foz do Rio Kwanza.

As terras localizadas entre o Rio Macaé e o Cabo de São Tomé foram doadas, em agosto de 1627, aos capitães Miguel Aires Maldonado, Gonçalo Correa, Duarte Correa, Manoel Correa, Antônio Pinto, João de Castilho e Miguel Riscado. O responsável pela doação das terras foi o filho do terceiro governador do Rio de Janeiro – e também governador por duas vezes da capitania – Martim de Sá. Atualmente, nas terras exploradas pelos Sete Capitães estão seis das nove cidades da região: Quissamã, Campos dos Goytacazes, Conceição de Macabu, Carapebus, Macaé e Rio Bonito.

De 1627 a 1802, a Vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes tinha o controle total de Quissamã, fazendo com que a atual cidade se limitasse a ser apenas povoado do município. No entanto, o bispo do Rio de Janeiro decidiu transformar a cidade em cabeça de comarca junto com a freguesia de Nossa Senhora das Neves. Posteriormente, entre 1911 e 1989, Quissamã pertenceu ao município de Macaé.

Com a emancipação, em 1989, a cidade restabeleceu seu desenvolvimento com os royalties do petróleo extraído da Bacia de Campos se tornando sua principal fonte de renda. Em junho deste ano, a emancipação político-administrativa de Quissamã completou 35 anos.

No decorrer da história do nosso personagem, Dauro Peixoto Aragão, vamos acompanhar sua chegada a esse lindo local, sua permanência e contribuição para o desenvolvimento da cidade de Quissamã. Depoimentos dos amigos, seus casos e fotos, colhidos com amor por sua filha primogênita Andrea Collistet Aragão, moradora local, demonstram o amor do Dauro pela terra que escolheu como “seu paraíso” e sua última morada, sob os pés do cajueiro, onde cada fruto ao brotar trará o gosto da vida que ele viveu em plenitude.

# Depoimento Paulo André Gomes Parente

Presidente da Associação de Surf do RJ

Dauro Aragão foi um visionário apaixonado por Quissamã/ Barra do Furado, que investiu no turismo, Esporte, Lazer e comércio da praia. Construiu pousada, posto de gasolina e uma área de lazer para os moradores e frequentadores gerando renda e empregos para os moradores da localidade.

Foi uma pessoa que sempre atendeu a todos com um sorriso peculiar e de braços abertos. Fizemos vários eventos de surf com seu apoio irrestrito e visão de um grande empreendedor.

Foi candidato a vereador por Barra do Furado e infelizmente não foi eleito. Seria um vereador que iria revolucionar em defesa dos moradores mais necessitados e certamente faria muitas reivindicações para melhorar a qualidade de vida da população.

Dauro não está mais entre nós, mas a lembrança de sua amizade, honestidade e amor por Quissamã ficará na lembrança de quem teve o prazer de conhecer e chamá-lo de Amigo!



Dauro, Andrea, Paulo Parente, Ericson e amigos de Barra do Furado

## **Depoimento Elizabeth A. Figueiredo**

Beth's Restaurante

Eu convivi pouco com Dauro Aragão. Ele era uma pessoa visionária, empreendedora, que amava Quissamã, como se fosse a terra dele e deixou muito em Quissamã, um hotel, posto de gasolina. Foi uma pessoa meu amigo.

Quando eu cheguei aqui, tive pouco contato com ele, mas o pouco contato foi o suficiente para ver que ele era uma pessoa do bem. Eu sou muito amiga da filha dele, Andrea Aragão, uma pessoa do bem também.

Eu acredito que ninguém tem o que falar de Dauro Aragão a não ser bem, em Quissamã.

## **Depoimento Antonio Enisio da Silva Pinto**

Marinheiro o pescador de Quissamã

Conheço Dauro desde que ele era pequeno.

Botei um boteco aqui a pedido dele. Dizia: bota mercadoria ali. E ele gostava de andar de cavalo comigo, o seu cavalo se chamava Guarani. Acompanhei Dauro nisso tudo, éramos muito amigos mesmo.

Dauro foi padrinho do meu casamento e deu um boi para o churrasco. A festa foi ele que fez. Andrea atesta ter estado presente à cerimônia.

O melhor era no jogo de trunfo! Marinheiro, relata o jogo de Trunfo, com Chico Barbudo, Chico Vovô, Dauro Marinheiro, Mane Bimba, senhor Cola entre outros amigos. Dauro ameaçava dar o churrasco no palito para um companheiro de jogo e acabava ele mesmo comendo!

Dauro era meu compadre, padrinho de casamento e marinheiro, a amizade continua para sempre.



Campos à esquerda e Barra do Furado à direita



Barra do Furado – Quissamã

## **Depoimento Genário Antônio Monteiro**

Tutuca de Barra do Furado

Fui grande amigo do seu Dauro.

O seu Dauro foi tudo na minha vida, foi um pai que eu tive. Me ajudou muito. A minha filha casou e foi morar três anos na casa dele. Eu trabalhei oito anos com ele, em todas as obras do Tuyuyu ao Posto de gasolina, que eu construí, e nos sítios.

Ele foi uma pessoa muito importante mesmo. Andrea me considera como se eu fosse um pai para ela. Meu Deus. Somos uma família, com minha esposa e filhos com Andrea.

Graças a Deus!

## **Depoimento Amaro Francisco de Azevedo**

Zequinha Barbeiro

Falar do seu Dauro é unânime. Conheci muito, investiu na cidade, sempre me deu preferência. Era uma pessoa humilde, ajudou muita gente na cidade. E hoje, essa honraria que está sendo feito para ele é bem merecida e eu aplaudo, eu aceito e eu aprovo.

## **Depoimento Lúcia Maria Santos Silva**

Afilhada do Dauro

Conheci seu Dauro desde os dez anos de idade. Uma pessoa boa, atenciosa, prestativa. Foi padrinho de casamento meu e da minha filha. No meu casamento ele agiu com tudo, a festa e tudo mais. Nunca a gente pode pagar isso. Uma pessoa importante na minha vida, que eu senti muito a perda dele, até hoje.

## **Depoimento Ana Alice Barcelos Silva**

Professora em Quissamã

Seu Dauro foi um empreendedor, um visionário, mas acima de tudo, sempre o respeito e carinho que ele externou e nutriu pela sua terra, pela sua origem, de Barra do Furado e de Quissamã.

Posso dizer que foi um privilégio a convivência. Ver o retorno dele à Quissamã. A busca sempre por ações que envolvessem o coletivo, que melhorasse a vida de todos que estavam ali no seu entorno e principalmente, de Barra do Furado.

Ele empreendeu com posto de gasolina, com o Hotel Tuyuyu, àquela época algo muito inovador e contagiante para a estrutura, para a comunidade de Barra do Furado. E o mais interessante desse legado que ele conseguiu plantar, enquanto vivo esteve, nutrir, foi o amor de sua filha Andrea por nós. Ela não nasceu em Quissamã, mas ela reverbera, não apenas comigo, mas com toda a comunidade por onde ela passa, é uma pessoa que conquista.

Então, eu acredito que ele foi um empreendedor, do ponto de vista econômico, mas também um grande empreendedor do ponto de vista do que a gente pode falar da sua herança genética, das emoções e, principalmente, das suas raízes.

É uma grande alegria ter podido conviver com ele.

## **Depoimento Luiz Geraldo de Paula**

Poeta e escritor de Quissamã

Eu tenho muitas coisas para falar de seu Dauro. São muitas lembranças boas. Ele foi um empreendedor que nos ajudou muito, para a abertura, para a fundação aqui de Quissamã, do PSD. Ficamos mais de quatro anos com o comitê montado e ele sempre participou, sempre estava ali com aquele sorriso alegre dele.

Eu não tenho muitas palavras para falar de seu Dauro, porque, na época que ele investiu em Barra do Furado, tinha gente que achava que era um visionário, um maluco! Empreender aqui, em Barra do Furado, em Quissamã ?!

Foi uma pessoa muito amiga nossa. Sempre muito sério, dando conselho, eu, na época, era jovem também e ele nos ajudou muito.

E quero dizer que ele foi muito feliz deixando você, Andrea, como sucessora. Em Quissamã, todo mundo lhe conhece, gosta de você.

Eu não acreditava que ele podia fazer de você, jovem também, uma sucessora do jeito que todo mundo fala e a gente está aqui para provar isso. Você está aqui conosco e quero agradecer por tudo que tem feito por Quissamã. Não sei como você dá conta, mas filha do Dauro, meu amigo, que tantas coisas que ele fez, em Quissamã.

Na época, Quissamã começando, recém emancipada, ele veio para ajudar mesmo, sem interesse financeiro. Você via a alegria dele em participar conosco. Ele vinha de Volta Redonda para cá, para participar de reunião com os amigos dele e todo mundo abraçava seu Dauro.

Em Barra do Furado, até hoje, muita gente guarda boas lembranças dele e eu tenho que agradecer por ter tido ele como amigo e os bons ensinamentos, que ele passou para nós no início nosso na política, e ele veio com grande conhecimento. Eu tenho que agradecer bastante ao seu Dauro.

## **Depoimentos de João Batista Feitosa Araújo e Edmilson Azeredo de Barcelos**

Presidente e vice presidente do PDT de Quissamã

Hoje, 17 de maio de 2024, Quissamã, RJ, estamos aqui reunidos na casa do seu João do Abacaxi, para conversarmos um pouco sobre a vida e passagens, amizades, histórias e relatos de quem teve o prazer de conviver com Dauro Aragão.

Presentes aqui na nossa conversa, que é uma conversa histórica: Andrea Aragão, filho do personagem do livro; seu João do Abacaxi e nossa amiga Cidineia da Rocha presidente da Unegro de Quissamã e o Edmilson.

## **Depoimento João do Abacaxi**

Nessa Conversa

O que eu tenho a falar a respeito de Dauro Aragão. Quando eu cheguei em Quissamã, trazendo a evolução do abacaxi, porque eu vim do Rio, e depois, através de Leonel Brizola, Darci Ribeiro, e do grande amigo José Maurício, deputado sete vezes pelo PDT, grande amigo de Brizola, que desenvolveu o projeto “Luz na escuridão”, no estado do Rio, quem tem uma história muito bonita, mas o mais bonito que eu acho nisso, é o reconhecimento dos amigos de Dauro Aragão, que é uma realidade. Inclusive, nessa história, entra até Otávio Carneiro. Sabe por quê? Porque Otávio Carneiro serve o exército com

José Maurício, e se davam muito bem. Falecido Otávio Carneiro, ex-prefeito de Quissamã por dois mandatos. Essa história de Dauro Aragão é muito merecida. Eu tive o prazer de conhecer. Inclusive, na minha eleição de 1992. Quando nós fizemos a campanha para o Brizola, para presidente da república, em 1989, aqui em Quissamã, José Maurício estava nessa mesma história e Dauro Aragão me deu muito apoio, não só para mim, mas para Quissamã. Não chegamos a ser eleito, mas fizemos cinco vereadores pelo PDT, inclusive Carlinhos da farmácia foi um protegido de Dauro Aragão. Isso foi em 1989, primeiro ano de Quissamã como município emancipado. Em 1990, Brizola vem candidato ao governo do Estado do Rio, se lege disparado, sendo o mais votado aqui em Quissamã, e Dauro sempre ajudando. Uma história que vem de Getúlio Vargas, Darci Ribeiro, João Goulart, uma história bonita. E já em 1992, Dauro Aragão abraçou minha campanha para vereador e eu tive o merecimento do amigo, que em vários aspectos me ajudou, e fui eleito vereador. E nessa mesma história estava José Maurício no projeto Luz na Escuridão, conseguimos trazer o último CIEP da história, que foi o daqui de Quissamã, e Dauro sempre envolvido em tudo.

Eu lembro muito bem do projeto Projeção, feito na Rádio Quissamã, Dauro Aragão falava a verdade. A verdade que o brasileiro precisa saber. Política é coisa séria. Quando José Maurício, que tinha sido exilado, quando voltou, quem lhe deu apoio em Barra do Furado foi Dauro Aragão. Isso é uma história viva, que não deve morrer, que deve ser lembrada e registrada.

É muito importante você trazer um depoimento hoje a uma filha querida, amiga de Quissamã, respeitada e que todo mundo quer abraçar: Andrea Aragão. Falar do meu amigo é falar do passado vivo. Temos que mostrar para o Brasil inteiro. Quem tem história é lembrado e Dauro Aragão é merecedor.

Dauro Aragão via Quissamã um Brasil centralizado aqui, que tudo precisava. A história do Tuyuyu. Do primeiro posto de gasolina. Ele não se envolveu diretamente na questão política, mas na questão de Brasil. Quissamã, como um município recém emancipado: plesbicitado em 1988 e a lei sancionada em 1989 - Dauro Aragão além de ter a visão de cartório de Volta Redonda, Barra Mansa, veio parar na Barra do Furado e contribuiu de todas as maneiras. Porque quando se falava em Dauro Aragão e eu falo isso com muita propriedade, a família Aragão vem do Ceará, família respeitada, que tem raízes. E hoje eu vejo, para avivar essa história, não seria uma pessoa mais adequada que sua própria filha.

Não só eu que dou esse depoimento, mas acredito que todos aqueles de Quissamã que conviveram com ele vão dizer a mesma coisa. Eu só falo dos momentos bons. Ele trouxe o projeto para Quissamã e as coisas começaram a andar. E ajudou a muita gente. O Hotel Tuyuyu as portas eram abertas. Na inauguração ele disse que eu tinha carta branca para passar dois três dias sem pagar, às expensas deles. Eu mesmo. Tinha um coração enorme. Quando você sabe, falar é fácil, fala com garra, coragem, determinação e é assim que as coisas andam.

Para mim é uma honra, falar do meu amigo, que é lembrar o passado vivo. Vamos botar isso no nosso coração e mostrar para o Brasil inteiro que quem tem história, é lembrado. Dauro Aragão é merecedor dessa história.

Nesse momento, sua filha Andrea Aragão, relembra o fato da época de 1964, do regime militar, a parceria que seu pai, Dauro Aragão tinha com José Maurício de Linhares Barreto. Eles eram muito amigos e no tempo que os militares perseguiram os opositores, era aqui em Barra do Furado que meu pai e José Maurício se refugiaram. E se encontraram muito, planejaram muito, um dia ter a anistia, ter a democracia e nós voltarmos a votar para presidente da República. Eu fui testemunha disso tudo e tenho José Maurício como uma grande homem. Todo o ideal que eu tenho politicamente e do coletivo eu devo ao meu pai e ao José Maurício Linhares de Barreto que muito amigo de meu pai, tão amigo que durante a época dos militares, ele era do MDB - Movimento Democrático Brasileiro, ele saía do norte do estado e ia captar votos em Volta Redonda, no nosso meio siderúrgico dos trabalhadores, e teve uma votação expressiva. Foi eleito e nunca desistiu. Hoje José Maurício tem 90 anos de idade.

O que eu vejo é lembrar uma história bonita que é falar de Dauro Aragão.



Praia do Visgueiro

## **Depoimento Luiz Carlos de Almeida Manhães**

### **Rádio Quissamã**

Dauro Aragão foi grande idealista. Fundou na Barra do Furado, a Pousada Tuyuyu, hoje Pousada Barra Mares, o Posto de Gasolina em Barra do Furado, o posto de gasolina Nossa Senhora do Desterro, no Sítio Quissamã. Adquiriu terras em São Miguel do Furado, em sua casa na Barra do Furado, centro. Sempre quando lá chegava era motivo de alegria para aquela comunidade, pois sempre recebia a todos de abraços abertos. Cedendo inclusive sextas básicas para os pescadores.

Quando aqui chegava a primeira parada era no Posto Quissamã, do Sergio Barcelos, onde fazia um lanche, no então bar e lanchonete do Luiz Vieira, com seu motorista e assessor Carlinhos, onde então seguia para Barra do Furado.

Gostava de fazer política, onde ouvia a todos os seguimentos. Inclusive promovendo reuniões com vários desses em Barra do Furado. Todo final de ano ele fazia questão de dar de presentes aos amigos uma agenda.

Ele participava ativamente do Programa Projeção, comandado do Arnaldo Mattoso, na Rádio Quissamã FM-87.9, que se tornou um ícone da política Municipal. Onde a situação não perdia um Programa Projeção e recebia cerca de 50 pessoas para assistir ao vivo e foi motivo inclusive de denúncias da situação contra a Rádio, Arnaldo e Dauro. E no final do mês ele, Dauro, fazia questão de sortear vários brindes para quem escrevia.

Todo sábado a rádio recebia visitas dos fiscais da Anatel e MP. Por essas denúncias o TRE obrigou a rádio a ficar fora do ar 24 horas. E a rádio também fora multada por não tirar o Programa Projeção do ar. As multas da rádio Dauro Aragão pagou. E pediu para batizar meus filhos Junior e Carlos Manhães, não deu tempo.

## **Depoimento Paulo César Viana dos Santos**

### **Pescador da colônia de pescadores do Farol São Thomé**

Dauro Aragão foi o patrão que me ajudou muito. Nós construímos aqui o posto de gasolina Martim Pescador, o hotel Tuyuyu, o barra play. Trabalhamos um bocado de tempo juntos e ele me convidou para ser o gerente e eu disse: Dauro, eu não tenho leitura para isso. Quando foi um dia, ele chegou e falou assim: para quem escreve essas letras aí? Respondi: sou eu. E ele continuou: como é que você fala que não tem leitura? Você é tabelião, eu sou um pequeno funcionário que comecei a aprender agora. E comecei a trabalhar! Eu agradeço muito, foi um prazer trabalhar com ele.



No início de 1962, a atividade pesqueira na praia do Farol de São Thomé, era realizada com os próprios moradores da localidade, porque na região não havia alternativa de emprego e as pessoas conhecidas chamavam os amigos e parentes para pescarem.

(Jornalismo Portal do Farol)

## **Depoimento Vilton Luiz Silva dos Anjos**

Diretor da colônia de pescadores de Quissamã

Foi um prazer conhecer seu Dauro Aragão através da minha família, meu pai Mané Bimba, que era um vizinho de sítio em São Miguel, e eu, desde criança, conheci seu Dauro e tive o prazer de trabalhar na construção do Hotel Tuyuyu, em Barra do Furado.

Ele me mandava comprar material de piscina, de parte elétrica que eu trabalhava. Material custava 100 mil cruzeiros naquela época, e ele me dava 400 mil cruzeiros, sempre sobrava muito dinheiro. Confiança. Então foi um prazer muito grande e através dele e da família dele, ele é falecido hoje, mas a família dele continua e a amizade da gente continua até os dias de hoje. Eu ainda presto alguns serviços aos patrimônios que ele deixou. Alguns moradores de lá ainda me chamam para fazer serviços pois confiam e ele confiava muito em mim e eu senti muito a morte dele.

É um prazer grande que eu tenho nos dias de hoje ainda trabalhar nas construções que ele deixou.

## **Depoimento Sebastião Souza**

### Tião da “Flor Do Bairro” – Barra do Furado

Ele era um amigão que eu tinha. Uma pessoa maravilhosa com um enorme coração. Quando eu era criança, a gente morava do outro lado, numa casinha de palha e ele ajudou muito à minha família, meu pai, minha mãe, ele nos doava pescado. Tempo muito difícil e ele nos deu muito suporte.

Dauro tinha frota de barco pesqueiro, naquela época, eu era garoto. Não tinha ponte ali, não tinha nada. Não tinha luz, só de lampião. E barco de alto mar. Ele doava muito pescado para muita gente. O coração dele era maior que ele mesmo. Muito boa pessoa, maravilhoso. Que esteja em bom lugar.

# OS AMIGOS

---

*Sobre os amigos*

---



Dauro Aragão, Jairo Jogaib, Elias Salume e Júlio Meyer: amigos!

## **Sobre os amigos**

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

O amigo é aquele que vem espontaneamente estar ao seu lado, que lhe diz tudo aquilo que as outras pessoas não teriam coragem de dizer sempre pensando no seu melhor. Ser amigo é aceitar o outro do jeito que ele é e respeitá-lo em suas escolhas. Vai muito além de concordar com tudo o que o amigo faz.

É entender a energia inicial e abrir as portas do coração deixando entrar e fluir esse novo gás, para alimentar o caminho que o acaso forjou...

É dar forma e corpo ao sentimento, amaciar o coração, fomentar ainda mais a boa energia! É adoçar a vida... Compartilhar da alegria multiplicando-a, e da dor, diminuindo-a.

A todo custo!

# Depoimento Lúcia Helena Leite Jogaib

Jairo Conde Jogaib *In Memoriam*

Jairo e Dauro se conheceram aos 14 anos. O Jairo foi para a casa do tio, que morava em Niterói -RJ e o Dauro também morava lá. Eles se conheceram num curso preparatório de cadetes e a amizade se fez ali. Jairo resolveu fazer odontologia e o Dauro, medicina. No terceiro ano de medicina do Dauro, o seu pai faleceu e o seu padrinho o trouxe aqui para Barra Mansa, para cuidar do cartório em Volta Redonda. O Jairo ficou em Niterói, se formou lá. Ele era muito estudioso, fazia atualizações, gostava muito de estudar. E nessa época ele fazia estágio no Hospital Moncorvo Filho e, como ele dizia, estava na ponta da agulha para poder começar a trabalhar. Só que naquela época eles gostavam dos profissionais antigos, profissional novo que chegava na cidade, apesar de ele ter montado um consultório de ponta lá, diz ele que passou um ano olhando para um sofá grená, que ele não suportava, porque não entrava um cliente. O único cliente que esteve lá foi a tia argentina dele, na casa de quem ele morava. Até nessa fase, a tia argentina o levou para casa dela pois o achou muito magro, e ele tentando a vida.

Foi quando ele encontrou com o Dauro e este o chamou para ir embora para Volta Redonda tentar recomeçar essa vida lá. Eles eram muito amigos, mas brigavam bastante. Mas o Jairo sempre lembrou disso e sempre perdoou tudo em função disso. Ele veio para Volta Redonda e o Dauro o levou ao Bar Social, que era o bar que tinha na Avenida Amaral Peixoto onde o pessoal fazia as refeições, porque naquela época ele não tinha dinheiro para nada, estava começando. O Dauro avalizou para ele comer nesse bar. Ele ficou por aqui, começou a vida dele, começou a dar certo, montou o consultório dele na Amaral Peixoto e sempre tinha essa amizade.

Ele é padrinho de casamento do Dauro com a Romilda. Ele achou até graça, que no dia da lua de mel ele desceu para Niterói junto com o casal! E depois nós fomos também padrinhos da Terezinha com o Dauro; e depois com a Sonia. Ou seja, ele apadrinhou os três casamentos. E era uma amizade muito bonita. Ele frequentava muito a casa do Dauro; ele tinha as confusões dele e às vezes chamava o Jairo e o Jairo ia socorrer. Esse período foi o período que o Jairo me contava.

Depois que me casei com o Jairo, foram 39 anos de casamento, onde se teve uma amizade muito presente: de frequentar, de viajar juntos para Quissamã, viajar para a Argentina para ver o filho. Antes disso, na época que a gente saía, era mais socialmente.

Com o Dr. Olézio Galotti na presidência da FOA, o Jairo foi coordenador da Odontologia e depois diretor. Quando o Galotti quis deixar a FOA, fizeram reuniões até lá em casa e o Galotti tinha muito medo de alguém que assumisse a FOA e que não fosse do tipo deles, que enxergasse a FOA como uma instituição de ensino, não como uma coisa política, nem para crescer, nem para sair. Galotti com Dr Garcia, que eram

muito amigos, foram até lá em casa pedir para o Jairo ser presidente da FOA. Ele aceitou, e o vice foi o Dauro.

O Jairo sempre viveu do trabalho dele. Ele não tinha outros ganhos além do fruto do trabalho dele. E mudou alguma coisa no estatuto da FOA e o Jairo, para ser presidente da FOA não podia deixar de ser o diretor da odontologia, que era o salário dele. Acontece que quando houve essa mudança, se ele continuasse recebendo o salário dele como diretor da odontologia, a FOA teria que mudar, a Fundação sairia de não pagar imposto e passaria a pagar imposto. Ou seja, se o presidente tivesse remuneração saía dessa fase de Fundação e entraria num outro patamar, onde a Receita Federal iria cobrar imposto. O Jairo não aceitou. O Galotti até pediu que ele ficasse. Durante uns seis meses eles discutiram isso. O Dauro tinha o cartório, já o Jairo só tinha a coordenação da odontologia! Aí ele resolveu sair. Galotti ficou bravo com ele, ficou dois anos quase sem falar com ele. E o Dauro assumiu pois era o vice. E o Galotti não conhecia o Dauro como conhecia o Jairo. Conhecia o Dauro como empresário, cartório, e o Dauro era aquele jeito dele você conhecia. Jairo atentou que conhecia o Dauro desde os 14 anos, que convivia com ele esse tempo todo e disse ao Galotti que ele podia ter certeza que não iria se decepcionar. E o Jairo ficaria como vice-presidente. O Galotti acabou aceitando, foi conversar com o Dauro que aceitou também.

E isso tinha acontecido, nessa fase, que o Dauro tinha que deixar o cartório. Com 70 anos tinha que deixar. E o Jairo ia muito conversar com ele ali no cartório e manifestou preocupação, porque ele dizia assim: o quê que o Dauro vai fazer? Dinheiro não era problema. O problema era o tempo, a ocupação. Ele havia tentando política duas vezes e não conseguiu. E sem ocupação o Jairo achava que ele podia entrar num processo depressivo. Uniu o útil ao agradável e o Dauro aceitou vir a ser presidente da FOA.

Foi uma oportunidade de eles começarem uma vida nova. Era tudo que ele queria, continuava na ativa, e Jairo continuou sendo o vice do Dauro, e o ajudava bastante com os professores. O Dauro escutava muito o Jairo. Às vezes, tinham arranca rabo, mas quem não tinha! O Jairo chegava bravo, dizia que ia sair, mas acalmava, e aí chegava uma carta do Dauro pedindo desculpas. Dauro sempre dizia para o Jairo: você não pode sair de perto de mim, mesmo quando eles brigavam. Você é meu freio de mão. E conviveram esse tempo todo. Achava muita graça porque o Jairo era muito católico, e Dauro, da umbanda. Jairo ria muito, porque toda vez que chegava no cartório, o Dauro abria uma gavetinha assim e tinha a oração do Espírito Santo. Todo dia ele fazia a oração do Espírito Santo. E o Jairo usava na lapela a medalhinha de Nossa Senhora e ele implicava. O Dauro dizia para o Jairo: você vai morrer primeiro do que eu, para abrir meu caminho lá em cima. E aconteceu! Jairo morreu em setembro de 2020, e o Dauro em fevereiro de 2021.

A gente conviveu muito com a Terezinha e com os filhos. Viajamos muito junto, com o Júlio, depois com os próprios meninos da Sonia, também. Sempre tivemos uma

convivência com os três casamentos. A Romilda, eu adoro. Os meninos conviveram juntos Daurinho, Dario, Aline, Andrea, sempre foram muito presentes. Todos chamavam ele de tio Jairo, era tio mesmo, até os netos. Era normal, pois sempre teve uma amizade muito grande, estava sempre junto, na hora dos apertos tanto de um quanto do outro.

Era muito engraçado, porque teve época, na FOA, logo que mudaram tudo, as despesas foram aumentando e às vezes, tendo que assinar promissória de três milhões, uma coisa assim, o Dauro assinava e o Jairo como fiador. É muita confiança, muita troca. Quando os filhos do Jairo eram pequenos e os da Romilda também, porque são idades muito próximas, os quatro do Jairo e os quatro do Dauro, eles viajavam juntos para Muriqui. Tem uma foto até na sala do Eduardo que eles estão de calção de banho. Aquela foto foi eu até que achei e tinha mandado para o Dauro, que é da época de Muriqui com as crianças eram pequenas.

Já no final, adoentado em casa, o Jairo ia lá visita-lo. Era a única pessoa que o Dauro aceitava. Ele não gostava de receber visita, mas o Jairo visitava. Eu visitei uma vez também. Ele gostava muito de mim. Nessa fase que ele ficou em casa, a fase da hemodiálise, era a fase que o Jairo o visitava em casa. Mas depois no hospital, já ficou mais difícil. Nesse período de 2019, o Jairo teve problemas e ficou internado uns 15 dias, ele tinha arritmia cardíaca e deu aula até na quarta-feira, com os meninos assistentes dele, porque o Brandão que era o cardiologista dele e do Dauro também, tinham falado que para ele subir aquela rampa é como se você tivesse dando uma volta no Maracanã. Você não pode mais subir essa rampa para poder dar aula, porque na época ainda não tinha elevador. Mas ele não quis deixar de dar aula, ele ia, mesmo com o problema cardíaco e pensava, na hora que tiver de ser, vai ser. A minha cabeça está boa, o corpo estava ruim. Ele tinha duas próteses de fêmur. Ele fez a cirurgia, porque ele caiu. O problema foi esse.

Tanto Jairo quanto o Dauro tinham a cabeça boa e o corpo ruim, mas eles não aceitavam o que a gente dizia; tinha que ser da cabeça deles. O Jairo estava tomando sol na varanda, eu sai para fazer uma consulta e falei com ele: deixa a cadeira aí, quando eu chegar eu tiro. Botei até o andador dele na porta, só para ele levantar da cadeira, ir para o andador e ir para a cama. Mas ele, teimosamente, levantou e foi guardar a cadeira. A cadeira era de rodinha, escorregou, ele apoiou no andador e o andador virou, ele caiu, e a prótese do lado direito fez uma alavanca. Teve que fazer uma cirurgia de grande porte. Fez a cirurgia, demorou muito, saiu da cirurgia, teve um problema de débito cardíaco, saiu do centro cirúrgico, e indo para o CTI, ainda falei com ele. Mas ele acordou no dia seguinte muito bem, o clínico dele Flávio Fernando conversou com ele, mas, de repente o coração falhou e eles não conseguiram reverter. Ele entrou em coma e dois dias depois, faleceu.

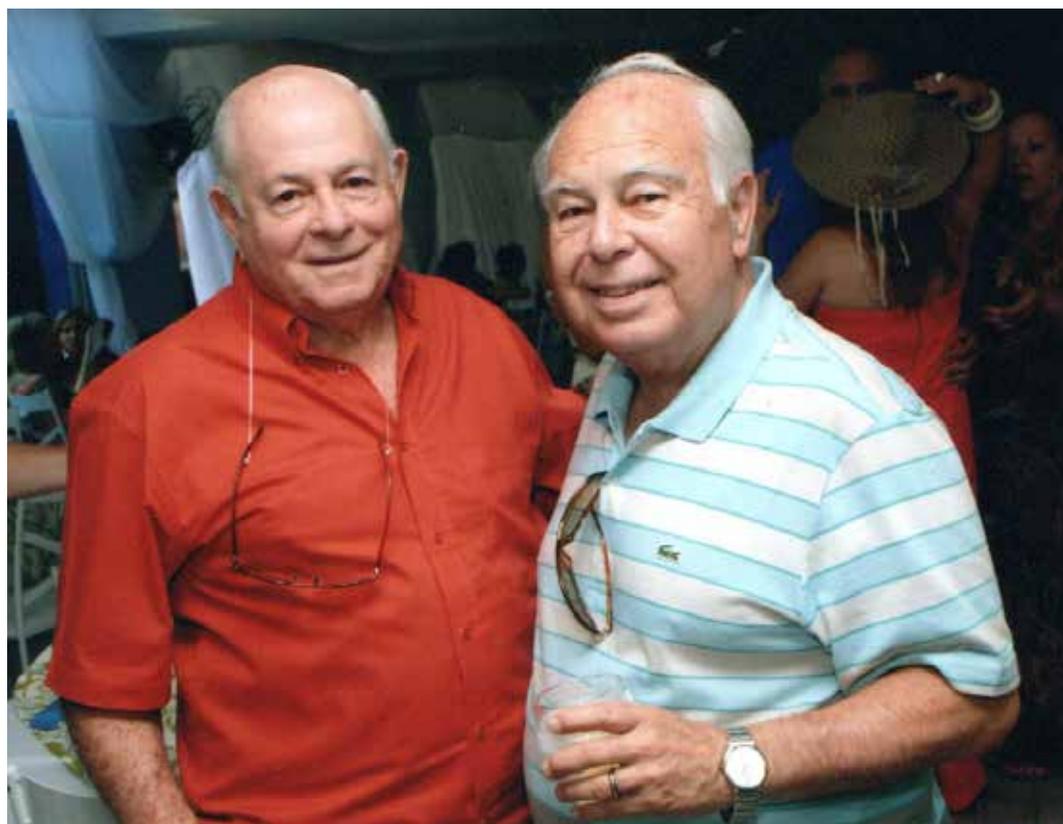


Dauro e Jairo: sorrisos de uma vida!





O casal Lúcia Helena e Jairo Jogaib



Jairo e Dauro



Dauro e Jairo em Maringá



Os sorridentes Jairo e Dauro



Visita dos Senadores Severino Cavalcante e D. Emília Dauro, Francisco Neto, Dr. Garcia, Nelsinho Gonçalves, os senadores e Jairo Jogaib



Jairo e Dauro em 15 de junho de 2010



FOA/UniFOA - Jairo discursa em 27 de agosto e 3 de outubro de 2011





No mesmo encontro Dauro fala e Jairo escuta!





2013 - Sempre juntos na FOA / UniFOA - Jairo e Dauro



FOA e seus dirigentes - Eduardo Guimarães Prado,  
Dauro Peixoto Aragão, Jairo Conde Jogaib



A confiança e o respeito traduzidos em puro afeto entre amigos



O beijo da amizade de uma vida! - Jairo e Dauro

# Depoimento Cacilda Maria da Cruz

Alan Cruz *In Memoriam*

Todo mundo achava que o Dauro e o papai, Alan Cruz, eram concorrentes, por serem dois tabeliões e que não eram amigos. Eu nunca comentei nem falei nada com meu pai. Até que um dia, o seu Dauro fez um favor muito grande para o meu pai, muito grande mesmo e todos nós somos imensamente gratos e por isso aí o meu pai falou: só um grande e verdadeiro amigo faz isso. Ai eu vi que realmente eles eram amigos desde sempre.

Eu me lembro, antes do meu pai morrer, eles sempre saiam para almoçar juntos. O seu Dauro, o Jonas – da imobiliária – e o carro da FOA ia lá em casa e pegava meu pai. Às vezes, o seu Dauro ia no quartinho lá atrás e conversava ali com meu pai, que era kardecista.

Eu lembro que quando o seu Dauro perdeu o neto, o filho da Andrea, ele ficou muito mal. E conversava muito, muito com o meu pai. E sempre os dois muito amigos. Meu pai falava pouco, não era de comentar nada. Quando eu tirei a minha carteira provisória da OAB, eu estava estagiando na Defensoria Pública, e era o Dr Alfredo Godoy, de Barra Mansa, e o seu Dauro era o paraninfo da turma. Na hora que me chamaram para me entregar a carteira, o seu Dauro falou que fazia questão de entregar. E o Dr. Alfredo também falou que fazia questão de entregar. Os dois me entregaram a minha carteira da Ordem. Eu fiquei muito emocionada pelo carinho, por causa do meu pai. Foi com esse carinho que eu recebi a carteira dele. Quem ia me entregar era o Dr. Alfredo com o qual eu trabalhava, mas seu Dauro fez questão de me entregar. Para mim, isso foi muito importante.

Outro fato foi o da morte do meu pai. estava dando muita confusão no inventário. Desfez a família. Ficaram dois de cada lado. Coisas horrorosas. Eu já estava desgastada. O meu pai com o Dauro eram super amigos, e de comportamento e maneira de ser opostas. Seu Dauro gostava de aparecer, da boemia, o meu pai era o oposto, ele não gostava de nada disso.

Uma vez era aniversário do meu pai e seu Dauro foi lá em casa, falar com minha mãe que ia fazer uma festa se podia ser lá em casa. Minha mãe não ia fazer nada, pois ele ia organizar tudo. E ia ser uma surpresa para o meu pai. A minha mãe ficou numa saia justa, não sabia o que fazer. Ela disse: se eu deixo fazer e não falar para ele , vai ser uma coisa, se ele não acabar fazendo desfeita lá na hora; e ai a minha mãe contou e ele falou: se vira, eu nem apareço. Não aceito. Ai a minha mãe. sem graça, falou para o Dauro, pedindo desculpas, e não fizeram a festa. O meu pai não gostava de aparecer, era bem como ele falava: arigó mesmo. Nunca subiu à cabeça a posição dele, nada disso.

Meu pai era uma pessoa que tinha uma gratidão imensa pelo Dr. Savio e pelo Dauro. E o Dauro falou assim: que gratidão que seu pai tem por mim? Eu que sou grato, porque eu

sou o que eu sou por causa dele. Eu não entendia por quê? Aí ele falou assim: o seu pai, eu o tenho como o meu pai. Tanto é que lá no gabinete dele tinha a foto dele com o meu pai. Quando eu cheguei para conversar com ele, dei de cara com a foto. Tal a amizade dele ter essa foto para todo mundo ver.

Quando eu sai da AAPVR – Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda, após treze anos me mandaram embora, eu acho que foi porque o Ubirajara não gostava do meu pai. Quem me colocou lá na Associação foi a Matilde, mas ela foi primeiro saber do meu pai se podia me dar o emprego. Eu só arranjei o emprego após meu pai dar o aval. Eu sai, fiquei 8 meses vivendo do seguro desemprego e depois a minha filha apareceu com um ceratocone – doença degenerativa do cone do olho – e ela não estaciona, não acaba, vai evoluindo até chegar ao implante. Eu fiquei louca, desempregada, nunca tinha ouvido falar dessa doença, e o pai dela puxava para o buraco, sempre foi assim. Eu que levantei a cabeça e fui pai e mãe dela.

Naquele desespero eu fui lá na FOA, com a Dilma, que era muito amiga do seu Dau-ro e fui lá para ver se ele me arranjava um emprego, porque a minha filha precisava operar e eu não tinha condição. Meu pai já tinha morrido. Falei para ele e respondeu: como não. Como eu vou falar não para você. Claro, de jeito nenhum eu posso negar isso, ainda mais nessa situação. Já não negaria por motivo nenhum. Eu só vou ver aonde eu vou te colocar. Talvez eu te coloque lá com o Dario. Você conhece o Dario? Não, não conheço. Pois é o meu filho, ele fica lá na Vila, talvez eu te coloque lá com ele. Eu falei que qualquer lugar serviria, não precisava nem ser como advogada. Ele me empregou e o tempo todo que eu trabalhei com ele vivo, quando minha irmã teve câncer, ele me disse: Cacilda, em primeiro lugar a sua irmã e depois o trabalho. Depois a minha sobrinha teve um problema no cérebro e ele agiu da mesma forma.

Eu vi muita caridade. Muita coisa que ele ajudava. Tem uma pessoa que fez medicina, e a mãe foi lá conversar com ele, ele fez uma proposta que ninguém faria: tudo bem, vou dar a bolsa para ela e quando ela começar a ganhar ela me paga. A menina fez medicina. Quando começou a fazer estágio, foi juntando dinheiro e foi levar para ele a metade do que custou o curso e ele não aceitou. Ele propôs uma coisa, e não aceitou porque a menina cumpriu. E ela falou que depois de mais algum tempo ela quitaria a dívida com ele, porque é uma dívida eterna, porque isso aqui não é nada perto da oportunidade que o senhor me deu. Eu conheço a menina, isso realmente aconteceu.

Eu sempre fui muito grata pela ajuda que ele deu no momento difícil. Meu pai tinha condições, tinha bens mas não tinha o dinheiro em espécie, naquele momento. O seu Dau-ro não o deixou vender nada, emprestou o dinheiro. Já éramos gratos por isso. Depois ele me deu o emprego. Sempre me cumprimentava. Sabia como eu estava. Ele perguntava também. E dizia: só elogios a seu respeito.

Depois disso foi com o inventário, que foi uma confusão. O meu cunhado tinha e tem uma situação financeira muito boa, ficou meu irmão e meu cunhado e minha irmã

de um lado e eu e a Kátia de outro. Uma guerra. O negócio estava de tal maneira que eu assumi, como advogada a nossa parte, advogando em causa própria, o que é muito difícil, porque o emocional está acima de tudo ali. A gente tem esse lado espiritual em que a gente sente, ouve, vê. Eu estava sentado no fórum esperando um documento e fiquei do lado de fora do cartório e eu vi meu pai dizendo: filha, não fica mais advogando em causa própria a sua vida vale muito mais que tudo isso, coloca outra pessoa. A gente fala e responde para agente mesmo. É uma doidera essa tal de mediunidade. Eu ouvi aquilo do meu pai e fiquei pensando se estava doida. Mas se não estivesse? Eu falei para ele, pai, depois disso que aconteceu eu vou confiar em quem? Ele disse: que tal aquele lá? Eu olhei para o final do corredor veio Dr. Luiz Orlando que era presidente da OAB e gostava muito do meu pai e sempre teve muita consideração comigo. A menina me chama para eu entrar no cartório e é ele que abre a porta para mim. Como eu não conseguia nada e viraram as costas para mim, a Kátia com câncer, sem condição porque o outro lado tirou tudo que podia da gente, e naquele desespero eu falei para ela que nos restava uma pessoa: Dauro Aragão.

E fomos lá pedir para ele. Você não tem noção do quanto sou grata a ele. Entramos na sala dele. Sentamos eu e ela. Falamos tudo para o seu Dauro e ele não falou nada. Ouvii tudo. Mostrei toda documentação do que nós quatro tínhamos resolvido. Minha irmã foi para a casa dela e o marido virou tudo. Já tínhamos compartilhado tudo direitinho, e depois disso estava quase em dez anos nessa briga assim. Seu Dauro falou: o que você está me falando é certo. É o que o seu pai queria. E aí ele me disse: Cacilda, eu não sei quem fez pior se foi eu ou se foi seu pai. Porque seu pai se foi, e não deixou nada legalizado e está essa confusão toda e essa briga de vocês, e ele deve estar muito arrasado. Porque com isso a família dele se desfez. E ele era apegado a isso, a essa coisa de família. Então, nem ele nem a sua mãe, não devem estar bem lá em cima. Ou o que eu fiz. Eu distribui tudo em vida e ai eles brigam comigo em vida. Cada hora um filho chegava lá reclamando e ele falou: eu não sei, mas não teve um que ficou satisfeito. Ninguém ficou satisfeito. Então eu não sei quem fez pior escolha, se foi seu pai ou se fui eu. Ele pelo menos está lá em cima e não está com vocês cobrando. Eu aqui embaixo ouvindo horrores dos filhos.

Ele ligou para o Nereu e disse que: está aqui na minha frente a Kátia e a Cacilda, você sabe quem são não é; as filhas do Alan. Você sabe da minha amizade com o Alan. Então, você faça o favor de fazer o que elas estão querendo, porque o que elas estão querendo é o que o Alan desejava. Combina com elas para assinarem os documentos e acabarem com esse inventário. Nereu então me disse que ia fazer a partilha do jeito que vocês tinham determinado e vamos assinar lá no meu escritório. Eu neguei e disse que assinaria no cartório, pois lá eu tenho a Imaculada. Depois de tudo que passamos precisava estar em um local favorável. Seu Dauro falou para ele conversar comigo e que depois ele, Dauro, conversaria com o Nereu. E completou: você cumpre tá, porque eu vou perguntar para a Cacilda. Eu quero saber se ficou do jeito que é para ficar. Do jeito que ela me apresentou e do jeito que o Alan gostaria que fosse. Não quero que aconteça nada de diferente. E eu só pensei: nossa, que poder! E o homem fez tudo do jeito que era para fazer. Então, diante disso, que foi

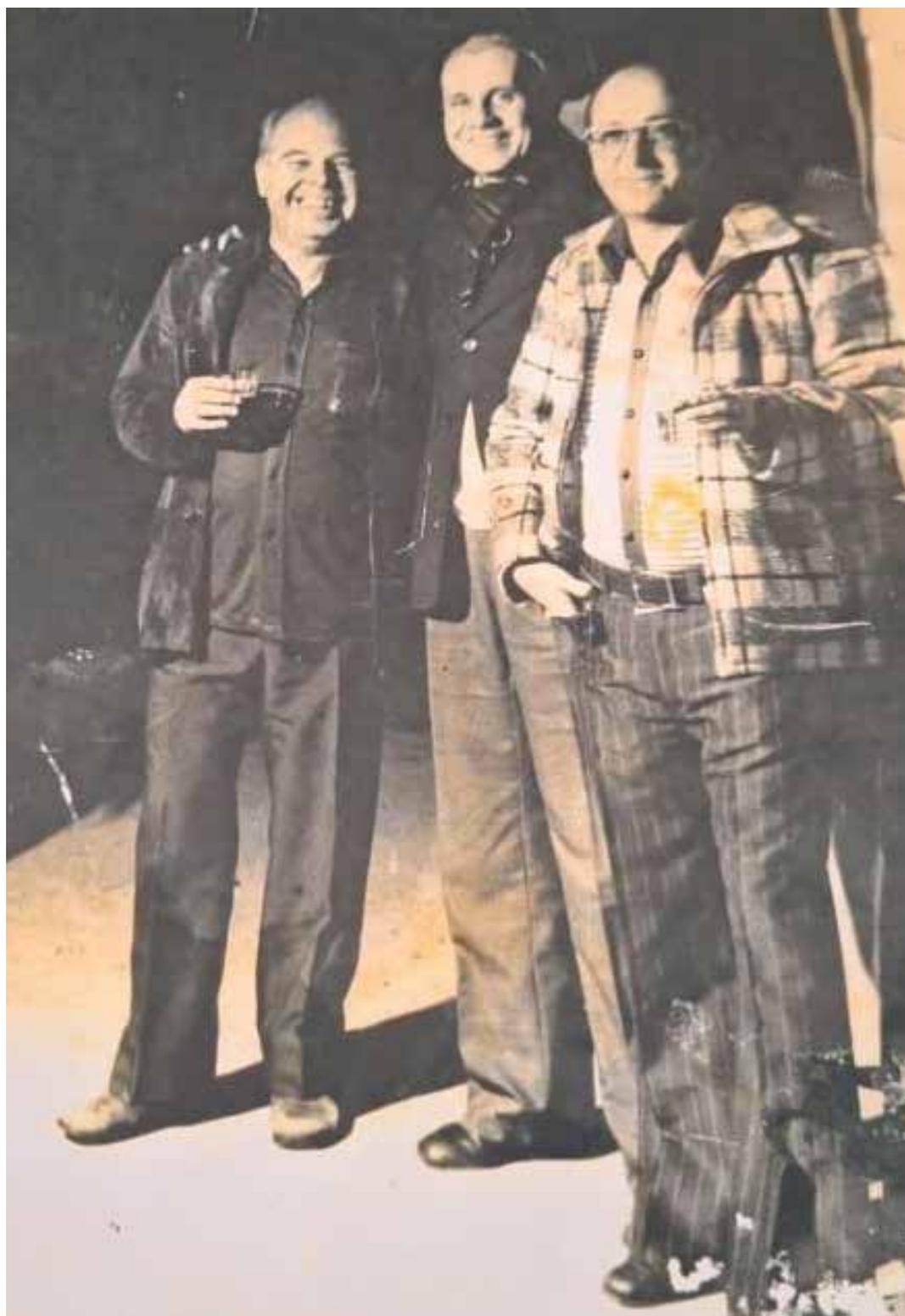
o momento mais difícil da nossa vida, principalmente da minha vida e da Kátia, porque perdemos meu pai e minha mãe no mesmo dia. Questão de quatro horas um do outro. O meu pai teve um espasmo no sábado, eu não estava aqui, estava em Vila Velha para comprar um consultório para a Priscila, minha filha que é dentista. A última vez que eu vi meu pai vivo foi neste dia. Mostrando meu carro novo, pois o velho eu ia levar para comprar o consultório, e ele estava muito feliz.

Eu fui viajar e no dia seguinte a Kátia me ligou dizendo que o pai tinha tido um outro espasmo, estava no hospital e eu falei, amanhã eu volto.

Depois ela tornou a me ligar, pois meu pai não aceitou ficar internado, e o médico disse que diante da recusa dele se o segurasse no hospital seria pior. Leva ele para casa e fica monitorando. No dia seguinte ele voltou ao hospital para fazer exames e voltou para casa. Ficou em casa e ao tomar banho e se vestir, chamou a atenção para abotoarem direito a roupa pois ele disse que: eu não quero chegar lá e a calça cair. Não quero passar essa vergonha. Se entreolharam e fizeram a vontade dele. Cinco minutos depois, puseram ele na cama, ele teve outro espasmo e não resistiu e foi embora. E a minha mãe estava em pré-coma na sala, porque no quarto ficava isolada, ela ficou doente mais de vinte anos, sem andar, era lúcida, mas não fazia nada. Nunca blasfemou, se revoltou, sempre agradecia. Ela não viu movimento nenhum da morte dele, pois estava numa pré-coma. Kátia me ligou avisando que o pai tinha morrido e eu vim na mesma hora. Em Campos trocamos de roupa, pois iríamos direto para o Portal e quando eu abri a mala do carro para pegar a roupa, vi minha mãe olhando meu pai no caixão no Portal e minha mãe dizendo: agora sim, eu posso ir. levei um susto, comecei a chorar e disse: minha mãe está morrendo. Quando entramos na ponte Rio Niterói meu irmão toca o telefone e fala: Cacilda, mamãe morreu. A paixão da minha mãe pelo meu pai era uma coisa doentia, não era normal, porque a medicina não explicava como a minha mãe estava viva. Então morreram juntos. Seu Dauro foi, arrasado. Ele disse que não tinha a menor condição de falar com ninguém. Perdi um pai.

Depois disso foi que tive contato com ele para pedir meu emprego e que ele me ajudasse. E o inventário só saiu por causa dele.

Teve um episódio onde ele estava internado e a gente estava ainda trabalhando na Vila. Nesse dia eu cruzei com o Dario e perguntei: Dario, e seu pai? O pai está lá, não está legal. Ai eu falei: Dario, seu pai vai melhorar e vai ter alta. Porque meu pai foi lá e deu um esporro nele, o que você está fazendo nesse hospital? Porque seu pai jogou a toalha. Todo mundo estava falando que o Dauro estava desistindo, não estava mais lutando. E meu pai falou para ele que não era hora ainda de jogar a toalha. Que ele não era homem de desistir da luta e que iria até o final. Pode melhorar e sair dessa cama. No dia seguinte o Dauro teve alta. Voltou para casa na cadeira de rodas. No dia seguinte o Dario me contou que o pai dele teve alta e melhorou que nem os médicos entenderam. Ele ainda ficou um bom tempo e mesmo depois ele não desistiu. Lutou até o final.



Dauro, Alan e um amigo - Esta foto foi dada ao Dauro pela Cacilda, filha do Alan - Abaixo o bilhete de agradecimento do Dauro



## V PRESIDÊNCIA



Cacilda. Obrigado pela foto.  
Você deve saber o que o Alan significou em minha vida e o quanto a ele devo, material e espiritualmente.

Mandei tirar cópias para o meu arquivo e fazer uma cópia somente com ele e eu, para colocar em um quadro e deixar junto à minha mesa na FOA. Obrigado!

Do

17.08.11.

Dauro Peixoto Aragão

Cacilda

Obrigado pela foto.

Você deve saber o que o Alan significou em minha vida e o quanto a ele devo, material e espiritualmente.

Mandei tirar cópias para o meu arquivo e fazer uma cópia somente com ele e eu, para colocar em um quadro e deixar junto à minha mesa na FOA.

Obrigado!

Do Dauro

17.08.11



Dauro mantinha pendurada na parede de seu escritório na FOA essa reportagem enquadrada, onde os feitos do arigó de Minas, Alan Cruz, eram declinados. Entre eles, o recebimento do governador do Estado do Rio, na época Comandante Amaral Peixoto, criado no governo do primeiro prefeito de Volta Redonda, Savio Gama, o cartório da 2ª Comarca - o Cartório Alan Cruz, legado por sua trajetória idônea. O amigo Dauro se orgulhava dele!



Foto original da reportagem sobre Alan Cruz - da esquerda para a direita: José Maria Azazo, Alan Cruz, Glécio Nunes, Comandante Ernani do Amaral Peixoto e Savio Gama

## Depoimento Dr. Paulo de Almeida Pançardes

Caro amigo Dauro:

Graças a Deus que nossos caminhos se cruzaram há mais de quarenta anos: você um tabelião e eu um advogado recém-formado, no auge do idealismo, querendo levar tudo a ferro e fogo, dentro da total legalidade, na ânsia de corrigir o mundo.

Representei contra seu cartório, e, por certo lhe dei muitas preocupações.

Porém, em razão disto, você tomou a frente do cartório e o transformou num modelo para todo o país, como se encontra até o presente.

Você entendeu perfeitamente o meu ideal e jamais me negou a atenção que sempre destinou a todos.

Na época da correição geral que foi realizada no cartório, eu estive presente a seu lado, cheguei a tirar da gaveta de sua mesa um revólver, quando vi que você poderia atirar no Corregedor Geral.

Graças a Deus a correição caminhou como esperávamos e não houve qualquer incidente, como também não foi detectada qualquer irregularidade mais grave.

Um dos dias em que me senti mais fragilizado, insignificante mesmo, foi aquele em que você teve que depor perante o Corregedor Geral, sem qualquer aviso ou intimação.

Havia chegado de Valença, onde fora fazer uma audiência, pelas 19 horas, quando alguém, radiante, me disse que o Corregedor chegou ao Forum e o chamou, e, de imediato tomou seu depoimento. Naquele momento indaguei da pessoa onde estava o Juiz Diretor do Forum, que não impediu o ato. Entendi este ato como de extrema violência e disse à pessoa que se eu estivesse no Forum, não teria deixado você depor, sem ao menos um inquérito aberto, sem saber qual era a acusação. No dia seguinte, a minha ansiedade fez com que chegasse ao cartório antes de você, quando lhe afirmei que iria ficar com você e acompanhar a correição durante todo o tempo de sua realização.

Desse fato, guardei a lição, e, quando juiz orientava os Escrivães que comigo trabalharam, para que não atendessem a quem quer que seja, sem minha ciência e autorização. Por sorte, as poucas vezes que os funcionários da Corregedoria da Justiça estiveram na minha Comarca, antes se dirigiram a mim e eu os levei pessoalmente aos Escrivães, com a recomendação que os atendessem devidamente e qualquer dúvida me pusessem a par.

Quando de sua aposentadoria, tenho certeza de que lhe dei pequena contribuição para que você não tomasse qualquer decisão precipitada.

Quando havia discordância entre nós a respeito de algum registro, eu lhe pedia que apressasse o levantamento da dúvida e você sempre me atendeu.

Num desses casos, você me ensinou que, embora até concordasse com meu ponto de vista, não poderia realizar o registro porque estaria contrariando orientação da Corregedoria e poderia sofrer punição administrativa.

Aí foi que passei a entender que o funcionário deve cumprir as determinações superiores à risca, sem possibilidade de interpretá-las.

A partir daí passei a entender os termos atribuição e poder jurisdicional, eis que naquela não há interpretação e neste o juiz “alargará a interpretação da lei até encontrar a justiça”.

Não sei se você se lembra, você foi meu avalista no Banco Real e às vezes quando dependia de reformar o empréstimo eu ia solicitar sua assinatura no título muito constrangido e você nem olhava o valor.

Também você não deve se lembrar das caronas que você me dava, naquele fusca cinza, quando ia almoçar na sua casa, em Barra Mansa.

Se fiquei constrangido algumas vezes, irritado outras, alegre diversas, posso também dizer que vibrava interiormente quando na cidade só se falava do fato de você ter “fugido com a secretária”. Para a época enorme escândalo. Vibrava por ver que você, sempre autêntico, cagava para a opinião pública.

Ainda naquela época em que a gente brigava, estava eu no cartório, quando você me questionou a respeito de uma petição em que aparecia a expressão “o (ir) responsável pelo cartório”. Eu lhe disse que aquilo fora acrescentado pelo João Chiesse e você me retrucou: “mas foi você quem assinou” e eu lhe perguntei: “o fato é verdadeiro ou mentiroso?”, e você olhou para mim e disse: “ vamos tomar um café... ” .

Uma das expressões mais bonitas de que me lembro foi quando estávamos na casa do Dr. Pimentel, parece-me que era seu aniversário, presentes o Dr. Dião e o Dr. Ulysses. Eu pedi licença ao Dr. Pimentel para sair mais cedo porque estava preocupado porque havia adotado um menino havia poucos dias e queria estar a seu lado, prestando atenção a sua saúde. Vi nos seus olhos aquela vibração de alegria falando “que coisa bela”.

Tempos depois, quando lhe falei que tinha vontade de fazer um testamento para igualar o filho adotivo aos demais, você se prontificou de imediato a lavrar o testamento e o fez com muito prazer.

Esses são alguns breves relatos, que me ficaram gravados na memória, certo de que sempre me lembrarão de uma pessoa franca, autêntica, de um coração enorme de bom, que graças a DEUS passou pelo meu caminho.

Enfim: você me ensinou muito do registro de imóveis, muito da experiência de vida. Não há nada que pague isto.

Se cheguei a juiz, muito devo a você.

Hoje que você completa mais um ano de vida quero apenas lhe dar um abraço fraterno, em agradecimento por tudo, desejando que você continue com muita saúde por muito tempo ainda, despejando sua bondade na ajuda a todos que o procuram, como você sempre fez e continua fazendo.

Desculpe o desabafo, relembrando talvez o que tivesse que ficar esquecido.

Queria apenas lhe provar que falo a verdade, quando digo que você foi muito importante na minha vida.

Seu amigo Paulo.



Dr. Paulo Pançardes comemorando os 50 anos de Dauro Aragão



Dr. Paulo de Almeida Paçardes



Dauro Peixoto Aragão

## Depoimento Dr. Júlio César Meyer

Dauro Peixoto Aragão ou Daurinho para alguns, como eu, que tive o privilégio de conviver intensamente com ele. Meu amigo, meu paciente, personalidade fortíssima.

As situações com ele simplesmente aconteciam, sem perspectivas, muito imediatista, com responsabilidade e bom humor, nunca correu da luta. Junto com Irisval Tomé, foram trinta e cinco anos de convívio. Gosto apurado pelas boas coisas da vida, temperamento forte, não tão republicano, fiel aos amigos (que foram poucos, incluo Elias Salume, um parceiro para toda hora).

Deixou registrado que passou por aqui de verdade e fez HISTÓRIA.

Um amigo de eterna saudade.



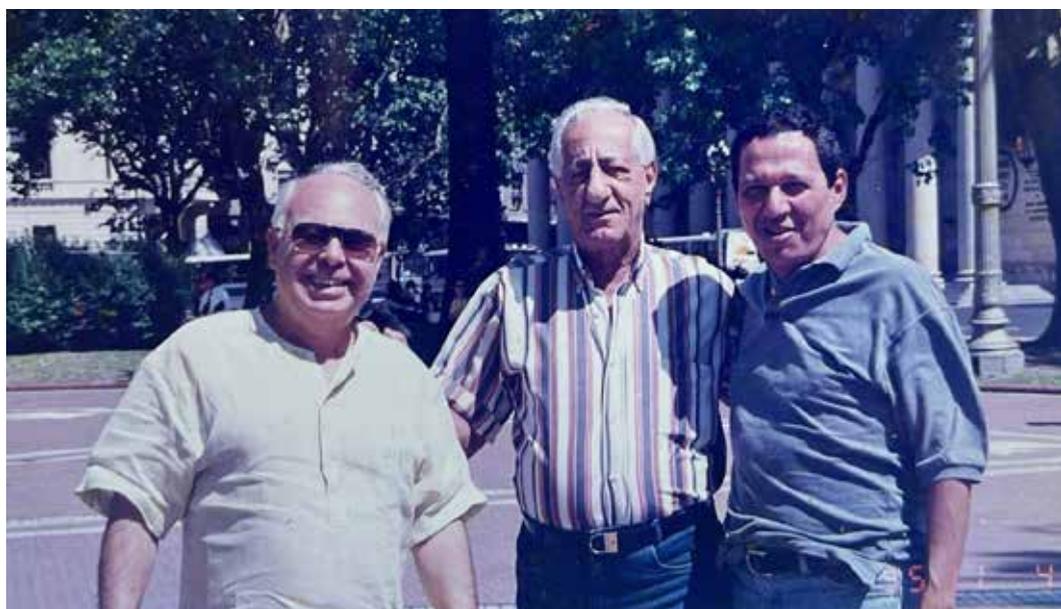
Dr. Júlio Meyer e Dauro Aragão



Em evento da FOA - Gothardo Lopes Netto, Dauro Aragão e Júlio César Meyer



Júlio Meyer, Márcia e Dauro



Dauro Aragão, Irisval Tomé e Júlio Meyer



Elias Salume, Dauro Filho, Dauro e Júlio Meyer



Júlio Meyer nos encontros dos amigos na casa do Dauro



## Depoimento Honório Possidente Fagundes

Eu de uma certa forma sempre participei e acompanhei o papai – João Pessoa Fagundes – e desde criança, a comunidade como um todo, ligado ao cartório do Dauro. Tudo quanto fosse documento, meu pai me passava para que eu fosse ao cartório do Dauro fazer reconhecimento de firma, ou levar ou buscar algum documento e o Dauro sempre tratava, na salinha dele lá, mas com o olhar ele reconhecia e dava uma mexida, ele sempre mexia muito com a gente. E o que começou ali uma admiração minha muito grande, não só pelo lado da minha família, mas das pessoas que estavam nas filas do cartório como um todo, era o elogio pela seriedade e honradez com que conduzia com tanta ética a direção do cartório.

Ele conseguiu, dentre do que eu pude acompanhar ao longo da vida, ele conseguiu levar aquilo para toda a equipe dele do cartório, até os dias de hoje, com uma maestria do ensinamento dele. Ele conseguiu levar aquilo de manter a seriedade, mesmo mudando o responsável, o titular principal, mas a substituta, ele a fez, a Imaculada, ela é uma maestra, faz uma orquestração da equipe. A gente entra no cartório hoje e não se tem como apagar a imagem do Dauro. Para mim o cartório não é do 1º Ofício, é o cartório do Dauro.

E assim foi todo o relacionamento do meu pai. Ele transmitia o conhecimento dele com a pessoa do Dauro como uma pessoa íntegra, que tinha um espírito colaborador com a cidade de Volta Redonda. Uma paixão, um amor, mesmo tendo nascido em Barra Mansa e o carinho dele com Barra Mansa, mas ele adotou Volta Redonda, tomando conta, tipo um galinheiro, uma maternidade, uma paternidade. E ao longo do tempo, a minha convivência mais presente com o Dauro, já veio a acontecer aqui na instituição (FOA) na Fundação Oswaldo Aranha, cujo papai é um dos Instituidores, e posteriormente, em função de um apoio do curso de Tecnólogo de Processamento de Dados, eu tive uma participação, através da Bevoreli Informática, no sentido de viabilizar a aprovação do MEC e do INEP, antes de que se formasse a primeira turma. E esse apoio para poder obter a certificação do MEC e dos órgãos competentes, saiu antes da primeira turma. Quer dizer, levaram-se dois anos, mas a FOA pode investir na área de Informática dos cursos de tecnólogo, já com o curso aprovado junto ao MEC. A partir dali, eu fui convidado para receber um título de benemérito, através da empresa, que no momento eu estava dirigindo, a Bevoreli Informática, e ali eu passei a representar a empresa junto à instituição. Fui fazer parte do Conselho Fiscal durante duas ou três gestões, primeiro como suplente, depois como titular, e aí fui para o Conselho Curador. No Conselho Curador foi logo que nós elegemos o Dauro e ali a felicidade minha foi muito grande, porque eu via no Dauro uma relação com as pessoas inquestionável, uma vivência inquestionável, e na minha visão, aquilo era de extrema importância para a Instituição.

Aquele relacionamento e aquela seriedade com que ele conduziu a vida profissional dele e pessoal, ele ia fazer aquilo para a Instituição. E naquele momento, o Dauro, inclusive chegou para mim num dado momento, aflito, após a eleição, já na sala da presidência, ele virou para mim e

disse: Honório, eu não entendo de instituição de ensino, como que eu faço? Eu falei: Dauro, tudo que nós precisamos é o que você exerceu a vida inteira, todo aquele carinho, aquele amor, que você dedicou ao cartório, tudo aquilo que você fez na vida é o que nós precisamos na instituição. E administrar não é nada diferente do que você fizera, na sua vida inteira no seu empreendimento. Só que com chapéus diferentes. Uma coisa eram as regras do cartório e agora temos as regras do MEC e do INEP, que são as resoluções e aquilo que a gente tem que fazer. E ali o Dauro conduziu com dessa forma, com a maestria, toda a gestão dele diante da FOA/UniFOA e na preparação de uma sucessão profissional. A sucessão profissional que o Dauro colocou, eu como integrante de empresa familiar sempre observei muito a importância do aspecto de sucessão. E a identificação de um ser humano como o Dr. Eduardo Prado foi única. E o Dauro teve essa visão e abraçamos com todo carinho a ideia dele e hoje nós vibramos.

Eu aprendi nesse relacionamento, no dia a dia, observando as atitudes e a maneira do Dauro, eu aprendi um carinho muito grande que ele tinha e respeito aos amigos, principalmente em gerações futuras. Os amigos já tinham ido, mas ele tinha um carinho por toda a geração, dos amigos. Ele era o pai. Se o amigo dele fosse embora, ele olhava a geração futura com paternalismo, olhar de um pai. Eu me lembro que, quando algum filho, algum neto de amigo dele do passado veio a fazer alguma bobeira, ou fez alguma coisa não correta, aconselhava, se intrometia muitas das vezes assim positivamente, porque a pessoa sabia da liderança e da amizade que existia paterna, e muitas das vezes quando a situação era muito pesada, ele desabafava, eu não posso fazer isso com fulano de tal, que sempre participou da vida dele como exemplo. Aquilo me ensinou muito. Eu já tinha por natureza do trabalho em si, ao longo de décadas, toda aquela necessidade de contar com as pessoas. Nós não somos ninguém sem as pessoas. Nós só aprendemos quando nós ensinamos. De uma certa forma eu vi uma grandeza muito grande do Dauro nisso, da mesma forma que há mais de 20 anos eu enxerguei isso no Dr. Eduardo Prado. Ele recebeu algumas situações tão delicadas por parte de alguns pares, e teve até um momento que eu falei que pela característica dele como ser humano, o trato com as pessoas, eu falei que eu gostaria dele como liderança. Falei isso na frente dele, da esposa, de todo mundo na época. Dr. Eduardo Prado pegou muito do jeitinho e do jeitão do Dauro, com profissionalismo, daquilo que nós precisamos para continuar os anseios de todas as pessoas, assim como Dr. Savio Gama e tantas pessoas, fizeram para o futuro da Fundação Oswaldo Aranha.

Desde aquele princípio onde cada um teve que se cotizar e colaborar para o investimento para que Volta Redonda tivesse uma escola médica, que tinham muitos pares médicos, vieram muitos pares médicos para a Siderúrgica Nacional, para o hospital da Siderúrgica, CSN, e esse volume de médicos que Volta Redonda conquistou com a vinda da CSN, tinham muitos pares médicos, de todas as áreas. Era aliás uma riqueza de áreas, e a nata do país. Eu tive o prazer de testemunhar essa empatia do Dauro em relação ao outro ser humano, aqui dentro da FOA. Com a bagagem dos últimos 30 anos. Porque efetivamente quando eu comecei a conhecer o Dauro e tudo, eu tinha 10, 12 anos. Quando eu viajava com o papai para ir em reunião de Associação Comercial no Rio, ele vinha conversando com o amigo que tinha ido com ele na reunião, sobre Volta Redonda, e sempre o assunto do Dauro entrava no meio, positivamente, com toda uma serieda-

de. E inclusive, da última vez que eu me lembro dele ter conversado tanto no nome do Dauro, quanto no nome do seu pai, Savio Gama, foi subindo a serra das Araras, onde nós passamos a noite pela aquela tromba d'água que aconteceu.

Nós somos sobreviventes daquela época. 1967. A gente não sabia o que estava acontecendo. Quando reuniram os motoristas de caminhão e fizeram a estrada onde era possível, o caminhão socou a terra para poder os carros pequenos passarem, para depois os carros grandes poderem ver como fazer, não tinha infraestrutura. Para mim, aquilo foi uma nova diversão. Talvez uma década depois, é que eu fui entender o que tinha acontecido! O SOS – Serviço de Obras Sociais, que você fundou junto com seu pai naquela época, depois daquele primeiro desafio, o trabalho deles que vinha com aquela kombi e aquele investimento, rodar toda Volta Redonda e abraçava toda população carente ou que estava numa situação de rua ou que chegava numa rodoviária sem rumo e acolhia, levava numa dedicação, remédio, via qual era o problema, reintegrava a família, pagava a passagem. Eu fiz parte, não diretamente, mas apoiava com trabalho e com apoio incondicional ao contexto geral, mais de 20 associações de filantropia. Principalmente depois da união das entidades após a Primeira Feira da Primavera. Fiquei muito triste quando o SOS mudou a atividade para o que é hoje, porque nós já temos entidades e da própria prefeitura, setores que olham, pode não ter aquele mesmo sentimento e mesma tarimba do que foi adotado no princípio do SOS, mas é a mesma finalidade. Eu falo com eles: mudaram a atividade, agora está fazendo crianças, aleitamento, é importante? É, mas nós já tínhamos três, quatro instituições olhando para essa parte, e deixou totalmente a outra parte. Acho que tinha que ter mantido a origem.

Inclusive eu estava dando apoio a uma entidade lá no cartório, dando entrada em documentos, e a Imaculada chegou e fez igualzinho ao Dauro: bonifica essa papelada toda para a entidade. Para nossa instituição é uma honra ter uma pessoa como você Maria Cecília, que se dedicou tanto aos estudos e à pesquisa e está multiplicando isso cada vez mais.

Nós com o Dauro, de uma certa forma, não tínhamos contato todos os dias, mas tínhamos contatos muito produtivos. Teve uma ocasião que eu falei: poxa, trabalhei na área de comércio, indústria e tal, mas nunca trabalhei na área da educação. Trabalhei porque eu multiplicava. Perguntava para o meu pai: pai precisamos disso na empresa. Tem um curso lá em São Paulo, ou lá não sei aonde que é isso e isso, vai precisar mandar a equipe “x” para poder ir lá fazer, ou um representante dessa equipe. Ele falava: não. você é quer vai. Em trinta, quarenta anos, não existiu um ano que eu não tivesse feito, no mínimo, cinco a seis cursos técnicos. De ir lá aprender e multiplicar. Então, a gente aprendia cada vez mais quando a gente multiplicava. Inclusive uma das defesas que eu fazia dentro da Instituição com o pares, era justamente multiplicar. Toda aquele aprendizado em cursos, quando a gente vai e faz um curso, tem que chegar na instituição e multiplicar. Na época eu falei, eu me matriculei para fazer um curso em Gestão do Ensino Superior em São Paulo, uma carga horária grande, e ia para lá, estudava durante uma semana, depois voltava um mês depois. Uma carga muito intensa. Olhei o currículo do curso e falei: Meu Deus, estou me matriculando mas com que sentido? Para quê? Cheguei para o Dauro e falei: Dauro, estou me matriculando num negócio aqui, não estou pedindo não, porém não vejo sentido se eu não entre-

gar esse aprendizado para a Fundação Oswaldo Aranha. Dauro falou: então vou fazer o seguinte, você quer o quê? Eu falei: eu queria uma pessoa de cada setor da Instituição para me assessorar no curso. Eu vou, aprendo, multiplico com essas pessoas que são os alavancadores aqui dentro. Eu fiz o curso todo e o trabalho final foi o planejamento estratégico. E dali, de uma certa forma lá eu aprendi que toda a riqueza de informações para a instituição de ensino o governo investiu violentamente e que aquela documentação do MEC e do INEP tinha muita riqueza, tinha informações para o crescimento de uma instituição de ensino e tinham muitas pessoas que fizeram aquilo com muita maestria, com muito conhecimento técnico. E ali eu aprendi que nós vamos ter que contratar auditores para fazer isso e aquilo, ou vamos debulhar o que eles vão debulhar que é o material do MEC e do INEP, que já está pronto? Então eu passei a vender essa ideia para os gestores dentro da Instituição, no sentido de buscar. Aquilo ali nós teríamos que entender, ver o que era possível e fazer dentro do possível a metodologia. E através da CPA, da qual eu faço parte a bastante tempo, representando a comunidade externa, A CPA deu uma sequência àquele trabalho, porque de uma certa forma, tinha tudo a ver com os procedimentos e com os anseios na pesquisa de avaliação feita com os profissionais. E o Dauro deu um apoio incondicional a tudo, na época. Ele liderou e autorizou tudo, de ponta a cabeça. todas as informações foram abertas e aquilo foi inserido, principalmente, no segundo escalão da Instituição, em cada setor. E 90% dessa equipe está toda aí. Foi em 2006. Eu fiz essa docência do ensino superior, como você fez, lá no Tangerinal, mas não foi exclusiva, foi um complemento à administração estratégica.

Se eu tiver de falar alguma coisa do Dauro, é um pai de Volta Redonda, é um pai da região, é um pai do Brasil. O coração dele muito grande abraçava não só os próximos, mas a todos. Papai faleceu muito cedo, aos 80 anos, pela maneira como ele conduziu a vida com disciplina.



Honório Possidente Fagundes, sua netinha e Dauro Peixoto Aragão



Honório e Dauro em noite comemorativa



O casal Honório Possidente Fagundes e Dauro Aragão

# Depoimento Valquíria Jorge Sepp

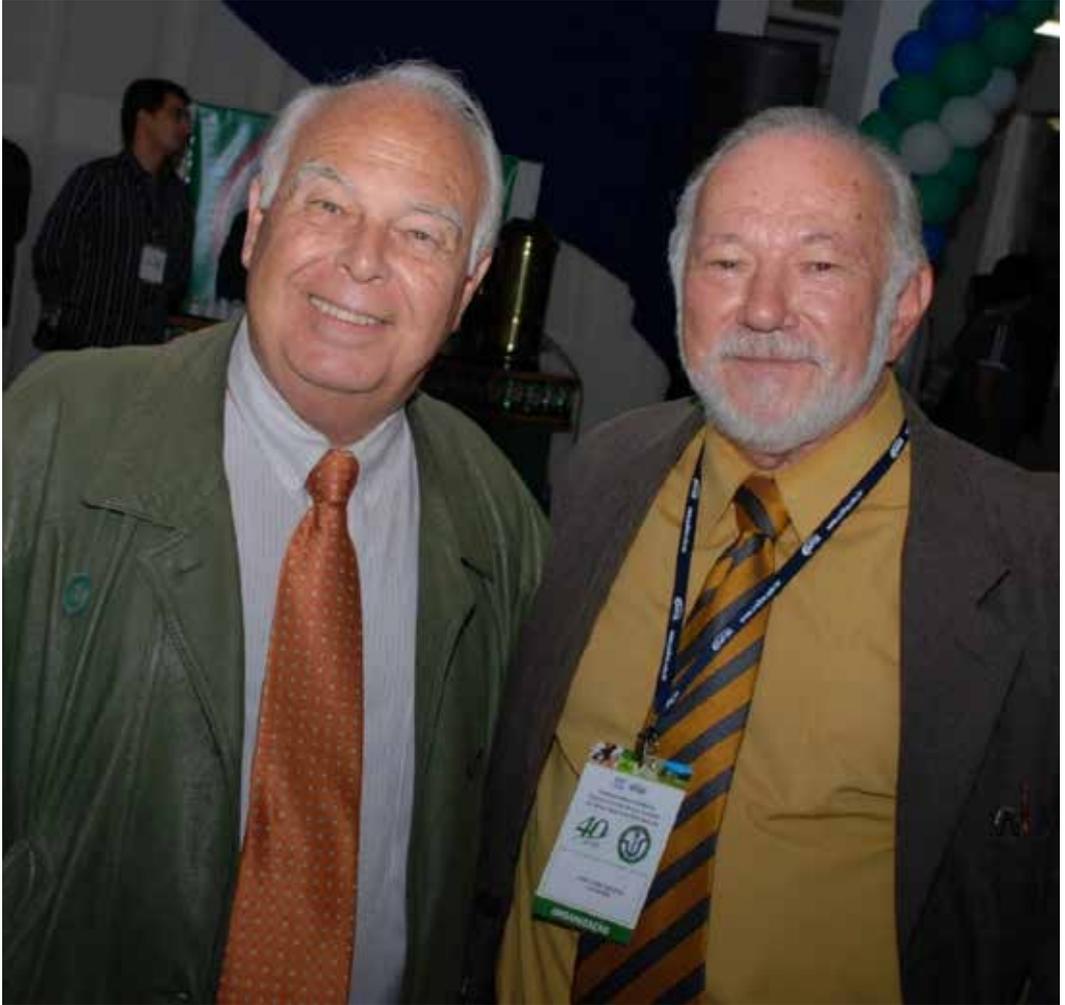
Dr. José Tarcísio Cavaliere *In Memoriam*

Dauro e Tarcísio eram amigos desde que a FOA começou. Tarcísio entrou aqui médico recém-formado, muito jovem, e o Dauro era já um empresário, aqui nesta cidade de Volta Redonda e um dos Instituidores da FOA. Eles tinham um conhecimento, mas não muito próximo, até pela própria posição na época. Tarcísio vivia mais no hospital. Depois, quando o Tarcísio assumiu a coordenação da Medicina, eles se aproximaram mais, por causa de reuniões que tinham, eventos que eles faziam para comemorar alguma coisa. Saíam em grupo Dauro, Tarcísio, Jairo para comer cabrito num canto desses aí de Volta Redonda, onde não ficavam tão expostos, mas festejavam com almoços em datas festivas, do Tarcísio ou do Dauro, e ida na fazenda do Tarcísio, por exemplo, onde no batizado da Júlia, Dauro foi.

Eu já entrei nessa vida bem depois, eu cheguei, Tarcísio já estava como coordenador, e a gente sempre curtiu uma relação, não só com o Dauro, mas com toda a família e o Tarcísio também. Eu entrei na onda e participei.

Houve períodos difíceis, tanto para um quanto para o outro. Teve muitos momentos bons de crescimento, de comemorações, e difíceis de saúde, essas coisas que a gente sabe e também, apesar de ser um período de sofrimento, também era um período de companheirismo, pois um entendia os problemas do outro. Tarcísio não só pela amizade, mas pela profissão, e o Dauro pela confiança no médico que o Tarcísio era. Então, teve toda essa convivência saudável. Nos momentos sérios, difíceis de trabalho, momentos da vida mesmo, mas, também, em muitos momentos festivos, particulares, não ligados totalmente à FOA. Era ligado à vida, dois homens, como dizia o Tarcísio, cidadãos do mundo, que tinham uma visão bonita da vida, com sonhos e esperanças e acreditavam, como sempre acreditaram os dois, eles sempre que se encontravam era dando risada, abraços e brincando, foi um tempo muito bom.

Eu estava pensando hoje, quando estava vindo para cá, ontem à noite quando eu estava escolhendo fotos, resolvi escolher a foto da FOA, porque eu gostei muito da mensagem que o Dauro colocou, todas lá em casa têm homenagem dele, mas achei essa tão forte, de um período assim desafiador, os 40 anos foi um período desafiador, estavam começando a dar os cursos, foi uma estrutura que precisava de gente forte para participar, e ele via no Tarcísio essa pessoa que ajudava a fortalecer. É isso.



Dauro e Dr. Tarcísio Cavaliere



Valquíria Jorge Sepp e Dr. José Tarcísio Cavaliere



40 anos da FOA – Fundação Oswaldo Aranha - Dauro entrega medalha e diploma ao Dr. Tarcísio Cavaliere - Ao fundo Edinho Silva

Caro Tarcísio.

Como sempre, sua  
presença me fortalece.

Com os meus agrade-  
cimentos, aí vai uma recordação  
dos 40 anos da FOA.

Do  
Dauro  
Volta Redonda, 18-10-07.

Caro Tarcísio

Como sempre, sua presença me fortalece. Com os meus agradecimen-  
tos, aí vai uma recordação dos 40 anos da FOA.

Do Dauro

Volta Redonda, 18-10-2007

## Depoimento de Iram Natividade Pinto

Eu conheci o Dauro em Niterói. Eu morava em Niterói e estudava Farmácia. Morava em pensão. Moravam lá pessoas que não eram estudantes, pessoas comuns. Foi ali que eu conheci o Dauro. Eu já conhecia ligeiramente, porque eu convivi muito em Barra Mansa, frequentava lá e estudei lá também na Sobeu. Fui estreitar relacionamento com o Dauro lá em Três Poços. Porque quando eu fui para lá, o Dauro já estava lá.

Então aí nos reencontramos lá na FOA, e travamos ali uma amizade que durou até agora (o Iran, com 90 anos, ora pensa o Dauro ainda vivo entre nós). Eu era político. Na época eu era vereador do partido ARENA, e o Dauro era MDB. Então nós tínhamos várias divergências políticas, mas a FOA foi um traço de união. A gente foi se conhecendo melhor e acabamos nos tornando grandes amigos. Eu falar nele, agora, eu sinto uma imensa saudade dele. Dauro era uma pessoa extraordinária, muito inteligente. Quando você queria falar alguma coisa, ele já sabia lá na frente o que, ele tinha uma perspicácia incrível. Então, a gente se tornou muito amigo, porque ele achava que eu também era assim. Na frente que trabalhamos, tanto ele quanto eu, foi lidando com pessoas. Gente, se aprende muito. Lidar com gente não é fácil. O que facilitou muito a nossa amizade foi que tínhamos um amigo extraordinário, que se tornou nosso amigo em comum, o professor Jaime Martins. Conheci muitas pessoas, figuras que se equiparavam ao professor Jaime, que eram autoridade, tinham conhecimento grande ali na vida política, mas na essência, não conheci quase ninguém igual ao Dauro. O Dauro tinha uma profundidade de conhecimento incrível, ele lia muito. Aprendi a ler com ele. Eu achava aquilo bonito, Qualquer assunto que a gente tocava, ele já sabia, isso me fascinava, porque eu conheci muito pouca gente inteligente igual ao Dauro e preparada como o Jaime. Qualquer assunto que se falava, que se tocava, muitas vezes ele já sabia até mais de quem estava perguntando. Foi uma figura incrível na minha vida. Aprendi muito com ele.

Foi um grande amigo. Contribui lá na FOA com ele, com o Jairo, e com o Eduardo. Aquela geração foi incrível, sabe por que? Cada um de nós queria ser muito bom. Não queria ser só bom, não. Queria ser muito bom, para poder ajudar a resolver os problemas que iam surgindo. Eu tenho saudade daquela época. O Dauro tinha uma característica que só os homens inteligentes têm: gostar de aprender. Ele ia conversar com as pessoas, captar dessas pessoas as coisas que tinham realmente valor. Podia ser até um simples pedreiro, mas ele tinha experiência nas coisas, o Dauro ficava atento e perdia tempo em conversar, indagar o que ele resolver. Porque naquela época, até um mestre de obra era difícil, não era fácil não. Havia aquela mão de obra para fazer um barracão, mas para pegar uma obra de prédio, saber o que precisava, o que tinha que fazer ou não, era uma mão de obra muito difícil, muito rara.

O Dauro, o cartório deu uma vida muito importante para ele. Extraordinário, porque ele convivia com isso, diariamente, com problemas, diariamente, eram pessoas para legalizar o lote deles, a casa deles, a fazenda, o sítio, o automóvel, os empregados, isso tudo, naquela época, a pessoa que sabia desfrutava de um prestígio muito grande.

Falando assim, me lembro do professor Jayme, um cara extraordinário na minha vida. Aprendi muito com ele. Aliás, o Savio foi um administrador muito diferenciado. Sabe por que ? Porque ele só trazia para perto dele gente que tinha competência, gente capaz. Ele tinha essa capacidade de saber escolher as pessoas. Ele não jogava conversa fora com pessoa que não tivesse conteúdo. Ele tratava bem todo mundo. Mas na hora do vamos ver, coisa séria, ah! Tem que ser fulano, fulano e fulano. Para mim, foi um período muito rico na minha vida. Aprendi muito com eles. O convívio com eles me enriqueceu muito. Eu falo assim, sentindo saudade deles. Você não vai ver mais similares.

Eu continuo lá na FOA. Um plantel grande. Mas, é completamente diferente. Vou procurar lá na FOA, pessoas que são de lá, conhecem tudo de lá, mas se tocar algum assunto fora de lá, não sabe nada. O saber assusta muito. Tem gente que tem medo até de conversar.

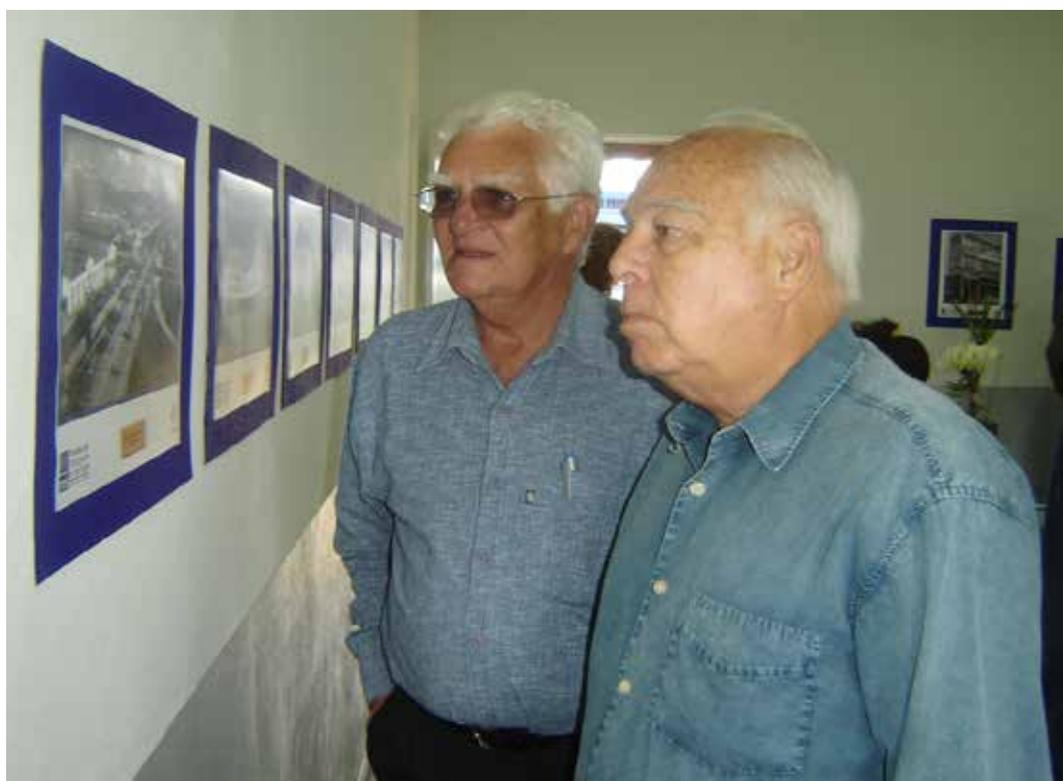
Já o Eduardo tem essa característica de querer saber. Ele vai fundo, quando ele está interessado num assunto, ele explora de você o máximo que ele puder. O Dauro era da escola do Savio, do professor Jayme.

O Dauro foi depois de mim para FOA. O Jairo ganhou uma eleição e passou para o Dauro, Ai começou o tempo dele na FOA. Tínhamos um convívio também fora da FOA. Íamos ao Clubinho no Laranjal, no Umuarama. Aqueles clubes daquela época, sempre tinha aqueles acontecimentos e nós éramos convidados.

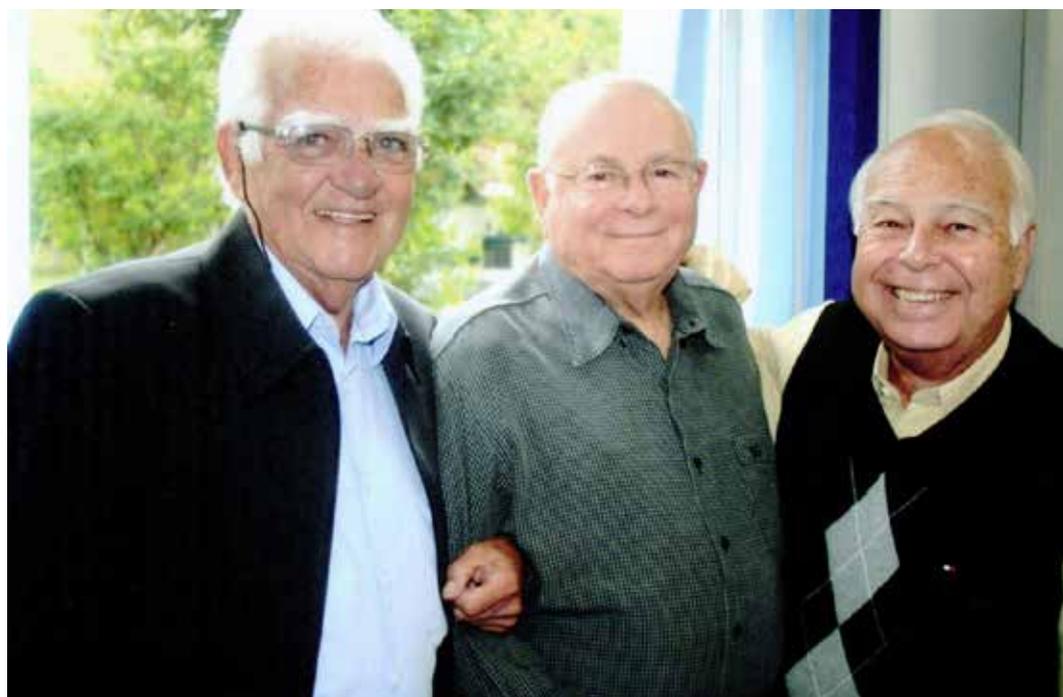
O Dauro foi uma pessoa muito importante. Primeiro ele era um cara privilegiado pela inteligência, e ao lado, a intelectualidade. Ele não parava de ler. Ele lia dois, três livros ao mesmo tempo. Ele dizia: isso me alimenta. Ele tratava os funcionários de uma maneira incrível, com respeito e ao mesmo tempo com carinho.



Iram Natividade Pinto e Dauro Peixoto Aragão



Exposição fotográfica: Dauro e Iram - FOA



Iram Natividade Pinto, Jairo Conde Jogaib e Dauro Peixoto Aragão

## Depoimento Nelinho Carvalheira

Eu conheci o Dauro por intermédio do meu pai, Lino Carvalheira, que foi muito amigo do Dauro. Foi no ano de 1964/65, que viemos para Volta Redonda e abrimos a primeira loja lá na avenida São Lucas e então meu pai comprou uns terrenos aqui em Volta Redonda e o Dauro era o tabelião e o papai fez amizade com o Dauro, sempre uma pessoa muito íntegra.

Fizemos essa amizade. Meu pai sempre com o Dauro, tendo contato com ele lá no cartório e posteriormente, eu conheci mais o Dauro por intermédio do Salume. Onde nós fizemos, inclusive, essa parceria, essa sociedade com a casa do barão de Vassouras, que foi uma escritura que o Dauro fez, que é sensacional! Dos bisnetos e tataranetos do barão de Vassouras. É incrível porque lá está assim: tem herdeiro que ganhou 1/5 de 1/4 de 1/8 da quinta parte! Na época, pagamos com um cheque para cada herdeiro. O Dauro, que sempre foi uma pessoa sensacional, fez essa escritura.

Nós tomamos muito whisky juntos. Dauro era um cara muito alegre, espirituoso, gostava muito de viver, de beber e comer o que era bom, viveu muito!

Fizemos a sociedade da casa do barão de Vassouras e posteriormente criamos a boate Porão II, em Vassouras e o Dauro ia muito pouco lá. Nós estávamos sempre juntos aqui em Volta Redonda, jantamos muito no Casarão juntos e da confraria onde eu estava junto também do Dauro. Ai chegou uma época que ele não quis mais ser sócio lá da boate, dizendo que era de cartório e que não podia participar de boate. Desfizemos a sociedade.

O que foi uma pena foi eu não ter conseguido visitar o Dauro quando ele ficou doente. Várias vezes eu tentei, ligava e a notícia que eu tinha é que ele não queria visita.

Ele foi muito importante para o desenvolvimento da FOA. Uma ocasião que eu fui a Campos, pois eu tinha uma amizade grande lá, eu conheci Quissamã e ele estava lá. Foi a maior surpresa! Eu estava passeando na orla na beira da praia, parei na Pousada para hospedar ou comer, não lembro, e quem estava lá era o Dauro. O que você está fazendo aí? perguntei. Ele respondeu: essa Pousada é minha!

E o tempo que ele conviveu com a gente foi muito bom. Dauro foi uma pessoa sensacional.



Dauro Aragão, Elias Salume, Nelinho Carvalheira e o menino Alfredo neto de Elias Salume e Márcia Torres

## Depoimento Ney Antônio de Oliveira

Conheci o Dauro Aragão nos idos de 1967, ele com 36 anos e eu com 26 anos de idade, na Fazenda São João Batista, no bairro Voldac, de propriedade de Dona Leonor Barreira Cravo, filha de Cel. Aprigio Alves Barreira Cravo, da histórica e tradicional família da região.

Acho que, nessa época, Volta Redonda tinha pouco mais do que 85 mil habitantes.

Savio Gama tinha tomado posse, havia recursos financeiros, por causa do ICM e pela utilização da aerofotogrametria, que permitiu a atualização do cadastro dos contribuintes, que estava muito desatualizada. Entretanto, apesar de ter muitas coisas a fazer, não existiam projetos e nem tempo para fazê-los da forma normal. Savio Gama, com sua vasta experiência, inteligência, liderança, coragem e dinamismo, formou uma equipe para planejar, projetar, calcular, desenhar quando possível, contratar e executar as obras, tudo ao mesmo tempo, em paralelo. Faziam parte dessa equipe convocada por ele: o Eng<sup>o</sup> Sadi de Melo e Silva, gaúcho de Itaquí/RGS e ex-vice-diretor do DNER, o Vice-prefeito Hélio Maurey, o Eng<sup>o</sup> Ney Antônio de Oliveira e o Dauro Aragão.

Depois do expediente, a tarde e à noite, reuníamos todos os dias com o Prefeito, na Fazenda São João Batista, no bairro Voldac, onde, nessa época, o Savio residiu. Eventualmente um, ou mais, dos quatro engenheiros coronéis aposentados da Academia de Agulhas Negras, Breno, Bruno, Ivo e Faria, que foram convidados para ajudar na administração, compareciam convocados pelo Sr. Prefeito. Em outros dias, dependendo do “projeto” a ser tratado no dia, outras pessoas eram convidadas para participar dessas reuniões, com jantar e sempre acompanhadas de excelentes bebidas oferecidas pelo Dr. Savio, que sempre foi um ótimo anfitrião.

Enquanto não havia uma estrutura adequada na prefeitura, para projetar, desenhar, contratar, etc., e para não perder tempo, aquela equipe básica e permanente, liderada pelo Dr. Savio, programava as atividades do dia e dia e da semana seguinte. Estilo que, somente funcionava por causa da liderança e a coordenação eficiente do Prefeito Savio Gama, que sabia de memória as necessidades e as prioridades.

Desse modo conheci essa figura ímpar do Dauro Aragão. Inicialmente, não entendia a razão de ter nesse time um profissional do Cartório. Somente com o tempo e a convivência compreendi a importância e a necessidade de sua participação. Com o tempo a gente aprende que ou quem é Predestinado, é o que ou aquele que, por sua índole, foi destinado pelo Grande Arquiteto do Universo, para a Glória Eterna ou para a realização de Grandes Coisas. Dauro era iniciado, era meu Irmão, também nos ensinamentos da Ordem Maçônica. Não esquecendo, “en passant”, que, o predestino é algo que já está determinado desde antes do nascimento, ao passo que o destino pode ser definido pelo ser humano.

Missão difícil, senão impossível, recordar a vida de Dauro, sem mencionar o Cartório e a Fundação Oswaldo Aranha.

Como é sabido, um Cartório é responsável pela prática de Atos de Registros, averbações, anotações e certidão dos atos praticados. O Oficial de registro é um profissional da área do Direito, dotado de fé pública, a quem é delegado o exercício da atividade de registro. O “dono do Cartório”, tabelião, também conhecido como Titular de Cartório, é o responsável legal pela administração de um Cartório, garantindo o cumprimento dos Serviços Notariais e de Registro, tais como Escrituras, Registro Civil, etc., entre outros documentos legais. Esse profissional exerce uma função em Cartório, desempenhando um papel relevante na garantia jurídica e na facilitação de procedimentos legais, pautados nas normas legais e éticas, para assegurar a transparência e a legalidade dos atos praticados. Por isso, é essencial na desburocratização de processos para os cidadãos que buscam seus serviços. Tem um papel fundamental na prestação de serviços extrajudiciais para a comunidade, assegurando a validade legal às transações. Em alguns casos o tabelião pode atuar como mediador e facilitador em conflitos, buscando soluções amigáveis para as partes. O Oficial de registro é um profissional da área do Direito, dotado de fé pública, a quem é delegado o exercício da atividade de registro.

Pois bem, sem dúvida esse grande homem, Dauro Aragão, cumpriu com amor, devoção, ética e competência todas essas atribuições profissionais, com a velocidade exigida pelo ritmo do Savio Gama, que exigia que todas as ações caminhassem no mesmo ritmo, inclusive as cartoriais. Dauro foi muito mais além dessas atividades.

Filho de Dario Aragão, falecido em 1952, advogado, delegado, promotor, deputado e Secretário de Segurança do Governador Ernani do Amaral Peixoto. Dauro nos deixou depois de 89 anos de idade, muito bem vividos, tanto para si, quanto, principalmente, e mais ainda, para os seus e para toda a comunidade. Nasceu em 24/08/1931 e foi para o outro lado do Caminho em 07/02/2021. Seu corpo, que carregou esse grande espírito, em sua passagem entre nós, agora, pelo que soube, está em um sítio, a sombra de um cajueiro, na cidade de Quissamã, RJ.

Pelo que me lembro, foi Presidente da Fundação Oswaldo Aranha, desde 1998, esse visionário da educação. Foi tabelião por mais de 50 anos em Volta Redonda, sempre comprometido social e profissionalmente, e deixa, também, um grande legado para a educação. Como um amigo citou, nas características básicas de sua personalidade sempre destacava “muita gratidão e reconhecimento e a vontade de ajudar as pessoas”.

A Fazenda Três Poços, no município de Pirai, distrito de Pinheiral, na época com cerca de 100 alqueires, que pertencia à Associação Brasileira dos Trapistas de Tremembé, foi desapropriada pelo Prefeito Savio Gama logo no início de sua segunda administração, com um grande “embate” com Dom Waldir Calheiros, que não concordava com os termos da desapropriação. Em 29/04/1968, o Prefeito Savio Gama nomeou uma comissão para

fazer a avaliação da fazenda, composta pelos Coronéis Breno de Castro, José Fernando Bruno e Alfredo Faria, que, junto com o Cel. Ivo Ramos, participavam da administração.

Em 18/10/1967 foi registrado o CNPJ da Fundação Oswaldo Aranha, pessoa jurídica de direito privado.

Nos últimos 20 anos de sua vida profícua, nosso grande amigo e benfeitor da cidade de Volta Redonda, Dauro Peixoto Aragão, dirigiu com muito talento, dedicação e competência a Fundação Oswaldo Aranha.

Tenho um sadio orgulho pessoal e uma gratidão ao Gadu, por ter-me permitido conviver e ter a amizade desse grande homem, o Dauro Aragão!



Dauro Aragão e Ney Antônio de Oliveira

# Depoimento Marisa de Souza Almeida

Porfírio José De Almeida *In Memoriam*

O Porfírio começou a trabalhar com o pai dele, seu Antônio, aos dezessete anos, então eu não sei exatamente quando o Porfírio começou a tratar com o seu Dauro. Quando o seu Antônio Almeida, meu sogro, passou mal, o Porfírio que estudava interno, interrompeu os estudos e veio ajudar o pai na empresa, estudando aqui em Volta Redonda à noite. Quando ele completou 21 anos, seu Antônio formou a Almeida e Filho Terraplenagem . Por isso no singular, por ser apenas ele e o Porfírio. Aos 22 anos nos casamos. Fomos para Santos, pois estava iniciando as obras da implantação da Cosipa, e a firma ganhou a concorrência para fazer os trabalhos de terraplenagem. Moramos lá quatro anos e meus filhos mais velhos nasceram lá. Depois retornamos, pois a Almeida e Filhos ganhou a concorrência para fazer a base do segundo alto forno da CSN, em Volta Redonda.

A convivência dele com o seu Dauro se intensificou mais quando ele foi participar da FOA. Eu sei que era recíproco, porque ele sempre esteve muito feliz em participar lá com o seu Dauro e lá também se formaram os meus filhos Ângelo, em engenharia; e minha neta, filha da Andreia, que terminou medicina.

O que eu lembro da convivência deles era sempre com relação à trabalho. Pessoalmente, eu tive a felicidade e a alegria de receber lá em casa quando ele completava 80 anos. Eu fiz um jantar lá em casa para agradecer toda a amizade que ele tinha com o Porfírio.

E eu fiquei muito feliz de você me convidar, Maria Cecilia, para fazer esse depoimento, porque eu vejo assim, são pessoas que ajudaram muito ao Porfírio e depois a mim, com as questões de formal de partilha e de documentos, que é tudo muito complexo. E ajudou também como tabelião, quando seu Antônio teve problemas de saúde, e ele ajudou tanto as questões familiares, quanto da empresa.

Agradeço a Maria Cecilia a oportunidade de poder participar nesse depoimento sobre o livro que ela está escrevendo sobre o seu Dauro, e particularmente falo também em nome do Porfírio, pois sei o quanto eles eram amigos e o Porfírio admirava muito e confiava no seu Dauro nos momentos mais difíceis da vida dele.

Eu fiquei muito emocionada com a homenagem do Dauro ao Porfírio dando o nome dele ao campus do Aterrado: Campus Universitário Porfírio José de Almeida. A cerimônia foi lindíssima, com muitas presenças, flores e um lanche maravilhoso com todo o cuidado e na hora do discurso eu senti a emoção do Dauro, e no descerramento da placa. E depois tivemos a oportunidade de estarmos juntos e tenho certeza que ele fez de coração essa homenagem ao Porfírio.

E a minha gratidão ao seu Dauro é eterna, porque quando o Porfírio faleceu, ele me deu muito apoio, se prontificou a me ajudar para conversar com os filhos, de uma maneira

muito delicada e amorosa. Sou eternamente grata por isso. Eu admirava também era o seu sorriso. Aquela alegria era contagiante. E eu quero sempre lembrar desse sorriso e dessa alegria que ele tinha.



Marisa e Dauro e sua alegria contagiante

Das muitas homenagens recebidas por ocasião do falecimento do Porfírio José de Almeida, em 2017, destacamos, neste depoimento, aquela recebida, primeiramente pelo Conselho Curador da FOA – Fundação Oswaldo Aranha e posteriormente, quando da solenidade dos 51 anos da FOA, a cerimônia que concedeu o nome de Campus Universitário Porfírio José de Almeida ao campus Aterrado, em Volta Redonda. Também citamos a nota de pesar pelo falecimento do filho mais velho de Porfírio, Antônio de Almeida Neto, que substituíra Porfírio no Conselho Curador da FOA e faleceu em 2022.

Ainda neste mesmo ano, a empresa Almeida e Filhos Terraplenagens Ltda recebeu uma placa de Honra ao Mérito como participante benemerita da FOA, nas homenagens que pontuaram os 50 anos de fundação da Fundação Oswaldo Aranha, em 18 de outubro de 2017.

O Conselho Curador da Fundação Oswaldo Aranha prestou uma última homenagem a Porfírio José de Almeida. “Em nome do presidente da Fundação Oswaldo Aranha, Dauro Peixoto Aragão, dos Conselhos Diretor, Curador e Fiscal e da Reitoria do Centro Universitário de Volta Redonda, declaramos nosso pesar pela perda de um dos nomes que fazem parte da história de Volta Redonda e da FOA”, diz a nota, completada pelo vice-presidente da FOA, Eduardo Prado. – Porfírio concedeu durante sua trajetória na

Fundação Oswaldo Aranha e na cidade de Volta Redonda a sabedoria do amigo e o seu inequívoco apoio em todas as horas que nossa instituição de ensino necessitou. Deixa seus amigos participantes e a saudade que jamais será suplantada no UniFOA – lamentou Eduardo Prado.

A comemoração pelo aniversário de 51 anos da FOA (Fundação Oswaldo Aranha) e 19 anos do UniFOA (Centro Universitário de Volta Redonda), ambos celebrados em 18 de outubro de 2018, foi marcada pela cerimônia que concedeu o nome de Campus Universitário Porfírio José de Almeida, ao campus Aterrado.

A solenidade contou com a presença do presidente da FOA, Dauro Aragão; do vice-presidente, Eduardo Prado; do superintendente executivo, Jairo Jogaib; do diretor de Relações Institucionais da FOA, José Tarcísio Cavaliere; do pró-reitor do UniFOA, Carlos José Pacheco; do pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Alden Neves; da mulher do empresário homenageado, Marisa de Souza Almeida, filhos, noras, genros e netos; integrantes dos conselhos Curador e Fiscal da FOA; autoridades públicas, professores, coordenadores; e funcionários. O espaço, que abriga os cursos de jornalismo, publicidade & propaganda e serviço social, concedeu a homenagem post-mortem ao conselheiro, que honrou a FOA e o UniFOA, representando a participante benemerita Almeida & Filhos Terraplenagens Ltda.

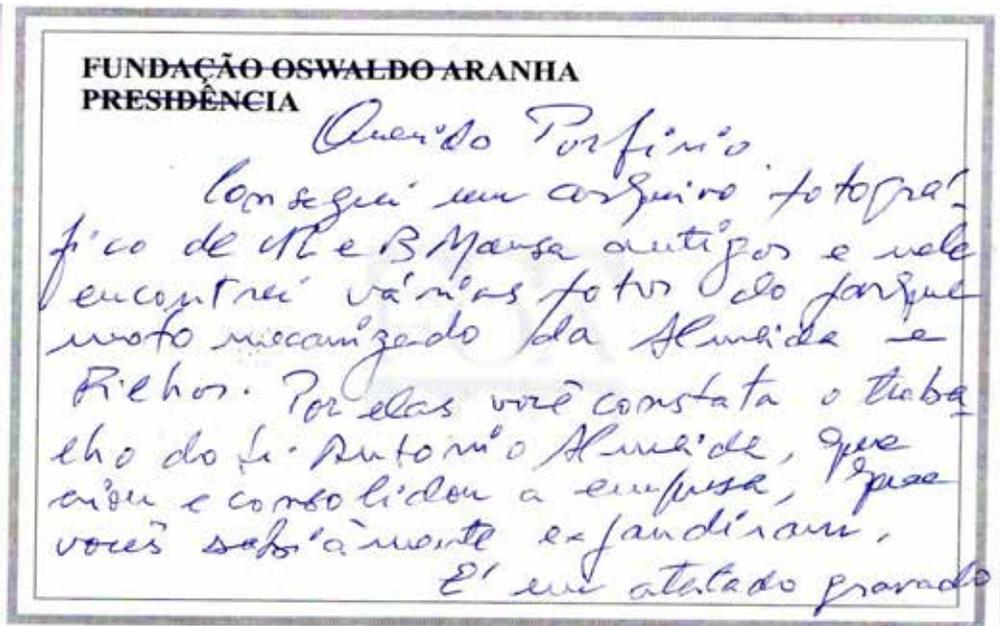
“Lembro-me de cada ajuda que o Porfírio nos concedeu e serei para sempre grato; esta é uma justa homenagem a quem merece ser lembrado eternamente”. Palavras de Dauro Aragão, presidente da FOA.

“Gostaria de agradecer à diretoria e aos funcionários que prepararam essa homenagem com tanto carinho e amor. Tenho certeza que o Porfírio, de onde estiver, também se encontra emocionado como todos nós da família”. Essas foram as palavras da Marisa.

Em 2022, com muito pesar a Fundação Oswaldo Aranha e o Centro Universitário de Volta Redonda lamentaram o falecimento de Antônio de Almeida Neto, participante institucional e conselheiro curador. Filho mais velho de Porfírio José de Almeida e Marisa de Souza Almeida. A instituição decretou luto oficial de cinco dias, considerando “a certeza de que o seu profissionalismo, competência, dedicação e carinho, estarão sempre presentes na memória de todo corpo social da FOA/UniFOA”, como pode ser conferido na Portaria N°. 058/22.

No documento, foi destacado também que “durante o exercício dos seus mandatos como conselheiro curador, com a sua expertise no ramo empresarial, contribuiu de forma significativa para o crescimento da Instituição de Ensino, apoiando irrestritamente os projetos de desenvolvimento apresentados pelo Conselho Diretor”. O presidente da FOA, Eduardo Prado, declarou que ficou “muito consternado pela perda de um grande amigo”. O presidente e demais membros da instituição, bem como professores e fun-

cionários, se solidarizam com os familiares e amigos de Antônio de Almeida Neto neste momento de dor.



de competência de você e familiar-  
es, motivo de orgulho para todos  
nós.

Faça bom proveito.

Um grande abraço do

03  
01  
12

DAURO

Querido Porfírio.

Conseguí um arquivo fotográfico de VR e BMansa antigos e nele en-  
contrei várias fotos do estacionamento mecanizado da Almeida e Filhos. Por  
elas você constata o trabalho do Sr. Antônio Almeida, que criou e consoli-  
dou a empresa, para você sabiamente expandirem. É um atestado gravado  
da competência de vocês e familiares, motivo de orgulho para todos nós.  
Faça bom proveito. Um grande abraço do Dauro. 03-01-2012



Porfírio menino em cima do caminhão no estacionamento da empresa. - Fotos enviadas pelo Dauro



Parte da frota de caminhões da Almeida e Filhos



Dauro Aragão, presidente da FOA – Fundação Oswaldo Aranha – discursa na cerimônia que concedeu o nome de Campus Porfírio José de Almeida ao campus Aterrado da FOA – 18 de outubro de 2018 - Volta Redonda – RJ



Dauro Aragão e Marisa Almeida – viúva de Porfírio José de Almeida descerram a placa comemorativa da cerimônia sob os olhares de Jairo Conde Jogaib e Josiane Sampaio



A placa descerrada: Dauro aplaude e Marisa se emociona



Fundação Oswaldo Aranha  
Centro Universitário de Volta Redonda



## Campus Universitário Porfírio José de Almeida

PRESIDÊNCIA - PORTARIA nº 113/17 - 05 de dezembro de 2017.  
18 de outubro de 2018

### FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

#### CONSELHO CURADOR

Antonio de Almeida Neto  
Honório Possidente Fagundes  
Jaime Veras Correia  
Júlio César Meyer  
Luiz Alípio de Carvalho Pereira  
Sergio Luiz Manes Lobo  
Walter Luiz Moraes Sampaio da Fonseca  
Wanderley Ferreira Botelho  
Samuca Silva (PMVR)

#### CONSELHO DIRETOR

Dauro Peixoto Aragão  
PRESIDENTE  
Eduardo Guimarães Prado  
VICE-PRESIDENTE  
Iram Natividade Pinto  
DIR. ADM. FINANCEIRO  
José Tarcísio Cavaliere  
DIR. DE REL. INSTITUCIONAIS

#### CONSELHO FISCAL

<i>Efetivos</i>	<i>Suplentes</i>
Dario Aragão Neto José Luiz de Sá Washington Tadeu Granato Costa (CMVR)	Maria Livia Salles Tavares de Faria Neuza Maria Ferreira Jordão Paulo Celso Magalhães

#### CGA - Centro Geral de Administração

Jairo Conde Jogaib - Superintendente Executivo  
José Ivo de Souza - Superintendente Geral

#### CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA

Claudia Yamada Utagawa - Reitora  
Carlos José Pacheco - Pró-Reitor Acadêmico  
Alden dos Santos Neves - Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa  
Otávio Barreiros Mithidieri - Pró-Reitor de Extensão

#### Campus Universitário Porfírio José de Almeida

Carlos Sérgio Dias de Melo  
Prefeito do Campus

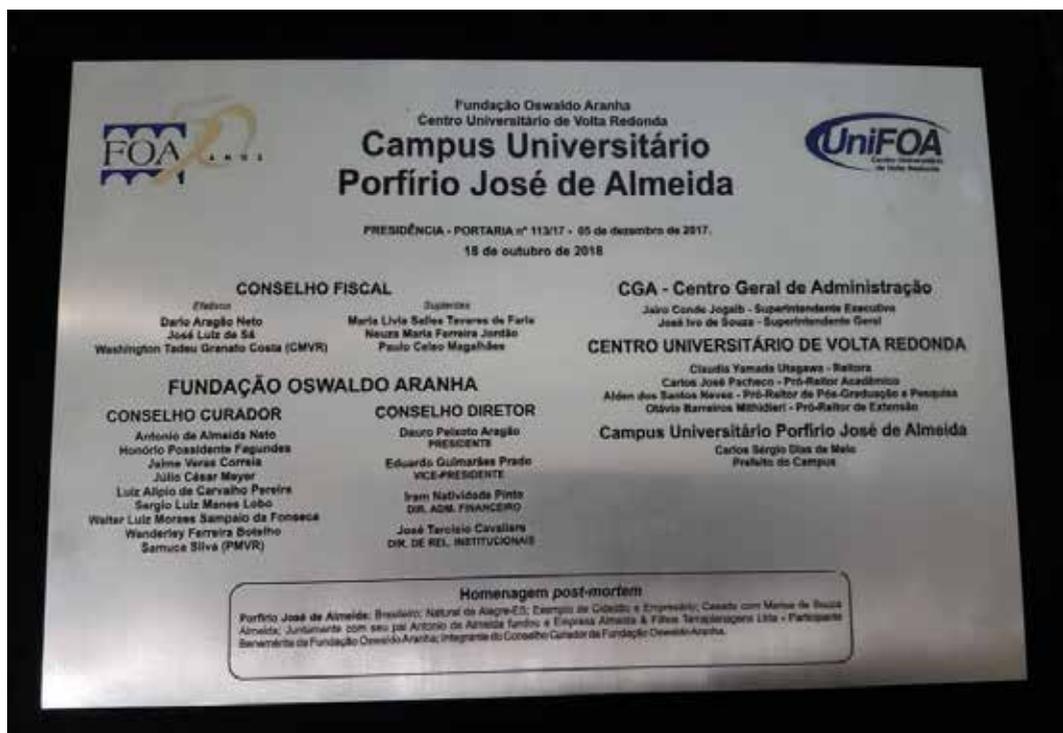
#### Homenagem post-mortem

**Porfírio José de Almeida:** Brasileiro, Natural de Alegre-ES, Exímio de Cidadão e Empresário; Casado com Maria de Souza Almeida. Juntamente com seu pai Antonio de Almeida fundou a Empresa Almeida & Filhos Terraplenagens Ltda - Participante Beneficente da Fundação Oswaldo Aranha; Integrante do Conselho Curador da Fundação Oswaldo Aranha.

A placa na parede do Campus Universitário Porfírio José de Almeida



Dauro entrega a placa gravada à Marisa Almeida





Marisa de Souza Almeida e as duas placas da homenagem ao Porfírio José de Almeida



Marisa e os filhos Ângelo, Antônio segurando a placa,  
Marisa, Anderson, Andreia e Angélica



Marisa observa o discurso de Antônio de Almeida Neto, membro do  
Conselho Curador da FOA - Fundação Oswaldo Aranha



Dauro e a família Almeida. Da esquerda para a direita: Andreia, Anderson, Angélica, Maria, Isadora com a placa, Marisa, Vitória, Lorena, Dauro, Antônio, Ângelo, Ângelo (neto) e Anderson



Nos 50 anos de fundação da FOA a placa de Honra ao Mérito concedida à Almeida e Filhos Terraplenagem Ltda - 18 de outubro de 2017



**ANTÔNIO DE ALMEIDA NETO**  
1961 – 2022



Em 27 de setembro de 2022 falece Antônio de Almeida Neto, filho de Porfírio José de Almeida, era membro do Conselho Curador da FOA. - Abaixo, na homenagem ao seu pai no Campus Porfírio José de Almeida Antônio e o atual presidente da FOA Eduardo Guimarães Prado





Em 14 de outubro de 2024, faleceu de infarto fulminante o filho de Marisa e Porfírio, Ângelo Almeida, aos 53 anos. Na foto, Marisa entre a nora Luciana e o filho Ângelo na inauguração do Campus Universitário Porfírio José de Almeida

# Depoimento Thalia Cristina Galotti

Dr. Olézio Galotti *In Memoriam*

Fui convidada para falar do relacionamento de meu pai, Olézio Galotti e o Sr. Dauro Peixoto Aragão. Missão nada fácil falar de dois homens tão diferentes e singulares na forma de pensar e agir e, ao mesmo tempo, com coisas em comum!

Meu pai, nascido no interior de São Paulo, na cidade de São João da Boa Vista (1920) e o Sr. Dauro nascido em Barra Mansa (1931), ambos saíram de suas cidades para estudar e realizar o sonho de se tornarem médicos, eles eram apaixonados por essa profissão. Por motivos pessoais e familiares, falecimento de seu pai, o Sr. Dauro precisou interromper seu sonho! Papai se tornou médico e assim como o Sr. Dauro vieram para Volta Redonda onde constituíram família e trabalharam.

Tiveram suas vidas familiares, profissionais, sociais com seus objetivos e ideais como cidadãos de nossa querida Volta Redonda, abraçando causas de extrema importância para nossa sociedade. Uma delas é a Fundação Oswaldo Aranha na qual o meu pai, com seu jeito sensível, dedicado, muito inteligente e com personalidade brilhante se dedicou com todo seu amor para criação e sobrevivência inicial e posterior desenvolvimento dessa tão importante Instituição.

O Sr. Dauro com sua personalidade e com características únicas e empreendedora, também com todo seu amor, trouxe a Fundação Oswaldo Aranha a patamares que seriam inimagináveis nos primeiros momentos de sua existência, proporcionando ao meu pai dentre outros sentimentos, uma gratidão e uma grande satisfação.

Foram anos de lutas, muita dedicação e superação que ambos viveram para hoje observarmos a importância que a Fundação Oswaldo Aranha representa na vida de tantas pessoas.



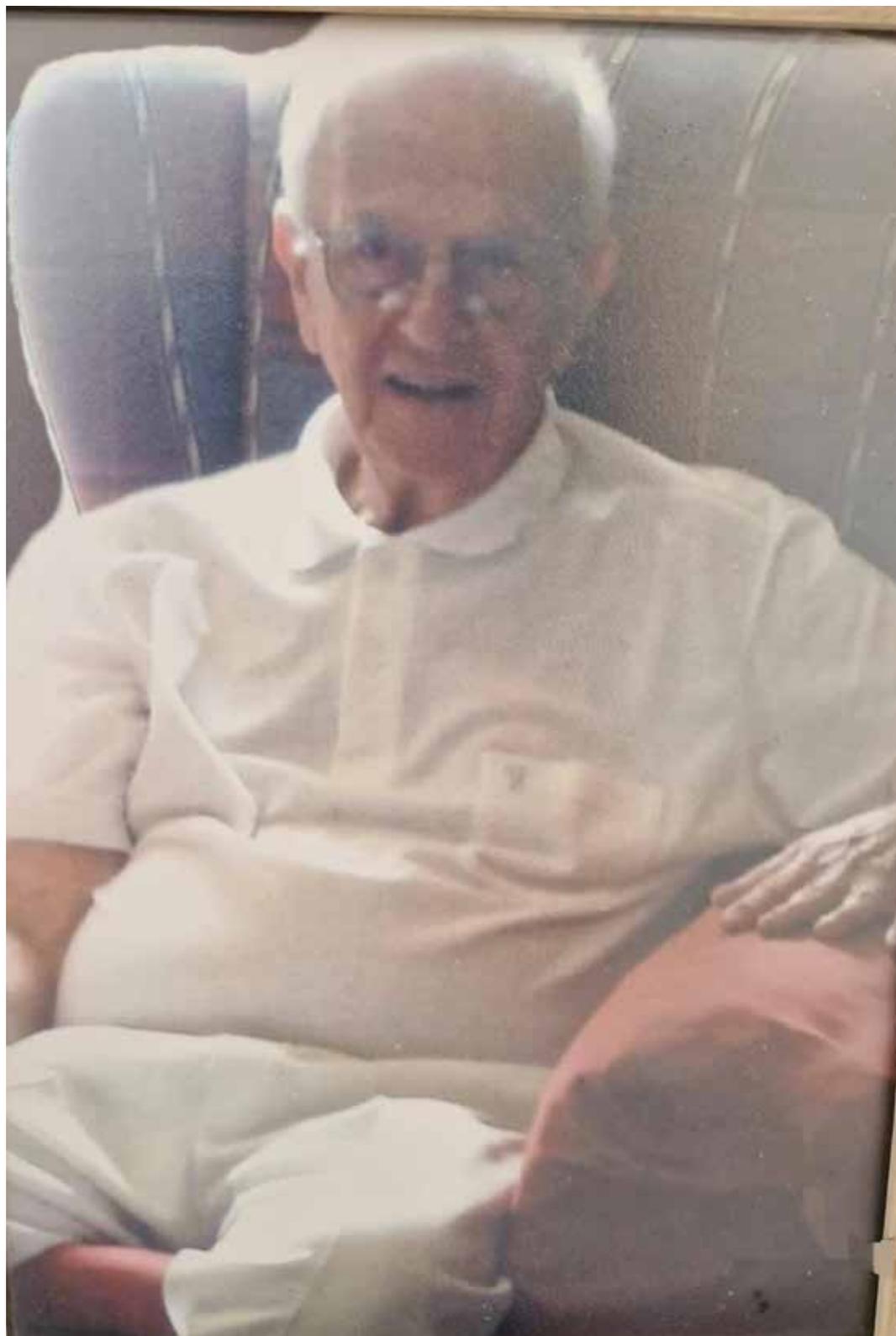
Busto do Dr. Olézio Galotti no Campus que leva o seu nome em Três Poços - Volta Redonda - FOA - Fundação Oswaldo Aranha



Campus Olézio Galotti - Três Poços - Volta Redonda



Dr. Olézio Galotti em foto oficial



Dr. Galotti o eterno médico e ex presidente da FOA

# Depoimento Carlos Rodrigues de Oliveira

## Carlinhos do Dauro

Eu vim de Minas Gerais para morar em Volta Redonda e em 1968, aos 18 anos de idade, eu tive meu primeiro emprego, no Bar e Restaurante Berimbau, no bairro Aterrado, em Volta Redonda, local onde o Sr. Dauro frequentava. Depois houve uma ocasião em que ele comprou esse restaurante, mudou alguns funcionários e eu felizmente continuei trabalhando lá. Iniciamos ali uma relação de trabalho e confiança.

Certa vez eu estava preocupado se ia dar conta do meu serviço no Berimbau, conversamos sobre o assunto, ele disse com aquele tom de voz forte: “Carlinhos, se eu estou conseguindo, você também consegue!” Para um rapaz de 18 anos, esse fato foi um grande incentivo, ele confiou em mim, me fez acreditar que eu era capaz, isso fez toda diferença para que eu continuasse trabalhando naquele restaurante.

Muitos anos se passaram e continuei trabalhando com ele. Para onde ele ia me levava junto, me tornei seu motorista, nossa relação de trabalho se estendeu por 50 anos, até o momento de sua partida.

Nesse percurso de nossas vidas, fazíamos longas viagens a trabalho, a maioria foi para Barra do Furado em Quissamã - RJ. Ele sempre foi rígido com horário, gostava de acordar às 04:00h da manhã para viajar, “Carlinhos, vamos sair cedo amanhã hein?” Eu respondia: “Deixa comigo Sr. Dauro, vou chegar no horário”. Durante as viagens ele gostava de comentar as placas da estrada.

Por conta de toda convivência, ao passar dos anos fiquei conhecido como o “Carlinhos do Dauro”. Ele se tornou uma referência de conselhos, de força e de sabedoria na minha vida. Com ele, aprendi muita coisa, conheci pessoas importantes, frequentei os melhores lugares e dirigi os melhores carros.

Atualmente sigo com ele na lembrança, levo comigo seus ensinamentos e bordões: “A morte é o final de vocês todos”; “O dinheiro é o santo milagroso”; “Tudo é passageiro, menos o trocador e o motorista”; “Acabou o milho, acabou a pipoca”; “Contra a força não há resistência”; “O que há de novo? Muita galinha e pouco ovo.”



Dauro e Carlinhos - Nem só de trabalho vive o homem!



Dauro e Carlinhos

# Depoimento Maria Amélia Chagas Silva e Edson Eli da Silva

## Representação de um Pai!

Uma trajetória de encontros e reencontros.

Para dar início, preciso voltar no tempo e chegar em 1975, exatamente com meus 17 anos, quando comecei a minha trajetória, trabalhando como recepcionista no Cartório 1º Ofício de Volta Redonda Dauro Aragão. Para minha sorte, fiquei ao lado de um dos melhores gestores de pessoas que já conheci na vida, o próprio Dauro Aragão. Ali tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com um homem inteligente, sábio e com um conhecimento admirável.

Foi ele um dos responsáveis por eu ser quem sou hoje. Aprendi a focar meus objetivos e realizar os meus sonhos.

Ao longo da caminhada, fui saber que Dauro era amigo particular do meu pai Pedro Chagas, e que tinha uma enorme admiração por serem do mesmo partido político, antigo MDB, no qual o apoiou na candidatura para vereador na época.

Existem pessoas que carregam uma missão especial. Elas cruzam os nossos caminhos e tornam-se fundamentais em nossas vidas.

O reencontro aconteceu em 1998, eu trabalhava na Fundação Oswaldo Aranha e Dauro Aragão chegou para fazer parte do quadro da direção e foi aclamado como Presidente. Na época, fui contemplada em ser sua assessora e nos aproximamos ao longo dos anos, com isso aumentando cada vez mais a amizade com a minha família, meu marido, filhas e netos.

Anos depois, o reconhecimento da nossa jornada profissional me trouxe honrosamente o título de Participante Institucional.

Os planos de Deus são justos e certos. Nos momentos mais difíceis da vida, Ele nos agracia com esses reencontros. Dauro Aragão, figura generosa, símbolo de força, liderança, sucesso e benevolência. Exemplo de compaixão e empatia, disposto a ouvir e acolher.

Dauro sempre dizia que a consideração pelo Edinho, meu marido, era como de um pai para filho e que o admirava muito. Confiava em seus conselhos, apoio e incentivo.

É uma honra indescritível dizer que Dauro Aragão foi um pai e amigo e que faz parte do conjunto que forma a nossa história.

Somos privilegiados!

Para nós, permanece a admiração pelo grande homem que foi Dauro Aragão.

Nossa gratidão pelo privilégio de encontrar e reencontrar tesouros como esse.



Dauro, Maria Amélia e Edinho



Maria Amélia e Dauro



Dauro e Edinho



Edinho e Dauro



Dauro e o casal Maria Amélia e Edinho Silva



Edinho, o mestre de cerimônias da FOA, no lançamento do livro "Savio Gama fotos que contam sua história" - 2012



Maria Amélia e Dauro no mesmo evento



Em evento da FOA - Fundação Oswaldo Aranha - Eduardo Prado, Dauro Arago, Maria Amélia Silva, Jairo e Lúcia Jogaib



Em noite de festa O casal Edinho e Maria Amélia Silva, Dauro Peixoto Aragão e sentados Paula Chagas de Oliveira e Jairo de Oliveira

## Depoimento Andreia Rosane Alcântara Teixeira

Eu tinha uma amiga que morava em Santa Rita do Zarur e hoje não mora mais, que tinha uma chácara e o pai dela era amigo do Sr. Dauro. E por intermédio dela eu conheci o Sr. Dauro e meu pai era amigo dele também pelo Sr. Neisinho já falecido. E a partir daí tudo começou.

Ele falou que quando eu fizesse meus 18 anos, pois quando o conheci eu tinha 15 anos, ele poderia arrumar um emprego para mim. E tinha na época o Santinho Representações, e assim ele fez. Arrumou o emprego, eu fui trabalhar no cartório, onde trabalhei durante 14 anos. Depois que eu tive meu filho eu sai do cartório, fiquei um ano fora do mercado de trabalho, e ai em 2007 eu vim para a FOA, porque era próximo da minha casa e ele me abriu essa porta de emprego.

E estou na FOA até hoje por intermédio dele.

No cartório ele me deu várias oportunidades, de acordo com a minha desenvoltura profissional. A gente criou um laço de amizade muito bom, e eu fazia várias coisas para ele na parte de secretária também, e eu costumava dizer que eu tinha o meu pai, que hoje já não tenho mais e ele. Porque ele dava puxão de orelha, ensinava a gente, e os desafios da vida ele falava: tem que desafiar. Então, eu sou grata a ele por isso. Ele me abriu para o meu primeiro emprego e hoje estou aqui, no segundo emprego, onde eu tenho 17 anos para 18 anos de casa, e no cartório a grande maioria das coisas que eu aprendi com ele eu conseguia desenvolver, tanto no protesto quanto no tabelionato de escritura, quanto na procuração. Foi uma relação de profissionalismo com amizade, muito bom e muito bonito.

Porque ele foi meu padrinho de casamento. Nós viajamos uma vez com o pessoal do cartório. Foi uma viagem que nunca vou esquecer para a fazenda dele lá de Campos, onde ele levou todo mundo. E várias vezes no Porão a gente comemorava, no Toca da Traíra, que ele levava sempre a gente. Festa de Natal e eu tenho essa lembrança e as pessoas também têm essa lembrança. Esse foi o tempo de relacionamento de cartório.

Uma vez fomos almoçar na Toca da Traíra, os funcionários do cartório, que era o almoço de final de ano. Ele estava falando e podia levar criança e eu tinha a minha filha pequenininha. E a Gabriele dançando enquanto ele estava falando, ai ele olhou e falou assim: dá para você segurar essa criança porque ele está tirando a atenção das pessoas. Cadê a mãe dessa criança!

Depois eu vim para a FOA, em 2007, fui trabalhar no gabinete da presidência com ele. Fiquei com ele lá no gabinete e depois surgiu uma oportunidade de crescimento, ele me colocou na secretaria geral para trabalhar como supervisora. Quando ele me promoveu pela primeira vez me disse uma coisa que marcou minha vida. "Eu poderia deixar você no meu Gabinete, mais gostaria que outros conhecesse seu trabalho, pois o dia que eu não es-

tiver mais aqui, muitos conhecerão um pouco do seu trabalho”. Antes disso que tirei férias da secretária da pró-reitoria acadêmica, que era a professora Cláudia Utagawa, na época, a reitora. Depois eu tirei férias da Clarissa, que era secretária do José Ivo. E depois que eu fui para a secretaria geral. Dali eu subi para a reitoria e depois da reitoria o Dario precisou de uma pessoa no campus e ele me indicou para trabalhar com o Dario onde eu estou até hoje, desde 2009.2., no Escritório da Cidadania na Vila e depois a gente foi para o Aterrado e hoje estamos aqui em Três Poços, no prédio 10.

No cartório ele era o ser explosivo e brincalhão, mas ao mesmo tempo cobrando. Lá eu tive esse momento de quando ele ligava para a sala e eu não atendia o telefone, ele brigava. Mas depois ele se desculpava. Já aqui na FOA, a primeira coisa que eu tive com ele, por ele ser o presidente da instituição, ele quando me colocou no cargo de supervisora, eu cheguei na sala dele para discutir um assunto, só que eu estava muito emotiva do que cobrava o funcionário, ai ele me disse: virou manteiga agora! Não pode ser manteiga. Então, quando a gente já ia falar com ele ia pensando, não posso ser manteiga, tenho que ser firme. Então a gente já vai aprendendo o coração que ele falava na verdade; que quando a gente está num destaque a gente não pode levar nada para o coração. A gente tem que ser uma razão. Isso ele me ensinou: ser bem racional nas minhas tratativas profissionais e deixar de lado a amizade, porque aqui a gente trabalha e não pode só levar a amizade, a gente também tem que levar o profissionalismo. E eu agradeço a ele por ter me ensinado isso.

Um destaque que eu faço da minha vida é que ele me ensinou tudo que eu sei hoje, como profissional. Foram 30 anos de convívio e continua com o Dario. E de ser o que eu sempre fui: guerreira, ele sempre me achou competente e honesta. Meu pai sempre dizia para mim que dez centavos no chão da sua casa é seu, aonde não é o seu chão não é seu. E ele era parecido com meu pai com relação a isso. Não existe dor de barriga, sol, chuva, você tem que estar ali honrando o seu nome e a empresa que você trabalha. Eu aprendi muito isso com ele, que foi meu gestor no cartório, na FOA e depois vieram os líderes que eu tenho hoje, o Eduardo Guimarães Prado que é meu presidente e o Dario Aragão, e com os quais a gente aprende também. E também tem a Professora Ivanete Oliveira, nossa reitora e eu faço parte do centro universitário, no NPJ e o Dario é FOA.

Servir com amor e ser você fazendo o melhor cada dia, porque a gente é família FOA/UniFOA.



Comemoração dos 40 anos da FOA – 2007 - Lucimara,  
Maria Amélia, Dauro, Andreia e Érica



No casamento da Andreia com o padrinho Dauro Aragão - Na foto: Dauro,  
Benedita da Silva, os noivos Andreia e Edson, Marlene e Armando Ferraz

## Depoimento Carmem Lúcia de Souza Reis

Afirmo que foi um privilégio conviver com Sr. Dauro por 15 anos na FOA, pois muito aprendi e ele foi um instrumento de Deus na vida de muitas pessoas, pois sempre as ouvia, ajudava, aconselhava e tirava uma lição de todas as situações e comentava: “se eu não for pro céu, tem sacanagem la em cima”.

Nos alegrávamos muito juntos, pois ele sempre tinha histórias para contar e acrescentava uma sátira, o ambiente era muito alegre e apesar de, em alguns momentos, ele se apresentar bem nervoso e nós (eu e Josi) aprendemos a lidar com sabedoria quando ele se encontrava nesse estado, não o inflamava mais, e sim trazíamos outro olhar mais amplo para as coisas fluírem melhor para todos nós.

Ele trabalhou muito, no cartório e na FOA o crescimento foi e é visto por todos. Momentos de muitas decisões e tensões foram vividos em reuniões na FOA, mas nesses e em outros momentos, o fardo se tornava um pouco mais leve, pois na sala presidencial o ambiente era de grande alegria com Dr. Jairo, Eduardo e o Ivo, assim era a rotina agradável e saudável o que contribuía muito para os resultados positivos e promissores!

Ele viveu seus amores, um pai que fazia tudo pelos filhos, leu inúmeros livros (política/romances e outros), viajou muito trazendo um pouco da cultura de cada lugar por onde passava e escrevia em seu caderno, seus sentimentos nas respectivas épocas vividas.

O seu olhar para cada pessoa, situação ia muito além da visão e muitas vezes ele via algo que ninguém viu, apesar de passar por tantos olhares e setores.

Em casos de doenças, problemas de funcionários, ele tomava para si e abraçava a causa...

Lembrava dos aniversários de todos (todos anotados em sua agenda) e fazia questão de enviar os cartões com as felicitações e uma linda orquídea.

Por mais que eu escreva, não há palavras que conseguirá demonstrar a real satisfação que foi conviver com Sr. Dauro e como ele mesmo dizia: Sou imorrível e vou ficar pra a semente...

Dauro Aragão estará eterno em minhas memórias e no meu coração.



Dauro e Lúcia  
Abaixo o cartão de aniversário que acompanha a foto



À nossa querida Lúcia

Consignamos nossa amizade e nossos votos de muitas felicidades na passagem de seu aniversário.

Dauro e demais



Lúcia e Dauro

*“O homem que venceu na vida é aquele que viveu bem, riu muitas vezes e amou muito.”*

*Robert Louis Stevenson*

Este dizer ficava na mesa de trabalho do Dauro na FOA  
- Faz parte do depoimento da Lúcia



Em momento festivo Lúcia e Dauro



A alegria permanente de Dauro e Carmem Lúcia de Souza Reis



Dauro e Lúcia em outro momento feliz



A amizade imensa que compartilhou fez com que Lúcia guardasse uma folha do cajueiro onde se encontram as cinzas de Dauro Peixoto Aragão

## Depoimento Josiane da Silva Sampaio

Dauro Aragão, um líder de destaque que tive o privilégio de conhecer, é uma personificação de nobreza, alegria e compaixão. Durante o tempo em que trabalhei sob sua liderança, testemunhei suas qualidades excepcionais que o distinguem como uma pessoa exemplar e um ser humano notável.

A nobreza de Dauro não estava apenas em sua postura profissional, mas também em suas ações cotidianas, ele tratava a todos ao seu redor com respeito e dignidade, independentemente da posição ou título.

A alegria de Dauro era contagiante. Ele possuía uma energia positiva que iluminava o ambiente, tornando o trabalho mais leve e agradável. Sua capacidade de encontrar o lado positivo em situações desafiadoras, inspirava todos ao seu redor a manterem uma atitude otimista e resiliente. Com um sorriso sempre presente e uma palavra encorajadora, ele conseguia transformar dias difíceis em oportunidades de aprendizado e crescimento.

A compaixão de Dauro é talvez sua característica mais marcante. Ele se preocupava genuinamente com o bem-estar de todos, demonstrando empatia e apoio em momentos de necessidade. Sua disposição para ajudar e entender as dificuldades dos outros fez dele não apenas um líder, mas também um mentor e amigo.

Trabalhar com Dauro Aragão foi uma experiência enriquecedora que deixou um impacto duradouro em minha carreira e vida pessoal. Sua nobreza, alegria e compaixão são qualidades que não apenas o definem como um líder extraordinário, mas também como uma pessoa de integridade e coração aberto. A influência positiva de Dauro continuará a ressoar através de todos aqueles que tiveram a sorte de trabalhar ao seu lado.



Dauro e Josi e o abraço no dia da secretária, ao fundo, Jairo Jogaib



Dauro e Josi em dia de festa!



Carmem Lúcia Reis e Josiane da Silva Sampaio diante da caricatura de Dauro Peixoto Aragão feita por Rafael Lima Ribeiro



Dauro e o bolo de aniversário da Josi



Josi, Dauro e Lúcia em evento comemorativo da FOA



O sorriso permanente do Dauro e da Josiane

## Depoimento Pedro Rogério

Tenda Espírita Pai Cambinda – Barra Mansa - RJ

Eu sou Pedro Rogério e estou presidente da Tenda Espírita Pai Cambinda e tenho hoje dentro da casa trinta e dois anos. Eu chego à procura de ajuda para minha mãe e por lá fiquei. Eu digo que eu cheguei pela dor e fiquei pelo amor. E lá conheço essas pessoas e conheci o Dauro nessa época. Logo quando eu cheguei, ele ainda era mais ativo na casa. E ouvindo essas histórias dele eu digo que a história dele para mim é exemplo de fé. Porque eu ouvi, lá atrás, logo quando eu cheguei, e hoje isso para mim faz um efeito muito grande.

Depois quando eu comecei a conviver com o Dario mais próximo, e com ele mesmo, quando a gente começou a ter mais contato, eu comecei a ver que era exemplo de fé. Para mim, me motivou muito, ele principalmente, mas tiveram outras pessoas também, mas o exemplo dele me fez pensar muito e me faz pensar ainda e eu dou o exemplo dele para os mais novos que chegam; pessoas que chegam lá pedindo socorro. Ele para mim é um exemplo e eu conto a história dele com o maior orgulho.

Essa história é quando ele chega no centro que ainda era comandado pelo Rui Andrade, que era o cavalo do Zé Mulato, e ele mesmo contando dizia que ele estava perdido. Que ele não sabia para onde recorrer. E ele foi levado ao centro pelo o sr. Jonas Carvalho da Sotil, que tinha o apelido de major. Quando ele chegava lá no centro eu lembro que todas as palestras das festas do Zé Mulato era sr. Jonas que fazia.

Um dia numa conversa o sr. Jonas ofereceu ajuda para ele. Que ele, Jonas, frequentava um lugar e se Dauro queria ir. E ele, desesperado, disse, eu aceito qualquer ajuda. E ele foi e chegando lá, a primeira entidade que eu sei é o Pai Cambinda. E o Pai Cambinda era um preto velho, que todo mundo sabia que ele não gostava de fazer atendimento. O atendimento dele era geral para todo mundo. Ele dava uma palestra de uma hora e uma hora nessa palestra, saia um pouquinho para cada um, todo mundo saia dali satisfeito e muitas das vezes, curado. E dali para lá, o Pai Cambinda chegou a falar com o Dauro e ele era certo. Quando ele queria falar com alguém ele ia lá, pegava a pessoa pelo braço e falava. Pai Cambinda o encaminhou para conversar com o Zé Mulato. E ele voltou. Marcaram uma seção logo adiante e o Zé Mulato veio e conversou com ele. E contou tudo para ele. O que ele estava passando e por quê e ele ficou de boca aberta com aquilo. E o Zé Mulato perguntou para o seu Dauro se ele mandasse ele fazer um negócio se ele faria. Ele falou que estava disposto a fazer o que fosse. E mandou ele fazer umas oferendas, uma obrigação, e ele foi e fez. É aonde entra o peixe. Porque a obrigação lá, a oferenda do Zé Mulato, é o peixe assado na brasa. Uma corvina assada na brasa e ela é regada com pimenta malagueta. Ele fez o peixe. Levou na porteira. E um dos símbolos também é a porteira. O peixe era entregue numa porteira,

dependendo dos pedidos. Ele foi, fez o peixe e entregou para o Zé Mulato. Daí para lá se passaram sete dias e no sétimo dia as coisas começaram a se abrir para ele. Ele falava que daí foi só subindo degrau por degrau. E tudo se deslançou para ele.

E Dauro toma o Zé Mulato como se fosse um protetor dele. Ele falava: Zé Mulato é meu protetor. Eu posso fazer qualquer coisa, eu saio para onde for, mas Zé Mulato está sempre comigo. E foi assim que começa a história dele dentro do centro.

Ele não tinha dúvidas. O tempo que eu convivi com ele, presenciei os dias dele ali dentro do centro, ele não tinha dúvida. Ele não tinha dúvida quanto à religião. Aquilo ali era o caminho dele e aquilo ali era o porto seguro dele.

Uma vez conversando com ele lá na FOA, logo que se passou um tempo, quando o pai da Fabíola já estava bem idoso, que era o Omir Tomé, que ficou no lugar do Rui Andrade, quando o Rui falece. E o porto seguro dele também era o Omir. Omir era o capoeiro do Rui e era quem fazia todo o trabalho de magia. Ele que tocava. Eles ficaram muito amigos, o Dauro e o Tomé. E tudo que tinha que se fazer ele corria lá. E como a questão do trabalho era uma demanda muito grande para ele, ele acaba se afastando um pouco, mas entre aspas, porque tudo que ele precisava e gritava, a gente aí lá na FOA. De noite, de madrugada. Preciso entregar um peixe. Fazia-se o peixe e se levava lá FOA para o Dauro entregar um peixe. E se ele só podia depois de 11 horas da noite, se fazia. E quando ele não podia ir lá no centro, eu entregava lá para ele.

Vendo hoje o que o Dario faz, que também não é de esquecer essa questão do Zé Mulato, e ele fala que tem uma fé nisso aqui e foi o que o meu pai me ensinou. Dauro conseguiu implantar em pelo menos um filho essa fé. Mas tem uma outra, eu tive pouco tempo de convivência com a Andreia. Logo que ele ficou doente ela resolveu dar uma passada lá no centro e o Dario a leva lá. Ela entrou e a primeira coisa que ela falou, sem me conhecer e sem me cumprimentar. Eu estava do lado do Dario. Eu conheci a Andreia porque a gente cuidava muito das coisas dela, virava e mexia ele falava que precisava fazer um negócio para ela. E aí todo mundo ia fazer as coisas para a Andreia. E aí, a primeira coisa que ela falou foi: meu pai fala que tudo que ele tem hoje ele deve a isso aqui. E eu fiquei impressionado com a aquilo.

Têm pessoas que são gratas e têm pessoas que não são gratas. A nossa religião é difamada de tudo quanto é jeito. E a gente ouvir isso que a Andreia falou. Isso são coisas que eu não perco. Eu não perdi isso por quê? Por ter uma história, lá de cima. Eu ouvia tudo isso dele. O centro é uma história. A gente tem ali pessoas que ganharam tudo e perderam tudo porque não souberam manter e o merecimento.

Todo mundo sabe que o Rui era avesso à religião. Ele não gostava de receber espírito, ele não gostava de nada. Ele tinha lá os seus amigos e tudo começou naquela brincadeira de copo. Numa reunião de amigos. Tudo começa ali. E dali foi a primeira aparição da mediunidade dele. Daí para frente, arrumaram um lugar, Pai Cambinda, o

preto velho do Rui, começou a aparecer, ele foi dar os atendimentos. O Zé Mulato era o exu do Rui. E ele tinha o caboclo que era o Vira Mundo. O Vira Mundo era um caboclo chucro de tudo, não falava nem nada, mas todo mundo conta que era uma energia. Quando ele chegava, caía um para um lado, outro para outro, porque ninguém aguentava aquilo. Ele era o que colocava respeito na casa, porque ele era muito bravo. Então ninguém brincava com ele. Tem várias histórias que o pessoal contava que quando acontecia alguma coisa fora, quem resolvia a questão era o Vira Mundo.

A mediunidade do Rui começa coma brincadeira de copo e para lá vem se aflo-rando, até Pai Cambinda chegar e começar a dar atendimento na casa de um, na casa de outro, e quando ele vê, a gente costuma dizer que ele estava igual ao Chico Xavier, quando ele viu, ele já tinha fila de pessoas atrás dele e ele não queria aquilo. Porque ele trabalhava muito, ele tinha o vício do jogo, e não gostava daquilo.

Muitas das vezes ele queria ficar na farra só que as entidades dele o pegavam aonde ele estivesse e levava para o centro. Muitas das vezes ele já chegava lá incorporado com o Vira Mundo. Dia de sexta-feira, foi feito para ele um quartinho, do lado do centro. Ele chegava, subia, tomava o banho dele e lá ficava até na hora da seção. Ele só descia quando cantava para o Vira Mundo. Ele descia, pegava o caboclo, acabava a seção ele entrava, trocava de roupa e ia embora. E nessa condição toda é onde entra o pai da Fabíola, o Omir Tomé. Ele pega aquilo tudo e começa a carregar praticamente aquilo tudo nas costas. Não que não tenha tido gente lá com capacidade, mas ele é que carregava tudo.

Tanto é que quando o Rui falece, dá um racha no centro, todo lugar tem isso, não é privilégio de ninguém, ele pega as coisas dele e fala que vai embora. Ai o exu dele vem, pois ele tinha o assentamento dele lá, naquela briga danada, o exu pega aquilo tudo, joga no chão e fala que ele não precisava de nada daquilo ali. Porque ele era espírito e não precisava nada daquilo e vai embora. Ele pega as coisas dele, junta tudo e vai embora do centro também. Só que passa um mês e ninguém está conseguindo tocar o centro. E ai eles o chamam de volta. E quando ele volta, ele volta no auge dele e tudo flui novamente como era antes, na época do Rui. Aí quem não gostava dele vai embora e ele fica ali muito tempo e dá continuidade ao trabalho. O Dauro pegou essa transição toda. Ele viveu o auge do Pai Cambinda no Rui e viveu o auge do Omir também.

Tem uma história interessante do Rui. Ele foi convidado para fazer uma palestra no Filhos da Luz, em Barra Mansa. Ele estava no auge dele. Ele começou a fazer a palestra e o Pai Cambinda veio. E ele começou a falar como o preto velho e o dirigente da mesa pediu que ele se retirasse. Que ali não era lugar disso. Ele simplesmente desaparece e começa a falar iguala um doutor. Quando se dá o final da palestra, ele muda o tom de voz, e fala “louvado seja nêgo” que era o bordão dele. Quem fez apalestra? O Pai Cambinda. Disse que ficou todo mundo de boca aberta. Existe um preconceito muito grande entre o kardecismo e a umbanda e o candomblé. Hoje em dia muitos

tentas querer colocar no mesmo bolo, mas não é. Umbanda é a Umbanda; Candomblé é Candomblé e Kardecismo é Kardecismo. Nós tínhamos pessoas de outros centros que iam lá no centro querer doutrinar. Vocês não precisam de fazer isso, não precisam de farinha com dendê, não precisam de farinha com cachaça e não precisam acender vela. Eu mesmo bati de frente com muita gente ali dentro do centro quando começaram a querer tirar uma tradição, que não foi feita por nós, vem dos antepassados. Como é que vou tirar isso daqui de quem mandou fazer. A gente sabe que esse pessoal não concorda com o que a gente faz.

Dauro entra no centro na época que ele tinha o cartório. O centro é da década de 1950 e ele deve ter entrado na década 1960/1970. Antes dele ficar muito atarefado, contam que ele era assíduo demais. Nunca faltou uma seção, só mesmo quando tinha compromissos importantes e inadiáveis. O Dario tenta manter isso hoje. Ele tem as coisinhas dele lá e sempre que pode manda avisar que está indo. Que bom que ficou alguém que tem uma continuidade do Dauro. Isso não é bom só para o Dario, mas para o Dauro também: eu plantei uma coisa e sei que tem alguém me fortalecendo de alguma forma. Porque o espírito permanece, para quem acredita.

Eu comecei meu contato com o Dauro, na época que eu estava chegando lá. Eu era cambono e não tinha tanto convívio próximo. Era muita gente antigamente. Omir foi a pessoa que conviveu com o Rui a vida inteira. Eu só acredito naquilo que ele me falava. Aprece muita gente se passando pelas entidades, enfim, muita gente fazendo palhaçada ai.

O centro começa nessa residência e vai só tomando proporção maior. Ele já foi na Rua Três de Outubro e depois eles partem para aquele pedaço ali na Cotiara. Alguns terrenos foram doados. Um pela família Camargo, onde está a sede do centro hoje, e o restante o centro foi comprando em volta. E logo quando ele é fundado, vem o colégio primário que funcionou por 45 anos ali, naquelas salas. Tirando a cafua e aquela parte de baixo, o restante era o colégio. Quem mantinha o colégio era o centro em muitas coisas. E tinha um convívio muito bom lá no passado. Eu ainda peguei esse convívio. Depois foram trocando o governo, entra um e sai outro e foi acabando. Mas o centro manteve o colégio lá por muito tempo. Em tudo: manutenção, merenda, conta-se que até profissionais o centro manteve.

E tinha essa relação da FOA com os profissionais, que atendiam lá, porque tinham três consultórios. Profissionais da odontologia e outros que atendiam as crianças do colégio e da Cotiara. Nós passamos todos os sábados da pandemia entregando sopa, acolhemos o bairro e o que sofremos de perseguição. E agora está proibido distribuir alimento em Barra Mansa. A única que pode distribuir alimento é a Matriz. Só a Igreja Católica. No auge da pandemia era muito difícil. Não tinha nada. Vimos que algumas igrejas evangélicas e o pessoal da Universal que distribuía no centro da cidade. E os bairros? Descobrimos que tinha uma rua na Siderlândia onde foi o lixão, e o pessoal

da capoeira conhecia lá e dizia que a situação era crítica. Saíamos com 700 marmitex de sopa, por sábado. O Dario fez uma conta que dava mais de mil marmitex por mês. Fomos fazendo sem contar e quando se viu estava nessa proporção. Tivemos que parar pois não tínhamos mais condição. Ou faz bem feito ou não faz. E fazer caridade não é para qualquer um. Porque se você pegar, vai até o fim. O pessoal começou a desanimar no meio do caminho. Paramos também porque as coisas ficaram tão caras que podíamos nos endividar e aí mesmo que não atenderíamos ninguém. E logo em seguida veio a Prefeitura proibindo. E a gente atendia o abrigo da Prefeitura também. No Santa Rosa e na Siderlândia.

Tudo que tinha da FOA lá dentro não existe mais. Quando Dauro estava vivo a gente veio conversando muito e logo ele ficou doente e essa conversa se perdeu no caminho. Ele queria e fez pressão para que a gente voltasse com os gabinetes odontológicos e com os atendimentos. Pedro, vamos fazer! Vira e mexe eu converso com o Dario para a gente voltar. Temos uma casa lá no terreno, que pertence ao centro e que foi emprestada, no passado, para a avó do rapaz que hoje mora lá. Fizemos um comodato com essa senhora, que enquanto ele estivesse viva ela poderia morar ali. Ela foi tendo filho, neto e foi ficando. Mudamos por orientação que enquanto ela vivesse o rapaz podia morar lá. Agora morreu todo mundo. Essa casa se quer transformá-la num centro de atendimento psicológico, porque depois da pandemia a saúde mental deteriorou, e tenho visto lá no centro, a cada sexta-feira, vai piorando. Tem muita gente com problemas psicológicos. Temos médicos que mandam gente para lá.

Ter o Dauro como exemplo de fé e referência. As pessoas chegam perdidas. Teve quem chegou e disse que não tinha mais condição de viver e queria se matar. Você imagina, eu sabendo de tudo isso da história do Dauro e do sr. Jonas, um exemplo melhor ainda, eu sabendo disso tudo eu ter munição na mão para ajudar a essa pessoa. Esse exemplo que eu falo dele é que ele me deu munição para trabalhar. Eu tenho como conversar com qualquer um que esteja passando por uma dificuldade, por um problema, e com essas histórias dele poder ajudar a essas pessoas. Poder contribuir para que elas saiam desse casulo e possam enxergar de uma outra forma a vida aqui fora. Eu já fiz isso. É o que eu sempre faço. A cada um que chega desanimado eu falo que temos histórias aqui que podemos colocar para vocês e mostrar que a vida não é dessa forma. Que pode ser de uma outra forma. Tudo isso pode mudar e tem jeito, basta ter fé. E é o que a gente tem.

Tem os que falam que somos malucos porque acreditamos no que não vemos. Para a nossa religião tudo é mais difícil. Semana passada eu cheguei num lugar e alguém falou comigo assim: Pedro, somos 40 loucos aqui dentro que está fingindo que está incorporando alguma coisa. E como esse pessoal de fora vê a gente? Tem gente fingindo ali com alguma coisa na cabeça. São 40 loucos! Então, essas histórias do Dauro para mim são munição! Que eu vou carregar para sempre, para trabalhar e mostrar para outras pessoas que é possível. A nossa religião faz transformações. A fé dele hoje

é a minha fé. E não troco por nada. Da mesma forma que ele sempre falava: eu não troco por nada.

Uma vez que estivemos lá no escritório dele e que ele começou a receber os evangélicos, eu cheguei lá. Foi logo quando a Fabíola foi fazer a entrevista com ele para o mestrado dela. Eu olhei em cima da mesa dele e estava o símbolo do Zé Mulato. Ai eu falei: mas o senhor não é crente agora? Ele respondeu: lá é a minha política, porque para mim é esse aqui – apontando para o Zé Mulato – que manda. E ele ria! Isso ai a gente sabia que ele tinha que fazer, ele nunca fez nada escondido.

Eu já conversei com o Dario que quando fosse inaugurar o nosso Centro de Apoio lá eu queria dar o nome dele. Era só mesmo para fazer uma homenagem para ele, pelo o que ele fez ali dentro e o que significou para a casa. Uma fé dessa não se encontra em qualquer lugar. Eu falando dessa forma, a munição que eu tenho na mão para cuidar dessas pessoas que chegam lá desiludidas, imagina a gente com um Centro de Apoio que possa ajudar dessa forma, fazendo essa homenagem para ele. Esse Centro daria o apoio psicológico e o espiritual, porque a gente tem que trabalhar junto. As pessoas que chegam lá e precisam de um apoio que não têm aqui fora, a gente vai ter lá dentro.

Quando o Omir fica doente, que começa a ter o famoso racha para quem vai tomar conta, chega um pessoal de fora e começam a ditar as ordens. Na época eu já fazia parte da diretoria como diretor social. Eles começam a ditar as ordens e ali tem o racha. Porque o Centro já não estava ficando mais como era, já não era a tradicional Tenda Espírita Pai Cambinda, ele já tinha mais alguma coisa misturada. Já tinha seções separadas, jogo de cartas, várias coisas que não faziam parte do nosso histórico ali. Houve um racha na diretoria. Éramos 10 e ficou cinco para cada lado. Começou o embate e na época eu fiquei do lado do presidente e nós começamos a trabalhar para que o Centro não caísse. Não perdesse a sua identidade. Omir já não tinha mais condição espiritual porque já estava muito debilitado de saúde e já não tinha mais como trabalhar. Na verdade, ele foi influenciado por outras pessoas, quem que não quer um negócio daquele tamanho lá. E a gente via que aquilo ali, hoje, é uma mina de dinheiro, para quem souber administrar, mas que não é a nossa ideia. A gente mais gasta que ganha. Chegou um povo lá que só queria fazer tanto por mês. Vindos de um Centro em Bananal, onde tinham brigado lá também. Eles queriam pegar cada um uma sala, já que a escola tinha saído, para arrecadar dinheiro no trabalho. Os nossos atendimentos são todos gratuitos. É mantido pela mensalidade do pessoal, o que é muito complicado. O que nos mantém hoje é o samba. Uma vez empata, uma vez dá renda, outra não. Mais nada é cobrado, a não ser que a pessoa tenha que fazer alguma coisa a gente pede para ela levar o material. Consulta não é cobrada. E foi nessa época que eu me torno presidente do Centro, no meio desse furdunço. Ninguém batia de frente com o Omir e eu era genro dele. Foi um momento difícil. A ideia não era tirar ele do Centro, mas tirar essas pessoas que o estavam influenciando. Voltar com o Omir para o lugar dele, que era o direito dele como pai de santo, só que no meio do caminho o restante da diretoria

se perdeu. Porque já não queriam mais ele de volta. Ai ficamos eu e Fabíola sozinhos. Imagina o problema que eu arrumei para a minha cabeça. Mas tudo tem um por quê. É a tal da fé.

Nessa época o seu Dauro entra nessa história aí. A gente começa a procurar essas pessoas que tinham mais contato com o Omir. A gente conta as histórias e elas diziam: não, isso não pode acontecer. Até porque, elas queriam o Centro como ele era. A gente vai conversar com o Major – Jonas – e com o Dauro, que vão lá conversar com o Omir. E acaba que ele nos orienta a cumprir o estatuto. Que era dar o lugar de direito ao Omir. Acabou que todos ficaram do nosso lado, chamamos uma assembleia, fizemos a reunião e ele me falava assim: eu falei que eles iam te ferrar, que ninguém aí é confiável. E eu respondi: da mesma forma que eu ajudei a tirar o senhor daqui eu vou colocar o senhor na cadeira de volta. Ele disse: duvido que você vá conseguir. Todos votaram a favor dele como Pai de Santo, mesmo aqueles que era contra ele voltar. Ao acabar a reunião eu fechei a ata e levei para ele dizendo: olha, o que eu prometi está aqui. Foi um aprendizado e aonde corremos para buscar orientação foi nessas pessoas, inclusive no Dauro.

Tudo deu certo. Foi resolvido na paz e a gente conseguiu manter a tradição do Centro. O Centro hoje não tem nada de diferente. É pé no chão e luta para manter. A gente não tem o hábito de deixar todo mundo que chega já trabalhar. A gente seleciona o médium se ele estiver realmente pronto para trabalhar. Pronto para dar atendimento. Caso contrário, não dá atendimento. Pode ter 100 pessoas lá fora e ter cinco médiuns lá dentro trabalhando e a se ter vinte incorporados. Só os cinco vão trabalhar.

A Patrícia chega nesse momento. A casa dela de candomblé continua lá na Santa Clara e eu costumo dizer que uma coisa completa a outra. A Patrícia foi criada dentro da Umbanda, porque a mãe dela era umbandista. Elas eram lá do Xangô Agodô, que era o Centro mais antigo de Barra Mansa, que tinha li na Boa Sorte. Ela chega ali porque lá no Centro tinha um senhor, o Paulinho, que também frequentava a casa dela lá. Ele era Ogan lá. E ele foi cambono do Rui, do Pai Cambinda. E era muito amigo do Omir. Era gente da casa. O pessoal ali sempre estava misturado e ele já conhecia a Patrícia. E quando dá esse furdunço todo, o Paulinho já entra conversando, apaziguando e chega um dia da obrigação do Zé Mulato e ele já não estava mais na condição. Estávamos mais para o lado de lá e eu precisava fazer essa obrigação e me perguntei com quem iria contar. Eu disse que ia fazer a obrigação do Zé Mulato. Patrícia ouviu e disse que ia me ajudar a fazer a obrigação. Eu pensei, será que ele vai concordar? Fomos então conversar com ele. Até então, cumprindo as determinações do que nós fizemos, o centro ainda estava fechado. Ele concordou. Foi a única que ele aceitou. Quando o centro estava fechado, todo dia chovia um pai de santo lá na porta. Ele botava todo mundo para correr. Ele aceitou a Patrícia. Fizemos a obrigação do Zé Mulato e daí para lá ele foi dando para ela como ele queria que fizesse as coisas. E estamos lá até hoje. Tocando do mesmo jeito, não mudou nada.



Dauro Aragão e Pedro Rogério na residência do Dauro



Altar principal da Tenda Espírita Pai Cambinda



O peixe na Tenda Espírita Pai Cambinda



Retrato do Sr. Zé Mulato - Tenda Espírita Pai Cambinda



Juliana Aragão na Tenda Espírita Pai Cambinda - Na parede o retrato de Rui Andrade

# Depoimento Rafael Lima Ribeiro

## Caricaturista do Dauro

Conheci o Sr. Dauro Aragão em 2004, logo após ser contratado para trabalhar na Divisão de Comunicação e Marketing da FOA, substituindo uma agência de publicidade. No início, minhas responsabilidades se concentravam em criar artes e campanhas, mas logo percebi que haveria muito mais a aprender e vivenciar ao lado daquele que comandava a Instituição.

Entre uma arte e outra, eu era frequentemente convidado pelo responsável do setor a apresentar as campanhas publicitárias para a aprovação do presidente. Nessas ocasiões, pude conhecer mais de perto o Sr. Dauro. Ele não era apenas o líder da FOA, mas um homem multifacetado, com um passado rico e histórias que poderiam preencher livros. Descobri que já havia sido dono de um jornal e, curiosamente, escrevia o horóscopo, embaralhando as orientações de cada signo como uma brincadeira astuta.

As conversas com o presidente eram sempre um misto de aprendizado e diversão. Ele compartilhava histórias de sua boemia, contando sobre os encontros animados com amigos no antigo restaurante Casarão. Além das memórias, falava com entusiasmo dos planos de expansão da FOA, sonhando em transformar o Campus em Três Poços em uma verdadeira cidade universitária.

Dauro era uma combinação singular de bom humor e seriedade. Muitas vezes, os “trovões” saíam de sua sala, sinalizando que não era um momento adequado para fazer pedidos. “Hoje não é um bom dia...”, sussurravam os que saíam com alguma negativa. No entanto, mesmo em dias difíceis, quando eu tinha uma boa proposta de comunicação, ele a ouvia e, se fizesse sentido, aprovava. Sua capacidade de equilibrar racionalidade e temperividade era uma marca de sua liderança, uma qualidade que distingue os grandes líderes.

Ele possuía a habilidade de enxergar oportunidades onde ninguém mais via. Em mim, ele não viu apenas um criador de artes e ilustrações, mas um potencial gestor. Dentro da FOA, tive a chance de implementar mudanças positivas em diversos setores, sempre aceitando os desafios propostos por ele. Vi sua generosidade em ação inúmeras vezes, embora também tenha recebido puxões de orelha que, apesar de dolorosos, foram lições valiosas para meu crescimento profissional e pessoal.

Hoje, ao olhar para o legado que Dauro Aragão deixou, reconheço a importância de cada uma de suas lições. Aprendi a equilibrar as nuances de temperamento, mantendo o foco no crescimento da Instituição e no desenvolvimento de todos que dela fazem parte. O Sr. Dauro me ensinou que liderança é mais do que comandar; é saber inspirar, corrigir e, acima de tudo, ver o potencial nas pessoas ajudá-las a alcançar, como ele fez comigo.



Caricatura do Dauro feita pelo Rafael



Cartaz feito pelo Rafael com os famosos bordões do Dauro

## Depoimento de Maria Helena de Paula Almeida

Falar do Dauro é falar sempre no superlativo, já que tudo que fazia era em um caráter de excelência. Não poderia ser diferente nossa amizade que tantas memórias boas deixaram. A ele somente gratidão pela oportunidade de me recolocar no mercado de trabalho, sobretudo num lugar abençoado, onde desempenhei a função de prefeita do campus João Pessoa Fagundes, que me proporcionou muita satisfação profissional e pessoal.

Ele ficava maravilhado com meus quitutes (o famoso rissoles, recheados de muito tempero e bastantes pimentas), como ele sempre apreciava e não dividia com ninguém. Ele era assim. Mas dono de um coração maior que o mundo. Sinto-me privilegiada por ter convivido com este homem que nos deixou um belo legado.



Dauro Aragão e Maria Helena de Paula Almeida

## Depoimento Vera Cristina Marczuk

Meu amigo e cunhado, Dauro.

Falar sobre você é uma tarefa desafiadora, pois as palavras parecem me faltar quando tento expressar tudo o que você representa. A sensação mais forte que me invade é a gratidão profunda, por ter tido o privilégio e a honra de compartilhar momentos ao seu lado, aprendendo com sua sabedoria e presença.

Poderia começar exaltando a coragem que sempre demonstrou, uma coragem digna de um grande homem que enfrentou e superou todos os desafios que a vida lhe apresentou. Não foi apenas uma coragem física, mas uma força interior que lhe permitiu continuar em frente, mesmo quando as adversidades pareciam insuperáveis. Você foi um exemplo vivo de perseverança, nunca se deixando abater, sempre encontrando um caminho, uma solução, uma nova forma de encarar os obstáculos.

Também poderia falar sobre a esperança que você inspirou em tantas pessoas. Com seu jeito generoso e visionário, você ajudou muitos a acreditarem em seus sonhos, a enxergarem possibilidades onde antes só havia limitações. Seu impacto na vida dessas pessoas é incalculável, pois você não só ofereceu apoio, mas também acendeu a chama da confiança e da fé no futuro. Graças a você, muitos encontraram força para lutar por seus objetivos e realizar seus sonhos.

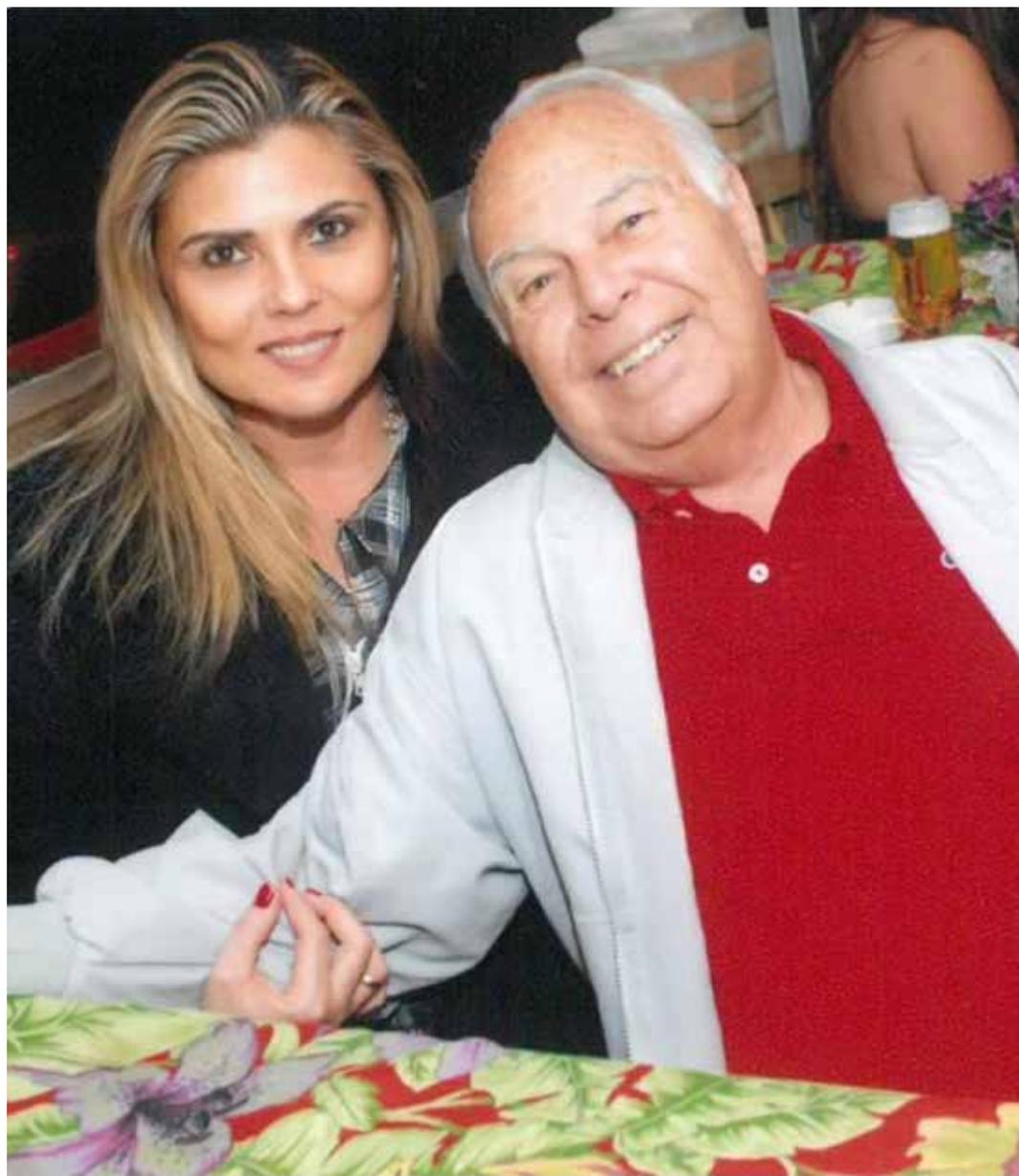
Seria justo, ainda, mencionar seu papel como homem público, um verdadeiro líder que dedicou sua vida ao progresso do município de Volta Redonda. Você sempre trabalhou com dedicação e honestidade, buscando o bem comum e o desenvolvimento da nossa comunidade. Seu legado nessa área é notável, e o município certamente é um lugar melhor por causa de suas contribuições.

Contudo, mais do que tudo isso, o que desejo destacar é a sua simplicidade, uma característica que tocou profundamente todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo. Essa simplicidade vinha acompanhada de uma honestidade transparente, que se refletia em cada decisão que você tomava. Sua receptividade sempre evidenciou o quanto você era acessível, generoso e autêntico em suas relações.

Hoje, ao recordar sua memória, sinto que você não apenas viveu, mas iluminou a vida de todos ao seu redor com seu brilho singular. Que essa luz, agora transformada em estrela, continue a brilhar intensamente no céu, guiando-nos e inspirando-nos, e que você permaneça nos braços de nosso Pai, onde certamente está em paz.

A saudade é imensa, mas a gratidão por tudo o que você foi e fez é ainda maior. Seu legado de bondade, coragem e simplicidade continuará vivo em nossos corações, e sua presença, ainda que ausente fisicamente, estará sempre conosco, iluminando nossos caminhos.

Com todo o meu carinho e respeito.



Vera Cristina e Dauro



Os cunhados Dauro e Vera Cristina

## Depoimento Rejane de Almeida dos Santos Dias

Querido Sr. Dauro Aragão.

É com o coração cheio de saudade e gratidão que escrevo estas palavras em sua memória. Desde 1998, quando comecei a trabalhar na sua casa, o senhor e dona Sonia me acolheram como parte da família. Esses mais de vinte anos ao seu lado trouxeram experiências inesquecíveis e um aprendizado que levarei para sempre.

O senhor sempre me chamava de “Rejana”, uma forma carinhosa e única, que me fazia sentir ainda mais próxima de vocês. Nossa rotina diária, especialmente durante as refeições, é algo que guardo com muito afeto. Seu Dauro, como todos sabiam, amava apreciar um bom prato, somado ao fato dos vários amigos que ele cultivava e acabava recebendo algumas guloseimas: como a leitoa à pururuca enviada pelo seu amigo Evandro Vigas, que também mandava pasteis. Recebia da querida Maria Helena rissole, com bastante pimenta. Da Neiva ele recebia quentão e paçoca em época de festa junina e da Amélia rebanhada, ou seja, comidas não exatamente saudáveis. Mas seu Dauro já tinha uma estratégia: quando estávamos próximos do período de realização dos seus exames médicos, ele chegava na cozinha e dizia: “Rejana, regime!”. A partir dali até o dia dos exames eu precisava preparar refeições mais saudáveis. Ele dizia que assim seus resultados dos exames saíam um pouco melhor e o médico não lhe chamaria à atenção.

Preparar refeições simples que ele tanto apreciava, como um bom café da manhã ou um almoço caseiro, era um prazer. Os momentos compartilhados à mesa, com conversas leves e risadas, são memórias preciosas.

Seu gosto pelos prazeres simples da vida sempre me encantou. O senhor apreciava um bom livro, um café bem feito e, claro, a companhia de seus queridos pets, os filhinhos. Ver a sua dedicação e carinho com eles era inspirador. Em meio às exigências do dia a dia, o senhor sempre encontrava tempo para dar atenção e cuidado a todos ao seu redor.

A sua generosidade e preocupação com minha família foram além do que eu poderia imaginar. Ele não apenas me proporcionou um emprego estável, mas também ajudou a garantir um futuro para os meus filhos. Graças ao seu apoio, todos eles conseguiram emprego e puderam se desenvolver, construindo suas próprias vidas e carreiras. Essa ajuda foi inestimável e mudou completamente as nossas vidas.

O senhor sempre foi um homem sério nos momentos certos, guiando-nos com sabedoria e firmeza. Mas também sabia ser incisivo quando necessário, ensinando com clareza e decisão. Sua capacidade de equilibrar seriedade e gentileza é uma das muitas qualidades que admiro profundamente.

Hoje, ao olhar para trás, vejo o quanto o senhor foi importante na minha trajetória. Cada dia ao seu lado foi uma lição de vida, de humildade, de trabalho árduo e de amor ao

próximo. O senhor é um exemplo de integridade e bondade e eu sou eternamente grata por tudo o que fez por mim e pela minha família.

Senhor Dauro, sua partida deixa um vazio enorme em nossos corações, mas suas lembranças, ensinamentos e gestos de bondade permanecerão vivos para sempre. O senhor fez a diferença na vida de todos que tiveram a sorte de conhecê-lo, e eu sou eternamente grata por ter tido o privilégio de estar ao seu lado.

Com todo o meu carinho e saudade.



Rejane com o casal Dauro e Sonia no dia do casamento deles



Rômulo Marczuk Schettino, Dauro com Mel no colo e Rejane Dias



Dauro e Rejane: vinte anos de amizade

# Depoimento Davi Fideles de Oliveira

## Enfermeiro de Dauro Peixoto Aragão

Conheci o Sr. Dauro por meio de um amigo que já trabalhava com ele chamado Nerielson, numa tarde do mês de Setembro de 2020. Recebi uma ligação desse amigo, que me perguntou sobre minha disponibilidade para trabalhar para um paciente em sua residência, porém não me deu muitos detalhes. No primeiro momento disse que iria verificar, pois no momento eu estava trabalhando em uma outra empresa e neste caso eu precisaria abrir mão daquele vínculo, pois os plantões com o paciente seriam de 24h. Disse a ele que iria pensar um pouco e daria a resposta no dia seguinte. Pouco tempo depois ele me liga novamente e diz: já falei sobre você com o paciente e ele quer te conhecer pessoalmente para conversar e que já procurou saber sobre você na faculdade. Eu assustado perguntei quem era o paciente e como ele soube de mim. Logo em seguida Nerielson deu uma risada e me respondeu: Dauro Peixoto Aragão. Nesse momento eu respirei fundo meio apreensivo e respondi podemos marcar de conversar, mas claro com várias coisas passando pela minha cabeça, pois afinal eu sabia quem era Dauro Aragão pelas suas várias histórias que eu ouvira no UniFOA, onde na época eu era apenas um aluno cursando o quarto ano de graduação em enfermagem.

Marcamos de nos encontrar uma semana depois na casa do Dauro e ao chegar lá fui recebido por Dona Sônia sua esposa, sua neta Emanuelle, meu amigo Nerielson e claro Dauro com imenso sorriso falando você que é o famoso “Davi”! Eu ri sem graça e falei não sou tão famoso não. Conversamos por alguns minutos e descobri que eu iria substituir um de seus auxiliares ou como ele carinhosamente chamava “meus meninos”, pois o mesmo havia passado em um concurso público e precisava seguir outros caminhos. Ainda apreensivo com a responsabilidade de cuidar do presidente da Instituição onde eu estudava e substituir um profissional ímpar como o Vinicius, respondi a ele que eu precisava de dois a três dias para resolver algumas pendências. Ele riu e me disse: rapaz difícil, você tem duas semanas, resolve suas coisas com calma e assim que resolver faça contato comigo novamente, e assim eu fiz.

Pouco tempo depois, comecei a trabalhar na casa dele. No início com o apoio dos outros auxiliares que já trabalhavam com ele. Com o tempo percebi que Dauro era mais do que um paciente, principalmente pela forma como ele nos tratava, era um ser humano diferenciado e quando dizem que ele era um homem à frente de seu tempo, não é uma falácia para simplesmente homenageá-lo, pois a cada plantão que passávamos com ele e sua família era um novo aprendizado. Diversos foram os desafios que enfrentamos juntos durante o período em estive com ele. Dauro tinha uma personalidade forte, mas acima de tudo tinha um coração enorme e tomava diversas decisões com muita sabedoria. Aos poucos ganhei sua confiança, mas mesmo assim eu

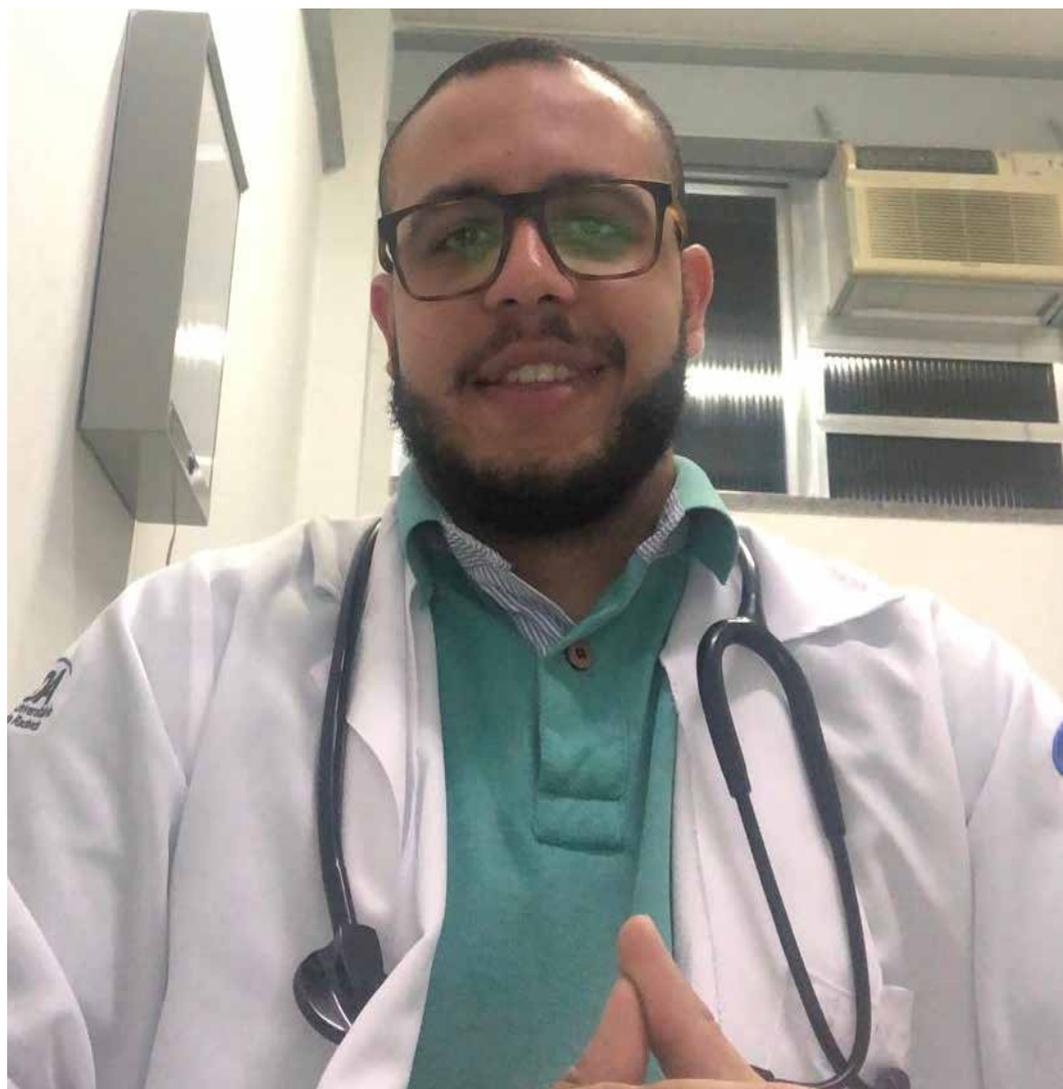
ainda perguntava ao Nerielson: “Nen será que ele gostou de mim e do meu trabalho?” E ele sempre me respondia se ele não tivesse gostado com certeza você iria saber(risos).

Dentre várias histórias vivenciadas com Dauro, algumas me marcam bastante até hoje. Em uma noite, eu estava de plantão e por volta das três da manhã ele acordou me chamando, parecia assustado, prontamente me posicionei na lateral de sua cama e perguntei o que estava acontecendo e ele disse: rapaz que alivio você estar aqui eu sonhei que estava aqui no quarto sozinho e que não conseguia me levantar. Eu disse: pode ficar tranquilo eu estou aqui, estou sentado aqui do lado da sua cama, pode dormir tranquilo, estou aqui se precisar pode me chamar. Imediatamente ele fala para eu acender a luz que ele queria ficar acordado e eu retorqui: “Sr. Dauro são duas horas da manhã, você precisa dormir para estar descansado para as atividades de amanhã”. Ele olha pra mim com um sorriso brincalhão e diz: “você vai ter que ficar acordado a noite toda, então eu também vou ficar com você, liga a luz e vamos conversar” e assim ele fez. Ficou ali por quase três conversando comigo sobre diversos assuntos, dentre eles sua trajetória, que por sinal é uma história incrível.

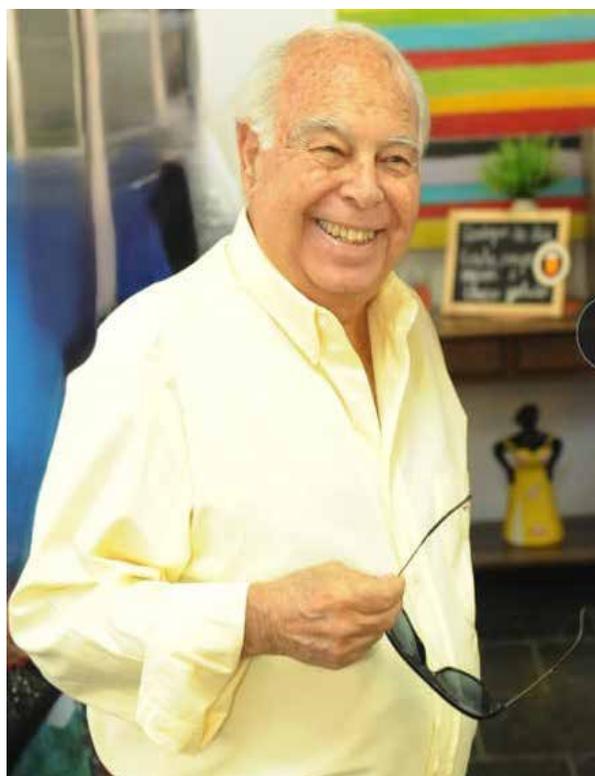
Em sua última internação hospitalar, me lembro de ter saído de sua casa no sábado pela manhã e ter me despedido dele como todos os dias dizendo “meu amigo estou indo embora, se comporta hein, pois breve estou de volta”. Ele sorria com essas brincadeiras, na parte da tarde desse mesmo dia recebi uma ligação pedindo para eu voltar, pois um dos médicos que administrava os cuidados ofertados a ele tinha solicitado que ele fosse levado ao hospital para realizar alguns exames, porém Dauro sempre era muito resistente a alguns tipos de cuidados ofertados e com um jeito brincalhão sempre tentava driblar os cuidados para não precisar ir ao hospital, tomar remédios ou ir ao médico. Nesse dia voltei à casa dele na parte da tarde e assim que cheguei ele perguntou: “ué você já voltou, hoje não é seu plantão?” Me lembro que ainda brinquei com ele falando que ele estava dando show para não ir ao hospital e que tinha ido assistir, ele riu e perguntou se eu iria com ele e eu disse que sim. E assim o acompanhei até o hospital. Nesse dia passamos pela recepção do hospital e ficamos aguardando para realização dos exames que definiriam se haveria internação hospitalar ou não, e ali ficamos conversando como fazíamos em casa. Por ser um figura conhecida e querida todos os que passavam por ali faziam questão de parar e o cumprimentar e perguntavam o que eu era dele e Dauro com seu jeito brincalhão em alguns momentos ria e falava é meu segurança eu seguro e ele me segura.

Dauro era um ser humano incrível e com um coração enorme sempre que via uma oportunidade ajudava aqueles que mais necessitavam, não só em questões financeiras, mas também os incentivando com suas vivências e história de vida. Acompanhá-lo durante esse período de sua vida foi uma oportunidade de desvendar uma pessoa que poucos conheciam verdadeiramente. A simplicidade dele era assombrosa junto ao seu jeito firme de resolver as coisas, havia um homem à frente de seu tempo e com uma mente ativa, que desbravou territórios que se expandem até hoje. Com sua partida

considero que não perdi um paciente, mas ganhei um amigo, sim um amigo de 89 anos com o vigor e a mente de um jovem e que permanece vivo na mente e nos corações de todos que com ele conviveram direta e indiretamente, permanecendo a gratidão pois hoje parte do que sou como profissional e pessoa foi influenciado pelos ensinamentos valiosos e oportunidades que ele me proporcionou.



Davi Fideles de Oliveira um dos “meninos” do Dauro



Davi e Dauro

# Depoimento Nerielson de Oliveira Meira

## Enfermeiro do Dauro

Em um dia comum, final de tarde, fui chamado por um amigo enfermeiro, Leonardo Schlinz, para acompanhar um paciente que havia acabado de internar e precisava de cuidados avançados por ter um quadro clínico com necessidade de monitoramento contínuo. Chegando ao hospital, fui recepcionado pela dona Sônia que logo me inseriu ao ambiente junto aos familiares e assim seguimos na primeira noite. Ao primeiro momento, me identifiquei muito ao ver que era mais um paciente que me oferecia desafios pela forma que se posicionava durante os procedimentos e assuntos aleatórios. Aos poucos fomos nos falando e partindo daí se formou uma amizade verdadeira pois, só depois do terceiro plantão que fui saber quem era meu paciente. O mais interessante de tudo é que eu não o tratei como “Dauro Aragão”, eu nem sabia quem ele era, o que fazia, apenas o conhecia como um paciente amigo, que me fez entender que dentro de cada momento, cada procedimento, cada noite mal dormida, sempre era possível olhar pela janela e ver que era possível agradecer por acordar mais um dia abrindo um “sorrisão” com um humor dizendo: “- mais um dia bonito pra alguém ter prazer em me conhecer”... seguindo de uma gargalhada única.

Talvez você ouça por aí a respeito do Dauro Aragão, das coisas que construiu... mas como um dos responsáveis por cuidar e promover o seu bem estar, posso afirmar que conhecer o ser humano Dauro Aragão foi muito além de uma profissão, foi uma oportunidade para a vida, pois ali, naqueles momentos, onde ele não tinha que se impor, não tinha que definir caminhos, não tinha que se expor a nada ... era somente o Dauro, um menino que tinha história, um menino que sacaneava, que falava besteiras, que usava o tempo de recuperação da própria saúde para transformar em brincadeiras, rindo de si mesmo, contando que as suas distrações o faziam passar vergonha por ser como era sem dever nada para a vida.

Certamente eu diria que ele foi um cara acima da média não só por chegar onde chegou acompanhado por gerações modernas, mas digo como ele começou e até onde conseguiu se manter praticando atos relacionados com o amor ao próximo de forma natural, que surpreendia em todo o tempo. Também podemos dizer que cada plantão era uma sessão de terapia, saúde e conhecimento, não para ele mas para nossa equipe, que precisava se conectar 24hs, dedicando ao máximo para manter todos os detalhes alinhados durante cada etapa. Com isso, pude contar com profissionais competentes que me ajudaram a mantê-lo todo esse tempo com a saúde preservada mesmo diante de tantas patologias. Ele costumava dizer que eu era o amuleto da sorte dele. Brigava comigo para acompanhar ele em todos os procedimentos, cirurgias e a desculpa que ele dava era que tinha medo do escuro. Era um fanfarrão, assim eu o chamava e no final de tudo, pouco antes de falecer ele me fez prometer que estaria com ele até o último momento e assim aconteceu.

Nossa parceria depois de 4 anos e meio, praticamente já era como melhores amigos, pois compartilhávamos momentos, ideias, conhecimentos, experiências familiares. Por final, eu entendi a diferença que ele fez na minha vida e que era mútuo o cuidado, já não era apenas enfermagem, ele também cuidava de mim com muita sabedoria e gentileza. O tempo passou e em uma noite bem agitada no hospital, me lembro que estávamos conversando e em alguns momentos ele se perdia nas palavras, comuniquei ao plantão da noite e em alguns momentos, com efeitos das fortes medicações, percebi que ele estava cansado, sua respiração estava bem diferente e com movimentos lentos ele me chamou, pediu pra segurar a mão dele e eu, entendendo o que estava acontecendo, elevei meus pensamentos a Deus, segurei a mão dele forte e disse para ele que estava tudo bem, que naquele momento ele podia descansar, que estava tudo bem, que a luz estava acesa e eu estava ali cumprindo o que foi combinado entre nós.

Daí então percebi que o olhar dele estava ficando distante, mais fixo e sem mais movimentos. Chamei a equipe do plantão e seguiram com o procedimento de acordo com o preconizado, preservando a vontade e integridade do paciente. Queria poder escrever cada detalhe desses anos que tivemos juntos, mas fico feliz de poder falar que O Sr Dauro Aragão foi um amigo que deixou saudades enormes além de um exemplo que quero seguir e um legado que vou passar para minha geração também. Assim foi meu amigo “fanfarrão” Sr Dauro Aragão!



Dauro Aragão e Nerielson de Oliveira Meira



Nerielson, esposa e filha com o Dauro



Dauro e Nerielson uma amizade feliz



Dauro e seus “meninos”: Nerielson, Cláudio e Vinícius

## Depoimento Sonia Maria Sabino Domingos

Enfermeira e ex professora do UniFOA

A turma de formandas do Curso Normal do Colégio Paulo Monteiro Mendes em 1969, fez o convite ao senhor Dauro Aragão para ser o patrono das 16 professoras formandas.

A escolha foi muito especial naquele momento em reconhecer e homenagear aquele que já moldava mentes e transformava vidas.

Para todas as formandas marcou profundamente suas palavras no discurso proferido em vencer os desafios; as dificuldades que iriam encontrar.

De fato, o maior de todos os desafios é a educação.

Parabenizando pela escolha da profissão!



Dauro entre as formandas Sonia Sabino a primeira à direita na primeira fila

# HOMENAGENS PÓSTUMAS



Sua presença trouxe luz às nossas vidas; sua ausência deixará saudades. Seu legado é o exemplo de amor, sabedoria e força que seguirá conosco para sempre.

# Culto ecumênico em homenagem póstuma a Dauro Peixoto Aragão

Auditório William Monachesi

FOA

12/02/2021

Locução de Edson Santos Ribeiro – Edinho





Abertura da cerimônia pelo Edinho

Olá irmãos e irmãs. Bom dia. Nós estamos hoje reunidos para prestarmos a devida homenagem a um homem que com certeza fez de sua passagem aqui na terra o Marco de Sabedoria, trabalho e realizações. A morte de nosso querido irmão Dauro Aragão enche-nos de tristeza e recorda-nos como é frágil, como é breve a vida do homem. Mas nesse momento de tribulação conforta-nos a nossa fé. Cristo vive eternamente e o seu amor é mais forte do que a morte. Por isso não deve vacilar a nossa esperança. O pai de misericórdia e Deus de toda consolação possa nos confortar neste momento. E eu quero recitar para iniciarmos os nossos trabalhos o Salmo 26 que diz assim:

“O Senhor é minha luz e salvação. A quem irei temer? O Senhor é o protetor da minha vida. De quem hei ter medo? Uma coisa peço ao Senhor e por ela anseio. Habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida para gozar da suavidade do Senhor e visitar o seu santuário. Ouvi Senhor a voz da minha súplica. Tende compaixão de mim e atendei-me. A vossa face Senhor eu procuro. Não escondais de mim o vosso rosto. Espero vir a contemplar a bondade do Senhor na terra dos vivos. Confia no Senhor, sê forte, tem coragem e confia no Senhor”.

Com esse salmo iniciemos os pronunciamentos dos representantes das denominações religiosas.

Convido o representante da maçonaria, maçom, professor Jorge Neves César, delegado litúrgico do Supremo Conselho do Brasil, grau 33, para o rito escocês antigo e aceito no Sul Fluminense em Volta Redonda.



Professor Jorge Neves César

“Bom dia, senhoras e senhores. *Laudo lauden te* – louvemos a Deus. A glória do grande arquiteto do universo. Como é bom e agradável vivermos em união. Sidarta ou Buda, em seus ensinamentos evidencia que em nossas vidas a mudança é inevitável. A perda é inevitável. A felicidade reside na nossa adaptabilidade de sobreviver a tudo que é desagradável. Dito isto, desde o século XIX, a Delegacia Litúrgica do Estado do Rio de Janeiro, jurisdicionada ao supremo conselho do Brasil do grau 33 para o rito escocês antigo e aceito no Sul Fluminense, em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Instituição Maçônica de caráter ini-

ciático, filosófico, educativo e filantrópico. Lúgubre com o fim da existência terrena do Dr. Dauro Aragão, apresenta-se neste culto em louvor à memória de Dauro Peixoto Aragão. O Dr. Dauro. Maçon. de escol, ser humano notável, brilhante, de inúmeros feitos, instituidor a FOA – Fundação Oswaldo Aranha. Iniciado na loja Maçônica Independência e Luz, número 301, em Barra Mansa, em 30 de outubro de 1960. Filho de Dario Aragão, igualmente iniciado em Barra Mansa, em 21 de fevereiro de 1922. Onde tornou-se venerável mestre por nove mandatos no período de 1924 a 1936; e cinco de 1940 a 1945. E neto de João Antônio Costa Aragão, iniciado em São Paulo e filiado à Barra Mansa, em 2 de maio de 1891, onde ocupou o veneralato por três mandatos: 1916/1917; 1918/1919 e 1920/1921. As realizações terrenas do Dr. Dauro Aragão no contínuo em 7 de fevereiro sofreu um descontínuo, mas as ações dele vivem, são eternas como é a natureza. Apenso à sua carreira de sucesso. Finalizando, deixo o pensamento de Victor Hugo: “ A vida não passa de uma oportunidade de encontro. Só depois da morte e da junção os corpos apenas tem prazo e a alma tem o enlace. Adeus Dr. Dauro. Isso não é uma despedida, é uma entrega nas mãos de Deus aquilo que nós não podemos mais cuidar. Muito Obrigado.”

Convidamos o representante espírita

Dr. Walter Luiz Moraes Sampaio da Fonseca.



“Bom dia a todos os presentes nesse auditório. Os que nos veem à distância e aos que estão em outra dimensão. Bom dia a todos e que a paz esteja em todos os corações. Estamos reunidos aqui para um até breve ao nosso querido irmão, amigo e presidente da

FOA, Dauro Peixoto Aragão. É um momento de saudade da sua presença física, entre nós. Do seu sorriso acolhedor, e do seu humor fino e perspicaz. Para nós, membros da família FOA/UniFOA é um momento de muita saudade da sua condução firme e sábia dessa casa de ensino. O espiritismo não considera esse momento um adeus definitivo, considera apenas um até breve, porque essa doutrina acredita na imortalidade do espírito. Esse espírito imortal, periodicamente encarna um corpo, num ciclo reencarnatório, e nesse momento esse espírito é chamado de alma. É essa a finalidade da reencarnação, pois é nesse período que a alma evolui. E aí nós encontramos a explicação do porquê da sucessão repetida. É para o nosso aprendizado e evolução como ser. Ao final do período reencarnatório, o corpo morre e o espírito é liberado para, em outra dimensão, assimilar o que aprendeu durante o seu estágio na crosta terrestre. Para nós espíritas o mundo é uma grande escola e parodiando eu diria que a Terra é uma FOA/UniFOA em dimensão mundial. A morte do corpo para conseqüente liberação do espírito atinge a todos. Todos dizemos que a morte é a única coisa certa da vida, mas nós nunca estamos preparados. Grandes e conhecidos escritores espíritas como Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco, são unânimes em dizer que gostariam de ficar mais um pouco vivendo na crosta terrestre. É o medo do desconhecido.

Os espiritualistas, não só os espíritas, mas todos os espiritualistas, sabem que os espíritos são imortais. Sabem que todos já tiveram outras encarnações. Mas ainda assim têm medo da morte. Mesmo sabendo e crendo na imortalidade do espírito o desconhecimento vem do fato que a nossa passagem não obedece a um protocolo rígido. Ao atingir o plano espiritual o ser é recebido de acordo com os seus méritos, por espíritos de pessoas que os antecederam. São parentes, amigos, pessoas que conviveram com ele. A acolhida certamente dependerá da postura adotada durante a vida do morto. Quanto mais se pratica o amor, a caridade, a compreensão, a tolerância, melhor será a passagem para o plano espiritual. Esse é o grande motivo para que todas as boas religiões sejam éticas e caritativas. O espiritismo é uma cultura de consolação que conforta os que permanecem no plano terrestre. O ser humano não sabe a data da passagem. Neste caso, só o Pai que está no céu é que sabe.

Durante o período reencarnatório, o homem e a mulher são submetidos à prova, que existe para o aprendizado. Quando a prova é superada com sucesso há a satisfação desse sucesso. Essa é a outra parte do espiritismo: a felicidade, a alegria, porque a doutrina não vê o sofrimento como uma prova insuperável, cada um prova tem uma solução individual e só se conhece após ser observada. Portanto, o aprendizado é sempre uma alegria.

Certamente o Dauro aprendeu muito nesse ciclo que se encerrou recentemente. Como prova, o sorriso sempre presente no seu rosto. Certamente ele está sendo bem acolhido com o mesmo acolhimento dado por ele a todos os que dele necessitaram. Fique em paz, irmão. Fiquem em paz familiares do Dauro. Fiquem em paz todos os seus amigos. Até breve, amigo.”

Convidamos neste momento para trazer a sua mensagem a Ialorixá Patrícia Cristina de Freitas da Tenda Espírita Pai Cambinda de Barra Mansa.



“Bom dia, senhores e senhoras. Bom dia irmãozinhos. Irmãos de fé, irmãos sem fé. Porque isso também a gente teve a oportunidade de aprender com o Sr. Dauro. Também quem não tem fé é irmão da gente. Durante o pouco tempo que eu tive a oportunidade de conviver com o Sr. Dauro, nós da Tenda Espírita Pai Cambinda, todo tempo aprendemos com ele. Aprendemos sobre diversidade, aprendemos sobre coragem, aprendemos sobre olhar, seguir, mas desde que com bastante segurança espiritual. Sr. Dauro teve um parceiro espiritual, Sr. Zé Mulato, seu Zé Mulatinho, seu Zé, que os dois caminharam juntos e certamente, seu Zé está esperando Sr. Dauro nessa despedida. Ficamos sem o corpo material do Sr. Dauro, mas sobrou em cada um de nós a sua coragem, a sua determinação e essa alma grandiosa que sim, é imortal. O corpo fica no terreiro, mas cada um dos filhos, cada um dos amigos, na sua grande obra e na sua grande passagem pela terra, vamos encontrar o Sr. Dauro. Doutor Dauro, vamos encontra-lo todos os dias. Ele não foi a lugar nenhum. A ancestralidade está ali. Próxima, muito próxima, que todos nós podemos sentir e perceber que não estamos só nós dentro desse auditório. Existem forças maiores nos guiando. As mesmas forças que guiaram este grande homem durante todo esse tempo, e vai continuar nos guiando e nos orientando.

A cada um de nós, a Tenda Espírita Pai Cambinda, fica conosco o agradecimento ao sangue maior, ao seu Zé Mulato, por ter nos dado a oportunidade de conviver com ele. Sr. Dauro foi um exemplo. O exemplo do que é ser diverso, do que é olhar na frente. E ele tanto olhou para tudo aqui na frente, que estamos todos nós aqui hoje, juntos. Com credos diferentes, com maneiras diferentes de enxergar a espiritualidade, mas é possível estarmos aqui, por conta dessa competência deste homem, que nos faz juntos, nos atraem, nos botam

no mesmo lugar. No lugar de irmãos. Ele entendeu tudo. Ele aprendeu. A ancestralidade está feliz com ele, tenho certeza disso, Hozana é maior na recepção, está contente com ele e ele certamente está bem recebido. A cada um de nós rogar às forças maiores, que o despertar dele seja tranquilo, que seja sereno, porque nós entendemos que sim, sua missão foi cumprida. Para nós resta um até breve Sr. Dauro, espero me encontrar com o senhor, acho que todos nós.”

Convidamos para trazer a sua mensagem o representante evangélico, Bispo José Elias Gomes, da igreja Presbiteriana Viva.



“Bom dia, queridos. E que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com cada um de nós. É lindo um culto ecumênico, porque a gente ouve interpretações diferentes a respeito de um assunto e sempre aprende. Isso é muito lindo. Eu, como evangélico, tenho a Bíblia Sagrada e eu separei um versículo para a gente meditar nesta manhã. O que está escrito em capítulo primeiro Tessalonicenses versículo 13 e o apóstolo Paulo quarto capítulo versículo 4. O apóstolo Paulo falando a gente crê que é a palavra de Deus, Deus falando e dizendo assim: não quero porém irmãos que sejais ignorantes com respeito aos que morrem. Interessante. Deus quer que a gente saiba um pouco mais sobre a morte. A maioria de nós não tem muita intimidade com o assunto, nem quer saber, às vezes. A maioria de nós não gosta nem de falar sobre morte. Mas Deus está dizendo então que quer que a gente não seja ignorante acerca dos que morrem, acerca dos que partem daqui, é isso que o texto está dizendo.

Eu vou por umas coisas aqui que eu queria repartir com vocês nesta manhã, por causa deste texto da palavra de Deus. A primeira coisa que começa dizendo é que a morte não é o fim. Outros já falaram sobre isso. A morte não é o fim. Só que quem de nós não gostaria de viver um pouco mais. Basta ver as pessoas que estão congeladas esperando a

cura para as doenças que tiveram. Eram 16 agora dizem chegar a 250. Então é muita gente que quer viver um pouco mais. Dizem que a gente vai viver um pouco mais, mesmo aqui na terra. Isaías, 65 verso 20, diz que quem morrer com 100 anos estava morrendo jovem. E está chegando essa hora segundo o cientista inglês que falou a respeito disso e muitos têm falado que as crianças que estão nascendo já viverão 150 anos. Mas eu não sei se é bom ou ruim viver mais. Porque na vida têm muitas aflições e eu fico pensando nos patriarcas que viveram 800 anos, não era fácil não. Por isso que Deus diminuiu o período de vida na terra.

Agora tem uma outra coisa. A Bíblia diz que nós somos eternos e isto é bom, mas também é ruim. Porque a gente pode viver a eternidade num lugar maravilhoso ou num lugar tenebroso. Eu acredito. Jesus falou a respeito disso. Segunda coisa que a Bíblia fala sobre a morte, Hebreus capítulo 9, verso 27, é que aos homens está ordenado a morrer uma só vez. Vida depois disso é juízo. Aí tem uma questão: é uma vida, é aqui que a gente decide, é aqui que a gente toma posição do que viver, do que não viver. É isso que a Bíblia Sagrada fala. É aqui que a gente escolhe cada detalhe da nossa vida. Às vezes, a gente vive sem pensar, mas é necessário escolher. A Bíblia nos dá a solução, porque Deus nos dá o seu espírito. O Espírito Santo pode nos ajudar a viver muito melhor, a vencer as nossas fraquezas. Até Jesus precisou ser cheio do Espírito Santo para viver aquilo que Deus tinha para ele nessa terra.

A terceira coisa que eu quero compartilhar com vocês a respeito daqueles que partem, os que morrem na carne, é que os mortos não sabem nada daqui. Eclesiastes capítulo nove versículo 5, está escrito que os mortos não sabem nada do que se passa aqui na terra. Estão vivos num corpo espiritual, estão num lugar, falam lá, comunicam. Jesus um dia entrou com três de seus discípulos no lugar dos mortos e Ele falou com Elias e com Moisés. Eles estão vivos lá, mas não sabem nada a não ser que um Anjo vá falar. Pode ser que um anjo, daqui a um tempo, fale com o Sr. Dauro: olha, a FOA está de vento em popa. Está muito joia a administração lá do Dr. Eduardo. Pode ser que fale dos netos, dos filhos. Mas os anjos podem falar.

A quarta coisa a compartilhar é que todos serão ressuscitados. Apocalipse capítulo 20, versículo 13., diz que o mar dará seus mortos, as sepulturas darão seus mortos, o além dará seus mortos, todos vão ressuscitar. Nós somos eternos. Temos dois corpos. Nesse período até a ressurreição estão em algum lugar, mais perto de Deus ou não. Receberão um corpo imortal e agora estarão junto com Deus para sempre ou separado de Deus para sempre.

Resumindo. Tessalonicense capítulo 4, versículo 14: se crermos que Jesus morreu e ressuscitou, e é um fato verdadeiro, mais de 500 pessoas foram testemunhas que Jesus ressuscitou, então é verdade. Se crermos nisso, diz o apóstolo Paulo, então precisamos crer que iremos ressuscitar e viveremos eternamente. Eu queria encerrar dizendo que a vida eterna, o pior ou o melhor de nascer é que não vai acabar mais e a gente só precisa escolher aonde que a gente vai viver desse jeito a eternidade. A Bíblia Sagrada nos dá muitas direções disso. Que Deus nos ajude a viver de tal maneira celestial, no céu com o Senhor.

Deus abençoe a todos. Seu Dauro foi uma pessoa preciosíssima comigo e conhecemos um pouco da sua integridade, do seu rumo, da sua bondade. Viveu tudo que Deus ensinou e o veremos, para a glória de Deus, na eternidade.”

Convidamos neste momento o representante católico, Dom Luiz Henrique da Silva Brito, bispo da diocese de Barra do Piraí- Volta Redonda.



“Minha saudação a todos os presentes, participantes deste ato inter-religioso em homenagem ao saudoso Dauro Peixoto Aragão. Estou a pouco tempo aqui em Volta Redonda, mas pelo testemunho daqueles que o conheceram com o tempo Dauro percebeu o quanto ele é uma pessoa estimada, querida e a sua vida, seu trabalho, sua dedicação deixando marcas profundas e importantes na nossa região, especialmente no que se refere à educação. Porque pela educação vamos salvar esse país. O país nosso tão rico, tão abençoado por Deus. Portanto, o trabalho de Dr. Dauro não será esquecido, as suas marcas pelo bem do nosso país e da nossa região.

Para vir a esse ato inter-religioso, eu fui conhecer um pouquinho da biografia do Dr. Dauro. Nascido em Barra Mansa, que me chamou a atenção justamente é o que diz a biografia, uma pessoa combativa na sua vida pública. Político ativo, mas uma coisa muito interessante, envolvido com a cidade ele atuava nos bastidores. Um homem que se preocupava realmente com o bem da sua cidade, da sua região. Me chamou a atenção também que ele não tinha obsessão por cargos. Um homem que queria o bem das pessoas, pois não pensava numa projeção pessoal. Essa projeção aconteceu pelo seu trabalho, pela sua dedicação, o seu empenho.

Estando à frente da Fundação Oswaldo Aranha, desde 1998, com seus colaboradores, marcou profundamente o crescimento do aspecto educacional de nossa região. Outra coisa que me chamou a atenção quando recebi o convite com uma pequena imagem do Dr. Dauro e uma frase de São Paulo: combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Segundo Timóteo capítulo quarto, versículo sétimo. Quem dera todos nós possamos um dia dizer isso, fazendo a retrospectiva de nossa caminhada, no final de nossa história terrena, procurei combater o bom combate da fé e estou pronto para estar diante do meu Senhor. É o desejo de todos nós. Porque para nós cristãos, para nós cristãos católicos, para todos os cristãos a morte não é fim, é a última Páscoa do cristão. A gente tem muitas passagens, mudanças significativas em nossas vidas, Páscoas libertadoras, transformadoras, necessárias para o nosso crescimento. E a última, definitiva, chama-se morte. Quando nos abandonamos totalmente ao Senhor. E assim nascemos para a eternidade.

Costumamos dizer que tem o nascimento físico, vem o nascimento espiritual no Batismo e esse nascimento para a eternidade, que é a morte. Não é o fim. Não é definitivo. É um outro patamar, outro momento. Momento único, fora do tempo e do espaço, que vivemos diante de Deus. E na misericórdia de Deus é que queremos confiar nosso caro Dauro Peixoto Aragão. Nós todos estamos aí no caminhar de muitas lutas, temos nossas fragilidades, nossas riquezas, nossos dons e então entregamos na misericórdia de Deus. Porque a graça na paz vem dele e o sentido de nossa vida está no Senhor. Que o Senhor confirme e acolha o nosso caro Dauro Peixoto Aragão nos seus braços misericordiosos e amorosos. Que o legado dele, tudo que ele se empenhou em fazer, a nossa maior homenagem será dar continuidade e fazer frutificar ainda mais a missão com tanto zelo da parte dele, pelo crescimento de nossa região e porque não, do país, com seu incansável trabalho pela educação.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Para sempre seja louvado.”

Dando continuidade ao nosso culto, vamos fazer agora uma menção às palavras da Sagrada Escritura que diz assim: as almas dos justos estão nas mãos de Deus e nenhum documento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido. A sua saída desse mundo foi considerada uma desgraça e a sua partida no meio de nós um aniquilamento, mas eles estão em paz. Aos olhos dos homens eles sofreram um castigo, mas a sua esperança estava cheia de imortalidade. Depois de leve pena, pelos grandes benefícios, porque Deus os pôs à prova e os achou dignos de si. Experimentou-os como ouro no crisol e os aceitou como sacrifício no holocausto. Os que nele confiam compreenderão a verdade e os que lhes são fieis permanecerão com ele no amor, pois a graça e a misericórdia são para os seus santos e a sua vinda será benéfica para os seus eleitos.

Após as palavras dos representantes religiosos nós temos essa certeza no nosso coração. Nós aqui estamos para dar continuidade ao que o nosso irmão Dauro começou. E é com certeza isso que precisa limar nos nossos corações. A todos nós o nosso agradecimento a todos os ensinamentos que ele nos deixou. E como bons alunos e alunas vamos dar continui-

dade para que ele possa nos dar a aprovação e o nosso certificado “daurianos”. Não sei se existe essa palavra, criei agora. Amém.

Vamos passar para a palavra dos familiares.

Quero convidar para fazer uso da palavra Dario Aragão.



“Meus queridos amigos, meus irmãos, minhas irmãs, todos vocês que trabalham aqui na FOA, professores que estão presentes, representantes de todas as religiões que proferiram belas palavras aqui, a minha palavra aqui é simplesmente de agradecimento.

Meu pai era um homem de fé. Uma fé inabalável. Um homem generoso. Eu não preciso aqui discorrer todas as qualidades e virtudes e a competência dele que encontro aqui conosco. Tive o privilégio de estar sempre com o meu pai, mais perto do que alguns e em horas boas e em horas difíceis, mas sempre ele tinha uma palavra de esperança, às vezes uma piada bem fora de hora, para alegrar a gente. Rir do próprio infortúnio, fazer graça. Esse é o ensinamento. Levar a vida de uma forma leve, com muita responsabilidade, mas de uma forma leve. Tive a alegria, sem saber, de representá-lo na última formatura, na sexta-feira, na qual a minha filha Maitê se formou na XX turma do curso de design. Nessa data, nessa sexta-feira, anterior à passagem dele, no fim de semana, eu fiz umas palavras de encerramento da formatura e nesse encerramento eu passei para aqueles jovens alu-

nos, agora profissionais, além de cumprimentar todos os familiares conforme é de praxe, representando professora Úrsula também, passei uma mensagem para eles sem saber que eu estava passando uma mensagem, no fundo, a grande lição que meu pai deixou para a gente. Lute pelos seus sonhos, mas ajudem aos mais vulneráveis, aos mais fracos a conseguirem os seus também. Lutem pelo seu sucesso, mas sempre estendam a mão a aqueles seus amigos que estejam precisando, porque sucesso, porque sonho não é realizado sem que a gente pense naquele que está ao nosso lado precisando. Eu vi e sou testemunha de inúmeras pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida, chegarem para mim durante os anos, sempre, talvez até usualmente, dizendo seu pai me ajudou muito. Eu devo minha casa ao seu pai, meu diploma ao seu pai, meu trabalho a seu pai, minha vida a seu pai, seu pai me endireitou, me colocou no caminho certo. Não foi uma nem duas, nem cem, foram inúmeras pessoas.

Então, nesse momento tão difícil, enaltecer meu pai aqui é cair na mesmice. Eu só queria, realmente, de coração, agradecer a minha família, eu não consegui dimensionar ainda o que está acontecendo. Não sabia e nem nunca dimensionei a importância do meu pai para tanta gente na região. E queria agradecer do fundo do meu coração as centenas de mensagens, as centenas de telefonemas, gente daqui, gente de outros países, gente de Conceição do Rio Verde, que é um lugar onde ele é muito querido, sempre foi. Gente de Quissamã, que é outro lugar onde ele é muito querido, e de Barra Mansa, Volta Redonda, Pinheiral, Resende, Piraí, todos com as mesmas palavras elogiando e dizendo que a missão dele foi gloriosa e foi extraordinária. E deixar para vocês a mensagem que é muito difícil de estar aqui nesse momento. Quem me conhece, sabe a minha relação com meu pai. Acho que cada um de nós, filhos, tem um tipo de relação com ele. Eu deixo para vocês a mensagem de fé em nome pai. Cuidar dessa instituição, que eu sei que está sendo muito bem cuidada. Lembrar a memória do meu pai que está vivo, que sempre vai estar vivo. Essa marca aqui da FOA, era o orgulho dele. Dizer que meu pai nunca entrou na sala dele, seja no cartório ou seja aqui na FOA, sem sentar à mesa, abrir uma gaveta e ler uma oração na entrada e na saída. Jamais ele deixou de fazer isso. Era um homem de muita fé. Então, que fique para nós o legado da tolerância, da serenidade, da memória desse homem que ele foi, desse pai incrível, desse personagem que adorava fazer piadas, que adorava as frases de efeito e que vai viver nos nossos corações e que está sendo muito difícil viver isso para nós e entender tudo isso, apesar de sabermos que a missão dele estava cumprida. Meu profundo agradecimento em nome de todos e tentemos, no futuro, termos uma pontinha de Dauro Aragão dentro de nós. Lembrando sempre a lealdade, a generosidade, o amor, o carinho. Um beijo no coração de vocês e muito obrigado.”

Mais algum dos filhos gostaria de fazer uso da palavra?

Dr. Júlio César Aragão



“Mais uma vez bom dia a todos. Eu já cumprimentei a quase totalidade dos presentes. Depois das palavras do Dario, passa a ser um pouco redundante. Ele se expressou muito bem o caráter e a essência que foi a vida do meu pai. Ou melhor, as vidas do meu pai. Quantas pessoas vocês conhecem que tiveram duas carreiras completas? Tabelião e depois presidente da FOA. Quantos amores. Quantos filhos. Quantas vidas tocadas. Dario falou muito bem sobre isso. Nós que somos filhos talvez saibamos, como ninguém, como é difícil e como é maravilhoso ao mesmo tempo, viver à sombra de um homem tão grande. Que grande sombra que era. Encontrar com as pessoas que, às vezes, você nem tinha ideia de quem eram, e ouvir dizerem: seu pai fez diferença na minha vida. Seu pai trouxe luz para mim no momento de dificuldade. Seu pai me ajudou e ele nem sabe, provavelmente, quem eu sou mais. E isso traz para a gente a dimensão do Dauro Aragão. Que esse sorriso aqui vier à nossa memória. É esse carinho com as pessoas. Carinho de olhar e ver o outro uma pessoa, independente de quem ele seja. Ele era assim. E é isso que a gente tem que guardar. Quando a gente pensa, e vou falar especificamente para os meus irmãos que estavam próximos, cada pessoa que ligou para a gente essa semana, que mandou uma mensagem, que falou “olha, meus sentimentos, queria desejar o de melhor para você, seu pai foi muito importante para mim, etc...” é um retorno de um carinho e de um amor que o pai distribuiu. Quanto carinho e quanto amor a gente está recebendo de volta. Quanto carinho e quanto amor essa pessoa distribuiu ao longo da vida. Se isso não é um exemplo a ser perseguido, eu não sei o que é. Eu não posso ficar triste nesse momento. Eu tenho é que ficar muito feliz de ter um pai como o Dauro Aragão. Eu tenho é que celebrar essa vida, que nunca foi de derrota. Essa vida foi de vitória. E fazer o possível para merecer a honra de ter tido ele como pai. Muito obrigado a todos vocês.”



Palavra de Juliana Aragão.

“Oi, Nossa, é difícil falar depois dos meus irmãos Dario e Júlio. O Júlio falou de uma situação que eu faço hoje com o meu filho: eu compro cobertores todo inverno e como hoje é mais fácil de comprar pela internet. Nem sei como meu pai fazia, acho que era em Minas, que ele comprava os cobertores e eu lembro muito bem do opala, que ele colocava os cobertores no porta mala e fazia as doações. Lembrando das doações que ele fazia, eu hoje faço as mesmas e levo meu filho de seis anos, porque meu pai não me ensinou, ele fez e ele fazendo sigo o exemplo e eu sou voluntária de grupos de ações sociais . Eu morro de vergonha de falar em público. Nisso eu não sou igual ao meu pai, apesar de achar que eu sou muito parecida com ele. Estou muito nervosa

Hoje eu acordei e escrevi, porque eu não estava muito segura. Eu vou ler.

Eu sou a caçula dos sete, na verdade eu sou a caçula dos seis, junto com a Maria Tereza que é a minha irmã gêmea, e ainda assim eu sou a caçula por dois minutos. Meu pai sempre me chamou de Julianinha pequenininha. Ele sempre foi a minha base e meu porto seguro. Meu farol em todos os momentos, mesmo aqueles em que eu estive errada, ele esteve comigo. Eu sei que ele não me ensinou a viver, ele me mostrou o que eu preciso ser. Vou seguir seus passos com muito orgulho. Como eu sinto orgulho de ser a sua filha. Obrigada por tudo, paisinho. Seguirei por amor, instinto e criação os seus exemplos, que jamais Hoje com meu filho, o vendo praticando, faço o que você e minha mãe me ensinaram e carrego tanto orgulho, em que fizeram de mim hoje forte e orgulhosa por te ouvir e na mulher que me tornaram. Obrigada por tudo.”

Nesse momento nós convidaríamos a nossa irmã Sonia para fazer uso da palavra, mas ela está muito emocionada e a gente respeita esse momento dela.

O amigo fiel é uma poderosa proteção. Quem o achou descobriu um tesouro. Nada é comparável ao amigo fiel. O ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade do seu afeto. O amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade. Quem teme ao Senhor achará esse amigo. Quem teme ao Senhor terá também uma excelente amizade, pois o seu amigo lhe será semelhante. É exatamente isso que a gente ouviu em cada relato, em cada testemunho. Dauro era amigo fiel e por nos achegarmos a ele e por estarmos próximos a ele, nós também nos tornamos semelhantes.

Convido para falar em nome dos Conselheiros, o conselheiro fiscal e participante da Fundação Oswaldo Aranha, professor Celso Magalhães, que se prontificou para falar em nome dos participantes da Fundação Oswaldo Aranha.



“Bom dia a todos. A mais bela experiência que podemos ter é pertencer a um povo que está caminhando. Viajando ao longo da história junto com Nosso Senhor, que caminha entre nós. Não estamos sozinhos. Não caminhamos sozinhos, nós somos parte do rebanho de Cristo que caminha junto.

Dauro depositou em nossas vidas valores fundamentais, que nos trouxeram até aqui: coragem, justiça, visionário e lealdade, uma palavra que ele sempre utilizou muito entre nós. E tantos outros dignos dos grandes líderes. Sua imensa generosidade pleiteou,

sempre, a atitude certa, diante do próximo, jamais causando da decisão de viver sem abrir mão de viver fraternamente e com Nosso Senhor Jesus Cristo. Obrigado, presidente.”

Convidamos para o uso da palavra a magnífica reitora

Professora Úrsula Fraga.



“Bom dia a todos. Em sinal de pesar pelo falecimento do nosso querido presidente, Dr. Dauro Peixoto Aragão, estamos reunidos para esse culto ecumênico em sua homenagem. Quero, nesse momento, em especial, externar meus sentimentos a todos os familiares do nosso presidente: esposa, filhos, netos. Que os vossos corações recebam mais uma vez meu carinhoso abraço. Saibam que o sentimento de perda que possuímos nesse momento se estende a toda a comunidade acadêmica. Por isso meu abraço e minhas condolências seguem para todos os gestores, funcionários, professores e estudantes dessa instituição de ensino. Essa homenagem se apresenta como uma das formas que encontramos para vivenciar coletivamente o luto que se abateu sobre nós. E vamos precisar desse processo para assimilar e elaborar tão grande perda.

Assim, encontramos e encontraremos uns nos outros forças para lidar com a falta e a saudade que estamos sentindo daquele que não só nos marcou, mas também definiu a história da FOA e do UniFOA. Aquele homem austero na defesa de seus princípios e valores, de coração bondoso, de riso fácil e pulso firme, que se tornou mais que uma liderança. Se tornou uma referência que influenciou a trajetória de vida e de profissão de todos nós.

O visionário Dauro Peixoto Aragão, presidente da Fundação Oswaldo Aranha desde 1998, foi responsável pela instituição e consolidação da oferta do ensino superior na região Sul Fluminense. Isso não significa apenas garantir o acesso à educação de qualidade e oportunizar que milhares de jovens tenham uma profissão. Isso significa a oferta concreta de meios para a produção de conhecimento científico e a consequente contribuição para a promoção do desenvolvimento social, econômico e cultural da sociedade em geral.

Assim, quero dizer a vocês, que a grandeza do aceite do cumprimento dessa missão é certamente o maior legado que Dauro Peixoto Aragão nos deixou. Reconhecer e receber esse legado então é o caminho para honrar a sua memória. O desafio de honrar a sua memória é o que nos enche de coragem e firmeza para seguirmos em frente e enfrentarmos os desafios de lidar. Que Deus possa receber o nosso querido Dauro e pedimos também humildade. Que nossos corações sejam acalentados. Mais uma vez deixo um abraço carinhoso para todos neste momento tão difícil.

Finalizando, com um trecho da Bíblia destinado a todos nós. Está em Mateus 28, versículo 20: “Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.” Que Deus possa estar habitando em nossos corações todos os dias.

Convidamos para o uso da palavra o Superintendente Geral

José Ivo de Souza.



“Bom dia a todos. Vou procurar transmitir um pouquinho do meu coração vai pedir para eu falar sem querer também ser muito repetitivo. Só para contar um detalhe que talvez muita gente não saiba, eu nunca tive proximidade com o Dauro, tempos depois foi

onde passamos a ter contato. Meu pai é que tinha um contato com ele. Meu pai que indicou a Imaculada para ser contratada pelo cartório. Eu só fui realmente ter contato com o Dauro quando eu exerci a função no cargo de vereador em Volta Redonda. E após eu ter deixado de ser vereador, por contingências daquela época o Dauro me convidou para tomar um café aqui na FOA e me disse também o seguinte: em reconhecimento ao seu trabalho como vereador estou lhe convidando para ser participante aqui da FOA. Porque normalmente quando a gente deixa um cargo a gente fica no ostracismo e isso é comum. Mas o Dauro, não. Me chamou para reconhecimento ao trabalho que ele acha que eu fiz, como vereador, e me convidou para ser participante institucional da Fundação Oswaldo Aranha. Eu aproveitei esse momento para dizer isso e vim com a camisa da FOA, porque o Dauro, na verdade, ele se confunde com a FOA. Quando fala em FOA, fala em Dauro, lembra da FOA. Assim como não se pode esquecer também os que passaram pela presidência e seus fundadores Paulo Mendes, Savio Gama. Dr Olézio Galotti, Dr. Jairo Jogaib, aqui com seu filho Fernando. Eu cito isso, para que daqui há 20 anos, as pessoas mais jovens não esquecerem do Dauro também. Porque a gente tem a mania, às vezes, no nosso país, de não valorizar aqueles que construíram tudo aquilo que hoje existe.

O Dauro, como o próprio Dario falou, ele gostava de fazer graça, em alguns momentos. Eu lembro de algumas conversas na sala dele, Dr. Eduardo Prado participando, ele brincava com o Dr. Jairo : Jairo, você vai na minha frente porque você vai ajudar a abrir as portas do céu para mim. E parecia uma profecia que ele fez, porque o Jairo , infelizmente também passou um pouco antes.

Gostaria também de tornar público que o orçamento que a FOA está executando esse ano foi aprovado numa reunião com o Dauro lá na casa dele. Uma coisa importante que o Dauro, mesmo tendo passado dessa vida, ele vai continuar nesse ano de 2021 vendo a sua diretriz sendo executada pela direção atual da FOA.

Uma coisa que muita gente já citou foi a Bíblia aqui. Eu não poderia também deixar de citar uma frase na Bíblia que mais representa um pouco a vida do Dauro: Tiago, capítulo 2, versículo 26: “a fé sem as obras é morta.” Nunca ninguém na história da FOA fez mais obras completas, obras estruturais, do que ele fez, além do que já foi falado aqui das suas obras sociais. É importante a gente destacar isso. Não basta bater no peito e dizer eu gostava do Dauro, se daqui para frente a gente não executar aquilo que ele deixou de ensinamento para a gente.

Para finalizar, eu gostaria de citar uma outra frase do Papa João Paulo II que diz assim: “ a ética tem que ter primazia sobre a técnica.” O Dauro sempre dizia que ele era semianalfabeto e não gostava de título de professor, de doutor, ele fazia questão de ser uma pessoa comum. Mas ele primava pela ética. E o ser humano tem que ter primazia sobre as coisas. Eu acho que essa frase também resume o que foi a vida do Dauro para nós. Que Deus nos dê forças para continuar esse trabalho dele. “

Nós nunca estamos preparados para a partida de alguém. Sempre esperamos ter mais um momento ao lado da pessoa. Encarar a morte de alguém querido é uma tarefa difícil, mas que precisa ser feita. Só o tempo nos ajuda a seguir em frente. A saudade da pessoa sempre irá existir, mas aprendemos pouco a pouco a lidar com isso. Temos que guardar os bons momentos e em toda vez que pensarmos na pessoa, não lamentar a sua partida, mas sim alegrar-se com tudo que vivemos ao lado dela, com todos os aprendizados que ela nos deixou. Infelizmente chegou o momento da partida da pessoa, temos que lidar com essa situação. Conforte o seu coração e reflita com a esperança de quem confia no Deus da vida. Por isso é que eu peço para que todos se coloquem de pé e que possamos unir os nossos corações, os nossos sentimentos e levarmos a nossa prece ao nosso Deus. O mestre Jesus nos ensinou a chamar a Deus de Pai, não um Pai exclusivo, mas um Pai Nosso, um Pai de todos.

“Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, vem a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.” Pois vosso é o reino, o poder e a glória para sempre, Amém.

Convido para encerrar essa cerimônia o presidente em exercício

Dr. Eduardo Guimarães Prado.



Dr. Eduardo Guimarães Prado

“Boa tarde a todos presentes aqui neste auditório. Boa tarde aos que nos acompanham pelo canal do Youtube do UniFOA. Essa semana foi uma semana extremamente difícil a todos. Aos funcionários da Fundação Oswaldo Aranha que tiveram que seguir com as suas obrigações, somos arrendatários do serviço público da educação federal, mas nós não podíamos deixar de fazer a homenagem ao Dauro. Eu quero agradecer aos funcionários, aos professores, ao pessoal do marketing, ao pessoal da técnica e agradecer especialmente a Josi Sampaio, porque se não fosse ela não teríamos condição de fazer a organização e de estar nesse momento aqui pensando na história e na memória do Dauro.

Minha gratidão aos representantes das diversas religiões. Dauro era maçom., Ele praticava, como já foi dito, a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Muito obrigado doutor professor Jorge Neves César delegado litúrgico do Supremo Conselho do Brasil, grau 33, para o rito escocês antigo e aceito no Sul Fluminense em Volta Redonda, pela sua presença e sua dedicação nesse momento aqui. Dauro buscava conhecimento espiritual todo o tempo. Meu agradecimento ao Dr. Walter Luís Moraes Sampaio da Fonseca, pelas palavras, pela espiritualidade, que o Dauro sempre buscou, não nele, mas também em outras pessoas. Ao representante evangélico bispo José Elias Gomes, da igreja Presbiteriana Viva, muito obrigado. Dauro tinha sobre a sua mesa uma Bíblia. Todos os dias ele lia. Um homem de muita fé. Sempre tinha uma passagem da Bíblia para citar, para nos ensinar. Representante espírita Ialorixá Patrícia Cristina de Freitas, da Tenda Espírita Pai Cambinda de Barra Mansa, a entidade espiritual seu José Mulatinho, que ambos trabalharam, não só no crescimento espiritual do próprio Dauro, mas principalmente das pessoas. Através da força que ele recebia da espiritualidade, ele pode ajudar milhares de pessoas, no estado do Rio e no Brasil.

Ao representante católico, dom Luiz Henrique da Silva Brito, bispo da diocese de Barra Mansa, Barra do Piraí e Volta Redonda, muito obrigado. Especialmente agradeço à família Jogaib, Fernando, que levaram nosso convite à diocese para que o senhor pudesse estar aqui. Ao lado direito da mesa do Dauro tinha uma imagem de Madre Teresa de Calcutá e de Jesus Cristo. Ele sempre citava e dizia: essa mulher é Santa. E na gaveta da mesa, do lado direito, como foi citado pelo meu irmão Dario, a Nhá Chica. Ele tinha um jeito de fazer oração para Nhá Chica. Homem de extrema fé.

Dauro conseguia ser extremamente explosivo no seu amor, na sua paixão e ao mesmo tempo técnico. Como José Ivo disse, ele se dizia analfabeto, sempre tinha um sobrinho do lado. Fez medicina no Rio de Janeiro, em Niterói e parou quando seu pai faleceu, não se formou médico. Veio para o cartório. Foi tabelião, presidente do tabelionato, um dos mais importantes da cidade de Volta Redonda e de toda a região. Ajudou a emancipar Volta Redonda, amigo de Savio Gama, trabalhou nos bastidores, como tabelião e advogado. Dauro era um artista para lidar com as pessoas e o coração delas, quase um mágico. Fez um filho músico. Dauro era um empresário e fez vários empresários, que estão aí desenvolvendo a nossa região. O que muito nos orgulha fazer parte da cidade de Volta Redonda , de Barra

Mansa de nossa região. Netos, bisneto, filhos que trabalham com publicidade. Dauro sabia como ninguém levar sua mensagem ao coração das pessoas.

O quê que eu posso senão agradecer a oportunidade de ter vivido ao lado dele por dezenove anos, no dia a dia, às vezes no fim de semana, às vezes na madrugada. Ser testemunha do amor incondicional que ele tem pelos filhos, todos, indistintamente. Dauro conseguiu distribuir, e era tão generoso que ele não deu os seus talentos a um único filho, ele dividiu, os seus talentos em todos os filhos e agregados. A gente só vai conseguir manter essa história viva com a união de todos nós. Só poderemos ser Dauro Aragão se estivermos juntos. Separados não seremos Dauro Aragão, porque ele era muito mais do que qualquer um de nós. Ele estava acima do bem e do mal. Ele conseguiu distribuir os dons que ele tinha para cada filho. A técnica, o raciocínio lógico, o raciocínio amoroso, a saúde, o cuidado, o tino empresarial, ele dividiu para cada um de vocês. Foi generoso com todos nós. Parece mais ou menos com o que Deus faz conosco. Na adversidade, Deus quer que todos os seus filhos se unam para um dia estar diante do Pai. Essas coincidências da vida, estava com a Lara em reunião, hoje de manhã, e Leonardo, meu filho, me mandou um link de um jornal diário, de vinte e seis páginas, publicado na Paraíba, João Pessoa, Jornal do Estado, que é publicado há 128 anos, e na página 24, tem um manual da biografia do Dauro Aragão, tem a história dele falando sobre o dia que o Dauro nasceu. Dauro me deu essa mensagem, dizendo mesmo quando eu não estiver aqui, mantém os filhos, ajude-os, todo mundo precisa de ajuda.

Dauro tinha uma música, várias, mais uma era especial: meu jeito - *My way* - “ E agora o fim está próximo. E então eu encaro o último ato. Meu amigo, eu quero falar claro, vou expor o meu caso, do qual eu tenho certeza. Eu vivi uma vida por inteiro. Eu viajei por toda e qualquer estrada. Ó, mas muito mais que isso, eu fiz do meu jeito. Arrependimentos eu tive alguns. Mas por outro lado, muito poucos para citar. Eu fiz o que eu tive que fazer. E continuei fazendo sem isenção. Eu planejei cada curso traçado. Cada passo cuidadoso ao longo da trilha. E mais, muito mais do que isso, eu fiz isso do meu jeito. Sim, houve horas, tenho certeza que você soube, quando eu dei um passo maior do que a perna. Mas apesar das dificuldades, quando havia dúvida, eu acabava com ela. Enfrentei tudo isso e continuei de pé. E fiz isso do meu jeito. Eu amei, ri, chorei. Tive minhas conquistas, minha parte de perdas. E agora, enquanto as lágrimas diminuem. Eu acho tudo isso divertido. E pensar que fiz tudo aquilo. E posso dizer, não de uma maneira tímida. Oh não. Não eu. Eu fiz do meu jeito. Pois o que é o homem, o que ele tem? Se não a si mesmo, então não tem nada. Para dizer as coisas que ele sente de verdade. E não as palavras de alguém que se ajoelha. As lembranças mostram, eu tomei alguns golpes. E fiz isso do meu jeito. Sim, foi do meu jeito.”

Esse era o jeito Dauro Aragão de ser. Calou fundo a distribuição de tudo que ele teve. A distribuição da vida e isso vai dedicado a ele por muitos e muitos anos. Porque ele vive na nossa mente e nas nossas palavras e nas nossas ações. A vida não será mais a mesma, mas certamente, de onde ele estiver, ele vai estar ajudando a cada um de nós. Eu

só quero agradecer a Deus por ter vivido esse momento e esses anos ao lado dele. Muito obrigada, Dauro Aragão por tudo que você fez na minha vida e na de todo mundo. Vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe. Muito obrigado.”

Agradecemos a presença de todos e que possamos continuar o legado deixado pelo grande irmão e amigo Dauro Aragão. Que o Deus do amor e o consolo da vida nos fortaleça, agora e sempre. Amém.



# Rotary Club de Volta Redonda - Leste

Homenagem do Rotary Club de Volta Redonda - Leste - 15 de fevereiro de 2021



Placa comemorativa da homenagem

O Rotary Club de Volta Redonda – Leste, vem através desta, render suas homenagens, ao grande amigo e parceiro

DAURO PEIXOTO ARAGÃO

Cidadão ilustre, empresário respeitado e grande colaborador para o desenvolvimento de nossa cidade e região.

Sua falta será sentida, porém sua generosidade e suas realizações jamais serão esquecidas.

Ao UNIFOA, familiares e amigos, nossos mais sinceros sentimentos.

Volta Redonda, 15 de fevereiro de 2021

Marcelo Argolo de Oliveira

Presidente



O presidente da FOA/UniFOA, Eduardo Guimarães Prado, recebe em seu gabinete os representantes do Rotary Club de Volta Redonda - Leste



Eduardo Prado com a placa do Rotary Club ladeado por seus representantes

# Avenida Dauro Peixoto Aragão

Como forma de homenagear ao ex presidente da FOA, o trecho da Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, onde o Centro Universitário de Volta Redonda – FOA /UniFOA – está localizado, passa a se chamar

Avenida Dauro Peixoto Aragão



## Câmara Municipal de Volta Redonda

Estado do Rio de Janeiro

### LEI MUNICIPAL Nº 5.919

Denomina de Dauro Peixoto Aragão trecho da Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, localizada no bairro Três Poços.

**O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE VOLTA REDONDA** Faço saber que a Câmara Municipal aprova e eu sanciono a seguinte Lei:

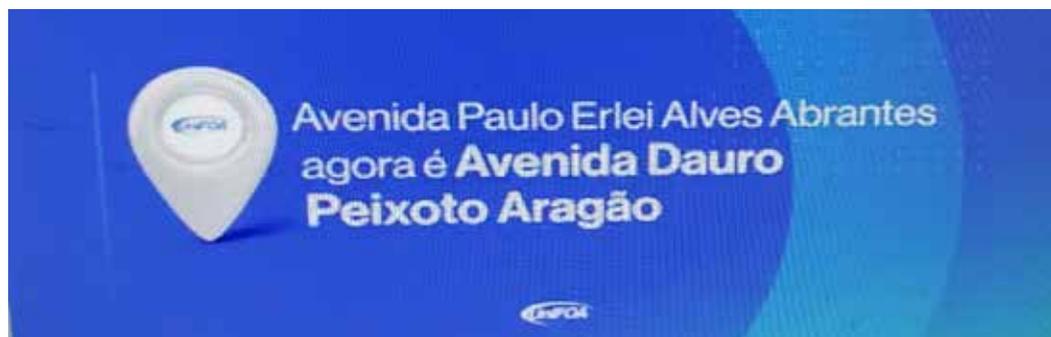
**Art. 1º** Passa a denominar-se de Dauro Peixoto Aragão, o trecho da Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, localizada no bairro Três Poços, compreendida entre o entroncamento da radial, sob o viaduto na Rodovia do Contorno com a atual Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, coordenadas Lat: -22.5018 Lon: -44.0582, encerrando na esquina da atual Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes com a Rua Figueira, coordenadas Lat: - 22.4992 Lon: - 44.0316.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Volta Redonda, 27 de janeiro de 2022.

**ANTONIO FRANCISCO NETO**  
Prefeito Municipal

Projeto de Lei capeado pela Mensagem nº 024/2021  
Autoria: Prefeito Municipal Antonio Francisco Neto  
DEx/jpd.



# Concerto da Orquestra Sinfônica de Barra Mansa

Concerto da Orquestra Sinfônica de Barra Mansa marca homenagem a Dauro Aragão e lançamento do UniFOA +Social

25 de agosto de 2022

Auditório William Monachesi

FOA

Uma noite musical encantou o público e marcou o dia 24 de agosto, última quarta-feira, no UniFOA. Com o concerto “MPB – Retrato Sinfônico”, a Orquestra Sinfônica de Barra Mansa fez uma apresentação especial no auditório William Monachesi, no Campus Olézio Galotti, em Três Poços, em memória ao ex-presidente Dauro Peixoto Aragão, que faria 91 anos na data.

O presidente da Fundação Oswaldo Aranha (FOA), Eduardo Prado, entregou a filhos e à viúva de Dauro, Sonia Marczuk Peixoto Aragão, placas de homenagem ao legado dele, que presidiu a instituição de 1998 até 2021, quando faleceu. Esse momento também foi de lançamento do UniFOA +Social, programa que terá a primeira ação no próximo sábado, dia 27, das 9h às 14 horas, na Praça Brasil.

No discurso de abertura, Eduardo ressaltou que nos 23 anos em que Dauro Aragão esteve à frente da FOA, mantenedora do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, a instituição fez um milhão e 700 mil atendimentos à população de Volta Redonda e todo o entorno. “E nesses últimos três anos, já ultrapassamos dois milhões de atendimentos gratuitos à comunidade que utiliza práticas dos cursos que a instituição oferta”, ressaltou o presidente, que lembrou ainda o marco do UniFOA ter sido criado na gestão de Dauro, em 1999.

“Hoje a gente relembra o quanto Dauro Aragão foi importante para a história da FOA e o quanto deixou de legado para a construção do nosso futuro. Ele nos trouxe até aqui e deixou registrado em todos nós, em todas essas paredes, o olhar para ajudar o nosso semelhante. E nunca mediu esforço para ajudar quem quer que seja, não fazia distinção de qualquer pessoa. Sempre muito criativo, sempre muito alegre, não havia problema que o derrubasse. Dauro sempre contornava todas as situações e deixou para nós esse legado: de poder ajudar alguém sem qualquer interesse, apenas pelo interesse de ajudar quem quer que seja”, exclamou o presidente da FOA Eduardo Guimarães Prado.

Gratidão

Antes do repertório preparado pela OSBM encantar a plateia, foi exibido um vídeo de recordações, em uma sequência de fotos de Dauro com familiares, amigos e em momentos marcantes de sua trajetória, sobretudo em relação à história FOA/UniFOA. Após esse momento, o presidente da instituição entregou as placas à família.

Dario Aragão, filho do ex-presidente, se emocionou com o evento, ao lado de sua irmã, Juliana Aragão, que também recebeu a homenagem, e ressaltou o que aprendeu com o pai: “Essa é uma noite de gratidão, esse sentimento que meu pai dizia que a gente precisava cultivar e utilizar sempre que possível, esse foi um grande ensinamento”.

Ele expressou ainda que “o presente que a gente ganha hoje, com esse evento tão carinhoso e inimaginável, bem ao estilo Dauro Aragão, é para todos nós. Mas você também deu um presente para ele, nesse evento, e em todos os dias nos quais você se dedica, se sacrifica, abdica da sua vida pessoal para fazer dessa Fundação cada vez melhor”, disse Dario, em agradecimento a Eduardo Prado.

“Nosso compromisso maior, de todos nós, é fazer com que essas gerações de profissionais que estamos formando saiam daqui para transformar a nossa sociedade para ser muito melhor e você vem fazendo isso como ninguém, eu sou testemunha disso. Por isso, a minha gratidão a você por ter instituído esse dia”, completou Dario Aragão.

#### Orquestra

“My Way”, de Frank Sinatra, foi a primeira música executada pela Orquestra Sinfônica de Barra Mansa. Para quem conviveu com Dauro, a obra é uma marca característica que lembra o ex-presidente da FOA. A surpresa emocionou os presentes e marcou o início do concerto, sob regência do maestro Anderson Alves, que seguiu com o repertório escolhido, composto por Pixinguinha, José Ursicino da Silva, Tom Jobim, Luiz Gonzaga, Ivone Lara, Dominginhos e Cartola.

A escolha para essa atração para marcar a data foi pela valorização artística e cultural que Dauro Aragão sempre cultivou. Ele sempre foi considerado um visionário da educação, apreciava as artes, gostava de uma boa conversa e praticava a responsabilidade social no seu dia a dia de maneira muito natural. Por isso, foi igualmente espontânea a iniciativa para instituir esse dia como oficial para reforçar o legado e compromisso da instituição voltado para esse olhar, do UniFOA +Social.



Orquestra Sinfônica de Barra Mansa no palco do Monachesi



Vista da plateia e do palco



A partitura do concerto



A orquestra com seus músicos



Os violoncelos



O trompete



O maestro



A solista



A outra solista



Visão da plateia e da orquestra



Na plateia o presidente da FOA Eduardo Prado e sua esposa Cecília Cóprio Prado



Dr. Júlio César Aragão e Bruna Casiraghi



Dario Aragão, Flávia Werneck, Marianne e Igor Aragão Couto



Yuri Aragão Couto, Alexis Aragão Couto e Francisco Galotti



Aline Collistet Aragão, Cecília Prado, Juliana e Bento Aragão, Fabíola Tomé de Souza, Paula Alves Leoni, Dario Aragão Neto, Flávia Pereira Werneck de Freitas, Regina Célia Pereira Werneck de Freitas e Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama



Ana Carolina Callegario Pereira, Úrsula Fraga, Josiane Sampaio, Dr. Walter Luis Fonseca, Leonardo Prado, Fernanda Damas, Maximiliano Damas e Alessandro Orofino de Araújo



Outra visão da plateia



O discurso do presidente da FOA - Dr. Eduardo Guimarães Prado



Dario Aragão Neto recebe a placa em homenagem a seu pai, Dauro Peixoto Aragão, das mãos do presidente Eduardo Guimarães Prado



Juliana Aragão e Sonia Marczuk Aragão recebem as respectivas placas das mãos do presidente Eduardo Guimarães Prado



A emoção de Sonia Marczuk Aragão ao receber a placa em homenagem ao seu marido Dauro Peixoto Aragão diante dos olhares de Juliana Aragão e Eduardo Guimarães Prado



Aline Collistet Aragão com a placa em homenagem a seu pai Dauro Peixoto Aragão ladeada de seus filhos Alexis Aragão Couto, Yuri Aragão Couto, Igor Aragão Couto e Bárbara Aragão Couto

# Inauguração da Creche Dauro Aragão

Inauguração da Creche Dauro Aragão Centro Municipal de Educação Infantil Dauro Aragão no antigo campus do Tangerinal do UniFOA Volta Redonda 08 de abril de 2024



Heitor Aragão, bisneto de Dauro, filho de Alexis Aragão Couto, diante da entrada da Centro Municipal de Educação Infantil Dauro Aragão

Inaugurado Centro Municipal de Educação Infantil Dauro Aragão em Volta Redonda: Um Marco na Educação e Cuidado Infantil. FOA/UniFOA, Notícias



Na tarde desta segunda-feira, dia 8 de abril, um marco significativo na história da educação infantil em Volta Redonda foi celebrado com a inauguração do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dauro Aragão. Localizado no antigo campus do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), o CMEI passou por adaptações na infraestrutura para acolher crianças de zero a três anos, divididas entre berçário (a partir de três meses) e maternais I, II e III, todas em tempo integral.

O prefeito Antônio Francisco Neto expressou sua satisfação com a inauguração do CMEI, destacando o compromisso da gestão municipal com a educação de qualidade: “Esse é um dia muito importante para a nossa cidade. A Educação de Volta Redonda é uma das prioridades da nossa gestão e com esta creche avançamos muito.” A ampliação das vagas de creche em tempo integral visa atender às necessidades das famílias, proporcionando um ambiente seguro e estimulante para o desenvolvimento das crianças.

O secretário municipal de Educação, Sérgio Sodré, enfatizou a relevância do CMEI Dauro Aragão na implementação de novas abordagens educacionais: “Essa é uma grande conquista para o município. A nova creche vai oferecer às crianças fundamentos baseados na neurociência e neuroeducação, com o objetivo de estimulá-las a novas metodologias como idiomas, Matemática e ensino de Robótica.” Além disso, a inauguração marca também a abertura do pioneiro Centro de Pesquisa em Educação Infantil EUREKA, reforçando o compromisso da cidade com a inovação e excelência educacional.

# Homenagem a uma Figura Inspiradora: Dauro Aragão

O nome do CMEI, presta homenagem ao ex-presidente da Fundação Oswaldo Aranha (FOA), Dauro Aragão, que deixou um legado de compromisso com a educação e a formação de excelentes profissionais na nossa região. Seu neto, Igor Aragão, que falou pela família, expressou gratidão pela homenagem e destacou a importância do espaço para a comunidade: “Onde ele estiver, está muito feliz em dar nome a essa escola. Esse espaço não só propicia educação e cuidado às crianças, mas também permite que as mães retornem ou busquem uma colocação no mercado de trabalho.”

Michele Marczuk, representando Sônia Marczuk Aragão, viúva do homenageado, expressou gratidão pela lembrança de Dauro e pelo espaço que proporcionará educação e cuidado às crianças. O texto também ressaltava o amor do marido pelas crianças. “Ele era um homem comprometido com a educação. Obrigada a todos pela homenagem”, agradeceu.

Eduardo Prado, presidente da FOA, expressou sua alegria ao ver mães e famílias com esperanças nos olhos, celebrando a inauguração do novo centro educacional: “Me sinto honrado por ter contribuído para esse projeto. Parablenizo a todos os envolvidos e agradeço aos membros do conselho diretor e curador da FOA por essa parceria com o município de Volta Redonda.” E ainda agradeceu ao seu grande amigo Dauro Aragão por ter deixado um legado tão grandioso para as gerações futuras. “Somos apaixonados por tudo aquilo que ele fez e deixou. E hoje mais uma vez seu nome foi eternizado. Contribuir em projetos como esse, reforçam os nossos valores e nossa missão de formar protagonistas que promovam a transformação social”, finalizou.

## **A Perspectiva das Famílias Beneficiadas**

Ana Caroline Ângelo Soares, representando as mães beneficiadas pela creche, manifestou sua satisfação com a oferta de vagas: “Tenho certeza de que valeu a pena esperar pela obra pronta. Aqui minha filha terá os cuidados e estímulos que considero importantes para o seu desenvolvimento. Além disso, fica num ponto central da cidade, o que facilita o acesso.”

## **Um Novo Capítulo na História da Educação Infantil em Volta Redonda**

Com a inauguração do CMEI Dauro Aragão, Volta Redonda escreve um novo capítulo em sua história educacional, reafirmando seu compromisso com o futuro e bem-estar das crianças. Este novo espaço não apenas oferece educação de qualidade, mas também homenageia uma figura inspiradora e estabelece parcerias importantes entre a comunidade e instituições educacionais.



Michelle Marczuk e Alexis Aragão diante da placa comemorativa

A placa comemorativa da inauguração do Centro Municipal de Educação Infantil Dauro Peixoto Aragão Entregue à população em 08 de abril de 2024



Antônio Francisco Neto, Sebastião Faria, Eduardo Guimarães Prado e Sérgio Sodré da Silva



Igor Aragão Couto discursa em nome da família de Dauro Peixoto Aragão



Michelle Marczuk discursa representando Sonia Marczuk Aragão, viúva de Dauro Aragão



O discurso do presidente da FOA, Eduardo Guimarães Prado, celebra a parceria da FOA com o Município de Volta Redonda pela inauguração desse espaço educacional



Placa da inauguração é descerrada: prefeito Neto, Eduardo Prado, Michelle Marczuk, Alexis Aragão, deputado Munir e Sebastião Faria



Família Aragão recebe certificado da Creche Dauro Aragão - Alexis Aragão Couto, Michelle Marczuk Schettino, Eduardo Guimarães Prado, Maria Tereza Soares Aragão, Juliana Soares Aragão e Igor Aragão Couto



As funcionárias da Creche Dauro Aragão



Espaços da Creche Dauro Aragão

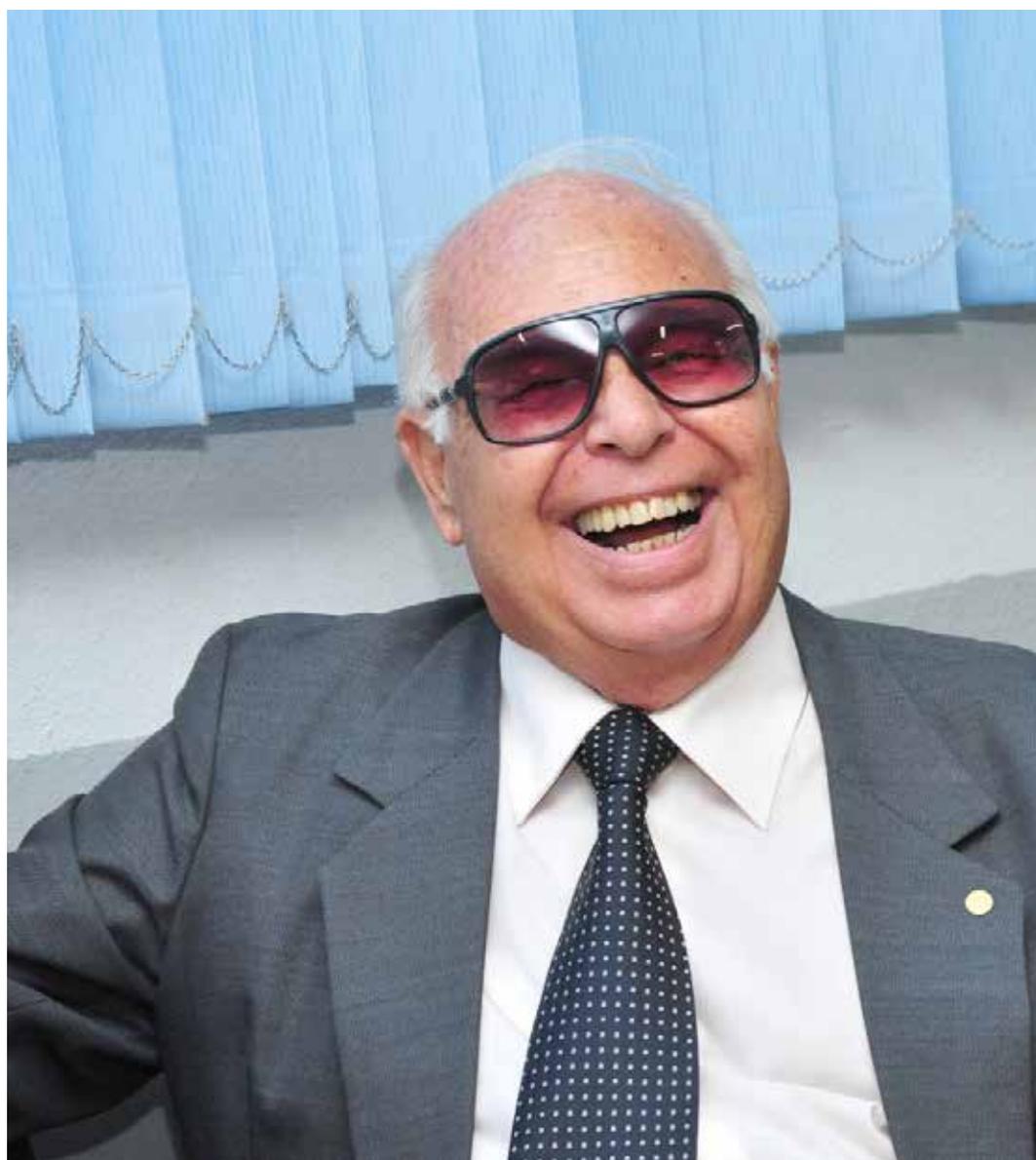




É hora de brincar na Creche Dauro Aragão



# EPÍLOGO



Dauro e seu contagiante sorriso

Ao término deste trabalho tão dignificante, onde convivi com a história de vida de um homem excepcional, por meio dos depoimentos dados por inúmeras pessoas a seu respeito, só tenho a agradecer a oportunidade de realizar esse trabalho, que foi feito com muito amor ao longo de dois anos. É com profunda gratidão que encerro com uma poesia do poeta maior Fernando Pessoa, a qual dedico ao amigo querido de uma vida Dauro Peixoto Aragão.

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

## O meu olhar

Em “O guardador de rebanhos” de Alberto Caeiro, 1914,  
heteronímia de Fernando Pessoa

*O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...*

*E o que eu vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem ...*

*Sei ter o pasmo essencial.*

*Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...*

*Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...*

*Creio no mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nele  
Porque pensar é não compreender...*

*O Mundo não se fez para pensarmos nele  
(Pensar é estar doente dos olhos)*

*Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...*

*Eu não tenho filosofia; tenho sentidos ...*

*Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso*

*Porque quem ama nunca sabe o que ama*

*Nem sabe por que ama, nem o que é amar...*

*Amar é a eterna inocência e a única inocência não pensar...*







---

### **Aline Collistet Aragão**

São Miguel, local onde foram jogadas as cinzas do meu pai, ao pé do cajueiro, conforme a sua vontade. É ao lado de Barra do Furado e ambos pertencem a Quissamã. Gostava do Furado e São Miguel. Foi o lugar que meu pai escolheu e ele amava muito esse sítio em especial, com esse chão árido onde se vê as casuarinas ao fundo na praia. O do bisavô dele ele doou para a sua irmã; o outro, deu para a Terezinha e esse, que tinha praia, na partilha ficou para a minha mãe e mesmo assim ele pediu para serem jogadas as suas cinzas no cajueiro. E assim foi feito.

---